



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DA BAHIA – UFBA**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**JACQUELINE NOGUEIRA CERQUEIRA**

**SARAU LITERÁRIO NA ESCOLA NUMA PERSPECTIVA  
DECOLONIAL**

**DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**

Salvador  
2020

**JACQUELINE NOGUEIRA CERQUEIRA**

**SARAU LITERÁRIO NA ESCOLA NUMA PERSPECTIVA DECOLONIAL**

Dissertação apresentada à Universidade Federal da Bahia, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Educação, área de concentração em Linguagem, Subjetivações e Práxis Pedagógica, para obtenção do título de mestre.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Mary de Andrade Arapiraca

Salvador  
2020

**Cerqueira, Jacqueline Nogueira.**

**Sarau literário na escola numa perspectiva decolonial / Jacqueline Nogueira Cerqueira. - 2020.**  
176 f.: il.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Mary de Andrade Arapiraca.  
Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal da Bahia.  
Faculdade de Educação, Salvador, 2020.

1. Educação literária - Recôncavo (BA). 2. Educação do leitor - Recôncavo (BA). 3. Pedagogia. 4. Ambiente de sala de aula - Poesia. I. Arapiraca, Mary de Andrade. II. Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação. III. Título.

CDD 372.62 - 23. ed.

**JACQUELINE NOGUEIRA CERQUEIRA**

**SARAU LITERÁRIO NA ESCOLA NUMA PERSPECTIVA DECOLONIAL**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação, Faculdade de Educação, da Universidade Federal da Bahia.

Salvador, Aprovada em 30 de outubro de 2020.

**Banca Examinadora:**



Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Mary de Andrade Arapiraca - Orientadora  
Universidade Federal da Bahia – UFBA



Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Luciana Sacramento Gonçalves Moreno  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB



Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Dinéia Maria Sobral Muniz  
Universidade Federal da Bahia- UFBA



Prof. Dr. Pedro Rodolpho Jungers Abib  
Universidade Federal da Bahia – UFBA

A

maior poesia da minha vida,

Edna Nogueira, a mulher que me ensinou a ter autonomia para ser quem sou, correr atrás dos meus sonhos e descalar minha voz diante do papel e da vida. Um dia ela me disse: escreve e depois rasga. Mas eu nunca rasguei. Aqui estou com o descalo da minha voz.

## AGRADECIMENTOS

A vida é feita de desafios, de tentativas, de audácias, de construções e reconstruções diárias que nos levam aos passos necessários para chegar onde almejamos e quantas vezes até aqui eu mesma tive que me dizer: “Erga essa cabeça, mete o pé e vai na fé/ Manda essa tristeza embora/Basta acreditar que um novo dia vai raiar/Sua hora vai chegar”. Mas também tive que ser impulsionada, abraçada, confrontada, erguida através de outras pessoas necessárias para que esse grande passo se concretizasse. Afinal, não conquistamos nada sozinhos. E a essas pessoas teço o meu enorme agradecimento.

A Deus pela imensa fé em cada uma das etapas, diante de tudo que não deu certo e fluiu no seu tempo, na sua direção e com as suas mãos guiando a sabedoria de enfrentar todos os obstáculos da vida pessoal e de saúde que surgiram durante o percurso.

A minha família, mãe Edna Nogueira e meu irmão Jackson Nogueira, por ser quem são e viverem junto comigo a concretização desse passo, tornando-se a rede necessária de amor, fé, coragem, apoio e organização para que na minha vida estudo e trabalho pudessem caminhar juntos. A minha avó paterna Marinalva Gomes e minha tia Nete pela acolhida em sua casa, cuidado, orações e abraços em cada uma das semanas de aulas.

Aos meus amigos, de modo muito especial a Hildália Fernandes, por toda coragem emanada, torcida, presença e disponibilização do lar para que os passos iniciais se concretizassem, como também a toda Família Calixto por me salvar no último dia de inscrição com a internet. A Italo, a Lene a Tafia, a Michelle, Isaías, Fernanda e todos os outros que sonharam e me salvaram com abraços afetuosos e ouvidos em cada um dos passos. Aos meus ex-professores da UNEB, Suely Santana, Ana Carolina e Fábio Oliveira.

A minha ilustre orientadora Mary de Andrade Arapiraca por acreditar em mim desde o início e me oferecer todas as pontes necessárias para reformulação, aprimoramento, produção e finalização desse trabalho conjunto que não teria tomado tamanha proporção sem a orientação e o espaço dado para produzir essa dissertação.

As minhas entrevistadas pela disponibilidade de participação na pesquisa que tão ricamente contribuíram com suas vozes para pensar o sarau literário na escola.

As professoras Luciana Moreno, Dinéia Sobral e ao professor Pedro Abib, por aceitarem o convite para participar da Banca, pelas inúmeras contribuições na qualificação que deu rumos mais específicos e sólidos a pesquisa.

Ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal da Bahia – UFBA, e a todos os professores que fazem parte pela oportunidade de partilha de conhecimento. As amigas e aos amigos construídos nesse trajeto, ao Grupo GELING, as turmas do Projeto de Dissertação e de Cultura Popular, que tão generosamente fortaleceram essa construção.

Aos Colégios Novo Espaço e Nova Visão, pela oportunidade de trabalho e liberdade para a condução da minha prática, mas também da construção e formação do meu projeto A poesia vive.

A poesia e os saraus literários, em especial o Sarau Sapeaçu, que até aqui fizeram de mim tudo que sou, pois como os meus próprios versos afirmam: *A poesia me salva todos os dias da vida e de mim mesma.*

Todo mundo gosta de ler.  
Só que tem pessoas que ainda não sabem.  
Meu prazer é lembrá-las disso.

(Sérgio Vaz, 2014, on-line<sup>1</sup>)

---

<sup>1</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/poetasergio.vaz2/>

<sup>2</sup> O nome artístico *Jacquinha Nogueira* é o pseudônimo utilizado pela autora dessa pesquisa para assinar seus

## RESUMO

Esta dissertação tem como perspectiva mostrar o modo como os saraus literários transgridem o espaço da literatura na sala de aula, contribuindo para a formação de leitores e produtores de textos literários a partir de uma prática pedagógica libertadora. A relevância e o interesse científico dos achados são concernentes a alternativas metodológicas para o ensino de literatura na sala de aula, que guardam relação com práticas vigentes no mundo extraescolar dos saraus. Para sua realização, optou-se por uma pesquisa qualitativa voltada para a pedagogia do sarau escolar – objeto da investigação. Assumindo uma abordagem dialógica, referendada na pedagogia decolonial e em critérios etnográficos, o texto expõe diálogos com e entre os sujeitos da pesquisa – professores, alunas e a própria pesquisadora – na busca de compreensão das características e implicações do uso dos saraus como prática pedagógica. Tendo como recorte empírico a observação e a análise de saraus realizados em escolas do Recôncavo Baiano, constata-se a potencialidade pedagógica que as práticas saraulescas trazem para a formação leitora, no âmbito literário, e para o estímulo à produção de textos que buscam esse mesmo teor. A partir da percepção do caráter heurístico e libertador dos saraus de rua, verifica-se também, com essa prática, a possibilidade de inserção de uma literatura atual e não canônica nos espaços pedagógicos vinculados à escola, inclusive com o contato estimulador e performático com poetas e *rappers*. Vale ressaltar que os saraus não chegam às escolas como prática essencialista de um formato de rua. Guardando as dinâmicas e as temáticas experimentadas nos saraus de rua, eles sofrem as necessárias adaptações contextuais ao adentrar no espaço escolar, e encontram abrigo entre professores de diversas disciplinas, especialmente de Língua Portuguesa. Sua característica axial é a garantia do protagonismo de estudantes e professores, tornando-os autores e condutores de seu próprio processo de desenvolvimento. Na pesquisa, compreendemos que a prática de saraus propicia, não apenas contribuições para o comportamento dos alunos, mas também novos caminhos para os modos de ler e escrever dentro e fora do ambiente escolar, ao instaurar, por meio de sua prática, o espaço de voz para que todos, em sala de aula, possam falar, onde professor e aluno deixem aparecer suas identidades, seus pensamentos, construindo diálogos e debates por meio das práticas saraulescas. Não existe, nesta investigação, a intenção de fixar metodologias ou ditar modelos pedagógicos promissores, mas de inspirar os professores na busca de formas alternativas de efetivação de uma educação transformadora, como prática de liberdade.

**PALAVRAS- CHAVE:** Saraus Literários. Pedagogia. Pedagogia dos Saraus. Formação Leitora. Decolonial.



## ABSTRACT

This dissertation has as perspective show how sarau literários transgress the literature space in classroom, contributing with the reader and producer of literary texts starting from a liberating pedagogical practicing. The relevance and scientific interest of this found are concerning to methodological alternatives to literature teaching in classroom, that are related to current practices in the out-of-school world of soirees. For its realization, we opted for a qualitative research aimed to school sarau pedagogy. Taking a dialogical approach, referenced in decolonial pedagogy and ethnographic criteria, the text exposes dialogs between research subjects – teachers, students and the research herself – in quest to understanding the characteristics and implications of use the sarau as a pedagogical practice. Keeping as empirical clippings observation and analysis of soirees realized at schools in Recôncavo Baiano, we see the pedagogical potentiality that sarau practices bring to reading education, on literary context, and for stimulus to produce texts with the same contents. Starting from the heuristic and liberating character street soirees, also turns out with this practice the possibility of an actual literature and non-canonical input in pedagogical spaces linked to schools, including with the stimulator and performing contact with poets rappers. It's important to note that sarau don't came to schools as a essentialist of a street form. Keeping the dynamics and the topical tested on street sarau, they suffered the necessary contextual adaptations to the school environment, and find cover among teachers of different subjects, especially in Portuguese Language. It's axial characteristic is the assurance protagonism of students and teachers, making them authors and conductors of their own development process. In the research, we understand that the practice of sarau conducive, not only contributes to the behavior of two students, but also new paths for the ways of reading and writing within the school environment, or to establish, by means of their practice, or space of A voice for everyone, in the classroom, to be able to speak, where the teacher and the individual decide to appear their identities, their thoughts, building dialogues and debates through Saraulian practices. There isn't, in this investigation the intent to fix methodologies or to impose promising pedagogical models, but to inspire the teachers in search of alternatives forms to effective of a transformative education, as a freedom practice.

**KEYWORDS:** Soirees literay. Pedagogical. Pedagogical of Soirees. Reading education. Decolonial

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Foto 1 – 1ª edição do Sarau Sapeaçu. Na imagem, a poeta Jacquinha Nogueira e os poetas Isaiás Peixoto e Cristiano Silva. ....	76
Foto 2 – Card-convite, postado na página Jornal Agora CEAVB em 25/10/16. ....	80
Foto 3 – Postada no Facebook por uma professora da escola. ....	82
Foto 4 – Material da noite de autógrafos, realizada em 2016 .....	86
Foto 5 – Primeiro Sarau em sala de aula, em 20/08/2013, realizado na Escola Municipal de Sapeaçu. ....	91
Foto 6 – Registro da oficina Sarauzim: Práticas Poéticas Pedagógicas e Educativas – Flipelô 2019 .....	135
Foto 7 – Registro da oficina Sarauzim: Práticas Poéticas Pedagógicas e Educativas – Flipelô 2019 .....	135

## LISTA DE SIGLAS

ALER	ACADEMIA DE LETRAS DO RECÔNCAVO
BNCC	BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR
CEAVB	COLÉGIO ESTADUAL ALDEMIRO VILAS BOAS
CNE	COLÉGIO NOVO ESPAÇO
CNV	COLÉGIO NOVA VISÃO
FECIBA	FEIRA DE CIÊNCIAS DA BAHIA
FESLAM	FESTA LITERÁRIA DE AMARGOSA
FITA	FREVISTAL DE MUSICA E POESIA DE ITAPARICA
FLICA	FESTA LITERÁRIA INTERNACIONAL DE CACHOEIRA
FLIPELÔ	FESTA LITERÁRIA INTERNACIONAL DO PELOURINHO
GELING	GRUPO DE ESTUDO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO
PPGE	PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
PROEMI	PROGRAMA ENSINO MÉDIO INOVADOR
SESC	SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO
UNEB	UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
UFBA	UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DA BAHIA
UFRB	UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA

## SUMÁRIO

<b>1. NOTAS INTRODUTÓRIAS – GÊNESE DA PESQUISA NA PESQUISADORA</b>	<b>13</b>
<b>2. PERCURSO METODOLÓGICO</b>	<b>21</b>
<b>3. DA RUA PARA A SALA DE AULA: A POPULARIZAÇÃO DA POESIA</b>	<b>31</b>
1.1 OS SARAUS PERIFÉRICOS PELA ÓTICA DECOLONIAL	32
1.2 OS SARAUS LITERÁRIOS PERIFÉRICOS	33
3.2.1 O movimento literário periférico	36
3.2.2 Faces do <i>hip-hop</i> na literatura periférica	39
3.2.3 Entrelaces com a literatura periférica – o movimento <i>Manguebeat</i>	41
3.2.4 Sarau Bem Black	44
<b>4. SARAUS LITERÁRIOS NA ESCOLA – A INSERÇÃO</b>	<b>47</b>
4.1 SARAUS LITERÁRIOS PERIFÉRICOS – UM CONVITE À LEITURA NO ESPAÇO ESCOLAR	49
4.2 HÁ UM CARÁTER EDUCADOR NOS SARAUS?	51
4.3 DESLOCAMENTO LITERÁRIOS – O TRÂNSITO ENTRE SARAUS E ESCOLAS	55
4.3.1 Plataforma de Letramento – <i>Experimente realizar um sarau com a turma</i>	63
<b>5. SARAUS LITERÁRIOS – A INSERÇÃO EM ESCOLAS DO RECÔNCAVO BAIANO</b>	<b>68</b>
5.1 UM FLASH NA LITERATURA DO RECÔNCAVO BAIANO	69
5.2. FESTIVAL DE DECLAMAÇÃO DE POEMAS DE ANTONIO DE CASTRO ALVES	71
5.3 CARURU DOS 7 POETAS	71
5.4 REVITA REFLEXOS DE UNIVERSOS	72
5.5 ACADEMIA DE LETRAS NO RECÔNCAVO BAIANO	72
5.6 SARAUS LITERÁRIOS NO RECÔNCAVO BAIANO	73
5.6.1 Sarau Sapeçu	74
5.6.2 Saraus literários na escola: duas histórias diferentes no Recôncavo Baiano	76
5.6.3 Saraus Literários nas Escolas do Recôncavo Baiano	77
5.6.4 Formatos dos Saraus nas escolas do Recôncavo Baiano	83

5.6.5 Um constructo reflexivo sobre a prática dos Saraus na Escola .....	95
<b>6. O DESCALAR NA FORMAÇÃO LEITORA ATRAVÉS DOS SARAUS LITERÁRIOS NA ESCOLA: “EU ACABO COLANDO A MINHA VIDA ALI” ...</b>	<b>99</b>
6.1 A FACE LEITORA DOS SUJEITOS DA PESQUISA .....	100
6.2 QUAL A IMPORTÂNCIA DOS SARAUS NA VIDA DOS SUJEITOS DA PESQUISA .....	113
6.2.1 Entrelace: O repertório leitor e os saraus – as construções das performances .....	121
<b>7. UMA PROPOSTA DE SAURALIZAÇÃO NAS ESCOLAS .....</b>	<b>132</b>
7.1 CARACTERÍSTICAS DOS SARAUS LITERÁRIOS EM EVENTOS ESCOLARES NO RECÔNCAVO BAIANO .....	144
7.2 A TRANSGRESSÃO DA LEITURA NA VIDA DOS SUJEITOS DA PESQUISA E A PRESENÇA DE ESCRITORES NA ESCOLA.....	149
<b>8. CONSIDERAÇÕES FINAIS: O SARAU COMO UMA POSSIBILIDADE DE ENLAÇAR POESIA E PEDAGOGIA NO UNIVERSO ESCOLAR .....</b>	<b>161</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>169</b>

# 1. NOTAS INTRODUTÓRIAS – GÊNESE DA PESQUISA NA PESQUISADORA

## Linguagem (re)escrita

Letra, fonema, grafema.  
Foi o som.  
Não, foi a letra.  
Ah, foi a letra?  
Não, foi a grafia  
A grafia?  
Sim, a tal da privilegiada ortografia.  
Mas não era só escrever bonito, redondinho, com os espaçamentos perfeitos,  
e as falhas da língua seriam sanadas?  
Né, não?  
Quem disse?  
Desde quando língua tem fórmula mágica?  
Quantos e quantos usaram cadernos de caligrafia?  
Ah, muitos seguem frustrados!  
Cadê as letras bonitas?  
As palavras todas certinhas?  
Povo atrapalhado!!  
Desde quando molde resolve língua?  
Mas não é padrão o modo como falamos no país todo?  
E é? Padrão? E não é que aqui todo mundo é cultíssimo,  
anda com a língua culta pra cima e pra baixo, pra não esquecer um acentinho...  
E eu aqui me enganando, achando que língua é plural.  
Oxe! É plural sim: o povo bem gosta e usa de forma multicultural.  
A elite é que fica se esgoelando, querendo uma tal de singularidade no formal,  
quando, na verdade, não respeita a singularidade de cada região deste país.  
A escola é quem bem diz como é esse tal de tratamento.  
E a academia regulando os sotaques? Que lamento!  
Deixe de agonia!!  
A sala de aula não é uniforme:  
dentro e fora dela, quantas diferenças *a priori*?  
Note que, agora, ela está até inclusiva,  
vive incluindo todas as faces de nossa singularidade,  
Nos papéis, na fala, na sala.  
Na prática? Quanta falta!!  
Preconceitos, *bullying*, racismo destilados como se fosse nada.  
Na hora, vemos a falta dos abraços coletivos para as causas.  
Só aparecem dedos para apontar:  
se esqueceu do *s*, trocou *r*, comeu *a*...  
É tanta letra que falta nessa sopa  
Para superar a dificuldade do *h*.  
Compreensão, exatidão, queria todo mundo  
Saber essa tal de interpretação,  
Na simplificação dos pensamentos.  
Quantas ideias boas em ortografias não tão vistosas?  
Quantas vistas em ortografia bonita e na compreensão perdida?  
É tanto sentido!  
É tanta falta de sentido!  
Que quando olhamos para a vivacidade da língua  
em suas nuances, criatividades, originalidades,  
nessa mescla de estrutura desformando o padrão,  
vejo o quanto ela é viva.

E nós, dos outros lados professos da língua,  
tentando moldá-la todo dia,  
dizendo está certo, adequado, errado, inadequado.  
Quando a adequação é padrão que corta identidades.  
Quantos sujeitos impedidos, ao longo da história, de falar suas verdades?  
Quem domina a língua deste país?  
Quem a pode dominar?  
Língua é para ser dominada?  
Língua é para dominar?  
Gosto mesmo é de usá-la desmontando tudo,  
fazendo alma no papel,  
provocando reboliços sem fazer da escrita pincel.  
Língua, linguagem, linguística,  
Tentativas de representação do real.  
Cria e recria a realidade,  
diz tanta coisa diferente, similar ou igual  
que, às vezes, até parece que língua,  
linguagem e fala é tudo natural.  
Quantos discursos atravessados impondo a perfeição,  
tomando sempre como viés o padrão.  
A língua portuguesa é difícil!  
Escrever é muito complicado!  
Ler é chato!  
Falar é aterrorizador!  
Pensar não é pra mim!  
Questionar? Quem disse que posso?  
Tantos nós ditos na educação vindo do cenário social,  
que só reafirmam o quanto nosso país é genocida e desigual.  
É preciso transformar todas essas verdades  
que aparecem e ditam o ambiente escolar,  
que, ao invés de aproximar, propor, provocar,  
extingue a diversidade de conhecimento.  
Escolas, professores, alunos, pais, sociedade  
envoltos no baú da história,  
nos muros do conhecimento,  
vendo a história acontecer, em vez de reescrever seu momento,  
pois lhes negam parcelas e parcelas  
para promover esse rompimento de voz.  
A escrita, a língua, a fala,  
a linguagem, os discursos, os sujeitos  
precisam ser vistos de outras formas  
pelos diversos vieses dos protagonistas dessas histórias.  
Nós, professores, revolucionemos,  
iniciemos os rompimentos de pensamentos,  
semeemos  
palavras reescritas em obras.

(Jacquinha Nogueira<sup>2</sup>)

O poema “Linguagem (Re)escrita” foi produzido a partir de meu pensamento como professora, em contato direto com discussões linguísticas e sobre práxis pedagógica, buscando atrelar teoria e prática. Surgiu de minhas reflexões a partir dos teóricos discutidos

---

<sup>2</sup> O nome artístico *Jacquinha Nogueira* é o pseudônimo utilizado pela autora dessa pesquisa para assinar seus escritos poéticos.

na disciplina *Estudos da Língua Escrita*, ministrada pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Elaine Cristina de Oliveira, durante o Mestrado em Educação, na UFBA.

Não há vida em mim sem a poesia. Também não há a pesquisadora, nem a professora. Foram os livros que me levaram e me fizeram escolher a sala de aula como lugar para partilhar os conhecimentos, a arte poética e a vida. A pesquisadora vem de lá e chega até aqui pela indagação diária. Desde o primeiro dia em que assumi uma sala de aula, me pergunto: o que estou fazendo nesse lugar? E, hoje, tenho a compreensão de que a necessidade de pesquisar – o que me propus a fazer no Mestrado em Educação – veio desse lugar de leitora, professora, poeta. Veio como provocação, que não deixa a pessoa sossegar e que se deu de frente com um projeto pessoal intitulado *A poesia vive*, o qual conta e reconta, a cada inserção minha com os livros e saraus, dentro e fora da sala de aula, a história da professora poeta.

A ação de pensar e produzir conhecimento inclui tais práticas, mas está para além delas: é mais do que isso. Implica em problematizar o vivido e já pensado; atualizar e, se necessário e possível, ressignificá-lo; questionar, compreender e provocar o presente, o ainda não explicável; historicizar e interpretar pensamentos e conhecimentos já construídos; enfrentar dramas humanos, sociais; e, quiçá, projetar, desenhar, sonhos, utopias, projetos, distopias etc. (SANTIAGO, 2019, p. 51)

Imersa nessas inquietações da intelectual negra Ana Rita Santiago, eu não poderia me recusar ao ato de pesquisar, e não me permitir ir além da prática nos saraus literários e mergulhar nas teorias que se apresentavam e se imbricavam em cada uma das edições diante de meus olhos.

Tanto os *insights* como as percepções, com a realização dos saraus na rua e dentro da escola, eram lócus significativos de aprendizagens, dispostos ao olhar de professora, que me fizeram ávida por descobrir mundos de possibilidades pedagógicas. Somam-se a isso os comentários das pessoas ligadas a educação que frequentavam os saraus e afirmavam que outras pessoas e professores precisavam ver o que acontecia com os alunos, com os jovens, com a cultura, por meio de algo mínimo que se faz máximo. As ações humanizadoras através da literatura estavam lá, oferecendo outros vieses para a educação.

Fui cada vez mais me convencendo de que os saraus subvertem o lugar da literatura na vida das pessoas. Os que os organizam e deles participam corroboram esse pensamento, multiplicando o ato para outros, em variados espaços.

Toda ação humana é uma atividade intelectual, ou seja, resulta de elaborações criativas do pensamento. Desse modo, viver, inventar e enfrentar o cotidiano, em



quaisquer circunstâncias em que estejamos inseridos, pressupõe e implica em uma atividade intelectual criadora. (SANTIAGO, 2019, p. 53)

O termo “pedagogizar”, de acordo com o dicionário informal, refere-se ao “efeito prático de emprestar um caráter de ensino a determinada ciência, ato ou conceito, no sentido de torná-lo uma ferramenta passível de uso transformador de uma dada realidade.”<sup>3</sup> Nesta pesquisa, a palavra é incorporada para discutir a dialogicidade que passou a existir, no início deste século, nos saraus que nascem em espaços informais, por meio da proposta da periferia de ressignificação literária e popularização da poesia a partir dos seus espaços e acessos.

Vem também dos trânsitos dessas práticas para o ambiente escolar, como afirma Sérgio Vaz (2019, *on-line*): “... tem algo nas ruas que vai além de literatura.”<sup>4</sup> E esse algo tem feito dos saraus um dos movimentos literários mais revolucionários neste início de século. Por isso, me propus a investigá-lo e a discuti-lo.

A função do intelectual não é exercida por todos/as, mas por grupos especializados. Aqui se inserem aqueles/as que se dedicam a pensar, problematizar e a produzir conhecimentos sobre fatos históricos, dramas e realizações humanas e sociais, materializados em escrever, publicar e promover a circulação das elaborações. (SANTIAGO, 2019, p.54)

A decisão de desencadear uma investigação sobre o tema veio, portanto, da consciência que em mim foi se formando de que o viés promissor apresentado em minha prática não poderia ficar restrito ao espaço de minha sala de aula, ou ser exclusividade minha. Precisava, especialmente, transgredir e dialogar com outros para assumir a prática dos saraus e suas formulações teórico-pedagógicas, sobretudo por ser um interesse comum a vários professores e poetas que a vêm inserindo nas escolas. A pesquisadora Ana Rita Santiago me entender que

pensar é ruminar sobre si, sobre fatos e aquilo que está em volta; é inclusive apropriar-se deles para problematizá-los. Descolonização do conhecimento no contexto afro-brasileiro e (re) elaborá-los. É um trabalho contínuo e dinâmico de tecer e (des) tecer o que já está instituído, transgredindo fronteiras discursivas. (SANTIAGO, 2019 p. 58)

Trazer um pensamento e uma ação que se articulam na rua, no bar e ocupam várias periferias dentro do nosso país, modificando o olhar e acesso para literatura, não é um desafio fácil, essencialmente por surgirem questionamentos sobre a apropriação dessa atividade dentro de um ambiente como a escola. Porém informo que as práticas que vêm

---

<sup>3</sup> Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/pedagogizar/>

<sup>4</sup> Informação *online*. Página Poeta Sérgio Vaz 17/12/19 <https://www.facebook.com/poetasergio.vaz2/>

sendo desenvolvidas e inspiradas nos saraus literários revelam formas pedagógicas. Como se a escola devesse, para sempre, viver apartada da vida pulsante que se desenvolve fora dela. Como se a escola não devesse participar dos ensinamentos de Gonzaguinha: “Viver, e não ter a vergonha de ser feliz...”<sup>5</sup>

As práticas saraulescas<sup>6</sup> se inserem na escola de forma adaptada, a partir das percepções educativas que se esboçam nos saraus das ruas e se mostram aliadas do processo de formação leitora. Não chegam como uma prática essencialista de um formato de rua, incorporado sem as necessárias contextuais adaptações às diferentes disciplinas escolares. Seu abrigo mais amplo emerge entre os professores de Língua Portuguesa.

Então, na esteira de minha história, situei o objeto específico da investigação que ora resulta nesta dissertação: a pedagogia do sarau escolar. Defini como objetivo geral apresentar compreensões sobre como os saraus literários transgridem o espaço da literatura na sala de aula, formando leitores na perspectiva de uma prática libertadora.

A educação como prática de liberdade foi teorizada originalmente por Paulo Freire e difundida posteriormente pela teórica bell hooks<sup>7</sup> (2017), ao colocar o ensino como transgressão do espaço escolar.

Optar pela educação como prática liberdade é não permitir que os estudantes sintam-se excluídos do processo de construção do conhecimento sobretudo dentro da escola, é criar estratégias que não se restrinjam a minha voz como detentora do saber, abrindo espaço para que todas as vozes partícipes dessa construção ecoem igualmente e todos possam de algum modo se escutar, aprender, se fortalecer e transgredir o vivido dentro de uma sala de aula.

Nesse sentido, a atualidade e a relevância do estudo se constituem na oportunidade de expandir a discussão acerca de procedimentos metodológicos de vivência da literatura na sala de aula e sua relação com práticas vigentes no mundo extraescolar dos saraus. Vale ressaltar que difundir e fortalecer o debate sobre os processos de formação literária na atualidade inclui, de certo modo, interesses sociais, considerando que a temática diz respeito a processos de formação humana.

---

<sup>5</sup> Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/gonzaguinha/o-que-e-o-que-e.html>

<sup>6</sup> neologismo criado para essa dissertação

<sup>7</sup> bell hooks é pseudônimo de Glória Jean Walkins, ativista estadunidense Segundo bell hooks (2017): A educação como prática de liberdade é um jeito de ensinar que qualquer um pode aprender. Esse processo de aprendizado é mais fácil para aqueles professores que também creem que sua vocação tem um aspecto sagrado; que creem que nosso trabalho não é simplesmente partilhar informação, mas sim de participar do crescimento intelectual e espiritual dos nossos alunos. Ensinar de um jeito que respeite e proteja as almas de nossos alunos é essencial para criar condições necessárias para que o aprendizado possa começar de modo mais profundo e mais íntimo. (p.25)

O tema pesquisado se apresenta estruturado, nesta dissertação, em oito capítulos, incluindo-se notas introdutórias e considerações finais, que se entrosam, embora se mostrem independentes do ponto de vista físico.

No primeiro capítulo, que agora se mostra, faço as notas introdutórias com o relato do que de como minha trajetória impulsionou a pesquisa, bem como seu objeto e seu objetivo geral, destacando a atualidade e a relevância do estudo.

No segundo, exponho o percurso metodológico e o porquê da opção por uma pesquisa de natureza predominantemente qualitativa, o que sugere uma abordagem dialógica referendada na pedagogia decolonial e em critérios etnográficos, para a compreensão do caráter social da produção de discurso sobre o sarau na escola, indicando a assunção de olhar atento e cuidadoso sobre todos os sujeitos envolvidos na pesquisa, inclusive minha pessoa no papel de pesquisadora. A produção desse capítulo, referente ao percurso metodológico, incluiu o anúncio e as ementas dos capítulos a ele subsequentes, que possuem os seguintes títulos: “Da rua para a sala de aula: a popularização da poesia”; “Saraus literários na escola – a inserção”; “Saraus literários – a inserção em escolas do Recôncavo Baiano”; “Descalar na formação leitora através dos saraus literários na escola: ‘eu acabo colando a minha vida ali’”; “Um convite à proposta da pedagogização dos saraus literários nas escolas”; “Considerações finais: o sarau como uma possibilidade de enlaçar poesia e pedagogia no universo escolar.

No capítulo 3, **Da rua para sala de aula: a popularização da poesia**, busco traçar um panorama de como os saraus, a partir da ótica decolonial, se constituíram literária, cultural, social e politicamente nos espaços da rua, tendo como modelo o sarau da Cooperifa, e de que forma essa articulação em movimento popularizou a poesia inicialmente no eixo sul e depois atingindo vários estados do país.

Trago um contexto que sofre uma influência do *hip-hop*, e possivelmente também do Nordeste, através do que foi o *manguebeat*. Ele pode ter suas raízes nesse movimento, ecoado em Recife e que hoje prolifera por meio dos saraus e *slams*, diante de uma força cultural que foi e ainda é tão significativa em nosso país, podendo ser um espelho para as desestabilizações atuais que vivemos no Brasil.

Essa construção inicial denota essencialmente como esses traços construtivos e pedagógicos, emergidos nos saraus periféricos, passam a adentrar os espaços escolares e fazer um trânsito nessas configurações sendo fortalecidos por poetas, ativistas culturais, professores e também instituições culturais.

No capítulo 4, intitulado **Saraus Literários – a inserção**, problematizo a inclusão dos saraus literários no ambiente e escolar, discutindo o caráter educador que há

nessas práticas e na instigação de suas articulações, que inicialmente partiram do próprio movimento por saraus, até o alcance de professores interessados nesse movimento que ecoava em diversos espaços jamais pensados ou designados como espaço literários.

Essa atratividade foi possibilitando os entrelaçamentos entre saraus e escolas e fez eclodir uma visão pedagógica para essa prática cultural de tal forma, que vários professores passaram a se interessar por ela, sobretudo em plataformas pedagógicas, construindo possibilidades de sua inserção no ambiente escolar. Trata-se de um acontecimento não isolado, que ganha uma proporção diferenciada quando atinge as redes sociais em todas as esferas de produção e acesso.

No capítulo 5, **Saraus Literários a inserção em escolas do Recôncavo Baiano**, inicialmente reflito sobre a lacuna literária que existe nessa região pelo desconhecimento de autores e articulações culturais, embora traga algumas de suas manifestações, mas que são de acesso restrito. Como os saraus entram nesse espaço tentando reverter essa ótica, trago, como exemplo, o *Sarau Bem Black*, que provocou o nascimento do *Sarau Sapeaçu*, e as diversas possibilidades de socialização cultural no Recôncavo Baiano e sua integração com meu trabalho como professora e como os alunos e me ajudaram na construção dessa atividade na minha cidade. Trago ainda meu *Projeto a poesia vive* e o formato do *Sarau Sapeaçu*, criando possibilidades múltiplas de criação literária em sala de aula.

Ao mesmo tempo, trago o *Sarau do CEAVB*, uma proposta anual de sarau, e destaco como sua construção foi essencial para a aproximação dos alunos com a literatura e a expressão de suas inquietações no ambiente escolar, trazendo o protagonismo da voz e outras possibilidades de construção e discussão temática.

No capítulo 6, **O descalar na formação leitora através dos saraus literários na escola: “eu acabo colando a minha vida ali”**, ecoa a voz das estudantes, que narram a forma como suas vidas são permeadas pelo contato a leitura (incentivo, vivências literárias com contos de fadas, histórias em quadrinhos, histórias orais, clássicos, *best sellers*), até a chegada dos saraus literários na sua vida estudantil.

O que se modifica, desde então, é o espaço de voz que os saraus passam a representar na vida dessas estudantes, trazendo outras possibilidades de expressão que se ocultavam em meio à timidez ou ao pouco espaço de fala, interferindo, dessa forma, no incentivo à leitura, à escrita e à oralidade, dentro e fora do ambiente escolar.

No capítulo 7. **Uma proposta de saraulização dos saraus literários nas escolas**, destaco como os saraus têm formulado uma pedagogia e se disseminado através da

proposta de Rodrigo Ciríaco. Caracterizo essa construção como uma pedagogização dentro da escola e ressalto as manifestações que têm ecoado no Recôncavo Baiano, utilizando como base textos de *slams* e inserções que os saraus abriram como possibilidades de atividades na rua e que hoje são incorporadas e trabalhadas metodologicamente dentro de escolas. Trago, nesses vieses, as possibilidades múltiplas que atingem a literatura na contemporaneidade e os formatos variados que emergem através dessa iniciativa cultural da rua.

Finalmente, o texto se encerra com o capítulo 8. **Considerações finais: o sarau como uma possibilidade de enlaçar poesia e pedagogia no universo escolar.**

## 2. PERCURSO METODOLÓGICO

Em verdade, minha intenção de pesquisar sobre a relação entre sarau e escola antecedeu meu projeto formal apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia. Essa intenção tem origem nas ideias, nas inquietações do meu percurso de formação leitora, na minha formação acadêmica e profissional, especialmente nos muitos encontros e nas muitas vozes que me constituíram desde sempre.

Assim, minhas andanças geraram o projeto no qual se inscreveram as intenções do que eu sempre quis entender, questionar, investigar. Tais intenções tomaram fôlego com as aulas do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), com os encontros do Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação e Linguagem (GELING), da Linha Linguagem, Subjetivações e Práxis Pedagógica e com a realização de uma itinerância pelo movimento dos saraus literários periféricos dentro e fora dos espaços escolares. A partir daí, pude situar o objeto específico da investigação – a pedagogia do sarau escolar – e o objetivo geral de apresentar uma compreensão sobre como os saraus literários transgridem o espaço da literatura na sala de aula, formando leitores na perspectiva de uma prática libertadora.

Nesse sentido, optei pela realização de uma pesquisa de natureza predominantemente qualitativa, visto que o objeto investigado – a pedagogia do sarau escolar – sugere uma abordagem dialógica, referendada na pedagogia decolonial e em critérios etnográficos, para compreensão do caráter social da produção de discurso sobre a questão, indicando a assunção de olhar atento e cuidadoso sobre todos os sujeitos envolvidos na pesquisa, inclusive a própria pesquisadora. Essa opção implicou uma compreensão de como as abordagens qualitativas concebem o conhecimento.

Os estudos decoloniais denunciam que, nos tempos atuais, conhecidos como pós-coloniais, há uma estruturação social denominada de colonialidade, caracterizada por uma composição de relações de dominação originária do histórico de colonização, que se baseia na elaboração teórica da ideia de raça como naturalização das relações coloniais (QUIJANO, Aníbal; 2005). Dessas relações advêm desigualdades sustentadas pela elaboração intelectual “de uma perspectiva de conhecimento cuja elaboração sistemática começou na Europa Ocidental antes de meados do século XVII”, reconhecida como eurocentrismo. Segundo Quijano, eurocentrismo é

[...] o nome de uma perspectiva de conhecimento cuja elaboração sistemática começou na Europa Ocidental antes de meados do século XVII, ainda que algumas de suas raízes são sem dúvida mais velhas, ou mesmo antigas, e que nos séculos seguintes se tornou mundialmente hegemônica percorrendo o mesmo fluxo do domínio da Europa burguesa. Sua constituição ocorreu associada à específica secularização burguesa do pensamento europeu e à experiência e às necessidades do padrão mundial de poder capitalista, colonial/moderno, eurocentrado, estabelecido a partir da América. (QUIJANO, 2005, p. 115)

A consciência desse fenômeno é basilar para o posicionamento político frente ao jogo de tensões desencadeado pelas disputas de poder. Por assim compreender, assumimos uma postura decolonial como ponto de partida para compreensão da importância dos saraus literários no processo de emancipação cultural de nossa gente. Nessa perspectiva, possibilidades podem ser abertas para o questionamento de discursos e práticas sociais de tendências racistas, classistas, sexista e homofóbicas.

O caráter etnográfico desta dissertação decorre do fato de, com André (2009), compreender como característica importante da pesquisa etnográfica a consideração com os sujeitos da pesquisa e, em especial, com sua maneira de enxergar as experiências e de considerar o mundo que os cerca. Por conseguinte, construí um caminho metodológico que me propiciou uma aproximação com os sujeitos da pesquisa – formuladores, organizadores e participantes de saraus escolares e não escolares – para inferir e discutir os sentidos sociais e pedagógicos que eles atribuem ao desenvolvimento desse movimento na contemporaneidade brasileira e baiana.

Assim, para lastrear a produção de sentidos, fui à busca de informações e estudos que abordassem o objeto pesquisado, mediante uma pesquisa bibliográfica, através da qual reuni, de teóricos, estudiosos e praticantes de saraus, um arsenal de ideias e conceitos, os quais agrupei em temáticas que compuseram os capítulos três, quatro e cinco desta dissertação.

Para o avanço para uma perspectiva crítico-transgressiva decolonial é necessário por pelo menos três razões: 1) Temos uma tradição de enfatizar, em nossas práticas pedagógicas, as práticas e discursos hegemônicos. Ao nos engajarmos numa perspectiva crítico-transgressiva decolonial, passamos a focalizar as práticas e os discursos marginalizados, subalternizados. 2) Contamos com um conjunto de teorias e metodologias bastante sofisticado para analisar as práticas e discursos hegemônicos e para operacionalizá-los em nossas práticas pedagógicas. Para ir adiante, precisamos desenvolver teorias e práticas crítico-transgressivas decoloniais, capazes de sustentar o estudo e abordagem pedagógica das práticas e dos discursos marginalizados, subalternizados. 3) Nossas práticas de pesquisa e nossas práticas pedagógicas estão centradas no lugar de discurso do/a pesquisador/a e do/a professor/a, garantindo-lhes, unilateralmente, autoridade e legitimidade. Uma perspectiva crítico-transgressiva decolonial institui um novo lugar de discurso para todos sujeitos envolvidos, garantindo que todas manifestações epistemológicas e

linguísticas tenham efetivamente validade e legitimidade sociodiscursivas. (DIAS; COROA; LIMA, 2018, p. 43)

O pensamento decolonial está imbricado nas teorias que se inserem nas pesquisas pós-críticas em educação, pois comunga de suas ideias. Ainda que não tenha sido inserido, de forma mais evidente, dentro desses estudos e reflexões, busco aqui pensar também o caminho da pesquisa na decolonialidade em educação. A partir dos teóricos Paraíso e Meyer (2012), Vieira-Neto (2005) e Pavan e Tedeschi (2017), teço um panorama de como tem sido o caminhar por essa corrente teórica tomando como base as questões que envolvem o pós-estruturalismo, portanto, as questões teóricas que norteiam as pesquisas pós-críticas em educação.

Optar pela perspectiva pós-crítica na pesquisa em educação é também caminhar pela desconstrução das metanarrativas consolidadas na modernidade. Assim, as categorias que a elas pertencem – razão, verdade, discurso, identidade, diferença – devem ser desestabilizadas. A suspensão dessas categorias implica uma resignificação no conhecimento, sobretudo na interrogação sobre o objeto e na condução da investigação, pois

[...] o Pós-estruturalismo, como perspectiva epistemológica e metodológica, tem nos lembrado constantemente de que podemos sair do aprisionamento, da fixidez, do essencialismo metodológico, e tem nos mobilizado a buscar, a encontrar novos modos de fazer pesquisa em educação. (PAVAN e TEDEDESCHI, 2017, p.13)

Essa desestabilização promove rupturas ao fazer com que novos caminhos sejam construídos e ampliados para pensar os processos educacionais, em confronto com as relações de poder e com os discursos hegemônicos que eram privilegiados até então, devido a uma historicidade construída no pensar tradicional. Abre-se um espaço para incentivar e produzir a diferença ao se forjarem outros significados ou imagens de pensamentos. Dessa maneira, o que não era visível no discurso hegemônico pode vir a se tornar.

Ter consciência de que o sistema educacional funciona sob uma ótica privilegiada de poder que inviabiliza vozes, saberes e transformações, por meio de um conhecimento que lhe é negado, é ter a obrigação de agir, transformar e lutar por uma educação mais significativa e plural na vida dos estudantes e das estudantes, na formação do cidadão, mediante a resignificação dos discursos, do trabalho diário em sala de aula ou nos espaços educativos em que se atua, inclusive através da arte.

Para Pavan e Tedeschi (2017), no paradigma pós-estruturalista, as resignificações ocorrem na desconstrução dos sistemas universais da razão que tentam,



através do homem racional, indicar o caminho do desenvolvimento, do progresso e do bem-estar humano, para que, por meio dele, ocorra uma nova forma de pensar. Elas ocorrem também em acreditar na historicidade do dizer a verdade e afastar-se de todas as grandes verdades atemporais, e ainda ao se considerar que o sujeito não é constituinte, mas constituído, assim como seu objeto.

A desconstrução desses discursos modernos legitimados ocorre perante um pensamento estruturado, que perpassa por uma construção histórica, política, filosófica e fantasiosa sobre a qual não temos controle nem podemos aferir em totalidade, o que nos permite inferir sempre, de forma limitada, a partir da estrutura imposta, nem sempre perceptível, pois se torna naturalizada.

Por isso, as verdades não naturais, e sim históricas, são sempre envoltas nas relações de poder e saber, onde nada é neutro, pois elas geralmente se situam de forma pré-determinada pela sua história. Isso demandará construir uma interpretação que permita desconstruí-las, para que se percebam suas formas de produção, possibilitando pensa-las de outras maneiras.

Com os estudos culturais, compreendemos a centralização exercida pela problematização, na cultura e também na educação:

Os Estudos Culturais (EC) têm como questão central a problematização acerca das noções de cultura que “transmuta-se de um conceito impregnado de distinção, hierarquia e elitismos segregacionistas para um outro eixo de significados em que se abre um amplo leque dos sentidos cambiantes e versáteis. Cultura deixa, gradativamente, de ser domínio exclusivo da erudição literária e artística, de padrões estéticos elitizados e passa contemplar, também, o gosto das multidões. Em sua flexão plural – culturas – e adjetivado, o conceito incorpora novas e diferentes possibilidades de sentido. (COSTA; SILVEIRA; SOMER, 2003, p. 36)

Uma sociedade legitima discursos aferindo se eles são ou não verdadeiros, o que sempre perpassam por uma hegemonia de poder que foge aos padrões excluídos. Por isso, ao pesquisar, devemos ter cuidado com os discursos, pois eles ocupam um campo de luta onde são disputadas e escolhidas as versões das verdades, com base na sua limitação e na construção histórica. Tais discursos podem ser constituídos em práticas discursivas ou não.

Em função disso, o pesquisador necessita traçar estratégias de descrição e análise que possibilitem trabalhar com os discursos, para mostrar os enunciados e as relações que eles colocam em funcionamento, buscando analisá-los através das relações de saber e poder que produzem significados, práticas, sujeitos, identidades e diferenças.

Nas pesquisas pós-críticas, os discursos não serão entendidos como afirmações individuais de sujeitos soberanos, mas sim como um conjunto de enunciações em um determinado contexto, analisadas como parte de um determinado discurso, o qual não preexiste nas formações discursivas de um sujeito. Ao investigar a constituição do sujeito, devemos buscar compreender a forma como ele é forjado, levando em consideração a época e seus dispositivos de saber e poder, a partir de tudo aquilo que lhe confere existência no mundo, dando-lhe um nome. Assim, a hierarquia, a disciplina, a normalização e o governo promoverão a sua determinação nesse espaço.

Contrariando as afirmações clássicas, na perspectiva pós-estruturalista, o poder produz saber e atua de forma conjunta e dependente. O poder, entendido como um conjunto de relações de força, produz ideias, saberes, discursos, objetos e verdades a partir do contexto de cada indivíduo, o que garante sua ramificação e difusão. Não há lugares específicos para sua manifestação ou resistência, pois isso pode acontecer em qualquer ambiente social. Não há como escapar dessa relação, mas há como modifica-la (PAVAN e TEDESCHI, 2017).

O conhecimento aqui é entendido como uma manifestação que resulta da criação ou invenção do ser humano, numa disputa constante por imposição de sentido. Nem a linguagem é tida como neutra e transparente de representação da realidade, pois é parte integral e fundamental de sua própria constituição, a qual não se deve investigar como naturalizada e nem essencializada. É preciso pensá-la como indeterminada e instável, pois sempre será movida pelas relações de poder, e essa significação possibilitará conceber a identidade e a diferença dos sujeitos.

Ainda que, nessa linha, as metodologias sejam construídas no processo de investigação, o pesquisador necessita atentar para os caminhos de ressignificação guiados pelas teorias e ferramentas de análise, sem se prender a conceitos que engessam o pensar ou o fixam em pensares que promovem exclusões.

O mundo, em suas configurações pós-modernas, está associado a descentralizações, crises, caos e novos conceitos. E isso demanda a problematização do seu conhecimento, o que deve ocorrer a partir da análise das mudanças sociais que atingem, direta e indiretamente, a educação, afetando, conseqüentemente, a pesquisa e as formas de realizá-la. Muitas vezes, são criados impasses para o pesquisador, já que, na sociedade, há uma luta e uma busca constantes pela igualdade. Então, como discutir e analisar a diferença? Essas novas configurações, feitas por desconstruções, estão implicadas em uma determinada maneira de pensar e agir na sociedade, afetando diretamente as políticas educacionais, o

contexto escolar e o próprio currículo e trazendo grandes modificações estruturais que possibilitam a descoberta e a análise de novos ou possíveis fenômenos.

As teorias pós-críticas não possuem um método específico. Elas se realizam, no processo de investigação, a partir do próprio pesquisador, sendo dependentes da forma como problematizamos, interrogamos e reformulamos o problema em foco. Dentre elas, os estudos culturais abriram um leque de possibilidades a respeito do que e do como investigar nas diversas áreas, promovendo novas formas de pensar e analisar um objeto de pesquisa.

No decorrer da pesquisa, há pressupostos que direcionam o caminho a ser percorrido para se chegar a um resultado. Na perspectiva pós-moderna, eles são influenciados por teóricos que antecederam e enriqueceram as novas configurações de conhecimento e pesquisa e são utilizados nos confrontos teóricos e metodológicos como auxiliares nessa construção. Assim, realizar articulações e *bricolagens*<sup>8</sup> é essencial nas pesquisas pós-críticas, pois elas não são direcionadas a partir de uma única teoria ou uma forma de conceber o mundo. Eliminam-se, assim, os obstáculos entre as diferentes disciplinas.

O que move o nosso modo de fazer pesquisa para chegar a uma das facetas da verdade é o surgimento de uma inquietação, com a disposição de perpassar o experimento a partir de (re)arranjos, e de refazer e retomar quantas vezes forem necessárias. Esse é que é o olhar de um pesquisador. Diante dessas questões, cabe a ele ser flexível, já que não segue um método específico para o desenvolvimento da pesquisa, embora, ao mesmo tempo não possa deixar de lado a rigidez e a inventividade. É a partir desse entrelaçamento que se moverão as estratégias de pesquisa, desde as formas de articular, ler, montar, compor, perguntar, descrever, analisar, e multiplicar, até as de poetizar – para, assim, produzir novos sentidos através de transgressões no âmbito da educação.

As metodologias pós-críticas são construídas, fabricadas, ressignificadas e inventadas. Na educação, elas são abertas aceitando-se os diferentes traçados que movem os desejos de pensá-la de forma diferenciada, o que possibilita, a partir de práticas, sujeitos e discursos lançar novos olhares para essa categoria do conhecimento, na sociedade.

É desse modo que reúno os diversos teóricos que permeiam as construções nas pesquisas pós-críticas em educação e agrego um guarda-chuva de autores que são essenciais para pensar esta pesquisa a partir da decolonialidade, refletindo sobre os saraus como uma construção sociocultural que prolifera na rua e chega, de forma inovadora, no ambiente escolar.

---

<sup>8</sup> Com base no estudo cultural a bricolage “é uma metodologia de pesquisa em que a sua escolha prática é pragmática e autorreflexiva” (NELSON; TREICHLER, GRASSBERG. 2018, p.9)

Assim, durante a pesquisa fui fazendo bricolagens entres autores e rearranjos entre poesia, teorias legitimadas pela academia e as forjadas pelos teóricos culturais a respeito dessa atividade, promovendo um diálogo entre esses pensares e vozes de professoras, professores e estudantes que vivenciam e articulam o sarau no ambiente escolar.

A parte empírica desta pesquisa teve como foco o Recôncavo Baiano e buscou, nessa territorialidade, investigar manifestações através de saraus literários que estivessem acontecendo na região. Nomeadamente, os saraus têm proliferado em escolas, e no Recôncavo não tem sido diferente. Entretanto, para a realização da pesquisa, era necessário que houvesse certa frequência durante o ano ou um sarau anual para servir de base para a investigação, pois uma única edição não seria suficiente para os objetivos desta pesquisa.

Dessa forma, tendo conhecimento do sarau do Colégio Estadual Aldemiro Vilas Boas (CEAVB), na cidade São Miguel das Matas (BA), através das redes sociais e por já ter sido convidada para participar algumas vezes, decidi inseri-lo na pesquisa e trazê-lo como base para a investigação junto à minha própria prática, já que tenho como experiência a realização de saraus há seis anos e vivência em escolas diferentes. As práticas também possuem formatos diferentes, pois o sarau do CEAVB acontecia no pátio da escola e o meu dentro da sala de aula.

A escolha dos sujeitos da pesquisa se deu a partir da seleção inicial do lócus, pelo conhecimento que eu possuía sobre o sarau do CEAVB. A partir desse conhecimento, também escolhi uma professora, que foi base fundamental na construção da proposta, nesta pesquisa denominada "Felina", e uma ex-aluna da escola, que eu conhecia através das redes sociais, devido ao registro de vídeos desse sarau e eu, por ter sido uma das autoras trabalhadas em um dos projetos do colégio, essa aluna passou a me seguir nas redes sociais. Desse modo, ao pensar em contribuição para a pesquisa me lembrei dela e de suas fortes apresentações nos saraus anuais da escola e sua verve para escrita, que se propagou além do ambiente escolar. Na entrevista ela é denominada de "Amora".

Além delas, foram escolhidas duas ex-alunas minhas: "Borboleta", que foi minha aluna durante os anos de 2014 a 2016, no Colégio Novo Espaço em Sapeaçu; e "Diva", que foi minha aluna durante os anos de 2017 e 2019, no Colégio Novo Visão em Sapeaçu. Ambas foram escolhidas devido à interação que sempre tiveram com o sarau, sendo, dentre os alunos e as alunas, as que mais frequentaram o sarau fora da escola e poderiam trazer olhares diferentes para a pesquisa, além de darem continuidade às escritas fora da sala de aula.

Dessa maneira, os sujeitos desta pesquisa são do sexo feminino. Essa escolha constitui uma pretensão determinada de viabilizar vozes femininas dentro dessa vivência

literária – demarcando um lugar político a qual as nossas vozes, autoras e experiências são inferiorizadas socialmente, mas também foi realizada pelo fato de terem sido elas as que mais se encaixaram na proposta de investigação, ao mesmo tempo em que traziam traços de protagonismo e construções diferentes diante desse olhar feminino e do contato com os saraus, a leitura e a escrita. Para preservar o anonimato, denominei-as como nome fictícios: Felina, Amora, Borboleta e Diva.

Segundo Flick (2009), a realização da entrevista semiestruturada se dá na interação entre entrevistador e entrevistado, tendo esse último liberdade de respostas, as quais podem fornecer dados relevantes para compreensão do fenômeno estudado. Optamos, nesta pesquisa, por esse tipo de entrevista por considerá-la mais viável ao movimento de compreensão acerca da relação entre literatura e sarau escolar.

As entrevistas foram realizadas durante o mês de agosto e setembro, atendendo à disponibilização das entrevistadas. Elas foram informadas de que as gravações seriam para fins de pesquisa e não teriam seus nomes revelados nem receberiam nenhum bônus pela participação. Mas teriam acesso a cópia da entrevista em PDF. Assinaram termo de consentimento, com exceção daquelas de menor idade, que tiveram autorização dos responsáveis.

Para as entrevistas, foram traçadas previamente algumas perguntas norteadoras, a fim de direcionar o andamento da investigação. No entanto, por se tratar de uma entrevista semiestruturada, as perguntas não engessavam o desenrolar dos discursos, mas se encaminhavam a partir do que ia sendo informado.

Perguntas norteadoras para as estudantes:

- Como era seu contato com a leitura na infância?
- Lembra-se de algum momento marcante da leitura nessa fase?
- Você é apaixonada por livros?
- Quem é você leitora?
- Você se considera uma leitora?
- O que você gosta de ler?
- Como descobriu seu gosto ou dom pela escrita?
- Quem a incentivou a ler?
- Teve alguém que foi muito importante nos passos iniciais da escrita?
- O que é um sarau para você?

- Como é vivenciar um sarau na escola?
- Como é vivenciar um sarau fora da escola?
- Houve algum momento que foi muito marcante para você, ou queria contar sobre o sarau e sua vivência no sarau na sala de aula?
- Onde você apresentou seus primeiros poemas pela primeira vez?
- O que a faz ir ao sarau fora da escola?
- Por que você escreve?
- Você acha que o sarau a motiva mais a ler ou a escrever?
- Como é se apresentar para os seus colegas declamando seus textos autorais? E para outros públicos?
- Que livros marcaram a sua vida? Como teve contato com eles?
- Você acredita que o sarau em sala de aula trouxe alguma mudança na vida escolar? Ou trouxe alguma diferença em sua vida?

Perguntas norteadoras para a professora:

- Qual o seu contato a leitura na infância?
- Como foi sua vivência literária na escola?
- Como se deu sua formação como professora?
- Qual a importância do curso de letras em sua vida? E qual temática?
- Como a formação contribuiu para o exercício da docência?
- Quais os projetos de leitura realizados pelo Colégio Aldemiro Vilas

Boas?

- Qual a influência de sua vivência com o Sarau Bem Black em Sapeagu para a construção do Sarau no CEAVB?
- Como aconteciam os saraus do CEAVB? Quais eram os métodos?
- Que resultados o sarau trouxe?
- Como foi a recepção da diretora e do corpo docente da escola à proposta?
- Por que o sarau na escola? Quais as contribuições?
- Por que outras escolas deveriam inserir o sarau como prática?

As gravações foram marcadas com antecedência via *WhatsApp* e *Facebook*, e todas comparecemos nos horários marcados. As gravações foram feitas através de um

gravador no celular, em um ambiente tranquilo, calmo e de frente para a entrevistada. Duas entrevistas foram em minha casa, por escolhas de “Borboleta” e “Diva”; uma outra, a de “Amora”, ocorreu na faculdade onde ela estuda, devido ser esse o local possível para ela, em Santo Antonio de Jesus; e a entrevista de “Felina” se deu em um Café, no *shopping*, correspondendo à sua disponibilidade de horário, também na cidade de Santo Antônio de Jesus.

As transcrições foram feitas por mim, e a seleção para as perguntas metodológicas de investigação foi feita em consonância com a orientadora. Com ela, foram estabelecidas duas questões temáticas para a realização do procedimento metodológico: 1 – Compor repertório para historiar a “vida” leitora dos sujeitos da pesquisa; e 2 – Descrever ou apresentar a relação dos sujeitos da pesquisa com o sarau. A partir desse procedimento, foi selecionado o *corpus*, e os dados foram ordenados e analisados teoricamente, para fins de investigação, a partir do cotejo com diversos autores, dando origem aos capítulos cinco, seis e sete desta pesquisa.

### 3. DA RUA PARA A SALA DE AULA: A POPULARIZAÇÃO DA POESIA

A poesia foi tirada da estante e posta na rua,  
na boca do povo sedento por arte  
e de quem mais quisesse desfrutar cada parte.  
Afrontosa, veio sem vestimentas,  
pôs-se nua a bailar entre almas,  
fez-se casa para os silêncios  
ensurdecedores de dentro.  
Tinha amor,  
tinha dor,  
tinha raiva,  
indignação,  
luta,  
tormento.  
cansaço das retaliações.  
Mas a fome era maior.  
O abraço era maior.  
A possibilidade quase única  
do grito ecoando  
cada parte do descalo.  
Fez movimento  
que não era reparação.  
Jamais haveria como reparar  
essa negação literária histórica do Brasil.  
Era poder de popularizar  
a mágica poética para o mundo  
que estava aprendendo a tocar  
pela primeira vez  
em palavra, sem medo de ler  
o que o peito sempre sonhou escrever.  
Mas adormecia ao ouvir  
intelecto não é para você.  
Ao saber que podia  
fez revolução além da academia,  
pôs a palavra viva à disposição de todos,  
nas mãos, a degustar sem páginas  
o eco sedento por arte da alma.

(Jacquinha Nogueira)

“O tempo educacional é o da descolonização, portanto, tempo de algo como a ‘reeducação’ ou a reinvenção dos sistemas de ensino, com vistas à diversidade simbólica entrevista na dissolução das grandes explicações monoculturalistas do mundo.” (SODRÉ, 2012, p. 15) Há educação na rua promovendo o que algumas instituições escolares se negam a fazer de forma ampla. Popularizar o conhecimento. Mudar a rota. Mexer nas estruturas. Colocar uma nova ótica onde a colonização plantou tudo que era válido e não válido para se



conhecer e produzir neste país. O sarau literário é só uma faceta do que o pensamento decolonial vem tentando subverter diante de séculos de espaços negados.

### 3.1 Os saraus literários periféricos pela ótica decolonial

O pensamento decolonial emerge numa perspectiva epistêmica e pedagógica que visa a intervir socialmente através do ser, do poder e do saber para a emancipação dos povos colonizados. Isso implica a necessidade de que essas ações aconteçam além dos espaços de sistemas educativos, de modo a alcançar as ruas, os movimentos sociais e as comunidades.

Entretanto, é imperioso considerar a importância de construir essa proposta pela pedagogia decolonial, sobretudo em escolas e universidades, onde a práxis aconteça a partir de uma insurgência educativa e propositiva em que haja a criação e a construção de novas condições sociais, políticas, culturais e de pensamento, como afirma Oliveira e Candau (2010).

Segundo Mignolo (2003), o pensamento da decolonialidade “é uma máquina para a descolonização intelectual e, portanto, para a descolonização política e econômica” (p. 76). O autor propõe, a partir da decolonialidade, a geopolítica do conhecimento, em que vozes e saberes, alguns já existentes na sociedade desde o processo de colonização, passam a ser base dessa construção que precisa ocupar os múltiplos lugares de sujeitos para que se promova uma descolonização epistêmica do saber, ao descentralizar e subverter os enraizamentos que foram tecidos pela colonização na sociedade.

“Existir, humanamente, é pronunciar o mundo, é modificá-lo. O mundo pronunciado, por sua vez, se volta problematizado aos sujeitos pronunciantes, a exigir deles novo pronunciar (FREIRE, 1987, p. 44). O projeto político da decolonialidade precisa agir sobre todos os espaços sociais, fazendo acontecer a interculturalidade, para que se desenvolva uma transformação estrutural e sócio-histórica, em que a emancipação dos subalternizados deixe de ser uma proposta e se torne ação. Como afirmou Paulo Freire (1987), “não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão” (p. 44).

Analisando pela perspectiva decolonial, os saraus periféricos vão subverter o pensamento colonizado imposto pela sociedade às minorias e vão começar a romper com a limitação que por séculos se criou sob a imagem da periferia e seu acesso aos bens culturais. Ao sair do lugar de objeto na sociedade e na escrita e se colocar no lugar de ação na construção social, os poetas passam também a assumir a posição de ativistas culturais e conscientizadores por colocarem a cultura a partir de outra ótica dentro da periferia.

### 3.2 Os saraus literários periféricos

Os saraus, que chegaram ao Brasil no século XIX, com a vinda da Família Real, ressurgem fortemente no país com o movimento da literatura periférica, a partir de 2001, com o Sarau da Cooperifa, destoando fortemente das associações que eram feitas a palavra sarau. Ao invés do asfalto, dos grandes clubes, das livrarias, das salas e salões elegantes, da fala marcada pelo local de voz da elite, passa-se a ouvir o eco poético da periferia.

O poeta, Sérgio Vaz, conta essa história:

Esses eventos eram chamados de “salões” – muito provavelmente pelo ambiente que ocupavam. Chegaram como tradição importada da Família Real, em 1808, e imediatamente ganharam terreno no Rio de Janeiro. Era o local onde se reunia a Corte, e onde também deveriam acontecer os encontros para regar o cérebro da aristocracia e dos nativos que sonhavam ganhar um certo ar europeu. São Paulo só entrou no circuito mais tarde, quando perdeu os bares provincianos e seus ricos fazendeiros de café começaram a fazer de tudo para afrancesarem-se. Outros salões menos ricos (ou esnobes), mas sempre elitistas, também apareceram na cidade naquele período. A partir dos anos 1940, a dinâmica da “elite culta” mudou e os ricos saraus foram escasseando. A organização desse tipo de evento mudou de mãos e coube aos intelectuais universitários realizá-los – em bares, porões, praças, teatros, geralmente espaços underground esfumaçados e com convidados com o copo cheio de bebida. As drogas também aumentavam a viagem literária. Sem saber de nada disso, eu e o Pezão, numa fria noite de outubro de 2001, criamos, na senzala moderna chamada periferia, o Sarau da Cooperifa, movimento que anos mais tarde iria se tornar um dos maiores e mais respeitados quilombos culturais deste país. (VAZ, 2006, p. 89)

Assim, o sarau deixou de ser um evento estético da alta sociedade, que se configurava na diversão de intelectuais, poetas e músicos cariocas, e passou a se tornar um evento mais popular. Ao ser ressignificado e surgir para a periferia com características próprias, perante as necessidades culturais com que ela, até então, não havia sido contemplada, outro sentido passou a ser atribuído ao termo sarau, o qual foi construído ao longo da primeira década deste século, ao unir a literatura e outras artes, sobretudo locais.

Na periferia não tem teatro, não tem museu, não tem biblioteca, não tem cinema, não tem nada. Então, fizemos um movimento dos sem-palco. Tem empregados, operários, músicos, office-boys, atores, atrizes, poetas, pintores, advogados, professores, escritores. Tiramos a literatura da casa grande e levamos para a senzala porque o conhecimento tem que ser de acesso de todo mundo. (VAZ, 2013, *online*)<sup>9</sup>

---

<sup>9</sup> Vaz, Sérgio. Da Corte Para o Povo. [04 de abril de 2013] *Revista Brasil Atual*: Caderno 2. Entrevista concedida a Xandra Stefanel. Disponível em: <https://www.redebrasilatual.com.br/revistas/02/da-corte-para-o-povo>. Acesso em: 18/11/2018 às 14hs e 20 min.

A fala de Sérgio Vaz para o site *Rede Brasil Atual* denota a transformação que essa prática cultural visava a oferecer à comunidade local: a aproximação com a arte nas suas diversas configurações, inclusive a produzida na própria periferia que, por limitações de visibilidade, espaço e conhecimento, poucos acessavam.

A reportagem “*Da corte para o Povo*” traduz a idealização dos saraus, uma arte ofertada para o povo, para os que nunca tiveram acesso, de fato, no país, ao que a sociedade elege como arte, já que a arte, no Brasil, sempre foi vista, tratada e cultuada de maneira elitizada a partir do pensamento hegemônico. Contrário à cultura elitista, vê-se surgir um viés da arte pluralista, a magia do sarau: híbrido, acessível, dinâmico, renovado, com formatos e identidades, convidativo à participação nos diversos sentidos da palavra.

A nova roupagem dos saraus aponta para o que Baumam (2013) argumenta: “na hierarquia da cultura, não se pode mais estabelecer prontamente a distinção entre a elite cultural e aqueles que estão abaixo dela a partir dos antigos signos” (p. 7). O sarau modificou o cenário cultural em que a arte era conceituada especificamente por uma classe social que possuía exclusivamente total acesso aos bens culturais.

O termo sarau nunca foi tão popular quanto neste início de século. Entretanto, a expressão marca historicamente um período no qual aconteciam os encontros na sociedade. A palavra, de origem latina, deriva etimologicamente de *serum*, que significa tarde, e está inscrita em diversos gêneros textuais (músicas, romances, cartas, crônicas e memórias) desde o século XIX, na Europa e na América, afirma Tennina (2013).

Segundo ainda a pesquisadora, na época, a palavra fazia referência a luxuosas reuniões de amigos, artistas, políticos e livreiros que se encontravam com certa frequência em casas de pessoas importantes da alta sociedade ou em clubes e livrarias, a fim de tornarem públicas suas criações.

Tennina (2013) revela, em seu artigo *Saraus das periferias de São Paulo: poesia entre tragos, silêncios e aplausos*, que, além da literatura, os antigos saraus tiveram como marca expressiva a dança e a música, mas também chamavam a atenção, nessas reuniões, as obras, as vestimentas dos convidados, as comidas servidas, os modos de recepção. Alguns saraus eram mais prestigiados do que outros.

Assim, nota-se que, além do interesse artístico, estava imbuído o exibicionismo da posição de classe vivido pela sociedade aristocrática e intelectual da época. Tais características vão destoar do novo movimento de saraus que atualmente vive o país. “No começo do século XXI, essa prática, no momento já deslocada pela cultura letrada, é

retomada e ressignificada manifestadamente nas regiões periféricas da cidade de São Paulo.” (TENNINA, 2013, p. 12).

Os saraus literários surgem repaginados, acessíveis, políticos, transgressores e linguisticamente híbridos, provocando a pluralidade das artes, sobretudo da arte literária, que, até então, não era vista como produção da periferia.

A Cooperifa foi o primeiro sarau periférico de grande relevância e inspirou muitos: espaços, geralmente bares, que em certos dias se transformam em territórios contestatórios de expressão literária, onde poetas da periferia – donas de casa, taxistas, operários, bancários, desempregados, professores, mecânicos, estudantes, aposentados, advogados, capoeiristas, educadores, entre outros – apresentam suas obras para um público também periférico, que encontra, no amor pela palavra, fonte de prazer, de dignidade e de luta. (REYES, 2013, p. 25)

Assim, os saraus foram se configurando como territórios contestadores, de expressão literária, que passaram a surgir no início do século XXI, ressignificando, na sociedade, a forma de ler, dizer, escrever, publicar, socializar, vender e aproximar as pessoas da literatura.

“A literatura brasileira é um território contestado”, afirma Dalcastagnè (2012, p. 7), e o ser poeta também, pois, ainda que haja uma pluralidade de vozes poéticas em ascensão na sociedade e elas estejam emergindo de variados espaços sociais, demonstrando a pluralidade da literatura contemporânea, nas páginas grafadas da literatura brasileira ainda há uma homogeneidade no campo literário, a qual tem cor, classe social, cidade e sexo.

Em 2012, após participar do Sarau da Cooperifa, o escritor moçambicano Mia Couto, afirmou: “Impedir a população mais pobre de pensar por si mesmo é uma prática racista. Acredita-se que a periferia pode dar futebolista, cantor, dançarino. Mas, poeta? No sentido que o poeta não produz só uma arte, mas pensamento.”. Sua fala questiona e denuncia o olhar estereotipado e secular que existe sobre periferia quando o assunto é produção literária ou intelectual, práticas que se inserem no que a filósofa e escritora Sueli Carneiro denomina como *epistemicídio*<sup>10</sup>.

---

<sup>10</sup> O termo Epistemicídio é um termo originalmente utilizado por Boaventura de Souza Santos, dentre os estudos acadêmicos e debates culturais, eu tive conhecimento sobre o termo através da pesquisadora Sueli Carneiro. Segundo Sueli, o epistemicídio é, para além da anulação e desqualificação do conhecimento dos povos subjugados, um processo persistente de produção da indigência cultural: pela negação do acesso à educação, sobretudo de qualidade; pela produção da inferiorização intelectual; pelos diferentes mecanismos de deslegitimação do negro como portador e produtor de conhecimento e de rebaixamento de sua capacidade cognitiva pela carência material e (ou) pelo comprometimento da autoestima pelos processos de discriminação correntes no processo educativo (CARNEIRO, 2005, p. 97).

“Os pretos são selvagens, estúpidos, analfabetos. [...] Havia um mito do negro que era preciso, antes de mais nada, demolir.” (FANON, 2008, p.109). Esses estereótipos são disseminados diariamente no país a partir de práticas racistas que, muitas vezes, aparecem como naturais pelo pensar que foi produzido sobre a periferia na sociedade, que a considera, essencialmente, como local de violência, a única face que a “grande mídia” reafirma, dia a dia, nos noticiários.

### 3.2.1 O movimento literário periférico

Escolho destacar essa relação entre literatura e periferia, pois não a concebo como dissociada do surgimento dos saraus literários periféricos. Acredito que essa relação se encontra imbricada na sua formação expansiva, criando a difusão literária que os saraus apresentam ao Brasil neste momento da história.

É possível identificar, na dinâmica dos valores vividos em contextos de pobreza, certas motivações que levem à atividade social da leitura e da escrita. Trata-se de descobrir o leitor-escritor potencial. O que me move pensar o excluído como agente virtual da escrita, quer literária, quer não literária. Como o excluído entra no circuito de uma cultura cuja forma privilegiada é a letra de forma? Rastreado os passos do itinerário (isto é, de um de um desses itinerários), consigo ver melhor a zona de intersecção que se entende entre a situação de classe e a escrita. Nesse horizonte, atos de ler e de escrever podem converter-se em exercícios de educação para a cidadania. (BOSI, 2002, p. 261)

O movimento literário periférico tem buscado subverter essencialmente esse lugar social onde o negro periférico deixe de ser objeto da escrita e apareça como “sujeito da história”<sup>11</sup> (BOSI, 2002), pois, historicamente, ocupar o lugar de protagonista lhe foi negado nas páginas da literatura brasileira. A negação da voz do negro periférico como sujeito da história, na literatura brasileira, demarca todo o espaço de não representatividade construída nessas narrativas literárias e também na sociedade ao longo da história.

Essa invisibilidade literária foi estudada por Dalcastagnè. A pesquisadora afirma, “se negros e pobres apareciam pouco como personagens, como produtores literários eles são quase inexistentes” (2012, p. 148). Seu estudo, *Um mapa de ausências*, revela o grande abismo que há nas páginas da literatura brasileira quando se trata de vozes das margens, sendo

---

<sup>11</sup> Bosi (2002) menciona, em “A escrita e os excluídos”, a relação que há entre a escrita e o excluído social, sob dois pontos de vista: o primeiro sob a abordagem do excluído social ou marginalizado como “objeto da escrita”; e o segundo, do excluído social como sujeito do processo simbólico, posição que ele assume ao ganhar voz com o papel de protagonista, ao narrar a própria história,

esse quadro determinado por grupo um grupo social, editoras, autores e pelo que eles elegem como “grande literatura”. A pesquisadora afirma que:

a literatura é um artefato humano e, como todos os outros, participa de jogos de força dentro da sociedade. Essa invisibilização e esse silenciamento são politicamente relevantes, além de serem uma indicação do caráter excludente de nossa sociedade (e dentro dela, de nosso campo literário). (DALCASTANGÈ, 2012, p. 149)

Foi tendo consciência dessa não neutralidade que há na literatura e dos espaços de jogos de poder que configuram a sociedade que o movimento da literatura periférica vai eclodir por meio dos saraus periféricos, criando um novo espaço de expressividade literária, onde a voz do negro periférico aparece como sujeito da história. São recriados, assim, outros capítulos de representatividade de voz na escrita.

“Quem inventou o barato não separou entre literatura boa/feita com caneta de ouro e literatura ruim/escrita com carvão, a regra é só uma, mostrar as caras. Não somos o retrato, pelo contrário, mudamos o foco e tiramos nós mesmos a nossa foto.” (FERRÉZ, 2005, p. 9). Os escritores da periferia não surgiram a partir do movimento da literatura periférica. Os produtores de literatura, nesses espaços, estavam invisibilizados e silenciados pelo *racismo estrutural*<sup>12</sup>, que também está presente nas editoras brasileiras.

Suas vozes ecoavam no papel e nos poucos espaços que conseguiam ocupar. O que muda agora é a forma de socialização e inscrição social que eles passam a fazer nas páginas da literatura. Como afirma Ferréz (2005, p. 11), “A literatura marginal surge como meio de certificar de que o povo da periferia/favela/gueto tenha a sua colaboração, e não fique mais quinhentos anos jogado no limbo cultural”.

Essa literatura margeante, onde também está escrita a voz do sujeito periférico, foi se configurando como potência literária, emergindo na sociedade através dos saraus literários, que passaram a ser realizados nas periferias paulistanas. Se as grandes editoras, até então, não tinham se interessado por essas vozes, elas foram ecoando ao longo do tempo, de outras formas, nas suas comunidades, dentro de projetos e movimentos sociais.

Hall (2009) argumenta que os desvios do passado nos capacitam a partir da cultura, fazendo com que nós mesmos possamos nos produzir de novo, como novos tipos de sujeitos. Foi dessa forma que os escritores da periferia se projetaram na sociedade,

---

<sup>12</sup> ALMEIDA, Silvio (2018), nos revela a forma que o racismo não constitui apenas um pensamento ou ação de esfera individual, mas estrutural na nossa sociedade.

imprimindo uma identidade que até então não era vista como produto da periferia, a literatura, o ser escritor, um intelectual.

Os saraus passaram a dar voz aos textos e a instigar os autores da comunidade a ler e a produzir mais literatura, pois havia, naqueles espaços criados pela própria periferia, a voz da periferia sendo escutada e representada por ela mesma. Eles ecoavam a voz do escritor vivo, morador daquela comunidade, que se move em palavras, por meio das subjetividades literárias, para trazer os diversos aspectos sociais e humanos, inclusive, os reais vividos por pessoas daquele lugar.

Como afirma Reyes (2013), os saraus, exercendo também uma função política, passam a reivindicar essa outra cultura, invisibilizada e, muitas vezes, criminalizada pela cultura dominante. Neles, esses escritores passam não apenas a se ver refletidos, mas a inserir suas próprias vivências e realidades. Esse novo jeito de se ver e se retratar da periferia vai chamar a atenção da sociedade pelas páginas reais que passam a ser escritas por meio dos saraus e pelo interesse por essas narrativas que começa a surgir mais fortemente na sociedade. O pesquisador também enfatiza que

os saraus funcionam como pontos de politização, em que a palavra não é apenas lúdica, fonte de prazer e de expressão, mas, sobretudo, fonte de articulação e reivindicação. São espaços onde novos sujeitos individuais e coletivos, políticos e sociais – vão se construindo, por meio do diálogo, da troca do conhecimento e, principalmente, da certeza de ser com dignidade, lá onde a dignidade sempre foi negada. (REYES, 2013, p. 274)

Apesar de Reyes (2013) afirmar que a expansão dos saraus literários nas periferias, no país, iniciou-se em São Paulo, a partir da primeira década de 2000, espalhando-se depois para outras cidades do Brasil e possibilitando que várias cenas literárias fossem criadas em diversas regiões a partir dessa atividade cultural oriunda da periferia, outros fatores precisam ser demarcados antes dessa expansão.

Trata-se de uma iniciativa local que se expandiu pelo país, afirmando que a arte é para todos e demonstrando, valorizando e intensificando a arte já produzida na própria periferia. Foi assim que o Sarau da Cooperifa fez um bar se tornar biblioteca e criou um palco aberto ao público para a literatura e para poesia erudita e local, tendo como grande estrela a palavra.

Contudo, é preciso considerar que já aconteciam movimentos nas periferias antes dos saraus, pois, apesar de os indícios de conscientização local e identitária perante o sistema social serem evocados mais fortemente com os saraus, havia ações sendo feitas durante anos,

por meio dos projetos e de movimentos sociais, as quais provavelmente possibilitaram a criação dessa força na cena literária da periferia.

Ao ser interpelado, em uma entrevista, sobre arte na periferia hoje e no passado, Vaz argumenta:

Eu acho que a juventude periférica nunca produziu tanta arte quanto se faz hoje. Quando surgiu o hip-hop no Brasil, no final dos anos 1980, nasceu também uma geração que dizia: "sou da favela, e daí?", "sou negro, e daí?". Começaram a falar de **Zumbi dos Palmares**, de Dandara, Malcolm-X, de ídolos que a gente não encontra nos livros de história, nas matérias escolares. Então, as pessoas da periferia começaram a conhecer esses nomes e acreditar que é possível ver e se inspirar nos seus ídolos, que estão na periferia e que não são seres inatingíveis. A partir daí, os jovens começam a acreditar que podem fazer poesia, música, cinema e teatro. (VAZ, 2018, *on-line*)

Os discursos e as ações presentes na fala de Sérgio Vaz, que, por longas décadas, foram entoados pelos *rappers* em suas letras de músicas ou ações locais em suas comunidades, promoveram um repensar sobre a sociedade e sobre eles próprios, por meio de pensamentos de grandes personalidades de nossa história, que foram excluídos de nossos livros didáticos, de uma resistência que foi ocultada das páginas oficiais, de rostos e nomes que fizeram questão de nos negar a existência.

### 3.2.2 Faces do *hip-hop* na literatura periférica

Nos anos finais do século XX, esses discursos foram se tornando mais fortes e, a partir de 2000, ganharam uma força motriz por meio da literatura.

Não seria responsável ou possível afirmar de forma determinista a extensão da influência dos Racionais MC's na cultura brasileira. Entretanto, há algumas constatações que beiram a unanimidade. É o caso da sua inegável ascendência na gênese de uma certa literatura contemporânea. Pouco depois do surgimento dos Racionais MC's, entre os anos 1990 e 2000, proliferaram, nas periferias paulistanas, saraus de poesia e oficinas de escrita (Salgado, 2015, p. 161) que gestariam outro movimento artístico importante, desta vez para a literatura *stricto sensu*. Sob uma alcunha já utilizada principalmente por poetas durante os anos 1970, a 'literatura marginal' se inspiraria na cultura hip-hop para pautar sua forma de intervenção social pela arte. Autores como Ferréz e Sérgio Vaz passaram a ganhar espaço dentro da "torre de marfim" do mercado editorial brasileiro, fomentando uma produção literária na qual o sujeito subalterno, grande personagem da ficção nacional, passava a se retratar. (MALMACEDA, 2017, p. 5)

Conhecida como o quinto elemento dentro do *hip-hop*, a mensagem do *rapper* ainda continua sendo protagonista, como voz e discurso da periferia para a própria periferia. Eis a associação que é feita, desde o início do movimento da literatura periférica no Brasil,



com o *hip-hop*, pois é desse mesmo lugar que a poesia e a prosa vão se voltar para o seu público, inscrevendo na sociedade a voz do negro periférico dentro da literatura brasileira. Em outras décadas, mesmo não sendo reconhecida como deveria, essa voz já havia marcado as narrativas literárias, com a escritora Carolina Maria de Jesus e vários outros escritores oriundos da periferia, como Solano Trindade e Maria Firmina dos Reis, que compõem essa face histórica ocultada nacionalmente.

Malmaceda (2017) discute, em sua pesquisa, o lugar do *rap* como literatura. A pesquisadora afirma que, apesar de o *rap* não ser considerado pela academia como literatura, ele apresenta um discurso marcadamente literário, baseado na narração de histórias e no hibridismo de formas artísticas. “*Os Racionais MC’s* contam histórias que configuram um apurado tipo de ficção, que busca recursos textuais no ensaio, na crônica e no conto, vantagem do uso da palavra cantada e performada.” (MALMACEDA, 2017, p. 5)

Mesmo sendo uma questão problemática rotular o *rap* como literatura, é inegável sua atuação como voz literária para a periferia, pois, por muitas décadas, ele assumiu o lugar dos livros, que tinham pouca ou quase nenhuma circulação nesse espaço. Por exemplo, foram os versos dos *Racionais MC’s* que ajudaram a expandir a discussão sobre o que é ser negro no Brasil, influenciando e promovendo questionamentos sobre esse tema.

Sérgio Vaz, um dos grandes senão o maior responsável por introduzir uma nova ótica dos saraus no país, afirma:

A Cooperifa é fruto do rap. Vem das posses, de ocupar o lugar simples, que era o bar. Tem a ver também com os griôs, da ancestralidade da fala, da poesia oral. Até porque o rap foi o primeiro grito de independência da periferia, uma coisa que trouxe voz, gritando lá no passado, e a gente se juntou a isso. Por esta razão, acho que os slams e os saraus não só bebem como devem a essa fonte. (VAZ, 2019<sup>13</sup>)

A interligação da literatura periférica com o *hip-hop* também se dá por ser um elemento cultural que deu voz a personagens reais de espaços marginalizados, com discursos de protesto que denunciam um Brasil hierarquizado e autoritário e revelam conflitos diários enfrentados pelas camadas menos privilegiadas da população, a exemplo do massacre policial, dura realidade de morros, favelas e subúrbios, como também a precariedade e a ineficiência dos meios de transporte coletivo, os racismos e os genocídios que são denunciados em seus

---

<sup>13</sup> Excerto retirado do site: <https://catracalivre.com.br/educacao/slams-e-saraus-dessacralizam-literatura-em-feira-do-livro-de-ribeirao/>

versos musicais. Essa mesma configuração denunciativa presente no *rap* há anos é possível encontrar hoje nos diversos versos de poetas que frequentam saraus ou *slams*<sup>14</sup> pelo país.

Os *slams* são batalhas de poesias autorais, escritas previamente ou improvisadas, que duram até três minutos. Nesse tempo o poeta ou a poeta performa seu texto autoral, sem a presença de acompanhamento musical ou qualquer tipo de fantasia. O *slam*, hoje tão popular no Brasil – sendo o mais famoso o *Slam Br*<sup>15</sup>, por reunir anualmente os diversos *slammers* do país –, surgiu em Chicago (EUA) na década de 80 a partir da cultura do *hip-hop*, e é nos anos 2000 que suas primeiras raízes começam a ser criadas no Brasil.

Segundo o jornalista Xico Sá, o movimento de saraus e *slams* atualmente configurado como forte cenário literário do país, relembra o movimento *manguebeat*

Esse movimento todo, que não é só no Rio ou em São Paulo, é muito parecido com o que aconteceu naquele período. O núcleo da Manguebat tinha a classe média do Recife, mas junto ao pessoal de Peixinhos, um bairro pobre quase alagadiço entre Olinda e Recife, que foi muito significativo para a Manguebeat, por meio dessa união. (SÁ, 2019<sup>16</sup>, *on-line*)

Sá acredita que o movimento de saraus e *slams*, espalhado pelo país, possa provocar uma renovação do *hip-hop* no Brasil a partir da fusão de literatura e *rap*. E, por meio deles, possa surgir uma voz de esperança e ação para mudar o cenário de caos em que se encontra o Brasil atualmente.

### 3.2.3 Entrelaces com a literatura periférica – o movimento *Manguebeat*

Buscando essa influência na cena cultural que os saraus provocam, é também durante os anos 90 que o movimento *Manguebeat*, no Recife, em Pernambuco, marca a história da cultura brasileira a partir da contracultura. Denunciando por meio de suas composições os problemas locais do Nordeste e, ao mesmo tempo, de um estado que não pertencia ao eixo sul (São Paulo – Rio de Janeiro).

---

<sup>14</sup> Roberta Estrela D'alva argumenta: “poderíamos definir o poetry slam, ou simplesmente slam, de diversas maneiras: uma competição de poesia falada, um espaço para livre expressão poética, uma ágora onde questões da atualidade são debatidas ou até mesmo mais uma forma de entretenimento”. (2014, p. 109)

<sup>15</sup> SLAM BR é o primeiro *poetry slam* (campeonato de poesia falada) nacional. Acontece anualmente e é organizado pelo Núcleo Bartolomeu de Depoimentos/ZAP! SLAM. Disponível em: [https://www.facebook.com/pg/POETRYSLAMBRASIL/about/?ref=page\\_internal](https://www.facebook.com/pg/POETRYSLAMBRASIL/about/?ref=page_internal)

<sup>16</sup> Fragmento retirado do site: <https://catracalivre.com.br/educacao/slams-e-saraus-dessacralizam-literatura-em-feira-do-livro-de-ribeirao/>

Na página do site do *Estadão* se encontra um especial dedicado aos *20 anos de Manguebeat*<sup>17</sup>, onde Renato Vieira e João Paulo Carvalho analisam historicamente o movimento da contracultura, de sua raiz até a influência e a repercussão que o *Manguebeat* ainda tem no país.

Vieira e Carvalho afirmam que o movimento *Manguebeat* se estabeleceu como um dos grandes acontecimentos da época na música brasileira, quando jovens pernambucanos deram origem ao manifesto *Caranguejos com Cérebro*. Movidos pelo sentimento de mudança, tinham como proposta desorganizar a música brasileira e trazer tendências, misturando-as para, a partir daí, reorganizá-la dando outra faceta. E foi assim que Science e seus companheiros promoveram uma revolução cultural no país que não se via desde a Tropicália, com Gil e Caetano.

O **Movimento Manguebeat** desenvolveu-se em Recife, capital do estado de Pernambuco, a partir de 1991, e consistiu em uma “**cena cultural**”, especialmente de corte musical, que misturava elementos da cultura regional de Pernambuco, como o **maracatu rural**, com a cultura pop, sobretudo o **rock’n’roll e o hip-hop**. O Manguebeat também desenvolveu uma forma própria de exprimir visualmente essa mistura. O uso do chapéu de palha, típico da cultura pernambucana, aliado a acessórios da cultura pop, como óculos escuros, camisas estampadas, tênis e colares coloridos produziu um efeito visual acentuado em seus integrantes. (FERNANDES<sup>18</sup>, 2019, *on-line*)

Utilizando o maracatu como base sonora, acoplada a batidas eletrônicas e influências internacionais, o *Manguebeat* mudou a forma como as pessoas ouviam música, trazendo para as letras a língua do povo, através da *Nação Zumbi* e do *Mundo livre*, do mesmo jeito que elas falavam no bairro.

Contudo, o movimento foi além das inovações. O conceito do *Manguebeat* se propagou tanto quanto a música, que inclusive funcionou mercadologicamente, com o momento econômico que vivia o país com o plano real. A morte do Chico Science, em 1997, deixa no ar os questionamentos e talvez a certeza do que esse movimento poderia estar provocando nos dias de hoje, no Brasil.

Ao mesmo tempo, seu desaparecimento não apaga a força de seus conceitos, o orgulho de seu estado, o olhar direcionado para a cultura e a riqueza local, o tom denunciativo e crítico das letras de músicas que eram a voz do seu povo. Esse povo o percebeu como grande, o cara das ideias bem à frente de seu tempo, que continua ecoando sua voz na

---

<sup>17</sup> Encontra-se disponível em: <https://infograficos.estadao.com.br/especiais/20-anos-manguebeat/>

<sup>18</sup> Informação encontrada no site: <https://www.historiadomundo.com.br/curiosidades/o-que-foi-movimento-manguebeat.htm>

provocação feita há mais de 20 anos em outros grupos musicais, no orgulho nordestino e nas outras caras do Brasil.

Em janeiro de 2018, a poeta pernambucana, Bell Puã venceu o SLAM BR 2017–Campeonato Brasileiro de Poesia Falada –, que acontece em São Paulo anualmente e leva o poeta campeão ou a poeta campeã como representante da voz poética do país para Paris, onde acontece a etapa internacional do *Slam*, que reúne poetas de diversos lugares do mundo que comungam desse movimento poético.

A vitória de Bell Puã representou a força poética nordestina e feminina, marcada durante os intervalos nas batalhas com torcida ecoando: “Nordeste 1, 2, 3”. Os versos – fortes, afrontosos, afiados, característicos do sotaque nordestino, sobre os diversos personagens locais e problemas históricos, sociais e econômicos que assolam nosso país – eram recitados pela poeta com uma maestria que provocava os aplausos calorosos da plateia e da *internet*, através da página do Slam BR<sup>19</sup>, que interagiu nas variadas formas que as redes sociais disponibilizam nas transmissões ao vivo.

É que pra vocês nós é caricatura  
Não importa de onde eu venha,  
Me chamam 'paraíba'  
me respeita, boy!  
Sou da terra de Capiba,  
Mestre Vitalino,  
Paulo Freire,  
Manoel Bandeira,  
brega,  
frevo,  
coco de roda,  
maracatu,  
cultura popular pulsante,  
Lia de Itamaracá,  
Luiz Gonzaga lá do Exu,  
Pernambuco, só dá tu!<sup>20</sup>

(BELL PUÃ)

Uma voz do nordeste, pela primeira vez, venceu o *Slam Br*, através de uma mulher negra e pernambucana, feito quase realizado pela baiana Fabiana Lima, no ano anterior, que foi vice-campeã. Esses dois feitos demonstram os espaços que os saraus e os *slams* vêm possibilitando ao ecoar de outras vozes – não apenas as do eixo sul – primeiramente dentro de ruas, comunidades, cidades, estados e regiões do país, até alcançar o mundo.

---

<sup>19</sup> Informação obtida através do Facebook na página SLAM BR:  
<https://www.facebook.com/POETRYSLAMBRASIL/videos/1760217690948131/>

<sup>20</sup> Excerto reitrado do site: <https://www.revistacontinente.com.br/secoes/curtas/bell-pua>

Os versos de Bell Puã talvez estejam inter cruzados pela identidade nordestina convocada pelo *Manguebeat* no Recife, na década de 90, por essa essência de raiz local que ecoava ponta a ponta do movimento e em cada verso da poeta, ao batalhar no Slam Br. Era possível sentir esse pertencimento, esse conhecer de si, valorizar, amar a cultural local, exaltar os personagens dessa região e, ao ter voz, ecoar a sua identidade nordestina para o mundo.

O nordestino, ao escutar a poesia de Bell Puã, pode se sentir altamente representado do primeiro ao último verso, pois, em sua poesia, há a nossa história ocultada nas páginas oficiais brasileiras, expressa por uma voz feminina, com todas as suas facetas reveladas e com direito a sotaque, pés descalços e tudo...

“A cultura se torna uma prática desconfortável, de sobrevivência e complementaridade – entre a arte e política, o passado e o presente, o público e o privado – na mesma medida em que seu resplandecente é um momento de prazer, esclarecimento ou libertação.” (BHABHA, 2013, p. 281 e 282). Essa representação local provocada pelos saraus ou *slams* corresponde à ressignificação cultural que foi criada nos espaços, por meio da poesia falada, da literatura negra e periférica, que assumiram a voz de sujeito da história, tornando os bares, as praças, as ruas, as varandas, os viadutos, dentre outros locais, os centros culturais do povo, um dentre seus direitos de cidadania negados dentro da história de nosso país.

O marco de voz poética e histórica com Bell Puã demonstra que ações iniciadas nas periferias paulistanas geraram, a partir de uma ação local em um bar, uma movimentação literária que hoje está espalhada por todo o país, possibilitando a emergência de outras expressões literárias que não se restringem à face canônica nem ao eixo sul. Esse movimento de saraus, que se expandiu pelo país desde 2000, “tem inspirado iniciativas similares, com suas particularidades e conforme as tradições locais.” (REYES, 2013, p. 25). Pode-se citar como grande expoente de saraus na Bahia, o Sarau Bem Black.

#### 3.2.4 Sarau Bem Black

O *Sarau Bem Black* é uma extensão do *Coletivo Blackitude*, em que a poesia tem uma temática negra, engajada, divergente, misturada com outras vertentes da arte negra, como a música, o teatro e o cinema. O sarau, que acontecia todas as quartas-feiras, desde setembro de 2009, no Bar Sankofa, na Rua Frei Vicente, nº 7, Pelourinho – tendo como público participantes do movimento negro, intelectuais, artistas e poetas –, vem desde 2014, acontecendo em lugares esporádicos e não mais frequentemente, devido ao fechamento do bar e dificuldades de manutenção do sarau.

Inspirado na iniciativa do Sarau da Cooperifa e do movimento que estava acontecendo nas periferias paulistas, Nelson Maca trouxe para Salvador a ideia de saraus periféricos. Por meio desses afirmou a marca identitária do Sarau Bem Black na difusão e produção de autores negros e estéticas negras africanas e baianas, uma vez que o seu objetivo com o sarau era movido pelo despertar da consciência negra na população negra de Salvador por meio da arte, então, reunia no sarau as diversas facetas da arte negra, incluindo: o hip-hop, rap, reggae e grafite.

Nelson Maca é, poeta, escritor, ativista político do *Coletivo Blackitude* e ex-professor da Universidade Católica do Salvador (UCSAL), organizador do *Sarau Bem Black* e *Slam Lonan*, nascido na cidade de Telêmaco no Paraná, em 1965. Mudou-se para Salvador em 1989, onde fundou o *Coletivo Blackitude: Vozes Negras da Bahia*, o qual já possui mais de uma década de existência, mantendo o vigor do discurso e a ação etnopolítica. Possui uma autonomia estética e compreende e pratica a arte como estratégia de luta contra a discriminação e o racismo que vitimam o povo negro.

Nas performances de Maca, é visível seu entrelaçamento com *hip-hop* e com a religiosidade africana do candomblé, que esteticamente se misturam a seus versos escritos e à vocalização de seus poemas. Um dos grupos que marcou a história do *Sarau Bem Black* é o grupo de rap *Opanijé* (cujo significação é Organização Popular Africana Negros Invertendo o Jogo Excludente).

A interligação da literatura periférica com o *hip-hop* se dá por ser ele um elemento cultural que deu voz a personagens reais de espaços marginalizados, com discursos de protesto, que denunciam um Brasil hierarquizado e autoritário e revelam os conflitos diários enfrentados pelas camadas menos privilegiadas da população, a exemplo do massacre policial, dura realidade de morros, favelas e do subúrbio, e ainda a precariedade e a ineficiência dos meios de transporte coletivo, e os racismos que são denunciados em seus versos musicais.

Nos saraus difundidos pelo país, as duas artes vêm possibilitando, desde no início do século, tanto no *Sarau Bem Black* quanto no *Sarau da Cooperifa*, a transformação do discurso do sarau em um grafite, enquanto ele mesmo acontece, fazendo com que um dos elementos do *hip-hop* se torne mais uma forma de registro de voz desse acontecimento poético, ainda que nem todos os saraus literários adotem esse viés artístico e político.

O *Sarau Bem Black* proporcionou a difusão de saraus literários na Bahia, trazendo aspectos e a inspiração do que estava acontecendo nas periferias paulistas, e foi preponderante para o nascimento de outros saraus, como o *Sarau da Onça*, o *Sarau Bem Legal* (realizado por ele com crianças e adolescentes), o *Sarau Sapeaçu* (na cidade de

Sapeaçu, no Recôncavo Baiano) e a extensão para outros locais na Bahia, além de seu trabalho em sala de aula com os autores negros e da literatura periférica ou marginal e a realização de saraus na UCSAL e em outros espaços em que é convidado.

Há cenas literárias sendo construídas em dezoito estados do Brasil<sup>21</sup> através da popularização da poesia difundida pelos saraus literários periféricos. Tornou-se comum, ao adentrar um ônibus, um bar, uma estação do metrô, passar por um viaduto ou uma praça, ver a poesia vocalizada entre os jovens.

Muitos desses jovens, essencialmente os de origem negra e periférica, possuem pouco contato com a literatura pelas diversas questões sociais, históricas e econômicas que assolam famílias, lugares e políticas públicas no país.

Assistimos, nessas apresentações literárias em público, a uma literatura dessacralizada, ao protagonismo dos sujeitos negros e periféricos, à popularização da poesia promovida pela difusão nacional dos saraus literários no Brasil, o que, inegavelmente, vem se tornando um dos acontecimentos literários mais inquietantes ou importantes no início do século XXI para a literatura.

---

<sup>21</sup> Há 18 estados que são destaques pelas fortes cenas literárias, dos saraus para os *slams*. A lista foi atualizada no SLAM BR 2018: São Paulo (SP), Bahia (BA), Minas Gerais (MG), Rio de Janeiro (RJ), Pernambuco (PE), Mato Grosso (MT), Rio Grande do Sul (RS), Acre (AC), Pará (PA), Paraná (PR), Distrito Federal (DF), Paraíba (PB), Rio Grande do Norte (RN), Sergipe (SE), Ceará (CE), Espírito Santo (ES), Santa Catarina (SC) e Mato Grosso do Sul (MS)

#### 4. SARAUS LITERÁRIOS NA ESCOLA – A INSERÇÃO

##### Tem um livro na estante

Tem um livro na estante  
Tem um livro na estante  
Tem um livro na estante  
Mas ninguém o pegou para ler  
Como pode o rico em palavras  
tão solitário ser?  
Só porque eu me nego  
a chance de ouvir  
tudo que um livro pode me dizer?  
Eu deveria sentar para ouvir,  
mas digo que não tenho paciência para isso.  
É complicado para um leitor  
entender como alguém pode  
desperdiçar o fascínio dos livros  
Não posso deixar  
esse momento passar  
e não querer te reconquistar  
para o mais belo dos voos,  
para uma das mais intensas companhias,  
para uma das infinitas riquezas  
que as palavras são capazes de nos conceder  
Ler é voo!  
Ler é vida!  
Ler é caminhar por diversas portas  
construindo nossas trajetórias  
entre palavras lidas.  
Ter livros  
é ter guias  
para as nossas transgressões em vida.

(Jacquinha Nogueira)

O sarau literário na escola não é uma novidade. Em diferentes décadas, pudemos ouvir falar dessa atividade, além de vivê-la ou presenciá-la dentro do ambiente escolar com os textos de vários clássicos da literatura brasileira e portuguesa, como também com ritmos musicais variados ou de décadas específicas como os anos 60 e 80.

A novidade é o formato que o sarau assume na contemporaneidade, a partir dos saraus periféricos, despertando o interesse de escolas em inseri-lo como proposta pedagógica, a fim de promover o envolvimento dos alunos com a leitura na sala de aula e (ou) no ambiente escolar, bem como o direcionamento para linguagem poética sob a forma oral e escrita, através da literatura contemporânea, ou de uma literatura mais plural.



O sarau periférico abordado dentro do pensamento decolonial, nesta pesquisa, emerge a partir da cultura popular. O que se tem e se produz em âmbito local ganha outras proporções, hibridizando-se com a cultura erudita e com a cultura de massa, promovendo o novo formato que os saraus atingem, onde as culturas estão hibridizadas, não havendo, assim, uma hierarquia cultural. Baumam (2013), ao discutir o conceito de cultura, no livro, *Cultura no Mundo Líquido Moderno*, argumenta que, hoje em dia, as discussões sobre hierarquia cultural não são mais cabíveis a partir dos antigos signos que excluía e definiam, de forma distinta, o que era a “grande arte”.

Esse fator acontece devido às novas formas de articulação cultural. Os saraus periféricos, ou a cultura da periferia, no início do século XXI, pode ser tomada como exemplificação, por unir seus signos culturais locais e identitários e incluir as negações culturais feitas pela sociedade durante séculos. Um dos exemplos é a *Mostra Cultural da Cooperifa*, que está na sua 12ª edição, tendo como um dos organizadores o poeta Sérgio Vaz.

Em tempos remotos, quem imaginaria uma mostra cultural dentro da periferia e da periferia para a própria periferia? A quem pertencia esse signo cultural senão à elite? Essa nova configuração cultural de eventos da periferia para a periferia acaba não se restringindo só a ela, pelas modificações culturais e sociais, de forma híbrida, que passam acontecer na sociedade e alterar o único viés que era visto como de interesse. Segundo o professor pesquisador Pedro Abib:

as novas configurações da cultura e a sua imensa teia de articulações e relações estabelecidas, no âmbito das sociedades contemporâneas, não permitiriam uma classificação tão estanque, visto que o trânsito de influências, arranjos e combinações faz com que os mais variados campos de atuação cultural se interpenetrem o tempo todo e em todas as direções. (ABIB, 2019, p. 5)

Essas novas interpretações dos campos culturais que Abib destaca talvez expliquem a atratividade e a sedução que o sarau acaba promovendo entre os diferentes públicos que passam a frequentá-lo, pois linguagens, culturas e classes se misturam, interpelando as variadas faces culturais que atingem a contemporaneidade.

“A decolonialidade representa uma estratégia que vai além da transformação da descolonização, ou seja, supõe também construção e criação. Sua meta é a reconstrução radical do ser, do poder e do saber.” (OLIVEIRA E CANDAU, 2010, p. 24). Os saraus seriam uma nova forma de intervir no currículo escolar colonizado buscando alternativas para a decolonialidade na educação? Ainda que não constitua um pensamento articulado para essa ação, os saraus periféricos se enquadram dentro de ações do processo que propõe a

decolonialidade educacional, pois ele emerge a partir dos ideais de movimentos sociais, como o movimento negro, que, no Brasil, propõem uma educação distinta da que se insere no currículo colonizado, adequando-as às suas reais necessidades e expectativas. Conforme argumenta Gomes:

A educação tem merecido atenção especial das entidades negras ao longo da sua trajetória. Ela é compreendida pelo movimento negro como um direito paulatinamente conquistado por aqueles que lutam pela democracia, como uma possibilidade a mais de ascensão social, como aposta na produção de conhecimentos que valorizem o diálogo entre os diferentes sujeitos sociais e suas culturas e como espaço de formação de cidadãos que se posicionem contra toda e qualquer forma de discriminação. (GOMES, 2012, p. 735)

O interesse escolar por essa atividade cultural oriunda da periferia promove um debate, no campo acadêmico, porque é uma proposta cultural repaginada pela periferia e fortificada nos espaços da rua, inspirando outras propostas de incentivo à leitura na escola. O que tem levado professores ou o grupo escolar adotarem esta atividade? O envolvimento dos jovens com saraus e slams pelo país? A literatura periférica? Ou a magia dos saraus periféricos?

Os questionamentos se entrelaçam com as propostas que têm surgido, em algumas partes do país, de inserir os saraus periféricos como proposta pedagógica, a partir de poetas e professores poetas, que fazem parte do movimento da literatura periférica e negra, de professores de língua portuguesa ou de outras disciplinas, a exemplo de Rodrigo Ciríaco, Emerson Acalde, Sérgio Vaz, Ademiro Alves, Ni Brisant, Evanilson Alves, Sandro Sussuarana, Thiago Nascimento e eu, Jacqueline Nogueira, além de outros professores que se identifiquem com a proposta.

Para chegar às possíveis respostas desses questionamentos, é preciso, antes, refletir se há um caráter pedagógico nos saraus literários. Mas, ao iniciar a discussão sobre o caráter pedagógico que pode marcar os saraus literários, faz-se necessário pensar que a educação não só acontece na escola, e atividades culturais fora do ambiente escolar podem se tornar importantes aliadas no processo de ensino-aprendizagem, incluindo, nessa perspectiva, a educação a partir dos movimentos sociais, como o movimento negro, o quilombola e o indígena.

#### 4.1 Saraus literários – um convite à leitura no espaço escolar

A educação não acontece apenas em espaços formais. O conhecimento pode e precisa ser partilhado nos diversos espaços da sociedade, e o gosto pela leitura também. Não é

só papel da escola incentivar a leitura. Ainda que ela exerça uma função primordial na formação do leitor, o incentivo à leitura deveria ser um compromisso unificado da sociedade, que exige, cada vez mais, um ser multiletrado.

Brandão (2007) nos convoca a pensar a educação deslocando nosso olhar centralizado na escola para a sociedade, ao afirmar que ninguém escapa da educação, e ela não é expressa apenas por um modelo, logo, não possui um formato único. A educação acontece em outros espaços, fora dos campos educacionais formais, na partilha de saberes e vivências, em que todos ensinamos e aprendemos.

Como bem disse Paulo Freire (1987), “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo.” (p. 68). Mesmo com as diversas modificações que a educação no Brasil sofreu ao longo do tempo, essa práxis libertadora parece ser distante, porque o educador ainda é visto como o detentor do saber nos diferentes espaços educativos em que a voz do aluno pouco aparece.

É por acreditar na educação como prática de liberdade que pesquiso os saraus nesse processo dialógico com a escola, pois neles, fora do ambiente escolar, as pessoas exercem o lugar de protagonismo de suas vozes, de seus gostos, de suas identidades, promovendo diálogos na sociedade por meio de leituras e do contato com manifestações literárias. “O ato de falar não se restringe ao ato de emitir palavras, mas de poder existir.” (RIBEIRO, 2013, p. 66). E a voz dos alunos precisa marcadamente existir dentro da escola, para que eles se vejam, outros se reconheçam e existam.

“A educação libertadora, problematizadora, já não pode ser o ato de depositar, ou de narrar, ou de transferir, ou de transmitir ‘conhecimentos’ e valores aos educandos, meros pacientes, à maneira da educação ‘bancária’, mas um ato cognoscente.” (FREIRE, 1987, p. 68, grifos do autor). É pensando na educação como um processo que permeia os convívios na sociedade, e não como limitação dos setores educacionais, que me proponho a pensar e a discutir os saraus literários periféricos como lugar de educação, os quais, por meio de suas pedagogias, provocam as pessoas a se tornarem leitoras de literatura.

“A escola ensina a ler e a gostar de literatura. Alguns aprendem e tornam-se leitores literários. Entretanto, o que quase todos aprendem é o que devem dizer sobre determinados livros e autores, independentemente de seu verdadeiro gosto pessoal.” (ABREU, p. 19). E, nos saraus literários periféricos, o que se aprende sobre literatura?

Nos saraus literários periféricos, a literatura é apresentada e vivenciada de forma viva e pluralista. Num tempo de até duas horas, temos a vocalização de manifestações literárias, eruditas ou populares. Os textos são escolhidos pelo público que forma o sarau e

podem ser performados de maneira livre, oferecendo-se à plateia uma grande variedade estilística de gêneros literários (poemas, contos, crônicas, cordéis, letras de músicas, entre outros), com leituras através da voz, com a declamação, e do corpo, com a gestualidade da *performance*. Os textos geralmente são autorais, ou de poetas locais e (ou) de escritores fora do eixo canônico, ao contrário do cenário literário, que privilegia muitas vezes o cânone, e não o gosto pessoal do leitor.

#### 4.2 Há um caráter educador nos saraus?

Refletir sobre a existência dos saraus literários implica analisar o deslocamento dessa prática, que se expandiu em diversos locais periféricos do país, adentrando o ambiente escolar, criando outra rota de produção que não seja da escola para fora, mas de fora para dentro da escola, na expectativa de que as instituições, ao adotá-la, reconheçam as práticas culturais como agentes da educação e a vejam como aliada do processo educacional.

Segundo a pesquisadora Josefa Marinho (2018), que discute o caráter educador dos saraus literários, é importante que consideremos os saraus poéticos como espaços sociais onde os excluídos da sociedade têm o protagonismo de suas vozes, mas também

... são espaços que, além de voz, proporcionam o primeiro contato de muitos com o universo da literatura. A maior parte desses saraus traz discussões sociais, debate o cotidiano, a realidade do país e são, portanto, espaços formadores de leitores, autores e cidadãos críticos que pensam o que vivem. (MARINHO, 2018, p. 252)

A formação leitora, no país, vive um constante processo de discussão. Os dados levantados pela pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil*, desenvolvida em março de 2016, pelo instituto Pró-Livro, apontam que 44% da população não possuem o hábito de ler, 30% nunca compraram um livro e que a média de obras lidas por pessoa alcança o número de 4,96, embora, desse total, 2,53 leram os livros em partes e 2,43 leram o livro todo.

Ainda que a formação leitora aconteça durante todo o processo de vida do ser e que ela venha se configurando de múltiplas formas na sociedade atual, o hábito da leitura tem suas iniciações fundamentais no ciclo familiar e escolar de cada pessoa, embora sejam poucos os pais que têm o hábito da leitura em casa, e dados revelam que 30% dos professores se declararam como não leitores. Eis o nosso grande desafio de incentivo à leitura no país.

Não estamos conseguindo formar leitores críticos e preparados para ter as competências que a vida social ou profissional exige. Precisamos investir mais na formação dos professores, ter um olhar diferenciado para as bibliotecas, integrando-

as aos currículos das escolas e, ao mesmo tempo, envolver as famílias para que despertem o hábito nas crianças. (Retratos do Brasil, 2016)

Mesmo com os dados desanimadores, é inegável a incessante busca por uma melhor formação leitora no Brasil. Os variados projetos dentro e fora da escola apontam as tentativas de aumentar o número de leitores, despertando-os para o prazer da leitura.

Os saraus literários periféricos têm sido o grande destaque nacional da atualidade, por expandirem um movimento literário no país, que populariza a poesia e proporciona, a variados grupos de pessoas, o primeiro contato com o universo literário, ou o tem tornando mais próximo a partir da literatura vocalizada.

Em consequência dessa aproximação, os saraus que se configuram nesses espaços, ao priorizarem o incentivo à leitura, fizeram com que os livros fossem se tornando mais acessíveis, seja pela sua disponibilização para leitura, seja pela compra dos próprios autores a preços não exorbitantes. “Os saraus poéticos são excelentes espaços de disseminação de arte, cultura, literatura e propõem, assim, uma educação libertadora” (MARINHO, 2018, p. 260).

O contato com escritores vivos e poemas recitados também aguçam essa sedução e interesse pela literatura, pois muitos passam a conhecer e a admirar esses autores nos saraus e *slams* ou em publicações visuais desses eventos nas redes sociais. A pesquisadora também afirma que

os espaços de encontros literários têm se propagado e é de importância tamanha dizer que esses espaços são ambientes riquíssimos para a disseminação do conhecimento. Não são espaços que formatam pessoas, são espaços que propiciam o debate construtivo, diferente da escola formadora que fomenta ainda mais as diferenças de classes e oferece o conhecimento como se este fosse uma mercadoria. (MARINHO, 2018, p. 253)

A atratividade dos saraus literários promoveu interesse em diferentes setores da sociedade e em escolas, ainda que sejam poucas as discussões sobre essa inserção. O grande interesse por essa atividade cultural se vincula ao fato de ela estar possibilitando uma aproximação literária desejada pela família, pela escola e pelo estado, frente às falhas no incentivo à leitura com a falta de políticas públicas nesse âmbito, na sociedade.

A revista *Na ponta do Lápis*, nº 22, produzida pela equipe de Língua Portuguesa *Escrevendo o Futuro*, publicou a reportagem “A poesia perdeu a pose” de autoria de Luiz Henrique Gurgel. O autor destacou que, “nesses encontros livres de qualquer afetação, é possível ler o que quiser, quando quiser e como quiser” A equipe da revista visitou, em 2013, três saraus em diferentes bairros da cidade de São Paulo e descobriu que

... professores de escolas públicas, de língua portuguesa e de outras disciplinas, que participam dos encontros, levam seus alunos ou realizam o caminho inverso e criam o sarau dentro da escola, transformando-o em estratégia eficiente de trabalho para o estímulo à leitura, à escrita, além de servir de atalho para a literatura. (GURGEL, 2013, *on-line*<sup>22</sup>)

A reportagem reflete, a partir do Sarau da Cooperifa, *Uma roda de poesia no Grajaú, Um por todos e todos por um*, o entrelaçamento que existe de professores com o movimento dos saraus periféricos, por considerarem o sarau um lugar que democratiza a literatura, onde as pessoas têm direito e acesso a projetos de leitura e produção textual, que podem ser fortalecidos na dinâmica de circularidade que o sarau promove, como o lançamento de livros, a partir de produções dos alunos realizadas nas escolas, recitação de seus poemas, além do contato variado com manifestações literárias em outros formatos.

É esse envolvimento da literatura através dos saraus que tem motivado professores a realizarem saraus dentro e fora da escola, inspirados por esse movimento literário que acontece no Brasil. Tanto com as iniciativas da professora Maria Vilani quanto do professor Fabio e do Rodrigo Ciríaco, temos exemplos de como o sarau periférico vem sendo inserido como pedagogia no incentivo à leitura e à escrita.

O projeto de Rodrigo Ciríaco, *Literatura (é) possível*, merece destaque por ser a maior iniciativa do país referente à realização de saraus na escola desde 2006. Definida como um projeto artístico e pedagógico, a proposta interliga diversas linguagens: poesia, música, teatro, fotografia, cinema e outras. A partir dessa proposta, um coletivo poético foi formado e intitulado *Mesquiteiros*, e um selo editorial foi criado o *Um por todos*, cuja função é editar, produzir e divulgar a criação dos integrantes e colaboradores.

Após dez anos da formação do grupo *Mesquiteiros* e a partir de uma reflexão sobre o atual momento do país, com projetos culturais que vêm sendo cortados ou boicotados em suas ações, Ciríaco fez um balanço de atividades do grupo entre 2018 e primeiro semestre de 2019 e publicou no Facebook:

GOSTAM DE BOAS NOTÍCIAS? Vou compartilhar um pouquinho do trabalho da Biqueira Literária e Mesquiteiros nos últimos 18 meses: "Entre os anos de 2018 e 2019 (primeiro semestre), os recursos do fomento à cultura da periferia, 2ª edição, permitiram que a gente realizasse, em 18 meses de projeto: 45 saraus em escolas públicas, 15 saraus na Ocupação Cultural de Ermelino Matarazzo; 15 edições do Slam Rachão Poético com premiação mensal e publicação de Antologia. Fizemos ainda a 4ª edição de nosso Concurso Literário "Pode Pá Que É Nós Que Tá" que, atualmente, é o principal concurso (senão o ÚNICO, em todo o Brasil) a ter uma proposta de publicação e premiação voltada a jovens e adolescentes, entre 12 e 17

---

<sup>22</sup> Disponível em: <https://www.escrevendoofuturo.org.br/conteudo/biblioteca/nossas-publicacoes/revista/artigos/artigo/369/a-poesia-perdeu-a-pose>

anos, estudantes de escolas públicas, e que recebeu quase 700 inscrições apenas da cidade de São Paulo. Isso sem contar os mais de 60 encontros semanais, 180 horas de grupo de estudos literários e performances poéticas que garantiu formação permanente e continuada a um grupo de 20 jovens e adolescentes, entre 12 e 19 anos, em sua quase totalidade de meninas, com direito à bolsa de estudos literários mensal, no valor de R\$ 100,00 – fazendo nestes 15 meses de trabalho uma transferência de renda a estudantes da periferia na ordem total de R\$ 30.000,00 (trinta mil reais). O público impactado por nossas ações atingiu quase 10.000 pessoas, diretamente. Eu sei, tá difícil. Mas bôra falar também das coisas que tão dando certo? Como diz o poeta Sergio Vaz: "reclamar como sempre, agir como nunca". Isso é Biqueira Literária. Isso é Mesquiteiros. Na luta, seguimos. (CÍRIACO, 2019, *on-line*<sup>23</sup>)

Ler uma postagem dessa magnitude, em tempos tão difíceis para ser professor e artista, é se inspirar e acreditar no poder da arte a partir da literatura, na educação em outras arestas que são políticas e educadoras tanto para a formação do leitor quanto do cidadão. Essa foi uma iniciativa que surgiu dentro da sala de aula, ao se olhar, de forma pedagógica, o que acontecia na rua, no bar, nos viadutos, em outros espaços poucos prováveis, para a sociedade, como lugar de difusão da educação.

Há educação no Sarau, há educação fora da escola. Há educações fora do sistema de ensino escolar. E estas novas formas de conhecimento devem ser consideradas, pensadas, compartilhadas; percebendo-se que estas fazem parte de uma totalidade, mas que têm suas particularidades e podem sim, serem vivenciadas sem a presença de um conhecimento hegemônico. (MARINHO, 2018, p. 260)

Esse olhar transgressor para os saraus tem movido os projetos e ações nas escolas do país sejam elas públicas ou particulares, quando o assunto é incentivo à leitura. Essas iniciativas, que ganham diversos nomes, como Café Literário, Sarau Cultural, Roda de Conversa com o autor, Bate-papo Literário, Café com Letras e outros, vêm inserido, em sua programação, a literatura não hegemônica, os autores não canônicos e vivos, trazendo, assim, outras possibilidades de diálogos para o estudo, conhecimento e contato com outras manifestações literárias no ambiente escolar. Esse contato busca entreter e aproximar os alunos das diversas linguagens do universo literário, provocando-os a se tornarem leitores de literatura.

---

<sup>23</sup> Publicação feita na rede social facebook em 05 de agosto de 2019. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=10214778801638769&set=a.3920083595677&type=3&theater>

### 4.3 Deslocamentos literários – o trânsito entre saraus e escolas

Entoando os versos “*Povo lindo, povo inteligente*”<sup>24</sup>, com o público crescente a cada edição, chegando ao maior número de 500 pessoas, o Sarau da Cooperifa inspirou a iniciativa de saraus pelo país e possibilitou a eclosão de uma efervescência literária no Brasil, neste início de século.

Com um público regular de 200 pessoas, o Sarau da Cooperifa reúne, às terças-feiras<sup>25</sup>, pessoas diversas, rompendo o espaço centro e periferia. Dentre as pessoas presentes, estão importantes personalidades locais que fazem parte da identidade do sarau ao longo desses 18 anos de atividade cultural, a exemplo de Rose Dórea (Musa da Cooperifa que, a partir do sarau, resolveu voltar a estudar e a sonhar com a entrada na Universidade para o curso de Direito) e Dona Edite (poeta com deficiência visual que, com ajuda da neta, passou a registrar e a decorar seus versos, socializando-os em cada edição do sarau).

Como afirma Sérgio Vaz (2006, p. 13): “Muita gente que nunca havia lido um livro, nunca tinha assistido a uma peça de teatro, ou que nunca tinha feito um poema, a partir desse instante, começou a se interessar por arte e cultura”. Mais do que uma atividade cultural, os saraus oferecem outros olhares de mundo para as pessoas e, na periferia, ele chegou como ampliador de horizontes para o que a arte oferece.

“O Sarau da Cooperifa sempre teve como filosofia o incentivo à leitura e à criação poética, e sempre foi um projeto de cidadania através da literatura. Quer dizer, essa ideia foi se formando ao longo dos dias, através de resultados que foram aparecendo” (VAZ, 2006, p. 166). Os resultados significativos aos quais o poeta se refere são as pessoas lendo por conta dos saraus, sem obrigação da leitura, e sim por curiosidade, na busca de conhecer mais um pouco a partir do convite feito pelas palavras e aceito pelo público.

A periferia nunca esteve tão violenta, pelas manhãs é comum ver, nos ônibus, homens e mulheres segurando armas de até quatrocentas páginas. Jovens traficando contos; adultos, romances. Os mais desesperados cheirando crônicas sem parar. Outro dia um cara enrolou um soneto bem na frente da minha filha. Dei-lhe um acróstico bem forte na cara. Ficou com a rima quebrada por uma semana. (VAZ, 2006, p. 117)

No livro, *A Cooperifa*, o poeta conta a importância da revista *Caros Amigos*, que, muitas vezes, cedeu livros e revistas para distribuição gratuita no sarau, pois uma das preocupações do poeta era que, além de terem contato com o livro naquele espaço, as pessoas

---

<sup>24</sup> Bordão chamada do Sarau da Cooperifa, a cada início ou referência ao Sarau.

<sup>25</sup> Anteriormente, acontecia às quartas.



também pudessem ter um livro em casa. E foi por meio dessa posse sedutora – possuir um livro e descobrir outros mundos nas palavras ou o seu próprio – que “hoje muitos deles estão lendo os próprios livros”. (Vaz, 2006, p. 167)

Um dos nossos maiores orgulhos não é a formação de novos poetas e escritores, mas a formação de novos leitores escritores. Gente que se apegue ao livro pelo prazer da leitura e ao fortalecimento do senso crítico, não como um meio de vida. E através desse conhecimento adquirir coragem e humildade para voltar à escola, ou ingressar nas universidades, como muitos fizeram na Cooperifa. (VAZ, 2006, p. 168)

Repaginado pela periferia, o sarau contemporâneo provocou uma revolução que se expressa nos frequentes olhares sobre a comunidade e na disseminação de suas mensagens no boca a boca, nas famílias, nos jornais, nos sites e na internet, por meio das redes sociais, rompendo as fronteiras que poderiam existir com o desconhecimento de um movimento literário vindo da periferia. “Nova virada do século XX para XXI, a nova cultura da periferia se impõe como um dos movimentos culturais de ponta no país, com feição própria, uma indisfarçável dicção proativa e um claro projeto de transformação social.” (HOLLANDA, 2006, p.7).

A expansão dos saraus nas periferias paulistanas e sua forma de comunicação, que envolve a literatura vocalizada e o público, fizeram com que a literatura periférica atuasse de forma viva e significativa também dentro das escolas, seja pela ação de professores que levavam os textos e livros dessa literatura das margens, ou pelo convite aos próprios poetas para falarem de leitura, literatura, realizarem oficinas de poesia ou oralizarem seus textos e sua vida nesses espaços.

Completando quase duas décadas de atividades literárias, os saraus têm influenciado e feito modificações na cena leitora do país, por meio da poesia vocalizada nos diversos espaços em que acontece. Essas novas formas de aproximar os jovens da literatura periférica têm interessado às escolas, pois foi possível verificar, em publicações, em notícias e em registros dos saraus em diferentes partes do país, a visita de algumas escolas a saraus, fora do horário comum de aula, mas também a inserção de saraus nas escolas.

Que atividade literária é essa, oriunda da rua, que atrai o interesse escolar? O que há de diferente no sarau da periferia? O Sarau da Cooperifa e o dos Mesquiteiros foram os primeiros entrelaçadores dessa história nos diferentes âmbitos.

O projeto, *Sarau da Cooperifa nas escolas* surgiu a partir da idealização de formação de um público para o sarau que atingisse os mais variados setores da cultura de forma geral, buscou-se, portanto, realizar o sarau em escolas públicas da região, pois o horário

do sarau impedia os alunos de frequentarem essa atividade cultural. Em entrevista Sérgio Vaz afirmou:

Queremos, humildemente, dar a nossa contribuição às escolas onde estudam nossos filhos, estar de alguma forma próximos aos educadores que lutam bravamente, apesar de tudo e de alguns, para que a educação não seja apenas uma fábrica de diplomas, mas um reduto onde se forma cidadão e cidadãs que transformam o país. (VAZ, 2011, on-line<sup>26</sup>)

A proposta acontecia de quinze em quinze dias, sempre às terças-feiras, nas escolas que aderiram à proposta de ter mais do que um recital, mas o sarau da Cooperifa na escola. Era a atividade cultural da rua adentrando um espaço que privilegia a literatura.

Assim como houve o projeto de deslocamento dos saraus para as escolas, elas também sentiram necessidade de viver o sarau. “A Cooperifa foi ocupada, literalmente, pelos alunos e professores das EMEF Geny Pussinelli e EMEF M’Boi Mirim II. E os alunos não vieram só para assistir: vieram para ler poesia também. Coisa mais linda de ver.” (Vaz, 2013, on-line<sup>27</sup>) Esse diálogo dos saraus com a escola e da escola com os saraus inspirou também outras iniciativas pelo país, fazendo com que a mesma cena cultural dialógica passasse a acontecer nos diferentes espaços onde já existiam os saraus periféricos.

Entretanto, antes da presença das escolas nos saraus ou dos saraus nas escolas, essa relação foi construída com a inserção dos textos da literatura periférica e negra na sala de aula e a presença desses autores no ambiente escolar como escritores convidados.

A pesquisadora, Mei Hua Soares, que estudou a inserção da literatura marginal na escola, afirma:

As leituras dos textos marginal-periféricos em sala de aula propiciaram um conjunto de apontamentos, reflexões, debates e embates, enfim, uma ação crítica durante e após a leitura literária. Pôde-se verificar que determinadas obras despertam em grande parte dos alunos uma projeção – ou identificação. O ato individual de fruição torna-se uma experiência coletiva com a formação de uma “comunidade leitora” que se identifica com determinados textos. (SOARES, 2008, p. 114)

Com a proximidade dos textos, essa identificação do aluno perante as subjetividades que apresentam o acervo da literatura periférica denota a quebra de barreiras que passou a acontecer diante da leitura literária, pela forma como a literatura passou a ser

---

<sup>26</sup> Informação obtida através do BLOG Colecionador de Pedras, disponível em:  
<https://coleccionadordepedras1.blogspot.com/2011/03/sarau-da-cooperifa-nas-escolas.html>  
[http://coleccionadordepedras1.blogspot.com/2010/06/sarau-da-cooperifa-nas-escolas\\_26.html](http://coleccionadordepedras1.blogspot.com/2010/06/sarau-da-cooperifa-nas-escolas_26.html)

<sup>27</sup> Informação retirada do site: <http://spressosp.com.br/2013/05/02/sergio-vaz-sarau-da-cooperifa-escola-noite-magica/>

vista, trabalhada ou apresentada, com textos que, muitas vezes, foram criados no próprio ambiente escolar. A literatura comumente trabalhada na escola tende a privilegiar o cânone, impondo uma leitura obrigatória, às vezes sem dinâmicas para despertar o interesse por esse tipo de literatura, que também é importante para a formação do sujeito leitor e crítico na escola, mas não é a única.

Outro fator preponderante é a presença do escritor vivo no ambiente escolar, que passa a proliferar mais fortemente no país com os poetas da periferia. Quando os poetas periféricos adentram uma escola para falar, eles burlam a academicidade que há no acontecimento ou no fato de um escritor ir à escola ou à universidade.

Os poetas chegam nesses espaços com a mesma performatividade que criam através dos saraus, para recitar suas poesias, para falar de si, da vida ou de literatura. Trazem consigo uma pedagogia própria dos saraus criados nos espaços em que interage com o público. E os textos, alguns são pensados e ensaiados, outros surgem durante a atividade, pois, mesmo havendo um esboço da apresentação, nunca se sabe o que pode acontecer em um sarau onde cada *performance*, ainda que use o mesmo texto, é única.

**Oficina de poesia (setembro/2009)** – O que é poesia? O menino me perguntou. – Poesia é a forma diferente de olhar as coisas, respondi. Perguntei, segurando um copo d'água na mão: – O que tem nas minhas mãos? – Água, todos responderam. Perguntei de novo: O que tem nas minhas mãos? – Água. Perguntei mais uma vez, só que, dessa vez, alguém lá no fundo disse: – Mar. Do outro lado, alguém disse: – Chuva. – Enchente. – Lágrimas. – Vida. – Suor. – Refrigerante. – Suco. – Banho. Etc., etc., etc. Aí, eu disse: – Pera lá, mas agora há pouco não era só um copo de água? – Hahahaha ... E todos nós rimos como se a dor não existisse. E a água da poesia quase afogou meus olhos. O coração já tinha transbordado há muito tempo. (Vaz, 2011, p. 161 e 162)

A crônica de Sérgio Vaz, *Oficina de Poesia*, reflete uma das formas de interação que o poeta realiza quando é convidado a ir à escola. Não vemos um poeta no seu mundo particular ditando o que são as coisas na sua visão, mas partilhando e construindo, na prática, sua forma de ver o mundo.

Assim como Vaz tentou demonstrar o que era poesia, de forma acessível, leve e dinâmica, para a compreensão daqueles alunos, levando-os a pensar junto com ele, do mesmo modo ocorre a abordagem de outros assuntos, sempre envolvendo o público na construção, como nas declamações. Em algumas delas, os poetas utilizam metodologias de participação, criando uma situação de aproximação dos alunos com o poeta e com as palavras, apresentando outras formas de sentir a poesia, ao tornar-se parte dela.

Sérgio Vaz possui também o projeto *Poesia contra a violência*, através do qual ele circula nas escolas, dando palestras, recitando poesia, batendo um papo com os alunos.

Para o poeta, “quem lê enxerga melhor” (Vaz, 2011, p. 167), e sua presença nas escolas pretende despertar esse olhar dos alunos para a leitura de forma que ela passe a ser parte de seu dia a dia. O autor, no texto “Quem lê enxerga melhor”, também faz uma crítica às formas de incentivo à leitura no país e nas escolas:

Nunca vi uma campanha de incentivo à leitura que realmente desse vontade de ler, parece que quem faz essas campanhas não gosta de ler. É. São bem elaboradas e tal, mas para quem já gosta de ler.

Elas sempre falam da importância dos livros na vida das pessoas e de como eles são sagrados. Acho que deviam justamente fazer o contrário e falar de como as pessoas são importantes na vida do livro, e de como as pessoas são sagradas, e que ler não tem nada a ver com cultura, e sim com saúde pública: quem lê enxerga melhor. (VAZ, 2011, p. 167)

Para falar dessa relação de aproximação entre literatura e pessoas, o poeta dessacraliza a literatura tirando-a do pedestal de culta e sagrada e nos leva a pensar em outras formas de visualizá-la. Vaz argumenta, “aqui no Sarau da Cooperifa as pessoas chegaram ao livro através da oralidade, os poetas fazem a gentileza de recitar uma poesia ou ler um conto e a comunidade faz a gentileza de ouvir.” (VAZ, 2011, p. 168)

Foi essa nova forma de apresentar a literatura às pessoas que chamou a atenção de professores nas periferias, e os poetas da periferia passaram a circular em escolas, criando um novo caminho de inserção literária: a presença do autor vivo em *performance*, falando de sua biografia, recitando seus textos, contando o seu amor pela leitura e literatura, vendendo e autografando seus livros, provocando, nos alunos, uma inquietação da leitura e da escrita literária para além da sala de aula.

“Se essa literatura periférica consegue atrair dezenas de pessoas de forma artística e prazerosa, em pleno horário nobre da televisão brasileira, por que não levá-la também à escola?”<sup>28</sup> Foi com essa inquietação que o professor de história e escritor, Rodrigo Ciríaco, inseriu a literatura periférica em sala de aula, utilizando-a como forma de apoio em suas aulas, na aprendizagem dos alunos, levando livros do seu acervo pessoal e organizando saraus com os estudantes.

“Eu levanto a bandeira dos saraus nas escolas como processo educativo e artístico, prática importante para a formação de um estudante, pois o ajuda a desenvolver habilidades de leitura-escrita crítica”<sup>29</sup>, afirma Ciríaco. A fala de Ciríaco constitui, atualmente, a voz de vários professores-poetas e escritores de diferentes regiões do país (é

---

<sup>28</sup> Em entrevista concedida para o Blog *De olho na Educação* do Estadão em 07 de novembro de 2017, para Denise Crescêncio. Disponível em: <https://educacao.estadao.com.br/blogs/educacao-e-etc/literatura-marginal-e-usada-no-processo-de-aprendizagem/>

<sup>29</sup> <https://educacao.estadao.com.br/blogs/educacao-e-etc/literatura-marginal-e-usada-no-processo-de-aprendizagem/>

importante salientar esse forte acontecimento na Bahia), que vêm aplicando a ideia dos saraus nas escolas como forma de desentrupe na construção do leitor crítico e da vivência literária nesses espaços.

A iniciativa de levar os saraus para a escola se deu após Ciríaco passar a frequentar e ser parte do movimento literatura periférica através do Sarau da Cooperifa em 2005, fundando, anos mais tarde, a partir dos desdobramentos dessa prática cultural, a qual passou a acontecer em 2006 em uma escola pública do Estado na periferia de São Paulo, o *Sarau dos Mesquiteiros*.

Fundado em 2009, foi o primeiro sarau realizado dentro de uma escola pública, composto principalmente por jovens e adolescentes, com foco na literatura marginal e tendo como modelo os saraus das periferias. Como desdobramento do trabalho, várias ações paralelas são realizadas regularmente: oficinas semanais de prosa e poesia, encontros literários, publicações de livros, concursos literários e bolsas de estudos para jovens e adolescentes. (CIRÍACO<sup>30</sup>, 2019, *on-line*)

Tanto a inserção dessa literatura quanto a realização dos saraus ganharam visibilidade por meios dos registros publicados nas redes sociais, fazendo com que seus seguidores – entre eles poetas, agitadores culturais e professores – se interessassem pela ação interventiva. Foi conhecendo essas propostas nas redes sociais que inseri os saraus na sala de aula, pois Rodrigo Ciríaco e Sérgio Vaz, assim como outros poetas não-professores, mas atuantes na realização de saraus em espaços educativos, foram fundamentais inspirações para minha realização de saraus nos formatos periféricos em sala de aula entre 2012 e 2013.

Segundo Ribeiro (2017, p. 28) “a linguagem, a depender da forma como é utilizada, pode ser uma barreira ao entendimento e criar mais espaços de poder em vez de compartilhamento, além de ser um – entre tantos outros – impeditivo para uma educação transgressora”. As linguagens literárias trabalhadas nas escolas às vezes exercem esse impeditivo, ao promover uma barreira de entendimento no processo de leitura. Os saraus, em outros espaços, vêm demonstrando a quebra dessa barreira por vezes vivenciada no ambiente escolar, pelas formas como a literatura é apresentada, trabalhada e cobrada nas salas de aula.

A ação dos poetas e dos saraus nas escolas despertou a face pedagógica dessa atividade cultural, fazendo com que a *Revista Escola*, em 23 de julho de 2010, com o título *Como organizar um sarau*, inserisse como proposta pedagógica para as escolas a ação que Ciríaco vinha desenvolvendo, onde lecionava, com o Sarau dos Mesquiteiros.

---

<sup>30</sup> Fragmento disponível em: [http://mesquiteiros.blogspot.com/2012/06/sarau-dos-mesquiteiros-cultura\\_23.html](http://mesquiteiros.blogspot.com/2012/06/sarau-dos-mesquiteiros-cultura_23.html)

As publicações nas redes sociais, a visibilidade através da *Revista Escola* e as ações literárias do SESC a partir do Arte da Palavra, que fazem autores circularem pelos diversos espaços culturais, foram importantes construtoras dessa nova proposta pedagógica que vem se disseminando em algumas partes do país como incentivo à leitura e à formação do sujeito-leitor crítico.

O projeto ARTE DA PALAVRA – REDE SESC DE LEITURAS é um circuito atuante em todas as regiões do país que estimula a formação de leitores e a divulgação de novos autores, além de valorizar obras e escritores brasileiros e as novas formas de produção e fruição literária. Com um circuito de autores e outro de apresentações que privilegiam a oralidade, pretende-se que diversas possibilidades de manifestações literárias sejam contempladas. Como ação de complemento formativo, é oferecido também um circuito voltado para a reflexão e criação literária. Em curadoria coletiva, realizada por especialistas do Sesc de todo o país, são selecionados os artistas que participam do projeto. (SESC, 2019, *on-line*<sup>31</sup>)

O SESC tornou-se o grande aliado dessa proposta quando convidou o escritor Rodrigo Ciríaco para desenvolver o curso “Pedagogia dos Saraus” a ser destinado ao público de professores, bibliotecários, pessoas que trabalhem em salas de leitura ou em programas de incentivo à leitura. Mas também quando tem inserido, na sua grade artística, essencialmente no circuito de oralidades, a presença de muitos poetas que fazem parte dos movimentos de *saraus* e *slam* nas diferentes regiões do país.

Além do momento de bate-papo com o autor que o Sesc oferece – em que alunos também são convidados a participar e têm acesso aos livros dos autores –, existe o momento de esses escritores irem à escola para promover atividades de leitura, oficinas de escrita criativa ou um *sarau*.

No ano passado, tive o prazer de vivenciar essa experiência com o SESC, ao ser mediadora da mesa com as escritoras Claudia Lins e Stella Maris Rezende, em Santo Antônio de Jesus, tanto na atividade no próprio SESC como em uma escola pública da cidade. E de ser poeta convidada, juntamente com Sandro Sussuarana, para o II Festival de Música e Poesia de Itaparica – FITA, em 2018, pelo SESC, em que tivemos a oportunidade de falar de nossas experiências poéticas, nossa trajetória com os *saraus* (eu com o *Sarau Sapeaçu* e Sandro com o *Sarau da Onça*) e recitar nossos poemas, aos quais os alunos tiveram um contato prévio antes, pois foram disponibilizados exemplares do livro e livreto para as bibliotecas das escolas na cidade de Itaparica.

---

<sup>31</sup> Informação retirada do site ARTE DA PALAVRA, disponível em: <http://www.sesc.com.br/portal/site/ArtedaPalavra/home>

Seja pela proposta de Rodrigo Ciríaco, com a Pedagogia dos Saraus, e (ou) pela atratividade dos saraus periféricos, seja pelas ações de professores que conhecem os saraus e *slams* ou pela presença de professores poetas nas escolas, outra possibilidade de explorar, despertar e criar a literatura no ambiente escolar vem sendo testada e realizada em diferentes partes do país.

Além dos projetos de Rodrigo Ciríaco e Sérgio Vaz, há os projetos de Emerson Alcalde (*Slam* interescolar<sup>32</sup>), Sacolinha (Sarau Literatura Nossa nas escolas) em São Paulo, e, na Bahia, *Ni Brisant* (Saraus nas escolas em Acajutiba<sup>33</sup>), temos Evanilson Alves e Sandro Sussuarana (poetas do *Sarau da Onça*, que circulam com o Projeto Escola Politizada com Poesia de Quebrada), os poetas que formam *O Sarau Além das Sete Praças* (remanescentes do MPP – Movimento Poetas na Praça – circulam por escolas públicas e particulares de Salvador<sup>34</sup>), o meu projeto *A poesia vive*, cuja atividade principal é constituída pelos saraus literários em sala de aula, e vários outros projetos de professores e escolas, que podem não ser intitulados como sarau ou *slam*, mas, de alguma forma, contemplam a literatura periférica e negra, a declamação, a produção autoral dos alunos e autores locais.

Como Ferreira (2001) afirma, o ato de ler evolui, pois o leitor se transforma com o tempo. Assim, podemos pensar no leitor que hoje se configura a partir das exigências sociais como um ser multiletrado, o qual tem contato com os diversos tipos de leituras que também precisam aparecer no ambiente escolar.

No trajeto de ida e volta da escola em um ônibus, ao passar pela praça, pela estação do metrô, na frente das bibliotecas públicas e em outros espaços, os alunos se deparam com recitações orais ou fazem parte delas, devido à cena literária que se formou no país com o movimento dos saraus literários periféricos. Por isso, reflito: como esse outro tipo

---

<sup>32</sup> Emerson Alcalde, um dos fundadores do *Slam da Guilhermina*, segundo Poetry Slam do Brasil, ganhou o campeonato nacional em 2013, e teve a oportunidade de disputar o mundial na França no ano seguinte. Lá conheceu o “slam interescolar”. Encantado com a ideia, quando retornou para o Brasil, decidiu trazer o projeto para cá. Ele trabalhava num CEU, Centro Educacional Unificado, na Zona Leste de São Paulo, onde iniciou oficinas de poesias e sugeriu um “slam inter-salas” (Garcia, Carolina Lopes. *O slam nas escolas: Para além da manifestação urbana*. Disponível em: <https://falauniversidades.com.br/slam-nas-escolas-manifestacao-urbana/>)

<sup>33</sup> “Gente artista e não artista, querem colaborar com a criação dum circuito de livros em minha terra natal? Um dos sonhos mais antigos (e distantes) sempre foi construir uma cena literária, que valorizasse a oralidade, na região rural de Acajutiba. Agora vai. Faz mais de 13 anos que puxo saraus e bate papos pelas escolas públicas dali. Cada história bonita, vixi! O plano é botar o bloco nas escolas, nos terreiros... Na tora. Toda ajuda será bem-vinda!” Disponível em: <http://nibrisant.blogspot.com/2018/06/trovoar.html>

<sup>34</sup> RECITAL POÉTICO-DIDÁTICO... OU AULA-ESPETÁCULO... no tradicional Colégio Antônio Vieira. Cidade do Salvador da Bahia. Manhã e tarde do dia 28 de agosto. Um passeio pela poesia brasileira (do Barroco ao Moderno) com direito a homenagear o Movimento Poetas na Praça. Douglas de Almeida, Tiago Oliveira, Marcos Peralta (incorporando Castro Alves) e Semírames Sé. (Almeida, Douglas de. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=2483044048441621&set=a.235056643240384&type=3&theater>)

de leitura não ser incluído na escola? Essencialmente pela atratividade que a atividade cultural provoca nos jovens, aproximando-os da literatura.

Os saraus literários nas escolas não estão se configurando apenas como outros caminhos para despertar o gosto pela leitura literária, mas para viver a literatura de forma viva, com a popularização da poesia, o que constitui uma transformação dos dias, dentro e fora da escola, em atos de cidadania.

Trata-se de transgredir o espaço da literatura na sala de aula, contra o não acesso dos alunos a bibliotecas, a não vivência de bienais e feiras literárias, a falta de contato real com os livros dentro e fora sala de aula, propiciando o despertar prazeroso para as palavras, no olhar, na boca, no papel, nos muros, nas sonoridades alheias e próprias, nos ocultos da alma. Essa transgressão é vista com os saraus literários periféricos, e a dimensão literária que a existência desses saraus provoca, em cada espaço, revoluciona a forma de viver a literatura.

#### 4.3.1 Plataforma de Letramento – *Experimente realizar um sarau com a turma*

Na explanação a seguir, descrevo uma proposta publicada em um *site* educativo para a inserção do sarau em sala de aula. Utilizo esse exemplo para demonstrar uma das alternativas que algumas escolas vêm adotando ao trazer o sarau como proposta pedagógica, ou inspirando-se para promover esta atividade cultural em sala de aula e (ou) na escola, ainda que não reproduza na íntegra, como lhe é sugerido, a composição do sarau.

No site *Plataforma do Letramento*, na categoria acervo existe o tópico *Experimente realizar um sarau com a turma*<sup>35</sup>. A proposta é apresentada da seguinte forma:

Você já reparou que muitas crianças, adolescentes, jovens e adultos gostam de recitar poemas, tirar versos e fazer brincadeiras de rimas? Esse gosto tem sido pouco explorado em virtude de outras ofertas de entretenimento e atividades variadas que ocupam grande parte do tempo de nossas crianças e jovens, bem como por causa das exigências do currículo escolar. No entanto, recentemente, os saraus literários voltaram a florescer em diversos espaços por todo o país. Com essa inspiração e aproveitando o gosto pela brincadeira com palavras e rimas, que tal organizar um sarau com sua turma? (2019, *on-line*)

No excerto, é possível compreender como a proposta se articula através do interesse percebido no âmbito de fora para dentro da escola, tendo como influência o florescer poético que provocou a periferia no país neste início de século e como a sociedade vem tendo

---

<sup>35</sup> Disponível em: <http://www.plataformadoletramento.org.br/acervo-experimente/605/realizar-um-sarau-com-a-turma.html>



contato com essa linguagem poética. O direcionamento da proposta é para que esse professor realize a atividade em sala de aula. Dessa forma, percebe-se a visão pedagógica que a Plataforma de Letramento possui sobre a atividade cultural de um sarau literário, não só ao apresentá-lo como proposta, bem como por oferecer um modelo para a construção de uma sequência didática.

Como justificativa, a plataforma argumenta:

Este Experimente propõe uma sequência de atividades em que os alunos selecionam poemas e se preparam para apresentá-los em um evento público, organizado por eles. Ao oferecer aos jovens a oportunidade de se debruçar sobre o texto poético, estamos também lhes dando a chance de se aproximar de um gênero ligado à sensibilidade do escritor e do leitor, que comunica não só pelas palavras, mas pela sonoridade e pelas imagens construídas, estimulando a leitura como ação que desperta o imaginário e a criação.

Existem poemas milenares que atravessaram as fronteiras de tempo e espaço, passando de boca em boca, até chegar aos nossos dias. Um exemplo bem conhecido é o "Cântico dos cânticos", atribuído a Salomão. Essa obra, considerada o mais famoso poema de amor da humanidade, está no Antigo Testamento e inspira poetas, músicos e outros artistas até hoje. Atualmente, temos um vasto acervo poético, dos mais variados estilos, tanto para adultos como para crianças, que agrada diferentes gostos literários.

Para além das atividades de analisar a forma do poema e levantar as características desse texto (estrofes, versos regulares, uso de metáforas e, com certa frequência, uso de rimas), a proposta é experimentar o sabor de se deixar levar pelo texto poético, comentar, deliciar-se e escolher os que mais agradam a cada um. Essa é também uma possibilidade de se descobrir como leitor, entrando em contato com poemas de diferentes épocas e estilos, de forma livre e prazerosa. (PLATAFORMA DE LETRAMENTO, *on-line*)

A forma livre, o prazer com o texto, a afetividade com o que lê e o que e como apresentar vêm se configurando como uma busca incessante de escolas e professores para que os alunos exponham sua voz dentro da sala de aula. Essa abertura para que o aluno possa escolher o texto comunga da ideia expandida dos saraus periféricos de formar leitores e oportunizar a vivência da literatura nas suas variadas esferas, ampliando seu desenvolvimento cognitivo, linguístico, literário e comportamental.

A atividade, cujo público-alvo é constituído por alunos do ensino fundamental e ensino médio, tem como objetivos:

- Desenvolver a sensibilidade e o gosto pela leitura de poemas.
- Conhecer um repertório de poemas por meio da leitura feita pelo professor e por si mesmo.
- Identificar, nos textos lidos, os jogos de palavras, as rimas, as repetições que marcam os ritmos, as intenções do autor, a beleza da linguagem.
- Conhecer alguns poetas, de estilos variados, e saber um pouco sobre sua vida, trajetória e principais obras.
- Reconhecer o sarau como um tipo de evento cultural.

- Participar ativamente da organização e realização de um sarau.
- Declamar poemas com ritmo e entonação adequados ao texto, ao público e à situação de comunicação.

(PLATAFORMA DE LETRAMENTO, *on-line*)

Para o desenvolvimento da proposta o *site* recomenda, como material, o uso de livros, *sites* de poesias, vídeos e áudios de pessoas experientes declamando poemas. E, como sugestão de encaminhamento, na *apresentação da proposta* sugere-se que o professor leia ou declame poemas para a turma, dialogue sobre e os poemas lidos e busque o conhecimento que esses alunos possuem sobre outros poemas.

A partir dessa apresentação proposta para *a realização de um sarau*, na plataforma, eles fazem a indicação de o evento ser aberto para o público da escola ou da comunidade. Assim, propõe que alunos pesquisem como é um sarau, como ele se organiza, pesquisem poemas de sua preferência, tragam para sala de aula e socializem com a turma.

Como prosseguimento, há a *ampliação de repertório*, quando o professor necessita levar poemas de diferentes estilos literários e autores variados. Entrariam nessa sequência os livros poéticos de autores canônicos e não canônicos, sites de poesias com as novas manifestações literárias no mundo digital, vídeos que podem contemplar saraus ou pessoas que declamam na internet e a presença de poetas locais ou pessoas da comunidade que declamem poesias. Essas duas últimas etapas são frisadas, na proposta, como um enriquecimento para a turma.

Entre os locais sugeridos estão a biblioteca ou a sala de leitura da escola, a biblioteca municipal ou o centro cultural mais próximo e o agendamento com as pessoas responsáveis por esses locais. Fala-se também da importância de estimular os alunos a lerem e (ou) declamarem os poemas selecionados por eles, saber o porquê daquele poema, quem é o autor, fazer comparação com outros estilos conhecidos pela turma.

Como estratégia, recomenda-se que, após as leituras, o professor ou professora ressalte os aspectos do texto: estilo, a beleza de uma expressão, os efeitos sonoros criados na construção do poema ou na declamação, a regularidade da métrica nos variados poemas, a musicalidade gerada pela repetição de sons, os diferentes sentidos e climas criados com a repetição de palavras ou versos, os recursos linguísticos como metáforas e comparações, e ainda a expressividade do poema nos mais variados sentimentos, inclusive nas suas contradições.

A etapa seguinte é a *seleção do repertório*. A plataforma sinaliza que as audições, ou seja, a socialização da leitura desses poemas irá contribuir para que o aluno encontre seu estilo, tema e autor preferidos, e, a partir daí, poderá escolher o que irá apresentar no sarau. Recomenda-se que o aluno escolha se quer apresentá-lo lendo em voz alta, com o papel, se quer memorizá-lo ou declamá-lo individual ou coletivamente com o uso da dramaticidade.

Para essa etapa, a proposta salienta a importância de o professor oferecer estratégias de memorização, podendo essa prática ser feita em sala de aula, onde se pode declamar ou ler o poema inteiro em dias consecutivos, declamar e pedir que repitam, verso por verso, declamar coletivamente à medida que os alunos vão aprendendo os versos, ouvir declamação de poetas ao vivo ou em áudio, solicitar que um aluno leia o poema em voz alta e a turma repita cada trecho, entre outras.

Após esse encaminhamento, vêm os *ensaios*. Nessa parte, é ressaltada a timidez que alguns alunos podem ter para apresentações em público. Para o sucesso da apresentação, a plataforma sugere ensaiar com a classe e comentar a atuação dos alunos na hora da leitura ou declamação do poema, dando dicas de aperfeiçoamento, pouco a pouco, até que eles conquistem a segurança necessária para se apresentarem no sarau.

A outra sugestão é combinar com a turma dias da semana em que dois ou três alunos recitem um poema para os demais. Caso ocorra ser o mesmo poema, não há problemas, pois o importante é que assumam o lugar correspondente ao que ocuparão no dia do sarau. Recomenda-se que os colegas também participem ativamente da construção para a apresentação do colega, indicando como ele pode melhorar ou ressaltando os aspectos bons. Há ainda a sugestão de apresentação de duplas ou de pequenos grupos.

Como recursos da apresentação, o *site* sugere instrumentos musicais para marcar o ritmo, imagens estáticas ou em movimento, que possam enriquecer a apresentação do poema. Caso desejem utilizar esses recursos, a apresentação precisa ser bem ensaiada, para não haver comprometimento da apresentação. Se houver alunos que tocam instrumentos musicais ou cantam, é importante estimular a apresentação de seus talentos no acompanhamento da leitura ou declamação dos colegas. Ressaltam-se ainda modalidades artísticas, como esquetes teatrais, desenhos, pinturas, esculturas que tenham sido elaboradas pelos estudantes para enriquecer o sarau.

A *preparação* ou organização do evento deve ser feita em grupo, por toda a turma. O local e o horário têm de ser definidos, bem como a confecção de convites, as formas de divulgação e o envio com antecedência, para o público-alvo, além da definição dos recursos que serão utilizados nas apresentações. Há ainda o teste dos equipamentos, como o

microfone, para não haver atritos na voz durante a apresentação, a preparação do espaço, a decoração do local, os poemas ilustrados pelos alunos ou obras artísticas, dentre outras providências necessárias. Sugere-se que o ambiente deve ter o fundo do palco neutro, para não desviar a atenção do público daquele que está se apresentando, e o ambiente deve ser aconchegante e agradável para os convidados e artistas.

Por fim, há a avaliação. A plataforma sugere que o professor combine um dia com a turma para avaliar o evento e que oriente a cada aluno a focalizar a própria atuação, pois, segundo eles, aparecem os aspectos mais positivos que favorecem o fortalecimento da autoestima e da confiança do grupo e do professor. O professor pode, nessa avaliação, apontar, cautelosamente, alguns pontos frágeis do evento como um todo, e não individuais, e destacar o conhecimento construído ao longo de toda a preparação do sarau e que pode ser aprimorado nos próximos eventos. Ao final, a plataforma de letramento coloca o tópico poesia na rede e disponibiliza algumas obras de autores como Carlos Drummond de Andrade, Fernando Pessoa, Manoel de Barros, Sérgio Vaz, Múcio Góes, Roseana Murray, e um vídeo “Como organizar um sarau”, da revista *Nova Escola*.

Analisando a proposta, da Plataforma de Letramento para professores, percebe-se a influência dos saraus periféricos, pela apresentação inicial do texto, pela indicação do vídeo da revista *Nova escola* que traz como inspiração o trabalho de Rodrigo Ciríaco, que foi uma grande influência para a composição da proposta. O texto ainda destaca a expansão dos novos saraus pelo país e oferece, durante todo o trabalho, um largo espaço de voz para a inserção do aluno em toda a atividade, desde a sua elaboração sequencial em sala de aula até a finalização como um evento.

A partir dessa explanação, também é possível compreender o formato educativo da proposta, desde o campo do conhecimento da prática, perpassando pela pesquisa, percorrendo os campos linguísticos e literários dos poemas, experimentando as práticas orais e interpretativas dos poemas e a criação de uma *performance* – que não aparece com esse nome no texto, mas apresenta suas características – a cada composição apresentada, sendo um trabalho mediado pelo professor, mas amplamente realizado pelos alunos.

Para quem conhece o trabalho de Rodrigo Ciríaco ou de saraus no ambiente escolar, é impossível não associá-lo, em alguns aspectos, à proposta pedagógica que é oferecida como experimentação pela Plataforma de Letramento, e, ao mesmo tempo, indagar como as outras propostas de saraus têm surgido e como têm sido apresentadas e (ou) realizadas no ambiente escolar.

## 5. SARAUS LITERÁRIOS – A INSERÇÃO EM ESCOLAS DO RECÔNCAVO BAIANO

POESIA À VISTA, VISTA-SE!  
POESIA À VISTA, VISTA-SE!  
POESIA À VISTA, VISTA-SE!

A poesia convoca  
para mais um momento poético,  
um momento além da varanda,  
um encontro consigo mesmo.  
Vista-se, desvista-se do medo,  
do acanhamento ao falar.  
Permita-se ser revestido de poesia.

POESIA À VISTA, VISTA-SE!  
POESIA À VISTA, VISTA-SE!  
POESIA À VISTA, VISTA-SE!

(Poema de abertura do Sarau Sapeaçu,  
Jacquinha Nogueira)

A pesquisa aqui se direciona para o interior do estado da Bahia, para o Recôncavo Baiano, onde as ações literárias têm se apresentado cada vez mais vivas e entrelaçadas com a proposta do sarau periférico. E escolas têm feito a inserção dos saraus na proposta pedagógica escolar, como prática ou como culminância de eventos, a partir de projetos de leitura realizados anualmente ou durante a unidade, em sala de aula.

A proposta tem se fortalecido e se inspirado em manifestações literárias que vêm ocorrendo fortemente entre Salvador e o Recôncavo, dentre as quais estão a FLICA – Festa Literária Internacional de Cachoeira, que acontece desde 2011, e a FLIPELÔ – Festa Literária Internacional do Pelourinho, que acontece desde 2017. Escolas, tanto de Salvador como do Recôncavo, têm utilizado esses eventos como roteiro de vivências literárias e contato com autores.

Por muito tempo, acompanhamos feiras, festas ou bienais literárias nas grandes capitais do país. Desde a FLICA, o cenário literário tem provocado o Recôncavo, fazendo surgir outras festas literárias. Em 2019, Recôncavo Baiano ganhou mais três festas literárias: a FLISE – Festa Literária de Santo Estevão, a FESLAM – Festa Literária de Amargosa, e a Festa Literária de Muritiba.

Essa celebração poética é algo efervescente neste início de século, e houve um *boom* no surgimento de festas literárias no ano de 2019. Acredito que a popularização da poesia e da literatura nas plataformas digitais tenha aguçado essa atração pela leitura, pela literatura e pelo contato físico e visual com autores. Ao mesmo tempo, tem despertado a

curiosidade sobre algumas questões. Essas manifestações literárias estão provocando o aumento do número de leitores? As escolas, ao visitarem essas iniciativas literárias regionais, promovem outro tipo de incentivo à leitura? Quando o fazem? E qual a proposta pedagógica?

Minha experiência com o acompanhamento das festas literárias, desde 2014, tem me proporcionado verificar um gradativo interesse de escolas em algumas cidades do Recôncavo Baiano pelos saraus literários e a utilização de textos e autores de saraus e *slams* do país, bem como o convite a poetas locais para fazer parte das culminâncias de projetos da escola, incluindo, o estudo de textos ou livros desses autores ou releituras e produções autorais dos alunos.

Antes de apresentar as duas propostas escolhidas para a pesquisa, a fim de descrever as ações desses saraus e investigar a formação de leitores através deles, faz-se necessário conhecer um pouco sobre a literatura no Recôncavo Baiano e suas manifestações literárias em diferentes cidades.

### 5.1 Um *flash* na literatura do Recôncavo Baiano

#### **Saudação ao Recôncavo Baiano**

Em torno da Baía de Todos os Santos,  
mora o meu Recôncavo,  
o meu interior,  
o meu canto secreto  
que se liga à capital, Salvador.  
Salve meu Recôncavo Baiano  
e sua afetividade!  
Terra de gente de alma rica, expansiva,  
que esbanja sabedoria na culturalidade.  
O Recôncavo ainda é um  
doce lugar para morar.  
E quando precisamos ir embora,  
ecoamos saudades.  
Pena que muitos filhos  
ainda precisam sair daqui,  
pelas escassas oportunidades.  
A violência é outra faceta  
que já não podemos dizer:  
aqui não cabe.  
Mas, mesmo com a violência urbana  
e com as outras semelhanças  
que têm diminuído a diferença entre  
isso é da capital,  
isso é do interior,  
não podemos nos esquecer de nossas identidades  
de tudo que abarca o Recôncavo com amor.  
Que nossas histórias tão subtraídas  
dos livros e ecoadas anonimamente  
possam ser escritas e reescritas  
nomeadamente por nós.

Em torno da Baía de Todos os Santos  
mora o meu Recôncavo,  
o meu interior,  
o meu canto secreto,  
que se liga à capital, Salvador.  
Salve os escritores dessa terra  
e as histórias, tão fortes, ricas e belas  
que o mundo precisa escutar!  
Salve essas vozes que ainda hão de ecoar!

(Jacquinha Nogueira)

Ao utilizar a expressão “literatura no Recôncavo Baiano”, ou ao digitar essa busca no Google, os resultados restringem-se à FLICA – Festa Literária Internacional de Cachoeira, que acontece desde 2011, na cidade de Cachoeira (BA). Ao me deparar com esses resultados majoritários sobre a festa literária e ao tentar me recordar de nomes de autores do Recôncavo Baiano, conhecidos durante minha infância e adolescência, percebi o quanto nossa história não está escrita e quantos autores e autoras permanecem na face oculta, no anonimato.

Mesmo que saibamos da fortaleza da cultura oral na nossa história, essa lacuna literária sugere o porquê de nossa memória não alcançar rapidamente nomes de escritores representativos de nosso Recôncavo ou de nossa cidade. Emerge, também, a percepção do que a literatura representa socialmente, pois iremos nos referir a pessoas que contavam histórias, que escreviam cartas, poemas, compositores, cordelistas, hinos de escolas ou da cidade e outros gêneros literários, mas raramente iremos pronunciar o nome dessas pessoas como escritores.

Atualmente, com as redes sociais, outras páginas estão podendo ser escritas ou socializadas quando se trata de cultura e literatura no Recôncavo Baiano. As manifestações antigas e mantidas até hoje pelas diversas cidades que abarcam esse território têm sido mais divulgadas e acessíveis a pessoas próximas e distantes, oferecendo outras formas de conhecê-las ou vivenciá-las.

No que concerne à literatura no Recôncavo, ela sempre foi muito expressiva. O que não acompanhou essa expressividade foi a socialização maciça de seus autores. Quantas histórias orais foram perpassadas ao longo de gerações, mas permaneceram desconhecidas pela forma como foram espalhadas, ocultando-se nome de seus autores. Essa negação da autoria deixa resquícios até hoje, e a produção artística fica restrita apenas como sabedoria popular, como se esta não pertencesse a alguém.

Quantos nomes de autores e autoras vêm facilmente à sua mente quando falamos de literatura no Recôncavo Baiano? Castro Alves? Damário da Cruz? (foi considerado cidadão de Cachoeira) Caetano Veloso? Quem mais? E as autoras? Jacinta Passos? Essa

lacuna, além de todas as questões editoriais que envolvem o universo literário, denota apagamento, o desconhecimento de nossa história e de nossa literatura produzida aqui durante séculos.

## 5.2. Festival de declamação de poemas de Antonio de Castro Alves

Dentre as atividades literárias do Recôncavo, está o *Festival de Declamação de Poemas de Antônio de Castro Alves*, já em sua 18ª edição, que acontece sempre no mês de março, em Cabaceiras do Paraguaçu e surgiu com o intuito de homenagear o poeta Castro Alves e também de incentivar a expressividade poética dos jovens a partir dos seus sentimentos. O festival atrai participantes de diversas regiões e variadas idades, tendo como idealizadora a Diretoria de Museus do Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia (DIMUS/IPAC). No mesmo período e durante o evento, também acontece o *Festival Infantil de Declamação do Poeta Castro Alves*, que está na 5ª edição.

## 5.3 Caruru dos 7 poetas

Outra manifestação cultural de destaque no Recôncavo é o *Caruru dos 7 poetas*, que acontece em praça pública, no Largo D’Ajuda, na cidade de Cachoeira (BA). O evento, que chegou à sua 13ª edição em 2018, é organizado pelo poeta João Vanderlei de Moraes Filho e tem como parceira a Casa de Barro (que é administrada por ele), o Grupo Cultural Raízes do Ébano, Gegê nagô, Coletivo Novos Cachoeiranos e Secretaria Municipal de Cultura e Turismo de Cachoeira. Conta com apoio financeiro do Fundo da Cultura Bahia, Secretaria de Cultura, Secretaria da Fazenda e Governo do Estado da Bahia.

O recital, com sabor de dendê, que se inspira na religiosidade afro-brasileira, também marca o nosso sincretismo religioso, por fazer referências aos santos católicos Cosme e Damião. Estrutura-se na apresentação de versos em sete rodadas de poesia, unindo literatura e religiosidade baiana, mas também sempre homenageando um poeta. Na 13ª edição, a homenagem foi feita ao grande poeta baiano José Carlos Limeira.

O “Caruru” faz uma analogia à tradição religiosa de matriz africana e, em cada edição convida 7 poetas para ecoar seus versos, promovendo uma celebração literária que poetiza toda a cidade durante um dia. Há, nesse evento, exposição e comercialização de livros, através de autores e editoras baianas independentes, *performances* artísticas em praça



pública, desde o convite, que é feito pelas ruas da cidade em versos recitados por alguns poetas durante o dia, convidando a população para o recital à noite, com comida baiana.

Na 12ª edição, o “Caruru dos 7 poetas” compôs a mesa de encerramento da FLICA em 2017, demonstrando a importância da manifestação cultural literária para o Recôncavo, na cidade de Cachoeira, que já se tornou tradição. Entretanto, percebe-se, nos convites a esses poetas, a presença maior de autores de Salvador do que do Recôncavo, não ampliando, assim, o conhecimento e a visibilidade de poetas locais.

#### 5.4 Revista *Reflexos de Universos*

A revista *Reflexos de Universos* foi criada em 1 de setembro de 1976. Inicialmente, era do gênero jornal literário, denominado, *Reflexos de um Universo Turvo*. O jornal foi criado pelos alunos Nelson de Magalhães Filho, Wellington Sá e Luís Carvalho Mendes, com revisão de texto de Gláucia Guerra, do Colégio Alberto Torre (CEAT), em Cruz das Almas (BA).

Essa geração de autores da década de 70, no Recôncavo, marca a criação de alternativas para que as vozes que estavam à margem do mercado editorial fossem registradas, e, ao mesmo tempo, difundir a voz poética e política do Recôncavo no período ditatorial que vivia o país.

A história da revista resguarda a memória literária cruzalmense e também registra, até os dias atuais, o nome de vários autores do Recôncavo que se tornaram colaboradores da revista, mesclando variadas linguagens e estéticas literárias. Entre eles, podemos citar: Hermes Peixoto, Graça Sena, Lita Passos, Ana Carol Cruz, Wesley Correia, Rita de Queiroz, Érica Azevedo, Adna Couto, Jacquinha Nogueira, Isaias Peixoto, Steve Melo, Josy Santos, entre outros. A revista é publicada além do formato *e-book* e impresso, *on-line*, e é disponibilizada na página do Facebook de nome homônimo ao da revista.

#### 5.5 Academia de Letras do Recôncavo Baiano

A Academia de Letras do Recôncavo Baiano (ALER) surgiu em 10 de novembro de 1998, na cidade de Santo Antônio de Jesus (BA). O surgimento da academia se deu após várias reuniões entre os meses de julho, agosto e novembro do mesmo ano. Inicialmente, pretendiam denominá-la como *Academia de Letras e Artes do Recôncavo*. Entretanto, a inserção da palavra artes abrangeria outros campos artísticos e fugiria da proposta de um

espaço predominantemente literário. Em 27 de março de 1999, foi aprovada por unanimidade, entre os literatos, a sede em Nazaré, no centenário prédio da Sociedade Filarmônica Erato Nazarena.

Apesar de, desde seu surgimento, a Academia realizar alguns eventos em cidades do Recôncavo Baiano – mesas literárias, debates, homenagens, eventos solenes e a composição das cadeiras por outros literatos da região –, o conhecimento e a visibilidade desse cânone, nas cidades do Recôncavo, ainda não são notórios, mesmo após 21 anos do seu surgimento.

Na reportagem *Você conhece a ALER?* – criada por mim, Evelin Bonfim e Vanderléia Macena em uma disciplina na graduação em Letras na UNEB, em 2012 –, constatamos quão desconhecida era a ALER no Recôncavo. Na reportagem, enfatizamos o fato de as universidades do Recôncavo não explorarem, em suas aulas, a existência desses literatos e divulgarem os eventos literários.

O fator que nos levou a escolher a ALER para produzir uma reportagem, na disciplina que pretendia explorar a criação dos gêneros literários, simulando a montagem de uma revista, era o conhecimento que passamos a ter da existência da ALER, pela sua participação no Encontro de Estudantes Baianos de Letras (EBEL), realizado, em 2011, na UNEB de Santo Antônio de Jesus. Alguns literatos da academia foram convidados a participar, e a disciplina de Literatura Baiana, com a professora Ana Carolina Cruz de Souza, nos apresentou não só a existência, mas o texto desses literatos.

A existência de uma Academia de Letras no Recôncavo Baiano contribui historicamente para o fortalecimento da cultura letrada do e no Recôncavo. Entretanto, sua composição deixa à margem muitos outros escritores, essencialmente os que estão fora do sistema editorial. E as formas restritas de divulgação, que acontecem apenas por meio de uma revista literária, não atuam, de forma incisiva, para a quebra do desconhecimento de muitos escritores e escritoras dessa região. Pesquisando sobre a ALER, notei sua não participação em nenhuma das edições da Flica, que é nosso maior evento literário do Recôncavo e de destaque Nacional. Se essas lacunas estão nas universidades, mais profundamente elas estão nas escolas.

## 5.6 Saraus literários no Recôncavo Baiano

Antes de falar especificamente sobre os saraus literários no Recôncavo Baiano, é necessário demarcar também que o *Sarau Bem Black*, que é o berço literário das iniciativas de

saraus em formatos periféricos em Salvador foi um grande provocador para o surgimento da atividade cultural também no Recôncavo Baiano. Entre as suas grandes contribuições literárias tem-se como exemplificação o surgimento do Sarau Sapeaçu.

### 5.6.1 Sarau Sapeaçu

O Sarau Sapeaçu<sup>36</sup>, que acontece na cidade de Sapeaçu desde junho de 2014, é considerado um dos primeiros saraus com formato periférico implantado no Recôncavo Baiano. A atividade literária e cultural surgiu da junção de experimentações de saraus literários iniciadas por mim em sala de aula entre 2012 (como estagiária em uma escola pública em Santo Antônio de Jesus) e 2013 (como professora de linguagens no programa Mais Educação, em uma escola pública em Sapeaçu), mas também através de uma provocação do poeta Nelson Maca para fundar um sarau em Sapeaçu.

A proposta, inicialmente bastante desafiadora, feita no início de 2014, quando Nelson Maca toma conhecimento de meu trabalho em sala de aula com os saraus e a literatura periférica, ganha força dois dias depois, após eu sofrer um assalto quando me deslocava, junto com a escritora Hildália Fernandes, para chegar ao *Sarau Bem Black* (organizado por Nelson Maca) em Salvador. Ao saber do acontecido pelas redes sociais, Nelson Maca reforçou a proposta e se disponibilizou a fazer uma oficina com poetas de Sapeaçu e Recôncavo, mas também de levar o *Sarau Bem Black* como modelo para Sapeaçu. Levei uns dias para criar coragem diante do susto vivido, mas aceitei o desafio, o que foi uma das melhores escolhas de minha vida.

Em 10 de Fevereiro de 2014, publiquei no *Facebook*<sup>37</sup> uma mensagem convocando pessoas interessadas em arte para entrarem em contato comigo pelo bate-papo e conhecerem a proposta. A postagem no *Facebook* pretendia ampliar o conhecimento sobre artistas locais e da região, mas também abrir espaço para pessoas que sempre tiveram vontade de aprimorar ou expor suas habilidades artísticas. Assim, essa postagem tinha o intuito não só de trazer o sarau para Sapeaçu, mas de expandir a proposta para outras cidades vizinhas e possibilitar que esses artistas da região tivessem essa formação a partir da oficina e experimentação do *Sarau Bem Black*.

---

<sup>36</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/596558273772332/>

<sup>37</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/jacquinhanoqueira/posts/596242000467590>

Além da postagem, criei um grupo no *Facebook* – *Saraus no Recôncavo*<sup>38</sup> – e foi fixada uma proposta de expansão. No momento inicial, surgiram muitos interessados de Santo Antônio de Jesus, Conceição do Almeida, São Felipe, São Miguel das Matas, Cruz das Almas, que ficaram superanimados com a proposta.

Entretanto, na oficina e no *Sarau Bem Black*, participaram apenas poetas e pessoas interessadas na proposta de Sapeaçu, São Felipe e São Miguel das Matas. *O Sarau Bem Black em Sapeaçu*<sup>39</sup> ocorreu no auditório do Colégio Jonival Lucas, no dia 23 de março de 2014, e trouxe outra perspectiva cultural de resgate artístico local para a cidade e a região. Isaias Peixoto, que, além poeta, é artista plástico, nunca havia exposto algumas de suas artes em Sapeaçu, mas já tinha feito a exposição em várias outras cidades do Recôncavo, e o sarau foi a oportunidade expor e divulgar sua arte na cidade.

O *Sarau Bem Black*, em Sapeaçu, aconteceu no seu formato original (poetas, grafiteiro, fotógrafo, atriz, professora, e jovens poetas), mesclado com a voz do Recôncavo, através de seus escritores locais (Jacquinha Nogueira, Isaiás Peixoto, Steve Melo, Carlos Copioba e Edeulzite Ramos).

Poucas pessoas, na cidade e no Recôncavo, tinham ideia do que era um sarau periférico e sua forma cultural de articulação. Algumas pessoas associavam o termo sarau marcado aos grandes eventos desenvolvidos nas capitais, como Rio de Janeiro e em São Paulo, em séculos passados. Na época, falei sobre isso na abertura do sarau aqui na cidade e escrevi um texto como descrição do álbum das fotos do *Sarau Bem Black* em Sapeaçu.



Figura 1 – 1ª edição do Sarau Sapeaçu. Na imagem, a poeta Jacquinha Nogueira e os poetas Isaiás Peixoto e Cristiano Silva.  
Foto: Alex Silva

<sup>38</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/596558273772332/>

<sup>39</sup> Disponível em: [https://www.facebook.com/jacquinhanogueira/media\\_set?set=a.618462138245576&type=3](https://www.facebook.com/jacquinhanogueira/media_set?set=a.618462138245576&type=3)

Foi com a perspectiva de ecoar vozes locais e incentivar a leitura poética e a arte que, no dia 08 de junho de 2014, nasceu o *Sarau Sapeaçu*, na varanda de minha casa, através de uma iniciativa minha e dos poetas sapeaçueses Isaías Peixoto, Steve Melo, Cristiano Silva, o fotógrafo Alex Silva, com a participação especial e colaborativa do poeta soteropolitano Adalmir Chabi, integrante do grupo *Tática Prática de Poesia*.

Além do anúncio do nascimento do sarau, passava ali a ecoar um convite poético por meio do bordão *Poesia à vista, Vista-se!* O bordão, criado nas reuniões anteriores ao nascimento do *Sarau Sapeaçu*, foi escolhido para ser o nosso chamado às pessoas, no sarau, a se vestirem de poesia, para além daquele momento. Vestir-se de arte e com ela viver, como estávamos escolhendo fazer quando passamos a nos reconhecer como escritores, amantes das palavras. Criamos, assim, outra perspectiva cultural e leitora para a cidade e a região.

Nosso compromisso estava firmado com a poesia e, a partir dos versos, seguíamos convocando várias outras pessoas a experimentarem a vivência literária de um sarau. Assim, desde junho de 2014, o *Sarau Sapeaçu* passou a espalhar poesia nos mais diversos ambientes do Recôncavo, formando, assim, edições oficiais do sarau e edições especiais. Atualmente, o *Sarau* completa 23 edições oficiais, com público variado, na região de Sapeaçu, São Felipe, Conceição do Almeida, Santo Antonio de Jesus, Mutuípe, São Miguel das Matas, Salvador, Muritiba, Mangabeira e Cachoeira. Com um ciclo de artistas, tem se apresentado e socializado, inicialmente, no espaço que era da varanda, e, atualmente, em praça pública.

A partir do sarau, surgiram outras iniciativas locais na região como o *Sarau Ôplas* e o *Movimento Ôplas*, em Conceição do Almeida, e o fortalecimento do projeto *A poesia vive* e da proposta de saraus, declamações e autores dentro das escolas e na universidade.

#### 5.6.2 Saraus literários na escola: duas histórias diferentes no Recôncavo Baiano

No Recôncavo Baiano, a ideia de saraus e saraus nas escolas se entrelaçam, pois alguns deles foram gerados a partir desses ciclos acadêmicos. Em uma busca no Google, por saraus no Recôncavo, notei que, em 2011, o nome sarau aparecia em ação de uma escola, que aconteceu no campus da UFRB em Cachoeira. Buscando por novas estéticas que o sarau ganha com a periferia, esse não se enquadraria tanto no formato, exceto pelo protagonismo de voz dos alunos.

No site da UFRB<sup>40</sup>, encontrei a seguinte notícia “Aconteceu neste sábado dia 13, o 1º Sarau Literário da Escola Paroquial Dom Antônio Monteiro – EPDAM, no auditório do prédio Leite Alves, da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB, em Cachoeira.” O sarau tinha como iniciativa promover a aproximação entre escola e comunidade, socializando, nessa atividade cultural, os trabalhos que vinham sendo desenvolvidos na escola, tendo como tema *O talento de nossos alunos merece destaque*.

Os talentos dos alunos podiam ser demonstrados através de poesias, músicas, jograis, cordéis e dramatizações. Essas apresentações ocorreram no turno noturno e duraram cerca de uma hora e meia. Segundo a notícia, elas foram marcadas pela mistura de poemas de autores canônicos, como Carlos Drummond de Andrade e Cecília Meireles, como também por textos de autoria dos alunos.

Pela notícia, notamos que esse sarau se configurou como a realização de uma culminância do projeto da escola, enquadrando-se como um evento que acontece fora do horário normal de aula da escola e fora de seu ambiente. Isso leva a não o caracterizar dentro das novas iniciativas de saraus realizados dentro da escola.

Por não encontrar outras iniciativas semelhantes, considero o projeto *A poesia vive* uma das primeiras ações literárias que usaram o sarau no formato periférico para inserir a literatura de forma mais viva e cotidiana dentro da sala de aula, a partir de autores canônicos, não- canônicos, professores e alunos.

### 5.6.3 Saraus Literários nas Escolas do Recôncavo Baiano

As práticas de saraus nas escolas têm influenciado a atividade literária em diversas escolas do país. Pois o sarau, na escola, tem sido inserido como um motivador para a leitura literária e a expressividade dos alunos, por meio dos diversos gêneros literários, embora haja um destaque maior para a poesia. Os saraus ou suas práticas têm sido implantados em escolas tanto a partir de professores ou professoras de língua portuguesa como de outras áreas e de alunos. No Recôncavo Baiano, essas práticas também vêm sendo inseridas por algumas escolas. Entre essas, destacam-se o meu projeto *A poesia vive*, em escolas, na cidade de Sapeaçu e a proposta de sarau no Colégio Estadual Aldemiro Vilas Boas (CEAVB), na cidade de São Miguel das Matas (BA). Mas como e porque surge o sarau em escolas do Recôncavo Baiano? E que propostas de saraus são essas?

---

<sup>40</sup> Disponível em: <https://www3.ufrb.edu.br/reverso/1%C2%BA-sarau-literario-da-epdam-lota-auditorio-leite-alves/>

Em primeira instância, abordaremos o *Sarau do PROEMI*, realizado pelo Colégio Estadual Aldemiro Vilas Boas - CEAVB, localizado, na Rua Rui Barbosa, nº149, Centro, na cidade de São Miguel das Matas (BA), no Recôncavo Baiano, atende ao Ensino Médio e ao Ensino Médio – Supletivo. A infraestrutura da escola, correspondente às instalações de ensino, compreende de 9 a 10 salas de aula, biblioteca, sala de leitura, sala dos professores, laboratório de informática, laboratório de ciências, sala de diretoria, sala de secretaria, cozinha, banheiro dentro do prédio e banheiro fora do prédio, banheiro adequado a alunos com deficiência ou mobilidade reduzida. Conta com 35 funcionários.

A escola atende a 434 alunos, 295 do Ensino Médio e 139 do EJA. Existem 4 turmas de atividade complementar, nos períodos de manhã e tarde, com uma média de 35 alunos por turma. Oferece as disciplinas: Cultura, Arte e Educação Patrimonial; Iniciação Científica; Economia Solidária e Criativa/Educação Econômica (Educação Financeira e Fiscal); e Acompanhamento Pedagógico.

Inicialmente, o *Sarau do PROEMI-CEAVB* surgiu a partir de um projeto de leitura atrelado ao Programa do Ensino Médio Inovador (PROEMI), tendo como fomentadores da proposta tanto a professora “Felina” quanto os alunos. Durante a entrevista a Felina nos narrou sobre essa iniciativa:

Então, nessas oficinas, sempre todos os anos, tinha uma das oficinas que era voltada para uma questão da leitura e eu, durante três anos, trabalhei com essas oficinas de leitura. Desse processo de contato com os minis saraus que nós fazíamos dentro das oficinas do PROEMI, surgiu a inquietação, não só minha, mas também dos alunos, de levar isso para o ambiente externo da escola, e tanto trabalhar com os demais alunos que não eram alunos do PROEMI, mas também tentar aproximar as demais pessoas desse contato com a leitura. E foi daí que surgiu a ideia de fazer uma experiência de um sarau. (Entrevistada, “Felina”, setembro de 2019)

A professora também revela que os projetos de leitura aconteciam de forma isolada, com pouca interação ou socialização no momento de produção entre as salas, tomando-se conhecimento dessas narrativas apenas nas culminâncias dos projetos. Com os saraus, esse quadro se modifica.

Na escola, a gente ainda não tinha tido esse contato. Havia os projetos de leitura, mas eram trabalhadas mais de formas isoladas, em sala de aula, em cada turma. E aí, com o sarau, a gente abriu um leque para que todo mundo pudesse ter esse contato, pudesse levar as suas próprias escolhas de leitura, de experiências, de pontos de vista. O sarau dava aos alunos a liberdade que eles tanto queriam, de fazer as suas próprias escolhas e de trazer a sua voz para o contexto da escola, de ser autônomo, de ter suas experiências no dia a dia, das vivências, ali sendo colocadas, sendo ouvidas por todos. (entrevistada, “Felina” setembro de 2019)

A proposta surgiu, desde o início, com o intuito de fazer um sarau literário na escola, tentando agregar as diversas habilidades artísticas diferenciadas que os alunos possuíam, a fim de que eles se apresentassem a partir do que se identificavam. Trazia-se, assim, para o sarau, o convite à poesia, à música, à dança, à pintura e ao teatro, englobando todas as facetas artísticas, que poderiam ser apresentadas livremente, afirma a professora.

No primeiro *Sarau do PROEMI-CEAVB*, a temática foi *A arte é o espelho da alma*.



Figura 3 – Card-convite, postado na página Jornal Agora CEAVB em 25/10/16.

Um convite aos alunos para se expressarem, para desencadearem essas almas resguardadas a partir de suas vozes e habilidades artísticas diferenciadas, com uma reunião de artes, aqui já citadas, incluindo o cinema. Antes de o sarau acontecer, os alunos mais familiarizados com as práticas de minissaraus em sala se tornaram mobilizadores dos demais, no intuito de cativá-los e encorajá-los, essencialmente os mais tímidos, a participar da apresentação em público.

Antes de acontecer o primeiro sarau, os alunos que fizeram parte da oficina do PROEMI também passaram a recitar durante o horário do intervalo na escola, a fim demonstrar como aconteceria a atividade e provocar a vontade de participar em outros alunos. Sobre o primeiro sarau, a professora nos conta:



Foi um processo mesmo de conquista. Não foi na escola um número total de alunos que participaram, mas aqueles que participaram estavam envolvidos, assistindo, tendo o primeiro contato e despertando esse desejo. Foi um momento diferente de tudo que a gente tinha vivenciado, porque os projetos de leitura eles aconteciam, como eu já tinha falado, não envolvendo a escola toda em um único momento. Era mais direcionado na sua sala e, no máximo, uma sala ou outra assistia o desenvolvimento do trabalho um do outro. Mas, no sarau, eles se juntavam, eles se identificavam com as ideologias, com as opiniões. A gente percebia que estava todo o mundo ali no momento porque eles queriam estar e estavam levando aquilo que eles realmente gostavam de passar naquele momento, as ideias, os pontos de vista, através de todas as suas habilidades. (Entrevistada “Felina”, setembro de 2019)

As práticas de sarau criaram um novo espaço de voz nas escolas, a voz mais atuante dos alunos, ao mesmo tempo em que modificaram o olhar para as necessidades de atividades a partir das discussões que são levantadas por eles. O que essa experiência de sarau trouxe de diferente para o CEAVB?

Então, o sarau deu à gente essa possibilidade e, a cada ano que passa, ele se tornava uma extensão maior, as pessoas se interessavam mais porque ali não havia uma regra de você não pode falar isso, que você não pode recitar esse poema. Então, era totalmente livre mesmo, era a das próprias escolhas deles a voz que ecoava. (Entrevistada “Felina”, setembro de 2019)

A inscrição de voz do aluno, no contexto da escola, passa a subverter os lugares que sempre lhe foram destinados. Começam a aparecer, no centro desses discursos, as questões sociais polêmicas e atuais, desde etnia, religião, feminismo, feminicídio, racismo, genocídio negro e indígena, homofobia, suicídio, desigualdade social, aborto, desmatamento, entre outros. Ao mesmo tempo em que os leva usufruir dessa liberdade de escolha para trazer outras vontades resguardadas para o ambiente escolar, na dança, na música ou no poema.

“O sarau foi uma porta para que isso despertasse não só nos alunos, mas também nos professores da escola, essa necessidade de se falar não só sobre alguns temas, mas sobre os temas que inquietavam, principalmente, o nosso corpo de estudantes.” (Entrevistada “Felina”, setembro de 2019). O sarau traz, diferentemente das propostas que já ocorriam na escola, a liberdade de escolha do aluno como e com o que eles iriam se apresentar. Acostumados com o projeto de leitura, que indicava uma obra escolhida pelo corpo docente do colégio, com o sarau, ao invés de os professores apresentarem as obras para eles, são os alunos que apresentam para o colégio inteiro as suas escolhas, sem necessidade de indicação prévia dos docentes.

Após sua primeira intervenção na escola, o sarau teve continuidade no ano seguinte. O convite no Facebook convidava: “Vem dar close com a gente. II –Sarau do Proemi-CEAVB.”



Figura 4 – Foto postada no Facebook por uma professora da escola. <sup>41</sup>

Por não haver restrições temáticas ou das formas de apresentação, os alunos se sentiam motivados a participar. Assim foram criadas minioficineiras para apresentação em sala de aula. Passaram a acontecer momentos de intervenção durante as aulas de língua portuguesa ou de outra disciplina em que já acontecia a atividade.

Já o meu projeto *A poesia vive surge*, ganha forma e renasce a cada nova ideia, a partir das identidades que me interseccionam<sup>42</sup>: mulher negra do Recôncavo Baiano, leitora, poeta, professora de língua portuguesa, redação e literatura, pesquisadora literária, organizadora e apresentadora do *Sarau Sapeçu*, articuladora de saraus no Recôncavo e ativista cultural.

Sempre digo que eu escolhi os livros, e a sala de aula me acolheu. Quando recebi o primeiro convite para estar em sala, mesmo assustada com a proposta de ser professora – até então, eu nunca tinha me visto como tal –, assumi a postura de agir na sala de aula e fazer algo diferente naquele ambiente. Eu estava sendo convocada a partilhar meus conhecimentos, minha paixão pela leitura e o fascínio pelos saraus – essas foram minhas ferramentas escolhidas.

A inquietação diante da pouca atratividade para a leitura na sala de aula, percebida ao longo das vivências de aluna fez com que minha postura, ao assumir uma sala de aula, fosse diferente e levasse os perfis da ávida leitora, poeta e escritora para minha prática no exercício da docência. E, nesse descobrir o que é ser professora praticando, fui inserindo a

<sup>41</sup> Disponível em:

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1600917996647657&set=a.251745494898254&type=3&theater>

<sup>42</sup> Para além das múltiplas identidades, os efeitos políticos.

literatura das margens, as experimentações do que seria um sarau literário. Assim, surgiu, entre 2012 e 2014, o projeto “*A poesia vive*”, a fim de promover a aproximação de alunos com a literatura, (re)descobrimo nela prazeres até então não despertados.

Não levei a literatura da periferia para sala de aula por se constituir no meu estilo literário preferido, mas por entender que ela pode refletir, em potencial, o processo que envolve ou deveria envolver a leitura na sala de aula e deveria perpassar por uma aproximação do aluno com o texto, e, assim, possibilitar a identificação e a provocação para outras leituras.

O contato com esse prazer literário, muitas vezes não despertado, gerava a oportunidade que eu estava tendo, como apaixonada por literatura, de oferecê-lo aos alunos que encontraria em sala de aula, com um tipo de texto que fizesse sentido e com eles se comunicasse, promovendo a representatividade. Essa oportunidade não poderia ser desperdiçada.

Ao saber que trabalharia em uma escola localizada em um bairro periférico de Santo Antonio de Jesus (BA), lembrei-me de Sérgio Vaz, dos poetas negros periféricos e das oficinas e saraus que eles faziam nas escolas, na Fundação Casa e nos presídios da periferia paulistana, e de como eles usavam trechos de músicas dos *Racionais Mc's* e outros *rappers* para aproximar o aluno da literatura, antes de apresentar seus textos. E foi esse o trajeto no qual eu me inspirei, recorrendo às minhas memórias de leitora e de estudante nas diferentes fases da vida para construir, em sala de aula, algo próximo da realização de um sarau literário.

Assim, desde 2012, iniciei as experimentações literárias em sala de aula, inserindo textos da literatura das margens, meus rabiscos poéticos e a ação de levar e doar livros para os alunos. No primeiro estágio, doe mais de 20 livros que eu possuía de uma coleção para crianças herdada da minha mãe, que era professora. Como esses livros já tinham passado significativamente por mim, eles poderiam ocupar outros lares, transformar outras vidas a partir do que a leitura nos possibilita. Sem hesitar, o fiz!

Minha aposta foi inserir, como projeto principal, a realização de saraus literários na sala de aula. Os saraus literários a que aqui me refiro são oriundos dos formatos dos saraus periféricos, que são realizados, hoje, em diversos espaços da sociedade, como já foi mencionado anteriormente, e inclusive na própria sala de aula, como faço.

Assim, digo que o projeto *A poesia vive* é meu lugar de escrevivência<sup>43</sup>, de escrever e de ofertar tudo o que sou, constituindo também meu projeto como professora, nos

---

<sup>43</sup> Termo cunhado pela pesquisadora e escritora Conceição Evaristo.

lugares em que leciono. E foi permeada pelas composições estruturais que me formaram até o momento que eu assumi uma sala de aula, e que eu passei a criar o projeto.

Esse projeto surgiu com a pretensão de aproximar os alunos da literatura na sala de aula, a partir da vivência de saraus literários e do contato com autores vivos, propondo outras formas de conhecer, ler, apresentar, interpretar e refletir sobre o texto, inicialmente por meio da literatura vocalizada, que se torna um convite ao contato com os livros.

Acredito em uma literatura dessacralizada, que chegue até as pessoas, e é isso que faço e me propus a oferecer dentro da sala de aula. Vejo os saraus literários no formato periférico como alternativa para que a literatura realmente aconteça de forma dessacralizada em sala de aula, de modo que o aluno possa experimentá-la de forma viva, não apenas como apresentação de repertório cultural linguístico e literário, mas também como vivência de ler, pensar, refletir, escrever, declamar o que vive com a literatura e além dela.

A escola, não é único, mas ainda é o grande espaço para a formação de leitores, para o encantamento com as palavras, para o conhecimento de autores e autoras literários e de vida. Oferecer as mais diversas formas de ler e de se encantar pela leitura é o mínimo que podemos oferecer na formação de um cidadão.

Foi com esse pensamento que iniciei minhas experimentações com os saraus em sala de aula. Primeiramente, o projeto teve origem de forma experimental, e a ideia passou a ser experimentada entre 2012 e 2013, quando passei a assumir o lugar de professora numa sala de aula, inicialmente em um dos estágios supervisionados da faculdade, no Ensino Fundamental II, passando pelo programa *Mais Educação*, como professora de Linguagens, até a elaboração de um formato de base, quando passei a lecionar as disciplinas de Língua Portuguesa e Redação em colégios particulares, nas cidades de Sapeaçu e Conceição do Almeida, em 2014.

#### 5.6.4 Formatos dos Saraus nas escolas do Recôncavo Baiano

De modo semelhante ao projeto *A poesia Vive*, o que acontecia durante as oficinas do PROEMI passou a ser inserido na sala de aula, com o intuito de despertar os alunos para a atividade cultural do sarau e para a inserção de suas vozes na escola e na sociedade.

O que surpreendeu foi que você via alunos que estavam levando mesmo a vontade de falar, de dizer o que era que os angustiava, tanto na escola quanto no contexto da sociedade. Então, eram alunos que a gente sentia que estavam engajados e mobilizados, falando de vários assuntos que os incomodavam na sociedade e que eles estavam trazendo isso. E a partir do sarau a gente pôde perceber e direcionar

várias outras temáticas, numa discussão mais focada em sala de aula, levar mais essa discussão para a sala de aula, porque sentíamos que eles estavam ali pedindo para serem olhados de outra forma, em discussões que não estavam tendo em sala de aula. Foi através do PROEMI que a gente conseguiu levar e outros professores começaram a falar sobre suas problemáticas, de vários temas que inquietavam no momento. (Entrevistada “Felina”, setembro de 2019)

A professora “Felina”, dentro da construção de sua prática, procurava inserir, nas escolas, além dos textos canônicos, as obras não canônicas invisibilizadas dentro do currículo escolar, inspiradas pelas professoras Ana Carolina Cruz de Souza e Suely Santanta, que, na universidade, passaram a ver, na sala de aula, a necessidade de uma literatura mais plural, que dialogasse com a realidade dos alunos e trouxesse, além de narrativas mais diversificadas, a inserção de escritores negros e indígenas para dentro da escola.

O fomento à leitura era uma das necessidades que preocupavam o corpo docente da escola, sempre pautada nas discussões: o aluno precisa ler. Os professores refletiam criticamente diante de suas práticas, compreendendo que o que estava se fazendo em sala de aula não dava conta de despertar majoritariamente o interesse, o prazer pela leitura. Assim, o sarau surge como estratégia, dentro de uma prática de liberdade, a fim de mudar o cenário não leitor da escola, pois, em outros projetos, apenas um ou dois se tornavam leitores mais assíduos.

Ao considerar o sarau como caminho para provocar um interesse maior pela leitura, a escola via, nessa prática, uma forma pedagógica e mais atrativa de entreter o aluno. Por isso, ele foi utilizado como ferramenta principal das oficinas de leituras criadas no PROEMI, que a deslocou para o corpo da escola.

O sarau do CEAVB, assim como outros saraus em escolas, também nasceu dentro de um projeto de leitura. Mas que formato ele adquiriu dentro da escola e que inspirações levaram a esse acontecimento?

Alguns alunos, eles tinham esse contato, não muitos, mas alguns poucos tinham esse contato com o sarau periférico e tinha esse interesse, esse de engajamento e também tinha a questão dos próprios projetos de leitura que a gente já sentia que alguns alunos tinham essa vontade de fazer algo que não fosse tão dentro da caixinha. Então, surgiu no PROEMI, mas também as experiências vieram da vontade deles de serem autônomos mesmo dentro desse processo. Na minha função, eu me espelhava muito nos saraus periféricos. Sim, porque o sarau periférico dá essa liberdade de entender o que queria levar para o contexto da sala de aula, para o contexto da escola no geral. (Entrevistada “Felina”, setembro de 2019)

A influência dos saraus periféricos é narrada pela professora, revelando o contato dela e dos alunos com essa prática fora do ambiente escolar. Além de conhecer o formato dos saraus pela internet, a professora “Felina” teve a experiência de vivenciar uma das primeiras manifestações de saraus periféricos no Recôncavo Baiano, através do *Sarau Bem Black*, na cidade de Sapeaçu, em 2014, e afirma o quanto essa vivência contribuiu para a realização do sarau na escola.

A escola passou a acreditar, estrategicamente, que possibilitar a liberdade de escolha dos textos pelos alunos era uma forma de aproximá-los da prática leitora e, através dos saraus, eles puderam perceber a construção que passava acontecer, de interesse dos alunos pelas ferramentas que estavam sendo abertas na escola, para dar vez à voz do aluno, através do texto, de sua autoria ou de outros. E a escola também fomentava a produção escrita através das oficinas. Assim, esses textos poderiam ser utilizados, caso o aluno ou a aluna desejassem recitar e apresentar um texto autoral.

E, na maioria das recitações, eram os textos dos próprios alunos que estavam ecoando nos saraus, e esse era o desejo da escola, pois, além de despertar o interesse pela leitura, a escola o atrelava à escrita. A professora afirma, veemente o quanto o sarau foi fundamental para ambas as atividades passassem a ser um cenário da escola, fortalecendo os projetos anteriores que já aconteciam e eram registrados por meio de uma antologia.

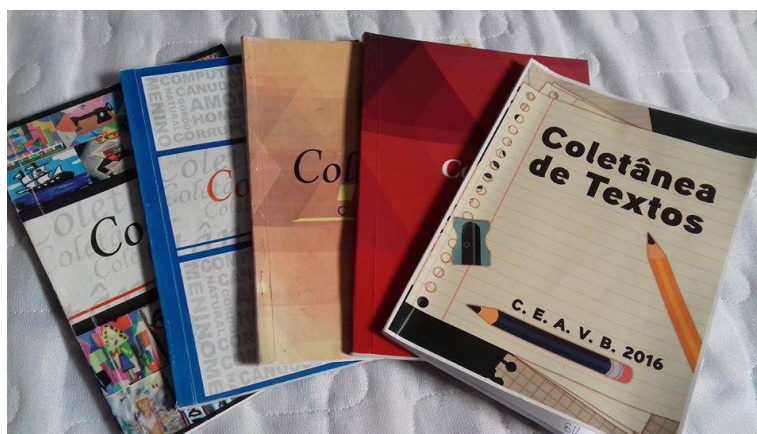


Figura 5 – Material da noite de autógrafos, realizada em 2016.  
Foto: postada em 30.03.2017, no álbum Noite de Autógrafos 2016.

De que forma a prática da professora foi essencial para a formação do sarau na escola? A professora “Felina” buscava, através da seleção de autores que levava para sala de aula, traçar um caminho mais plural para a literatura. E, por meio dessa literatura mais plural, com outras manifestações literárias invisibilizadas, ela se desvencilhou de só trabalhar com os

clássicos, passando a inserir autores da literatura periférica, negra e indígena na sala de aula. Ela relata a consciência de que essas manifestações literárias eram negadas no currículo escolar e poderiam continuar a ser durante toda a vida acadêmica desses alunos se sua prática não as trouxesse como forma de diferencial para a sala de aula, além de apresentar a literatura que ecoava fortemente nos saraus da rua. Não era abominação dos clássicos, e sim um deslocamento de foco, para incluir as outras manifestações literárias.

Na página do Facebook, JORNAL AGORA C. E.A.V. B<sup>44</sup>, são veiculados diversos momentos dos saraus em fotos e vídeos, ao longo desses anos, incluindo a noite autógrafos que marca a coletânea anual de produção dos alunos no projeto do PROEMI, bem antes dos saraus. Com esses registros, foi possível compreender o espaço de voz que os alunos passaram a ter na escola.

Tanto na prática da professora como nos trabalhos adotados pela escola, nota-se o lugar de fala dos alunos, o espaço para que eles produzam e também modifiquem o ambiente da escola, seja pelos *workshops* produzidos durante nos quatro anos anteriores ao sarau, seja pelo jornal, que trazia a voz da escola a partir dos estudantes e de suas pautas, entrevistando o corpo docente.

Os registros nas redes sociais fortalecem a memória, mas os saraus fortalecem uma voz que precisa brotar dos alunos para os alunos, dos alunos para os professores, dos alunos com eles próprios, para marcar seu espaço e lugar na sociedade, refletindo sobre quem se é em uma sociedade que, dia a dia, nos máscara, mas não nos faz neutros, pois “ninguém escapa às hierarquias de classe, raciais, sexuais e de gênero, linguísticas, geográficas e espirituais do sistema mundo.” (FIGUEREDO, 2019, p. 87).

Através da página do colégio no Facebook e da entrevista da professora “Felina”, foi possível identificar que a escola possui um comprometimento prioritário com a leitura e, de alguma forma, busca oferecer aos alunos um espaço de voz, para veicular suas inquietações nesse ambiente. Mas também detectar que, anteriormente às práticas de saraus, que se assemelham ao formato periférico, houve os *workshops* com aspectos que envolviam as antigas apresentações de saraus literários nas escolas e outras construções artísticas como as dos anos 60, 70, 80, 90, 2000, configurando os marcos dessas décadas, embora ocorressem de forma separada, em seus *stands* ou salas, como geralmente ocorre com as feiras de ciências.

---

<sup>44</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/JornalAgoraCeavb/posts/1093985950752582>

É imperioso ressaltar o Projeto AFROINDI, que fortalece tanto as oficinas no PROEMI como se torna uma importante base para o sarau, ao aparecer como projeto paralelo a essa construção e trazer essa diversidade de autores que são pouco trabalhados no ambiente escolar. Dentro do projeto, eles inseriam autores nacionais e locais. Durante a entrevista, a professora citou os seguintes autores: Sérgio Vaz, Jacquinha Nogueira, Geni Guimarães, Carolina Maria de Jesus, dentre outros autores. Ela ressalta a importância de inserção desses autores pelos novos rumos que a literatura vem ganhando na contemporaneidade. Além das estéticas que permeiam a literatura canônica, é fundamental que os alunos também conheçam os autores fora desse ciclo, numa escola, na sala ou no sarau.

A professora “Felina” demonstra o conhecimento sobre a realidade escolar, ao dizer que não são todas as escolas que fazem essa inserção, e por fazer sua prática vendo esse contato como essencial na formação escolar, subvertendo os caminhos que o currículo colonizado nos impõe como direcionamento. “As políticas de Educação no Brasil precisam incorporar a realidade das populações afro-brasileiras e indígenas, em todas as áreas do conhecimento. Essas contribuições têm mais expressão nas comunidades mais pobres, negras e indígenas.” (SIQUEIRA, 2019, p. 220)

Os avanços de inserção literária nessa escola são tão significativos, que a literatura entrou como projeto científico através da feira de ciências promovida pelo FECIBA (Feira de Ciências da Bahia), onde duas alunas da escola obtiveram destaque e levaram adiante a literatura e o conhecimento partilhado através do Projeto Afronindi, demonstrando como essas ações do governo, a partir das práticas adotadas pela escola, podem criar outros caminhos e campos de pesquisa para alunos no Ensino Médio.

Um projeto como AFROINDI subverte o espaço negado de voz a autores, professores e alunos dentro da escola. Cria, politicamente, outro lócus de pensamento além da literatura, dá espaços para a entrada no currículo das leis 10.639/2003 e 11.645/2008, mas poucas escolas as aplicam. Trazem as vozes plurais que são diariamente enterradas nesse mundo literário que ainda olha torto para as diversas facetas que a literatura vem ganhando na contemporaneidade, e nos lembra o compromisso da identificação social, dentro da escola, de vozes que dialoguem mais abertamente com a linguagem dos alunos, com imagens nas quais eles se vejam, se identifiquem e criem pontes de representação não só de suas vozes, mas de suas dores, suas lutas e suas histórias.

Por que estudar a história e cultura da África e do povo brasileiro, em todos os níveis da Educação no Brasil? Porque é a nossa própria história. São nossas raízes, nossas origens etnicorraciais e culturais. A Sociedade Brasileira e Cultura Nacional não



tratam de suas culturas constituintes indígenas e negras, o que lhes dá uma incompletude. (SIQUEIRA, 2019, p. 220)

O C. E.A.V. B vem construindo outro lugar na educação, um lugar que ainda é pouco acessível na nossa diversidade educacional, um lugar que estava parecendo ser caminho para os diversos setores educacionais, mas que aparece atacado pelo poder que agora se configura em retrocessos sem fim. Apresenta-se, assim, como espaço de luta e resistência para aquilo que podemos construir na sociedade, mesmo diante de uma educação colonizada, buscando a descolonização do conhecimento.

Um dos legados mais fortes dos saraus é que essas leituras e escritas se perpetuem após os saraus e a vivência desses alunos na escola, fazendo com que essa prática não ocorra apenas no ambiente escolar, mas que ela se torne um convite que pode se estender na sua vida. Dessa forma, eles podem fazer da leitura e da escrita caminhos para os outros voos sociais e acadêmicos que inter cruzam sua vida. O sarau do PROEMI no C. E.A.V. B explicita essa construção significativa entre literatura e vida.

Nós sentíamos que, no processo de construção, tivemos alunos que participaram das quatro edições, e eles mesmos, depois de já terem concluído o ensino médio, voltavam para participar como visitantes e terem participação de recitar. Então, a gente sentiu o despertar deles para esse caminho. Alunos que ainda hoje escrevem, que já escreviam desde Ensino Médio. Tem uma aluna, em especial que é a T\*\*\*\*. Eu tive contato com ela no ensino fundamental, ainda fundamental 2, e ela já escrevia. A gente já sentia que ela tinha esse engajamento, esse desejo pela escrita e, no ensino médio, ela só despertou ainda mais isso, ela continuou nesse processo, ela concluiu o ensino médio e continuou escrevendo, e foi um dos maiores destaques que nós tivemos. Mas tivemos outros que, talvez não estejam hoje no caminho da escrita, da literatura, mas que a gente sentia o engajamento no sentido mesmo de trazer as problemáticas necessárias para o contexto escolar. E eles conseguiam chamar a atenção para essas questões, conseguiam despertar, nas outras pessoas, a necessidade de olhar para aquelas problemáticas e colocar isso numa roda mesmo de conversa, de debate. (Entrevistada “Felina”, setembro de 2019)

Esses espaços de voz, na escola, criam configurações para outras rotas de existência e ações na sociedade, pois esses alunos, de alguma forma, se inserem de modo mais engajado diante das situações sociais, dispostos a refletir e combater as opressões que são direcionadas a si, a seus semelhantes ou a outros.

Contemporaneamente, o reconhecimento do direito à educação vem se traduzindo tanto no aumento do número de indivíduos negros no ambiente escolar e na reflexão sobre questões relacionadas às desigualdades raciais na educação, como em um processo de visibilização dos/as negros/as como sujeitos, o que culminou na criação de dispositivos legais que visam à mudança do processo de socialização ocorrido na escola. Nesse contexto, a democratização e a descolonização da educação passaram a ser consideradas caminhos privilegiados para o reconhecimento e a valorização

histórica da população negra e, conseqüentemente, para o rompimento do etnocentrismo que fundamenta o racismo. (BARROS, 2019, p. 273)

Essas temáticas sociais abrem os olhos para as violências imperceptíveis, inclusive, as que nós mesmos praticamos diante de pequenas ações, ou o cômodo silêncio que nos torna cúmplices das agressões. Muitos alunos aproveitam da subjetividade literária para externar suas dores, suas próprias vivências, seus fantasmas, seus medos mais secretos, a forma de se ver e a forma como enxergam a si mesmos, na sociedade.

O projeto *A poesia vive* adquire seu formato a partir de experimentações ao longo dos anos nas salas de aulas. Apresentarei, a seguir, um percurso pela linha do tempo que marca métodos e experimentos no projeto *A poesia vive*, no estágio e no *Programa Mais Educação* (2012- 2013).

Antes do formato experimental, as iniciativas ocorriam por meio dos textos que eram levados para sala de aula, uma mescla de autores canônicos e não canônicos lidos, em voz alta, o uso de composições musicais e interpretações, além da quebra do formato tradicional de arrumação da sala de aula em fila, com a opção por uma roda em que os alunos, sentados, poderiam também apresentar textos de sua autoria e outras habilidades artísticas.

Nas primeiras experimentações, eu procurava saber o gosto dos alunos pela leitura, quem tinha livros literários em casa e o contato na escola, mas também narrava minha história como leitora e o porquê de eu estar na sala de aula como professora, além de apresentar um poema autoral. Mas também explanava sobre os diferentes modos e meios de ler partindo de sua importância e da necessidade social em nossa vida.

Em uma das aulas, eu utilizei a letra de música, “Jesus Chorou”, dos *Racionais MCs*, e a professora Suely, que estava supervisionando meu estágio, e os alunos ficaram empolgados quando a declamei como poema. Logo depois, fui fazendo o jogo de interpretações, e ela me sinalizou: deixa eles cantarem, eles querem cantar. Naquele momento, eu me lembrei dos ensinamentos com os saraus e a multiplicidade de usos que eles fazem do poema e do texto quando vão a uma escola ou a outra instituição realizar oficinas de poesia. E aquele olhar ali mudou minha prática de aprendiz de professora na sala de aula.

No estágio, como também mencionei anteriormente, eu peguei todos os livros que eu tinha herdado da coleção de livros para ler na escola de minha mãe, levei para a sala de aula, fiz uma roda, espalhei os livros sobre a mesa e pedi que eles escolhessem um livro. Podiam ler, folhear, e, após um momento, fiz a leitura do que estava em minha na mão e pedi

que outros lessem uma parte de que gostou na história do livro que tinha escolhido. No final, eu disse que eles poderiam ficar com os livros e leva-los para casa.

No *Programa Mais Educação*, além das músicas dos *Racionais* e de outras do *hip-hop*, eu fui fazendo inserções com a literatura periférica. Lidava com diversas realidades, e muitas delas tinham narrativas sobre a violência urbana e o contato com as drogas na cidade. Muitos dos alunos narravam, nas oportunidades de fala, suas experiências, o que viam e viviam.

Quando realizei o primeiro sarau nessa turma, levei livro *Agdá* de Jovina Souza (livro que ganhei da professora Suely Santana, no final do curso de Letras na UNEB), outros poemas em folhas de papel, e os alunos levaram poemas escritos em folhas de caderno, alguns de autoria própria. Alguns alunos tocavam violão, e outros cantavam numa roda, todos sentados. Fizemos um momento poético acontecer onde foi emanado o amor.

Foi bem especial, pois eu estava trabalhando no colégio em que eu tinha estudado até a 4ª série (saí para estudar fora da cidade, quando o colégio decretou falência e foi fechado). A sala em que fiz o sarau evoca minha infância como estudante e a leitura do livro *Eu nunca vou crescer*, que li naquela sala na 2ª série. Poder voltar àquele espaço e oferecer algo que foi parte de minha formação e hoje faz parte do processo formativo de outros foi muito significativo.



Figura 2 – Primeiro Sarau em sala de aula, em 20/08/2013, realizado na Escola Municipal de Sapeaçu.  
Foto: da autora.

Durante o decorrer do ano, fizemos algumas produções e elas puderam ser utilizadas no sarau. Ler material variado, com poucos recursos, numa escola pública, em um

programa sem material didático, visto apenas como um auxílio aos conteúdos de linguagem, era um desafio. Então, eu tentava oferecer o máximo, desde a leitura de imagens a vídeos, músicas, textos de todos os tipos e narração de vivências, aguçando o desejo de narrar por meio da escrita.

Viver o *Mais Educação* foi muito importante, pois, diante da liberdade para trabalhar os conteúdos, eu pude exercer diversas linhas criativas para a formação de meu projeto, experimentando o que e como poderia ou não dar certo com alunos de múltiplas identidades.

A experiência no Colégio Novo Espaço se desenvolveu de 2014 a 2015 e 2016. Eu afirmo que me transformei em “professora de verdade” quando passei a lecionar nesse Colégio, assumindo uma sala de aula como regente, e a viver mais intensamente sua dinâmica, tentando atrelar os conteúdos à minha proposta de saraus em sala de aula. Trouxe a proposta para o colégio ainda como experimentação, mas também como amostra do que eu estava disposta a iniciar como trabalho na escola.

Logo nas primeiras experimentações, tive uma recepção bastante positiva do colégio e de como isso chegou aos pais, devido ao comportamento inusitado dos filhos em casa, decorando e declamando poemas, após as minhas aulas. Passei a ser chamada na Secretaria para falar sobre o projeto de leitura, que foi recebido pela diretora da escola com um grande encantamento e apreço. Dessa forma, me inseri nos projetos eventuais da escola como poeta e aderi à proposta de saraus para a Feira de Ciências do Colégio com a turma do 6º ano.

Na feira, os alunos explicavam o que era o sarau o contemporâneo, abordavam a importância da leitura por meio de poemas e declamavam poemas de autores canônicos e não canônicos, demonstrando como acontecia um sarau. A feira aconteceu em uma praça aberta da cidade, e o nosso estande ofertava aos visitantes uma chuva de poemas.

O método requeria que eles me apresentassem o que eles consideravam como literatura. Geralmente, eles buscavam autores conhecidos, canônicos, na internet, imprimiam ou copiavam no caderno e levavam para a sala de aula. Ao ler o poema escolhido, eu lhes indagava o porquê do autor, a temática do poema, a relação afetiva com os versos, e fazíamos a interpretação. A maioria dos autores não tinha relação alguma com suas vidas, nem os textos eram frutos daquela pesquisa de um poema e um autor conhecido na internet.

Para o próximo encontro, eu solicitava que eles trouxessem uma letra de música de que eles gostassem, de qualquer estilo musical, só não poderia conter palavrão ou palavras chulas, para iniciarmos as experimentações de um sarau. O método inicial era trazer, a partir

uma letra que eles escutavam, a leitura e a interpretação. Em seguida, separar o ritmo musical da letra e utilizar a sua poeticidade para falar. A maioria das letras apresentadas era de *rap* e se mesclava com *funk* e pagode romântico. Utilizando músicas que eles já escutavam das quais conheciam as letras de cor, era mais fácil inseri-los nas metodologias de declamação. O desafio ficava em conseguir falar e não cantar a música.

Simultaneamente, eu fui adquirindo livros da literatura periférica, negra, contemporânea e canônica e integrando-os à proposta que eu estava desenvolvendo dentro da sala de aula. Os livros, em sala, inquietavam os alunos: eles queriam pegar, folhear, ler, declamar, partilhar com o colega.

Por muito tempo – e ainda agora –, a literatura foi inserida em sala de aula majoritariamente pelo viés de uma literatura erudita, voltada para o trabalho dos clássicos, nas variadas séries em que as disciplinas de língua portuguesa e literatura constituíam o currículo, do Ensino Fundamental ao Ensino Médio. A prática de acreditar que apenas autores canônicos poderiam contribuir para a formação leitora do nosso país, dentro e fora do ambiente escolar, afastou diversas pessoas do livro, sobretudo dentro da sala de aula, fazendo muitos afirmarem que não gostavam de ler.

Essa famosa afirmação, repetida pelos alunos, em contexto de sala de aula, quando se pergunta sobre o envolvimento com a leitura, tem origem justamente na forma como algumas escolas apresentam a leitura e literatura dentro do ambiente escolar: um padrão restrito, com uma linguagem antiga que distancia os alunos da literatura e da leitura.

O projeto *A poesia vive* foi a ponte principal para o surgimento do *Sarau Sapeçu*. Um projeto em sala de aula que pretendia, inspirado por minhas vivências como pesquisadora literária, leitora e poeta, levar a leitura de forma mais viva e significativa para os alunos.

Após o surgimento do *Sarau Sapeçu*, o projeto foi ganhando novas percepções e desafios. A cada ano, ele ganhava renovações, uma nova metodologia ou uma nova linguagem. Essas novas metodologias surgiam das vivências como poeta, nos saraus, fora e dentro de escolas, mas também do olhar de professora para essas práticas que, em cada sarau diferente, nos possibilitava uma forma particularizada de aprender algo, desde o conhecimento de um novo texto ou autor, até os modos de inserção e interação com a plateia, a declamação de micropoemas e as possibilidades de *performances* individuais e coletivas.

A experiência no Colégio Nova Visão se deu em 2017, 2018 e 2019.

O formato do *Sarau Sapeçu* foi adaptado para a sala de aula e constituindo a partir das seguintes atividades inventariadas a seguir.

A partir das práticas de saraulização nas aulas, O projeto *A poesia vive*, ganhou formato de sarau e passou a ser utilizado nas salas em que eu lecionava ou nos lugares aos quais eu me apresentava enquanto poeta. A roteirização do sarau geralmente acontecia com a minha apresentação enquanto poeta e professora, o porquê da iniciativa do projeto *A poesia vive* e sua interligação com o Sarau Sapeaçu e o objetivo de realizá-lo dentro das disciplinas que eu lecionava ou de espaço escolares.

Em seguida, os alunos eram convocados a participação e as regras do sarau explicadas, onde os alunos aprendiam que era fundamental fazer silêncio, não vaiar o colega, não atrapalhar a apresentação, não começar com a voz baixa (pois, se for tímido, tende abaixá-la ainda mais), aplaudir cada colega após sua apresentação seja ela excelente, boa, regular ou ruim (se for ruim, aplaudir ainda mais para ele criar coragem e melhorar na próxima). Que eles podiam esquecer ou errar e que tinha o direito a terminar sua apresentação. Ficar nervoso era normal e podia acontecer, pois o sarau também era o lugar de ultrapassar as barreiras da timidez ou do silenciamento. Que tínhamos também como intuito decorar alguns textos, mas que eles também podiam utilizar papel, caderno, livro, celular, entre outros.

A convocação para que todos que participassem abria espaços para que as leituras de mundo do aluno aparecessem e conhecêssemos o seu repertório cultural, assim eram estimulados a dizer o que liam, ouviam e gostavam nas múltiplas formas da manifestação da literatura (poesia, prosa, música, leitura digitais). E assim, através de letras de músicas do seu cotidiano, eu iniciava as atividades de saraulização.

Utilizando técnicas de supressão da musicalidade e reconhecimento da composição enquanto texto literário. Devido ao conhecimento e afetividade com a letra musical era mais fácil iniciar técnicas de memorização recitação, o desafio e humor da atividade consistia em esquecer/retirar a melodia da letra. Essa quebra com o texto literário por meio das letras de músicas me possibilitava aproxima-los mais do texto literário, da poesia e colocar em prática as oficinas do projeto *A poesia vive*.

A primeira oficina consistia na apresentação de autores não-canônicos e canônicos, partindo sempre da pesquisa dos alunos perante ao que eles consideravam como literatura para o contato com autores e obras através da minha biblioteca pessoal, que devido a sua pluralidade de escritores e poetas ampliava o conhecimento deles sobre a arte literária sobretudo contemporânea, negra e periférica e não se restringia ao olhar recorrente deles, demonstrado por meio da pesquisa, de só autores canônicos.

A segunda oficina tinha como objetivo fazer da experimentação inicial com a letra de música caminhos para a prática decorativa do poema, perpassando pela leitura, interpretação, recursos literários, uso da voz e do corpo, ou seja, o poema como performance.

Como técnica inicial, eu aplicava a decoração de verso em verso de forma conjunta com a turma, dois poemas foram e ainda são utilizados de forma recorrente nas turmas: “Catraca”, de autoria de Marcio Ricardo (antologia Sobrenome Liberdade) e “Tia Anastácia” de autoria de Giovani Sobrevivente ( antologia O diferencial da favela Poesia Quebradas de Quebrada, ambos de antologias de sarau e que devido a forma como os alunos se identificam e ou regiram a forma literária dos poemas, foram inseridos frequentemente nas oficinas do projeto A poesia vive.

A didática feita em sala de aula, era aprimorada a cada nova inserção na sala de aula e misturava-se com as interações feitas nos sarau periféricos com a plateia e oferecia o tom de espetáculo poético dentro do ambiente escolar. As declamações ocorriam de forma individual, dupla, trio ou coletiva. Tanto a minha forma de performar poemas servia de exemplificação como os vídeos de outros autores de sarau e *slams* pelo país, esses vídeos eram compartilhados com eles durante as aulas ou nos grupos de *WhatsApp* e indicações no *Youtube* e em redes sociais.

A terceira oficina ocorria através da realização de escrita criativa iniciada com a apresentação das micronarrativas e autores do gênero, perpassando pelo recurso da intertextualidade literária e ampliada para a forma de verso livre. Como exemplificação intertextual dois textos utilizados, “Quadrilha” de Carlos Drummond de Andrade, e “Era uma casa”, de Vinicius de Moraes. A criação de micronarrativas também acontecia através da regulação do número de palavras ou letras e sugestões temáticas ou direcionamento de escrita através de três palavras, como por exemplo: rua, fome e tiro ou olhos, mar e afeto.

A quarta oficina tornava-se a performance como prática construtiva das outras intervenções e resultado das experiências de saraulização na sala de aula. O trabalho com a leitura do texto, a interpretação, a decoração, o uso da voz, do corpo e a criação autoral eram utilizados como base formativa para a criação da performance individual e ou coletiva, dentro e fora da escola, como a participação em sarau, slams e outras atividades culturais. Essa construção em sala possibilitava que tivéssemos apresentações prontas a serem inserida próprios eventos do colégio ou em outros espaços, bem como a possibilidade de organização de *Slam* na escola.

Muitos desses alunos construíram junto comigo não só o projeto a poesia vive como também várias edições do Sarau Sapeçu e o 1º Slam na escola no Recôncavo Baiano, esta

última uma das práticas mais revolucionárias e inovadoras da literatura periférica que eu tive o prazer de construir e vivenciar em sala com os meus alunos, sendo eles os protagonistas da literatura e eu a sua única plateia. Seja na rua ou na escola, a escuta da palavra do outro, nos saraus, nos faz mais humanos, privilégio da literatura, nas diversas faces que brotam no texto e nos fazem mergulhar no dizer do outro. Entretidos, realizamos as maiores viagens sem sair do lugar na vida, pois quem se põe a flutuar ou a se transportar é a alma.

Aderi à construção de um sarau para a sala de aula como uma prática atuante de leitura, uma aliada do processo de formação leitora dentro e fora da escola. Sua práxis contempla as habilidades da BNCC (Base Nacional Curricular Comum), porque possibilita e expande a ideia da leitura autônoma, através de um suporte com que os alunos têm contato fora do ambiente escolar, evoca a leitura de textos literários em voz alta, provoca a produção escrita, que pode ser explorada com o incentivo à produção de textos literários e à expressividade e adequações ao sistema ortográfico da língua portuguesa.

Quantas dessas palavras nos abraçam, nos trazem choro, revolta, identificação, representação, conhecimento, inspiração e voz. Voz porque os sentimentos são convocados a responder, a corresponder àquilo que nos toca. A sala de aula, a escola, a rua e qualquer outro espaço onde se realize um sarau, nos formatos atuais, não estão imunes à nossa mais extrema sensibilidade, que pode aparecer diante da palavra do outro.

#### 5.6.5 Um constructo reflexivo sobre a prática dos Saraus na Escola

O sarau é uma das atividades mais simples e revolucionárias que podemos fazer dentro de uma escola, se, antes, soubermos convocar, cativar, apresentar, entreter os alunos para juntos construirmos a proposta, como protagonistas nesses espaços. “Quando professores levam narrativas de sua experiência própria em sala de aula, elimina-se a possibilidade de aturarem como inquisidores oniscientes e silenciosos.” (hooks, 2013, p. 35)

É preciso que o professor dê liberdade de fala e se coloque no lugar de escuta. Seu papel é mediar e aguçar essa voz, mas não há como fazer isso de forma mais forte e representativa se, antes, não soltar sua voz para os alunos. Eles se espelham na gente, se orientam em nossas discussões, sempre esperam uma palavra nossa, essencialmente quando estamos movidos pelas temáticas sociais. “Quando a educação é a prática da liberdade, os alunos não são os únicos chamados a partilhar, a confessar” (hooks, 2013, p. 35) Somos leituras para eles o tempo todo. Prova disso são os nossos projetos trazidos como sementes podem fazer os alunos voarem, e nós nem temos a dimensão desse voo.



Pensar tanto a minha prática quanto a da professora “Felina” é refletir em tantas outras práticas similares que também são criadas dentro e fora das escolas por mulheres negras, que entram no espaço da intelectualidade, e, com o conhecimento, tentam modificar os espaços de poder na sociedade. “Nas minhas aulas, não quero que os meus alunos corram nenhum risco que eu mesma não vou correr, não quero que partilhem nada que eu mesma não partilharia. (hooks, 2013, p. 35)

Colocadas à luz das teorias, as diversas engrenagens que o racismo promove contra os jovens negros – inclusive os matando e dizimando, impedindo-os de seguir suas vidas pela estruturação social –, incluem as escolhas que a sociedade os obriga a enxergar e a fazer, não apenas como caminho mais fácil, e sim aquele que parece ser o único a seguir. Pois o racismo não descansa na nossa sociedade: sufoca cada pedacinho de esperança que plantamos, deslegitima diariamente nossas práticas, subalterna nossos saberes, nos faz acreditar que é difícil mesmo, que é preciso muito mais, que incansavelmente devemos ser resistência e segue nos desumanizando pelo sistema.

“Os professores que esperam que os alunos partilhem narrativas confessionais, mas eles mesmos não estão dispostos a partilhar as suas, exercem o poder de maneira potencialmente coercitiva.” (hooks, 2013, p.35) Assumir o lugar de professora, de intelectual negra, de ser de uma geração que teve a maior oportunidade da história desse país é saber a importância de estar dentro de uma sala de aula, de encorajar outros, de criar espaços, mesmo no caos em que vivemos, para que a educação não vire uma regressão sem fim, como se encaminha no nosso país. E nosso testemunho é o maior exemplo e o grande guia para essa geração: não podemos nos recusar a essa fala.

É necessário entender que muitos, antes de nós, abriram as portas para o espaço que ocupamos hoje, e fazem parte do processo de que podemos desfrutar. Mas, hoje, precisamos assumir o transtorno de não surtar com todo esse peso de ser professor na configuração atual do Brasil e lutar pela educação que o país pede, por um espaço mais plural, para deter a morte de nossos jovens, sobretudo no ambiente escolar, onde o racismo se camufla, mas dá as suas caras, a cada segundo, nos discursos, nas atividades e nas cobranças propostas. Como bem argumenta bell hooks:

A pedagogia engajada não busca simplesmente fortalecer e capacitar alunos. Toda sala de aula em que for aplicado um modelo holístico de aprendizado será também um local de crescimento para o professor, que será fortalecido e capacitado no processo. Esse fortalecimento não ocorrerá se recusarmos a nos abrir ao mesmo tempo em que encorajamos os nossos alunos a correr riscos. (hooks, 2013, p. 35)

Os textos que circulam nas vozes desses alunos gritam aos nossos ouvidos os seus clamores sobre aquilo que eles percebem diante da condição social do nosso país, as vozes que são caladas dentro dos espaços e os jovens, seus iguais, que são mortos todos os dias.

Os alunos clamam por falar, por discussões. Nós, professores, estamos sendo amordaçados e forçados a enclausurar nossas vozes, sufocar nossa rebeldia, para que não tomemos consciência de quem somos e do que podemos fazer para que outros também se vejam nesse lugar. “Os professores que abraçam o desafio de autoatualização serão mais capazes de criar práticas pedagógicas que envolvam os alunos, proporcionando-lhes maneiras de saber que aumentam a sua capacidade de viver profunda e plenamente.” (hooks, 2013, p. 36)

No país onde ser professor é perigoso, discutir os problemas da sociedade é deturpação de caráter. Buscar o humanismo, “descalando” essas identidades, é promover a balburdia. Voltamos ao tempo do estudar para quê? Aluno ter voz para quê? A voz que tem surgido é aquela que vê o professor como inimigo, como o que agride os costumes morais da sociedade, quando tudo que procuramos garantir, nesses espaços, é que todas as identidades tenham o direito de existir.

Os saraus entram na escola num momento muito importante, assim como as diversas feiras literárias locais. Não é por acaso que foram realizadas 50 feiras literárias na Bahia em 2019. Elas surgiram, sobretudo, em um ano em que as portas da cultura se fecharam. Não é por acaso que o discurso mais frequente de educadores e artistas é o de que estamos perdendo tudo que construímos neste país. Como caminhar para a esperança? Como salvar os espaços que estão sendo ameaçados por exercermos o papel que nos cabe na educação?

Não há como ter vivido os anos de 2018 e 2019 e não chegar em sala com sangue nos olhos, com disposição de deter o sufoco que está nos aniquilando. Não há como não incluir, em nossas pautas, assuntos vinculados à nossa realidade e refletir, junto com os alunos, sobre tudo que estamos vivendo. Estamos caminhando ao contrário. E o que esses alunos irão encontrar amanhã? O que nós, professores, já estamos encontrando? Que caminho é esse que não estamos seguindo? Que revolução é essa que não estamos fazendo?

Ter essas vozes ecoando dentro da escola é uma semente que brota para guerrear socialmente no amanhã que está por vir. E eles, tanto quanto nós, sentirão mais as portas fechadas. E nós sofreremos juntos, se não continuarmos percebendo a possibilidade de modificar esse espaço, e de considerar que, mesmo com censura, ainda podemos fazer algo. É

preciso buscar reaver todas as vitórias que tivemos, que o atual governo vem colocando terra abaixo. Não dá para esperar de braços cruzados: é necessário rever nossos discursos, nossos lugares e pautar, em todo e qualquer lugar, a necessidade de uma nova construção, do mesmo modo que os saraus, nascidos nas ruas, têm entrado nos espaços e nas pautas das escolas.

A dimensão e a aceitabilidade dessas propostas dentro do circuito escolar mostram o comprometimento do corpo docente com esse espaço de voz, com as construções de identidades que acontecem dentro das escolas, com as práticas culturais que vêm ocorrendo fora do ambiente escolar, a partir das quais também se dá a formação dos alunos. É dar espaço para que esses corpos também se manifestem, artística e politicamente, com suas falas corporais, de modo a dialogar com a sociedade.

A escola é um lugar de partilhar conhecimentos, e nós temos muito a aprender com nossos alunos, diante das necessidades que eles nos apresentam, com sua sede de discussões e suas curiosidades por determinados assuntos, mas também com as vivências que eles experimentam fora da escola e que contribuem para sua formação diária de cidadania.

É tendo contato com diversas outras possibilidades que podemos criar, por meio de nossas práticas, refletindo cotidianamente sobre os textos que levamos, o que oferecemos para esses alunos e o lugar que ocupamos. Percebo, hoje, como a minha prática, desde o início, ganhou essa marcação. Mas não com a dimensão que agora é alcançada por minha reflexão.

Como educadores, precisamos pensar diariamente nos espaços constitutivos que formamos dentro de nossas salas de aulas, sobretudo sobre a escola que construímos, os olhares que despertamos e podemos despertar, a resiliência que precisamos ter nesse caos social que nos mutila diariamente. Mas existe um mar de sementes esperando por nós, pelas nossas palavras, por nossas opiniões. Tanto quanto incluir a voz dos nossos alunos, precisamos expandir também as nossas vozes, pois, como já foi dito aqui, muitos deles se espelham em nós, esperam ver, em nos nossos atos e práticas, caminhos de sua formação e construção.

Quantos professores já inspiraram alunos nas decisões mais sérias importantes de suas vidas? Quantos já seguiram uma profissão ou se e se viram vocacionados para tal profissão a partir de seus professores? É preciso ir a fundo em nossas reflexões e ações, e os saraus literários nos oferecem essa oportunidade, pois cada sarau é único, nos ensina algo novo, nos evoca um preenchimento novo, uma nova ação, uma sede maior, uma reflexão sobre o que estamos sendo neste mundo.

## 6. O DESCALAR NA FORMAÇÃO LEITORA ATRAVÉS DOS SARAUS LITERÁRIOS NA ESCOLA: “EU ACABO COLANDO A MINHA VIDA ALI”

Ainda moro  
nas histórias de minha avó,  
nas estantes de minha mãe,  
em cada HQ alimentada por meu pai,  
nas aulas de Português e Redação,  
no fascínio pelas aulas e pelos livros de Literatura,  
no projeto literário do CEC,  
nos sonhos de ser filósofa ou escritora,  
nos versos de Drummond e dos poetas das ruas.  
Ah, menina! que nem sabia o que fazer  
com os versos que criava  
enquanto caminhava pela rua.  
De ávida leitora desde a infância,  
tornei-me professora,  
amante das letras.  
Não podia ter outra escolha,  
além de eterna leitora.  
Hoje, sou poeta e escritora.

(Jacquinha Nogueira)

Sendo parte desse processo, busquei iniciar as entrevistas da pesquisa trazendo meu repertório cultural de vida, em que a literatura na infância entra de forma significativa em minha formação. Essa entrada se deu, em primeira instância, na formação pessoal, e, na segunda instância, na vida escolar e poética. Descrevo, em partes desta pesquisa, como foi fundamental a vivência literária em um projeto da escola, na construção de minha identidade como professora, na criação do projeto A Poesia Vive, e de como essas vivências vão se entrelaçando com minha vida acadêmica e com os saraus literários, tornando-se um processo também de escrevivência<sup>45</sup>.

“Historicizar nossa relação com a leitura é uma forma de nos desembaraçarmos daquilo que a história pode nos impor como pressuposto inconsciente.” (BOURDIEU, 2001, p. 233). E é diante dessa historicização da vida com a leitura que surge a primeira pergunta orientadora do foco de análise metodológica desta pesquisa: Como vida e leitura se entrelaçam na trajetória de vida dos sujeitos da pesquisa? Como afirma, Bourdieu (2000), “Parecem-me muito importante quando abordamos uma prática cultural qualquer, interrogarmo-nos como praticantes, nós mesmos dessa prática.” (p. 231 e 232)

---

<sup>45</sup> Termo cunhado pela escritora e Prof. Dr<sup>a</sup>. Conceição Evaristo.

Em ambos os aspectos mencionados acima, trago, marcadamente, minha forte vivência com a leitura desde a infância: me recordo da contação de causos populares pela avó materna, do momento em que li sozinha pela primeira vez, aos seis anos de idade, em casa, ou quando folheava a Bíblia no salmo 91, e a emoção do momento em que saí correndo para contar à minha mãe que eu sabia ler e repetia: “Mamãe, mamãe, eu sei ler!”

Assim, revelando toda afetividade que tenho desse momento até hoje, ao me recordar desse exato instante da entrada da leitura na minha vida, de forma significativa, e de como ela tem sido importante e essencial tanto na minha construção como poeta e como professora, pois, para ambas, é primordial que, antes, eu seja uma leitora. Mas essa foi uma das faces da minha vivência. E a dos outros sujeitos da pesquisa? Quais foram?

Analisar a formação leitora por meio das práticas dos saraus literários, a partir da voz dos estudantes e das estudantes que os vivenciaram ou vivenciam nas escolas é entender que eles não são apenas informantes do processo, mas também construtores dessa prática. Não há como propor e realizar um sarau com formato periférico em sala ou na escola sem pensar a disponibilidade construtiva dos alunos desde o processo inicial até sua realização.

É percebendo a voz de estudantes nesse lugar de fala que reflito a partir da decolonialidade, pois a “perspectiva crítico-transgressiva decolonial implode a lógica sujeito-objeto nas práticas de pesquisa e nas práticas pedagógicas, ou seja, a lógica em que o sujeito é o/a pesquisador/a ou o professor/a, e o objeto é o/a pesquisado/a ou aluno/a.” (DIAS; COROA; LIMA, 2018, p. 43)

Ao entender que o aluno e a aluna no lugar de sujeitos da ação, também teorizam o que pensam, seja expondo sua fala ou a colocando em forma de poema ou de outro tipo de arte. Eles fazem da linguagem um lugar político, ao refletirem sobre si e o lugar que ocupam na sociedade. São construtores críticos desse momento cultural que quebra os moldes impostos pelo currículo colonizado no ambiente escolar, ao agirem em contraste com essa prática. Nesse contexto, a voz aluno não é objeto, e sim sujeito de todo o processo.

### 6.1 A face leitora dos sujeitos da pesquisa

Bourdieu (2001) afirma: “Creio que é importante sabermos que somos todos leitores e que, a esse título, corremos o risco de atribuir à leitura multidões de pressupostos positivos e normativos.” (p. 232) Porém, dentre as entrevistadas, houve um relato inicial que me inquietou muito, levando-me a refletir sobre a ausência da literatura ou do pouco contato com a leitura literária na infância. Qual a lacuna de quem raramente teve contato ou se lembra

vagamente de livros e histórias infantis na infância? Quando não se guarda a memória afetiva da leitura, porque ela não ocorreu, ou foi apagada por alguma razão. Ficam os vazios nos dando em nossa mente e questionando: como é uma infância sem “literatura”?

Ao mesmo tempo, compreendo que essa ausência de leitura não é algo tão distante na realidade antiga e, em alguns casos, também no momento atual de nosso país, ao olhar para as diversas precariedades da educação, invisibilizadas socialmente. Pelos menos não diante do que era considerado literatura e diante do fato de que nem todos podiam estudar.

Mas, na atualidade, dos anos 2000 para cá, nos assusta não ver a leitura como recreação na vida de uma pessoa até os 14 anos de idade. É muito... Para mim, que tive, durante todo o trajeto de vida, um contato afetivo com a leitura, fiquei com essas perguntas na cabeça e refletindo sobre o processo de imaginação e conhecimento acessado no mundo da ficção, já que “promover o acesso a narrativas e à ficção é possibilitar desvendar outras visões de mundo, outras percepções sobre o que é ser humano e seu significado.” (FAILLA, 2016, p. 20)

A literatura não apenas faz da identidade um tema; ela desempenha um papel significativo na construção da identidade dos leitores. O valor da literatura há muito tempo foi vinculado às experiências vicárias dos leitores possibilitando-lhes como é estar em situações específicas e desse modo conseguir a disposição para agir e sentir de certas maneiras. As obras literárias encorajam a identificação com os personagens, mostrando as coisas do seu ponto de vista. (CULLER, 1999, p. 110)

Na infância de meus sujeitos de pesquisa, todos do gênero feminino, só a entrevistada “Amora” demonstrou essa lacuna. Todas as outras possuem uma afetividade muito grande com a leitura desde a infância. Ao ser indagada sobre a memória afetiva, na infância, ela respondeu: “na infância eu tive pouco contato com a leitura” (entrevista de “Amora”, agosto de 2019) e o gosto pela leitura, em sua vida, só foi despertado na 8ª série, em 2014, quando a professora “Felina”, também sujeito desta pesquisa, lhe emprestou o livro *Romeu e Julieta*.

Para “Amora”, foi o primeiro livro que ela leu, e viu na leitura um ponto de fuga diante dos problemas por que passava em sua vida, na adolescência. A leitura de *Romeu e Julieta* trouxe outro lugar para leitura em sua vida. Desde, então, passou a ler frequentemente, a partir dos livros que eram emprestados por seus professores da escola, que foram convocados a ser parceiros nessa formação, através da professora “Felina”.

Sobre a importância do contato com o livro *Romeu e Julieta*, “Amora” revela:

Na verdade, foi mais por ter sido o primeiro livro que eu li completo assim e que assim que eu entendi, na verdade, o livro porque eu sempre tive vontade ler um livro até o final. Porque eu sempre gostei de livro de poesia, mas eu queria ler um livro que contasse uma história, só que eu não entendia, não conseguia entender acho que por conta de na infância eu não ter tido, eu não ter tido a vivência com os livros tanto. E aí gostei bastante dele por ser um romance e por eu já ter visto muitos filmes muitas coisas, mas o livro é diferente é uma sensação boa, de você ler, e aí eu gostei. Foi o primeiro livro que eu li que a professora me emprestou, como eu falei, e também por ser professora, que era uma professora que era muito minha amiga naquele tempo. E ela ter me emprestado aquele livro foi bem significativo pra mim até hoje. (entrevista de “Amora”, agosto de 2019)

Ao ler o livro *Romeu e Julieta*, “Amora” imaginou uma história completamente diferente da clássica, reescreveu, enquanto lia, na história branca, eurocentrada, os personagens negros.

É porque quando a gente lê a gente imagina um mundo totalmente diferente do que passa nos filmes, até mesmo aquela questão eurocentrada, eurocêntrica daquilo tudo branco e tal... Você imagina um mundo totalmente diferente é ... Onde, sei lá, o Romeu é negro e a Julieta é negra, onde é a família deles é toda composta por pessoas negras e, dentre outras coisas, eu achava isso interessante tirar essa visão eurocentrada daquilo. (entrevista de “Amora”, agosto de 2019)

“Amora” denota buscar, nessa leitura, como fuga, sua identificação com os personagens. Busca retratar sua identidade, pois nela não se via e não via a história que queria ler. Então, reescreveu na história eurocentrada, enquanto lia, a perspectiva da imagem negra nos personagens, ainda que, em realidades tão distantes da história de nosso povo negro. Demonstrou, assim, que, “na literatura, encontramos outros caminhos de vida a serem percorridos e possibilidades múltiplas de construir nossas identidades.” (COSSON, 2014, p. 38).

É na oitava série, aos 14 anos, que “Amora” se descobre leitora a partir do incentivo da professora “Felina”, ao lhe emprestar um livro e abrir esse mundo da leitura, que, inicialmente, se apresentou como fuga, depois como interação do mundo fictício, para modificar a história do livro. E essa leitora que surge passa a ser incentivada por outros professores da escola, que passam a fomentar sua formação leitora lhe emprestando livros e lhe dando prazos para lê-los.

O que esses atos provocaram e de que forma marcam a vida de “Amora” até hoje? Além dos livros emprestados por seus professores e por uma professora, em especial, que emprestou uma sacolinha com 11 livros, “são livros que me marcam até hoje, é um tipo de literatura que eu gosto, que contam histórias, são livros espíritas que contam histórias psicografadas e aí eu gostava bastante.” (entrevistada “Amora”, agosto de 2019). “Amora”

também fala de antologias com compilados de poesia na biblioteca do colégio, que foi um dos seus contatos iniciais com a poesia e do seu gosto por ela. Como eram vários autores, diz não se recordar dos nomes. O que essa face leitora despertada trouxe naquele momento para a vida dela:

[...] com esse despertar da leitura eu comecei a melhorar na escola, porque eu começava a entender melhor as coisas. Eu tenho um probleminha, eu tenho déficit de atenção e aí, para mim, é muito complicado aprender as coisas. Com a leitura dos livros, eu comecei a despertar esse interesse de interpretar as coisas a fundo, e a interpretação dos livros me ajudou bastante com a interpretação das questões de todo o trabalho. (entrevistada “Amora”, agosto de 2019)

Quando “Amora” traz a ausência da literatura como recreação na sua infância e apaga os momentos em que ouvia história da avó, temos um marco daquilo que raramente nos é visível como literatura e formação, dentro das primeiras histórias que ouvimos. Avô, avó, mãe, pai, tia, tio, vizinha, vizinho, ou outros mais velhos às vezes se debruçavam a contar histórias, sejam elas reais ou causos populares, que nos levam ao conhecimento da nossa descendência, de forma muitas vezes lúdica, no tom das narrativas que nos são contadas durante a infância.

E são essas narrativas que nos possibilitam o início do diálogo com nossa identidade, a forma como nos percebemos diante de nossas famílias e que ancestralidade é essa de que fazemos parte. Passamos a ter contato com essas histórias emocionais, alegres, tristes ou misteriosas. Elas permeiam nosso imaginário e passam a nos constituir como sujeitos.

Por mais que se saiba que os sujeitos concretizam suas leituras em seu campo de significação, dialogando com valores éticos, culturais e estéticos, visão de mundo, classe social e história pessoal, pondo-se à escuta do que emerge da obra e do mundo circundante, a escola ainda desconsidera as orientações teóricas defendidas, nos anos de 1970, pela Estética da Recepção, de Hans-Robert Jauss. Essa fusão de horizontes de expectativas – o interno, implicado pela obra literária e o externo, trazido pelo leitor com suas marcas sociais – pode levar a vários caminhos: à transmissão de normas à criação ou à ruptura, ‘a depender do grau de percepção e sensibilidade do leitor em relação ao mundo ficcional (grau de ruptura com a realidade) e do lugar social que ele ocupa’ (CORDEIRO, 2003, p.35). Aí reside o caráter rebelde e transgressor da literatura. A partir dele, a escola – seus agentes e professores – a torna unívoca. (CORDEIRO, 2015, p. 18 e 19)

O relato de “Amora” nos descreve o contato com o mundo da imaginação ao recriar, na memória, outros personagens. Ao mesmo tempo nos leva a pensar, a partir do marco da literatura e da criação que ela passa a fazer de personagens negros no lugar dos



personagens clássicos. Aquilo que foi negado dentro dos currículos escolares e pelo mercado editorial – personagens que se pareçam com o que somos, com as nossas realidades, a exemplo do que alguns livros, dentro da literatura negra, vêm escrevendo e reescrevendo agora.

As histórias ausentes dessa construção literária, na infância, quando não nos vemos nessas princesas que são descritas para o nosso imaginário, nos permite a hipótese de que “Amora” tenha se negado se reconhecer nesse lugar eurocentrado, porque a história nunca a tocou, e apagou isso da memória.

Na infância, temos os nossos primeiros passos de construção afetiva com as palavras, nos livros, rabiscos e escritos, mas essencialmente pela oralidade. É um lugar sensível que nos marca para sempre com atos e palavras, as ausências delas também. Em que histórias nos víamos na infância? Em quais histórias pudemos afirmar: essa aqui sou eu? A gente criava o lugar da ilusão, de um dia ter a mesma história, ou procurava inventar da nossa forma, mas não havia identificação: esse cabelo aqui é igual ao meu, ela é de minha cor, minha família é assim, olhe, parece com a nossa cidade, olhe nossa escola, nossa casa, nossa rua é assim... Como afirma Santomé:

Quando se analisam de maneira atenta conteúdos que são desenvolvidos de forma explícita na maioria das instituições escolares e aquilo que é enfatizado nas propostas curriculares, chama fortemente a atenção a arrasadora presença das culturas que podemos chamar de hegemônicas. As culturas ou vozes dos grupos sociais minoritários e/ou marginalizados, que não dispõem de estruturas importantes de poder, costumam ser silenciadas, quando não estereotipadas e deformadas, para anular suas possibilidades de reação. (SANTOMÉ, 2013, p.157)

Como nossa realidade foi e é forjada majoritariamente, até hoje, no mundo fictício? Qual a importância de autores e autoras negras dentro das escolas? De suas biografias? De suas presenças físicas e textuais? Quantas lacunas existem na mente de professores, diretores, funcionários e ainda persistem na mente de nossos alunos?

Algumas crianças vêm criando outros espaços imaginários e representativos com a literatura infantil através de familiares politizados, que, desde a infância, criam outro roteiro de histórias em suas casas, os quais nem sempre são oferecidos na escola. Não dá mais para tapar os olhos diante do currículo colonizado. As feridas são enormes, e elas marcam nossa infância e toda nossa formação por aquilo que nos é negado dentro do contexto escolar e familiar.

Como argumenta Cordeiro:

As mudanças nos contornos dos paradigmas mais tradicionais que reconfiguram as relações entre cultura e leitura frente a outros repertórios culturais e literários, ainda à margem, produzem tensões na formação do professor do curso de Letras, cujas práticas ainda se assentam em orientações que desconsiderem a relação entre leitor e os textos literários, constituídos em suas diferentes histórias e formações culturais. (CORDEIRO, 2015, p. 17)

Ler um livro na infância e se ver na história é algo que as novas gerações estão podendo conhecer e o quanto isso é importante para nossa identidade, para o conhecimento dos traços que nos formam: cor, pele, cabelo, boca, nariz, histórias... E o quanto isso faz diferença no enfrentamento do racismo, numa educação que precisa ser antirracista, nas violências de gênero, nos corpos hiper sexualizados de que são vítimas tanto as mulheres negras como homens negros, começando pela infância, perpassando pela adolescência e todos os aparatos sociais que enfrentamos quando adultas e adultos.

Essa busca de transformar e imaginar personagens negros em histórias clássicas não é neutra e se configura nas diversas adaptações e recriações que vêm acontecendo na nossa literatura contemporânea, nos diversos intertextos que tentam criar um novo lugar para os discursos que marcam o discurso eurocentrado e nas histórias que falam sobre nós estereotipadamente, não refletindo nossa realidade.

A tarefa de desenvolver o “gosto” pela literatura na escola, como sugerem os currículos e desejam os professores, é complexa e depende de outras razões, muitas das quais historicamente enraizadas em nossa formação. E frequentemente, nem nos damos conta delas, ao repetirmos inconscientemente padrões e rituais já ultrapassados. (CORDEIRO, 2015, p. 22)

Para acionar o nosso prazer pela leitura mais fortemente, a literatura precisa ser significativa na infância, criar laços com as palavras. A partir desses laços, teremos uma educação mais aberta aos problemas que surgem no decorrer da formação, criando espaços menos problemáticos a partir dos conhecimentos que passam a ser exigidos.

Mas qual relação da leitura na infância com as outras entrevistadas? De que forma a literatura chega acessivelmente em suas vidas? Quem são os maiores incentivadores desse contato com a leitura? A entrevistada “Diva”, nos revela:

Eu amava ler desde pequena. Eu sempre gostei de ler essas historinhas infantis tanto que eu li as minhas todas e voltava relendo de novo. Sempre gostava de buscar essa questão de ida ainda mais quando tem aquela para você descobrir dentro de um livro, é alguma charada, ou senão algum mistério. Eu sempre gostei bastante. (entrevistada “Diva”, setembro de 2019)

As leituras e releituras das mesmas obras infantis denotam a relação literária que foi estabelecida por “Diva” com a literatura, nesse período, essencialmente por revelar, em seu relato de vivência sobre a leitura na infância: “Eu não fui uma pessoa que eu posso dizer que eu aprendi rápido a ler. Eu tive uma dificuldade, mas, com passar do tempo, eu fui melhorando essa questão e aprendi a ler. Quando eu aprendi a ler, eu fui me soltando.” (entrevistada “Diva”, setembro de 2019). Esse se soltar é o voo que ela passa adquirir por meio das palavras, é o prazer que ela encontra na leitura.

Quando eu li, a minha primeira historinha que lembro que foi da *Chapeuzinho Vermelho*. Eu gostei muito porque trouxe uma história assim, sabe traz uma história, uma descoberta muito legal dentro dela em si que ela vai trazer. Naquela época, eu era muito assim, eu gostava de ler, só que eu gostava que alguém às vezes estivesse perto de mim. Então, quando eu lia com minha mãe, era um momento muito legal e a partir daí eu fui conhecendo outros contos de fadas. Minha mãe foi comprando mais historinhas para mim e aí eu fui descobrindo. (entrevistada “Diva”, setembro de 2019)

Já a entrevistada “Borboleta” afirma:

Os meus pais, principalmente minha mãe. Minha mãe que me influenciou bastante a ler, comprava essas historinhas, é história em quadrinhos mais ainda da Turma da Mônica e histórias mesmo de conto de fadas. Porque, como ela é professora, trazia do colégio para mim. Foi a partir daí... (entrevistada “Borboleta”, setembro de 2019)

Tanto a entrevista de “Diva” quanto a de “Borboleta” revelam uma infância marcada por gosto pela leitura e o incentivo, essencialmente feito pelas mães. Sobre o gosto pela leitura, “Borboleta” inicialmente relatou o fascínio por mistérios a partir dos contos de fadas ou histórias infantis, e “Borboleta” nos traz a memória das histórias em quadrinhos, principalmente a Turma da Mônica, que permeou o imaginário de muitas crianças nas revistas e nos desenhos da TV Globo, inclusive o meu. No relato de “Borboleta”, ela traz o incentivo leitor da mãe também a partir da identidade dela como professora, indicando a perpetuação da leitura e da pedagogia também no ciclo familiar.

A maioria dos projetos no colégio era sobre a leitura. Agora eu acho que teve um que a gente tinha que ser os personagens da história, no caso. Então, acho que esse foi o que eu mais gostei porque a gente teve que estudar história e teve que apresentar em cima do que a gente estudou. A gente era os personagens. Então, a história foi como se ficasse marcada porque a gente teve que ensinar. (entrevistada “Borboleta”, setembro de 2019)

Quando “Borboleta” informa, em sua fala, que a maioria dos projetos do colégio eram sobre leitura, percebemos como a importância do incentivo à leitura na infância é

reafirmada pela escola em que estudava, e também como esse projeto foi significativo para ela vivenciar uma das histórias infantis clássicas que, nesse caso, foi *A Branca de Neve*. O ensinamento a que ela se refere corresponde ao contar da história para outros, revelando os seus segredos.

Teve um projeto também que foi daqui da cidade. Minha mãe e umas amigas dela estavam terminando de fazer o curso na faculdade para pedagogia, e aí elas tiveram esse projeto de ir nos colégios pegar as crianças e levar para a biblioteca. Aí entregaram livros, a gente ficou lá, e lá também foi isso ... Eu lembro que foi *Chapeuzinho*, porque o livro que ela me deu também foi da *Chapeuzinho*. (entrevistada “Borboleta”, setembro de 2019)

A leitura entra como diversão na infância, tanto na vida de “Diva” quanto na de “Borboleta”. Essa vivência a “Amora” não teve. Ao mesmo tempo, traz a forte relação construída pela relação entre escola e família, como foi marco na minha vida e na da professora “Felina”. Quando “Borboleta” diz, sobre os projetos da escola, que “era parte mais divertida que tinha na escola”, a gente percebe que essa relação entre leitura e vida foi construída, literariamente, de forma prazerosa.

Mas também vale lembrar que tanto “Diva” quanto “Borboleta” estudaram todo o Ensino Fundamental em escolas particulares, que têm muitas precariedades em relação a uma escola da capital ou de cidades mais desenvolvidas, mas, mesmo assim, possuem mais acessos e infraestrutura diferentes da realidade de muitas escolas públicas no Recôncavo, especialmente em Sapeaçu, tal como ocorre em outros lugares do país.

Na adolescência, a leitura ganha outros capítulos, e esse prazer entra em conflito com as leituras obrigatórias impostas pela escola, a qual, muitas vezes, distancia alguns alunos do encontro de encantamento pela leitura, por serem obras com uma linguagem mais distante. Isso leva muitos alunos a afirmarem não gostar de ler, ao serem indagados no Ensino Fundamental II ou no Ensino Médio.

Durante minha prática, passei a usar essa pergunta todas as vezes que chegava a uma sala nova ou ia a uma escola como poeta, para saber qual o contato desses alunos com a leitura e buscar caminhos para promover esse encontro, ou outras descobertas pela leitura, de forma prazerosa, utilizando os métodos do projeto *A Poesia Vive*.

Sobre esse episódio, “Diva” relata:

[...]. a gente não escolhe o livro que gosta. A gente, a partir da leitura, a gente vai descobrindo... Então, quando eu fui abordada a ler um livro, eu fiquei “não gosto de ler, esse livro é ruim”. Mas quando você vai lendo, você vai fazer outra descoberta e você vai tendo outro olhar referente àquilo. (entrevistada “Diva”, setembro de 2019)

Sobre a leitura dos clássicos a partir dos paradidáticos da escola, “Borboleta” expõe:

Eu acho que os da escola, assim, são maiores. Em questão disso, são bem maiores porque eles... E eles trazem uma escrita diferente. Acho que têm livros que, fora do colégio, que eles têm uma escrita diferente, sabe? Dá para ter um entendimento melhor, algo assim... E os do colégio é algo mais... Assim que o aluno se sente preso a ler, entendeu? Não é ... como eu disse, não é o livro que vai até você. É você que vai até o livro, fora do colégio. Acho que o colégio impõe muito isso. É algo bom? É, porque a partir dali que a gente começa a se interessar, mas fora eu acho que é melhor. (entrevistada “Borboleta”, setembro de 2019)

Quando questiono o porquê o livro de fora da escola é melhor, “Borboleta” diz: “Porque é eu que vou atrás. É o meu querer. E no colégio ele tá ali me esperando ir.” (entrevistada “Borboleta”, setembro de 2019). Eles compreendem e sabem tanto quanto nós a importância dos clássicos, mas também indicam o quanto é preciso que o ambiente escolar abra as portas para as leituras externas, para aquilo que eles têm interesse de ler, saber e debater em sala.

Sobre isso “Diva”, revela:

É, eu considerava assim, não agradáveis, pelo fato de eu não conhecer. Mas assim, esses livros que vêm didáticos, junto com a escola, sempre tem um aprendizado novo sabe? E é muito legal quando você, dependendo da história, porque eles são diferentes. Então, você vai fazer uma descoberta incrível em cada um deles e vai entender melhor a história. Porque, com o passar do tempo, que você vai se atualizando e tudo mais e vai mudando também as séries. No colegial, os livros também vão mudando. Não vai ser para sempre aquele conto de fadas que ele vai trazendo, mas outras questões atuais. (entrevistada “Diva”, setembro de 2019)

Durante o que período em que lecionei para “Borboleta”, inseri uma das propostas dentro do projeto *A Poesia Vive: Me apresente um livro*. O aluno poderia apresentar um livro e (ou) um filme, ou ambas obras, caso livros tivessem inspirado filmes, e expor para turma por que aquele livro era interessante e por que a gente deveria lê-lo. Quem se interessasse tinha de me avisar uma semana antes, no mínimo, e eu separava 15 a 20 minutos da aula para a pessoa se apresentar.

Era uma proposta aberta, e quem quisesse poderia participar e concorrer a um bônus na unidade, que era mais uma forma de incentivar a participação. Alguns alunos se lançaram na proposta, e foram aulas estupendas, que traziam uma leitura e interpretação dos alunos que a gente não via sempre em sala.

O envolvimento deles com a leitura era fascinante e nos instigava a embarcar na apresentação e nas histórias apresentadas. Os que apresentavam livro e filme discutiam cada uma das versões, o enredo, personagens, temáticas. Foi fantástico o debate para entender a

relação entre o livro e a adaptação fílmica. Quando pergunto sobre a possibilidade de abrir para uma mesclagem entre o clássico e o livro de interesse do aluno, “Borboleta” diz:

Eu acho que o colégio pode investir mais nisso, o que os alunos querem ler. Porque o colégio é mais os clássicos, os clássicos da literatura brasileira. E a atualidade? E é o que as pessoas querem ler agora, entendeu? Acho que deveria ter essa pesquisa para poder melhorar mais, as bibliotecas iam encher. (entrevistada “Borboleta”, setembro de 2019)

Na turma de “Diva”, também inseri a proposta, porém adicionei a ela a minha biblioteca pessoal, já que nem todos os alunos têm livro em casa, ou com assuntos que são de seu interesse. Assim, essa proposta se iniciou a partir das minhas apresentações em sala, com alguns livros da literatura periférica ou de outros que eu comparava e disponibilizava durante o sarau, na escola ou na rua. Além de poesia, inseri os de prosa, e eles poderiam tomar emprestado, caso desejassem, no mesmo sistema de uma biblioteca. Um desses livros foi o que marcou a vida de “Diva”. Quando questionei sobre livros que marcaram sua vida, ela trouxe, inicialmente, os contos de fadas e falou do acesso a eles, mas também respondeu sobre um livro que a marcou recentemente:

Mas assim, um dos últimos que mais marcou minha vida foi *Outros Jeitos de Usar a Boca*. Ele é um livro muito interessante e, como eu escrevo diversos poemas, não só quanto à parte do amor, mas a parte também de vários outros temas, ele me ajuda bastante. Ele me ajudou demais, ele me fez ter outro olhar perante a sociedade e entender mais, saber o que aquela autora está passando. Ele é um livro maravilhoso e me marcou demais. (entrevistada “Diva”, setembro de 2019)

Ao ser surpreendida pela menção ao livro, indago o porquê desse livro, e ela diz:

Ele me trouxe uma visão mais ampla perante diversos aspectos. Nos outros livros que eu sempre lia não me trouxe, alguns aspectos assim legais também, mas não como esse. Esse foi um livro mais amplo, que é como se tivesse pegado a maioria dos assuntos e colocado só nele. Ele traz a parte do amor, ele traz a parte da cura da pessoa, ele traz questões de violência, a questão de ausência do pai, a questão do feminismo, a questão da violência contra mulher em si, sabe? E eu achei ele muito interessante, ele me marcou demais. (entrevistada “Diva”, setembro de 2019)

“Diva” teve contato com esse livro através de minha biblioteca. Para mim, foi uma grata surpresa, não só por ele ser marco em sua vida, mas pela brilhante leitura comentada do livro que ela fez em sala e emocionou a todos, desde a fala, as marcações das páginas para apresentação do livro e o envolvimento demonstrado. Tanto que a diretora ficou curiosa e resolveu também ler o livro. Às vezes, nós, professores, apresentamos ou falamos

sobre um livro em sala e nem temos noção de como isso pode vir a ser despertado no aluno. Sobre o desejo de ler *Outros Jeitos de Usar a Boca*, de Rupir Kaur, “Diva” revela:

Ela, em uma aula no colégio, ela levou a sua estante com vários livros, e esse livro, ele tinha me chamado atenção desde a primeira vez que ela levou. Porque eu já tava com muita vontade de ler ele e ela já havia falado um pouco dele, falou que quem lesse ele iria gostar demais e quando eu fui na livraria Saraiva de lá de Salvador, eu cheguei a ter contato com ele. Aí eu vi um pouquinho lá e eu falei: gente eu preciso ler esse livro todo. E quando ela levou essa estante dela para o colégio, eu peguei logo, depois de ter contato com ele. (entrevistada “Diva”, setembro de 2019)

Eu falei desse livro na sala no ano passado, em 2018, e também fiz publicações no Facebook, o que despertou o interesse de outras pessoas para lê-lo. Na sala, li alguns trechos e fiz algumas discussões inserindo o debate diante da realidade retratada nos poemas. E, desde então ela, esteve ansiosa para lê-lo.

Abrir minha biblioteca pessoal e disponibilizar meus livros para os alunos levarem para a casa e mergulharem nas palavras foi uma das bonitas ações para outras rotas de leitura. No início, fiquei meio receosa da não aceitação imediata da proposta. Mas as duas turmas em que eu estava lecionando me surpreenderam, e duas apresentações me deixaram boquiabertas pelo envolvimento, uma delas foi essa de “Diva”.

E outra aluna, que não participa desta pesquisa, leu o livro *Justamente porque sonhávamos*, de Stella Maris Rezende, e foi meia hora de contemplação pela leitura e interpretação da obra feita por ela, até inserindo assuntos que ainda não eram de grande conhecimento seu. Essa apresentação chegou também aos ouvidos da diretora da escola, além do relato da própria aluna e o envolvimento com o livro. Desde então, a diretora Rozeneide também tem emprestado livros para essa aluna, que possui um contato quase diário e próximo, pelo fato de a mãe dela trabalhar em sua casa.

Os programas escolares e, portanto, os professores que rejeitam ou não concedem reconhecimento à cultura popular e, mais concretamente, às formas culturais da infância e da juventude (cinema, rock and roll, rap, quadrinhos, etc.) como veículo de comunicação de suas visões da realidade e, portanto, como algo significativo para o alunado, estão perdendo uma oportunidade maravilhosa de aproveitar os conteúdos culturais e o interesses que essas pessoas possuem com base da qual partir para o trabalho cotidiano nas salas de aula. (SANTOMÉ, 2013, p. 160)

Essas duas apresentações e as de outros alunos despertaram um novo olhar na equipe pedagógica da escola, no sentido de atentar mais para leitura no Ensino Fundamental II como um projeto do colégio, pois, muitas vezes, isso fica à mercê do direcionamento mais para o Fundamental I e o Fundamental II, os professores acabam caminhando sozinhos. Essa

percepção, em várias escolas, que tem uma proposta no infantil, e depois inserem em outras séries foi que me fez ter meu projeto próprio da disciplina, tendo a leitura atrelada às produções como fonte principal do trabalho durante todo o ano letivo.

O livro que mais marcou a vida de “Borboleta” também veio do contato com a escola, e traz uma ambiguidade no gosto. Foi o livro *A Moreninha*, um dos indicados para leitura na escola. Para “Borboleta”, a leitura teve um marco positivo e negativo.

Porque foi um livro muito grande e que eu não tava como o mínimo de paciência para começar a ler, mas aí eu tive que começar a ler, né? E foi uma história muito interessante, acabou que foi como eu falei, uma história que me chamou atenção, que eu queria saber a todo momento o que aconteceu, como é que o que ia acontecer. Você fica preso na história e queria acabar o livro logo. (entrevistada “Borboleta”, setembro de 2019)

Ela atribui o ponto negativo ao tamanho e à linguagem do clássico. Entretanto, gostou tanto da história que a trouxe como marco de sua vida. Os alunos reclamam do tamanho, mas esse não parece ser um fator. Quando livro é de seu interesse, ou *best seller*, eles não percebem a quantidade páginas. Além do livro *A Moreninha*, como marco ela citou também os livros *Peter Pan*, *A bela e a fera* e *A culpa é das estrelas*. Ela traz a personagem Bela como sua princesa preferida, porque se identificava com ela na infância, e muitos diziam parecer com ela devido à semelhança de seu cabelo com o da personagem.

Como afirma Rangel:

Se quisermos acolher, na escola, o que há de culturalmente vivo nos textos de valor literário, também será preciso, para além de superar uma concepção de literatura restrita aos cânones tradicionais, reconhecer as limitações de nossas teorizações relativas à leitura. (RANGEL, 2015, p. 44)

Desde o início de sua adolescência, “Borboleta” se sentia atraída por livros que estão em alta, no auge, os famosos *best sellers*, pois isso despertava sua curiosidade. Sobre esses livros, “Borboleta”, diz: “Isso, porque todo mundo tá falando, você quer ir assistir ou ler também ... Na realidade *A Culpa é das Estrelas* eu li primeiro, na intenção de assistir ao filme.” Segundo ela, esses livros a convocavam para a leitura.

Entre as poesias, ela gosta, assim como “Amora”, dos compilados de poesia. Em um dos saraus especiais em sua sala, ela acabou ganhando um livro em formato de antologia poética, com poetas nacionais do ano 2014 – é o livro *Poesia Livre 2014*, onde eu tenho um poema publicado. “Borboleta” revela, na entrevista, adorar esse livro e comenta “É um dos meus preferidos. Porque são livros, eu acho que eu prefiro livros que trazem suspense, trazem



romance, mas também que trazem algo que eu me identifique.” (entrevistada “Borboleta”, setembro de 2019)

A identificação, como convocação ao prazer pela leitura, tem se apresentado como um marco entre os adolescentes. Quando questiono se elas se veem como leitoras, elas dizem que gostariam de ser mais. Ao afirmarem isso, refleti: o que falta para elas serem leitoras mais assíduas? Essas leituras ganham outra ótica a partir da interseção dos saraus em suas vidas, por meio da escola, resgatando o contato mais próximo com a leitura e desenvolvendo caminhos de escritas e *performances*.

“Ler possibilita desvendar aquilo que outros já viveram, produziram, criaram, sentiram... em outros lugares, outros tempos ou na imaginação. Multiplica e possibilita viver muitas vidas e experiências. Desvenda outros sentimentos e histórias escondidas.” (FALLIA, 2019, p. 19). E muitas faces das histórias foram e ainda são ocultadas dentro do ambiente escolar. O sarau periférico chega como um lugar que tira a venda dos olhos das histórias ocultadas, das nossas identidades negadas socialmente e essencialmente dentro da escola.

No dia 06 de setembro de 2019, a telenovela brasileira, *Bom Sucesso*, exibida pela Rede Globo, retratou uma cena de um *slam*. A trama, que vem sendo destaque por ter, entre seus temas centrais, o universo literário, e trazer, entre as abordagens, grandes clássicos da literatura, incluindo nomes dos personagens centrais da novela homônimos aos de grandes personagens de obras universais, como Peter Pan, Alice e Gabriela.

Outro destaque ocorre pelo fato de a novela retratar a crise das editoras e situações de publicação na atualidade, ao mesmo tempo em que busca promover o incentivo à leitura, partilhando, em quase todos os capítulos, indicações de livros que estão inseridos através dos personagens centrais da trama.

No núcleo central da novela, duas famílias de classes sociais diferentes tiveram seus caminhos inter cruzados por um diagnóstico errado em um resultado de exame laboratorial. Após a resolução do equívoco, surge uma bela amizade entre seu Alberto – dono de uma grande editora – e Paloma – uma costureira. O que une ambos é a paixão pela literatura, que passa a alimentar os capítulos dessa amizade e os ricos momentos de leitura na novela. A inserção da literatura é feita com base na partilha de leitura desses personagens e comentários de obras literárias universais, criando, para o público, o perfil de leitores.

Entretanto, é possível também perceber que a novela pretende abordar as variadas formas de leitura, inclusive entre os jovens, pois também tem apresentado, na construção da história, o gosto e prazer pela literatura contemporânea, a partir de obras comentadas e encenadas pelos personagens da própria editora, em diversificadas situações cotidianas, ou ao

inserir na trama, no núcleo da escola, uma cena de *slam*, expressando o reconhecimento do que o movimento literário de saraus e *slams* têm provocado no país.

A cena que reproduz um *slam* realizando na rua, intitulado como *Slam da Praça*, traz após apresentação do personagem Luan, a seguinte fala da professora de Português: “Eu vou levar isso para escola, eu vou descobrir um jeito de levar isso para a escola. É extraordinário ver tanto jovem assim interessado em poesia”<sup>46</sup>. A fala da professora, na novela, indica o interesse que tem surgido na inserção de saraus e *slams* nas escolas.

## 6.2 Qual a importância dos saraus na vida dos sujeitos da pesquisa?

O sarau literário periférico aparece como uma das práticas de leitura ascendente na nossa sociedade atual, interferindo sobre o lugar da leitura na vida das pessoas, essencialmente de jovens negros periféricos, que passam a ter um novo contato com a literatura, diferente do que ocorre em sala de aula. Esse novo contato interfere nos modos de ler e na provocação, com a reflexão de nossas vozes na sociedade, passando elas a ocupar um novo posicionamento social, de modo a reverter o lugar que geralmente nos é designado, transformando essa conscientização do que se é em ação, por meio da fala, da atitude e também da escrita.

Essa atratividade tem inquietado o ambiente escolar pela forma como os jovens vêm sendo seduzidos por outras formas de contato com a literatura. Na pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil 2016*, no debate sobre leituras e sua qualidade, entre avanços e formas, Failla (2016) declara que tanto faz

[...] a leitura autônoma, a leitura arte, a leitura por “gosto”... Mas todas constroem uma só tese: a de que a leitura é libertadora e promove o protagonismo no acesso ao conhecimento e à cultura. A leitura transforma, informa, emociona e humaniza. Traduz e nos aproxima do que é humano em diferentes tempos, lugares, sentidos, culturas e sentimentos. É a principal ferramenta para a aprendizagem e para a educação de qualidade, e condição essencial para o desenvolvimento social de uma nação. (FAILLA, 2016, p. 21)

Discutir a face leitora através dos saraus literários em escolas do Recôncavo é o que aqui nos interessa, e ela se apresenta a partir da poesia como prática de liberdade, como uma poesia que revolta, mas também humaniza, que informa, emociona e, sobretudo, transforma, quando a voz ecoa da alma e a identificação do outro acontece.

---

<sup>46</sup> Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/7904015/>

A poesia tem se apresentado, instantaneamente, de forma diversificada, modificando o cenário atual da literatura no Brasil, gerando inovações e atualização a cada novo suporte tecnológico ou de objetos que são utilizados a partir da criatividade do escritor ou de quem o gerencia. Em formatos cada vez mais plurais, tem se modificado não só a forma de escrever, mas, essencialmente, a maneira de ler os variados tipos de textos, alguns deles tendo a recepção imediata do leitor.

Os leitores, seduzidos pela literatura contemporânea e por suas formas de entretenimento, têm despertado, na sociedade, o olhar para essa literatura que tanto fascina o mundo jovem. De tal forma, que editoras, feiras literárias e escolas estão se rendendo a essa aparente revolução literária e inserindo, em seus contextos de vendas, eventos e bibliotecas, a presença dessas escritas contemporâneas e dos seus escritores. Estariam elas vendo novas possibilidades de incentivo à leitura e à escrita nos novos formatos? Acredito que não só vendo, mas estimulando e instigando o leitor contemporâneo, que se apresenta de forma ativa e viva nas plataformas digitais e pessoais.

Quando um professor decide fazer um sarau no formato periférico em sala de aula ou na escola, ele rompe com os pressupostos que foram estabelecidos socialmente para a instituição da escola, segundo os quais “o aluno vai à escola para aprender”, ainda que saibamos, como professores, que não é esse o processo natural das coisas, porque ensinamos e aprendemos nos mesmos atos, juntos com eles, e esse confronto torna-se diário nas diferentes propostas e ações de práticas pedagógicas.

“Na consciente e crítica atuação do/a professor/a como pesquisador/a e do/a pesquisador/a como professor/a, surge a resistência transgressiva também nas práticas pedagógicas” (DIAS; COROA; LIMA, 2018, p. 34). Os professores que estão aderindo à prática dos saraus periféricos ou fazendo outras propostas que se encaixam no campo da decolonialidade vêm assumindo o lugar de “professores que tiveram coragem de transgredir os limites que fecham cada aluno numa abordagem de aprendizado linear, estável, compartimentada, como uma linha de produção” (hooks, 2013, p. 25).

O sarau é uma atividade coletiva que se constrói a partir de todos que interagem na proposta de atividade cultural, desde os que o organizam, em todos os setores, perpassando por quem participa como artista, até quem lê, escuta, dialoga e aplaude, pois todos, na construção coletiva, irão ocupar, em determinados momentos, o lugar de sujeitos dispostos na partilha de falar, ensinar, auxiliar, aprender, escutar, mas também de ser plateia.

É imperioso salientar que caminhar pela perspectiva decolonial e investigar os saraus propostos no ambiente escolar é perceber que, “na interação entre a teoria e a prática

pedagógica, é possível transgredir e romper limites, fronteiras, roteiros que confinam nossa prática pedagógica dentro de um conjunto de normatividades e tradições.” (DIAS; COROA; LIMA, 2018, p. 34).

A partir dessas premissas, parto para a segunda pergunta de análise metodológica desta pesquisa: Qual a relação dos sujeitos da pesquisa com o sarau na escola? O que é construído a partir dos saraus? E qual a provocação dos saraus na vida desses sujeitos, a partir da relação entre leitura e escrita, dentro e fora do ambiente escolar?

O que os saraus literários provocaram e provocam, com sua implantação, desde o início do século XXI, senão o acesso ao conhecimento e à cultura através da leitura vocalizada e do protagonismo dos jovens periféricos, ao descobrirem sua voz e seu poder de voz?

O acesso vem da reversão do acesso negado, durante séculos, à literatura, do contato variado que jovens negros passam a ter com a palavra, que é semelhante à sua, com as histórias que são tão iguais que ele se vê como se estivesse diante do espelho, provocando a vontade de colocar no papel aquilo que sempre viu, sentiu, imaginou, mas se achava incapaz de ecoar, de colar sua vida ali.

O envolvimento dos sujeitos dessa pesquisa com o sarau se dá de variadas formas. Inicialmente, pelo contato dentro da escola, e depois, em alguns contatos posteriores fora da escola, incluindo a participação ativa nesses eventos. O que é o sarau para os sujeitos dessa pesquisa? Como foi esse encontro de vivência com os saraus dentro da escola? O que o sarau possibilitou, provocou e trouxe de novo para a vida desses sujeitos? O que eles pensam sobre essa atividade cultural?

Para “Borboleta”, o sarau é “um lugar onde as pessoas podem mostrar seus talentos” (entrevistada “Borboleta”, setembro de 2019). Já para “Amora”, o sarau “para mim, é um lugar de conhecer pessoas. Assim, porque eu acredito que você consiga conhecer as pessoas pelas coisas que elas estão experienciando no sarau. Então, eu acho que dá para fazer amizade.” (entrevistada “Amora”, agosto de 2019). Conhecer talentos através das diversas apresentações que podem ser inseridas em um sarau é uma possibilidade de defini-lo. Entretanto, ele não exige talento, não exige dom: ele clama por vontade, ele provoca participação. Justamente, ele é tão atrativo porque não se precisa ser artista para fazer uma participação, ou inclusive organizar um sarau.

No entanto ao assumir o palco, o centro, a roda, ao ecoar nossas vozes, outras manifestações artísticas, com a própria magia do sarau, nos evocam a visão de arte, de dom,

de talento. O sarau nos revela identidades que são forjadas pela *performance* e nos apresenta pessoas diferentes das que conhecíamos ou sobre as quais fazíamos pré-julgamentos.

Os saraus literários, nas escolas, entrelaçam-se, de forma especial, com os sujeitos desta pesquisa, inclusive resgatando faces ocultadas. Como nos conta “Borboleta”:

Encenar, para mim, sempre foi uma coisa que eu gostei muito. Por isso que, quando veio essa coisa da poesia e tal, e a gente podia se expressar na hora de declamar, foi algo que eu me identifiquei muito por causa disso. Eu sempre gostei de interpretar e tal... Queria fazer um curso de teatro, mas quem sabe... Mas, por conta disso, eu sempre gostei dessas coisas... (entrevistada “Borboleta”, setembro de 2019)

Em um sarau em sala de aula, essas múltiplas identidades ficam mais evidentes para o professor, pelos contatos cotidianos e variados com os alunos, nos quais lidamos com atividades diversificadas e expressivas. Isso pode provocar o autoconhecimento do aluno e da aluna, o que é instigante para a escola. Sobre a vivência do sarau no colégio, “Diva” nos revela:

É muito interessante, muito bom. Porque foi a minha primeira experiência foi no colégio que foi aonde eu pude me descobrir. A partir dali, foi onde eu comecei mesmo a me descobrir, que eu poderia escrever, que foi a partir de uma palavrinha já criei um poema e é muito importante para mim até hoje. Quando tem eu gosto demais, não só no colégio, mas fora também. (entrevistada “Diva”, setembro de 2019)

Porém, antes de revelar essas faces ocultadas das identidades dos alunos, existe a timidez, o travar na hora de falar em público. Isso sempre me inquietou, também como aluna, e agora percebo isso como professora, entre meus alunos, que não se sentem tão à vontade e confortáveis diante de nossos colegas de sala. Os desconhecidos parecem nos trazer mais segurança. O que deveria ser ao contrário, pois temos uma convivência cotidiana e, em muitos casos, trajetórias paralelas de vida dentro da escola.

Assim, no sarau na escola, primeiro eu tive muita vergonha, porque tava todo dia os mesmos colegas, porém era constrangedor para mim, no momento falar algo que eu escrevi, porque vai que as pessoas não iam gostar, entendeu? Eu fiquei muito com medo da reação das pessoas. Mas aí, quando todo mundo começou a falar também, deslanchou... (entrevistada “Borboleta”, setembro de 2019)

O medo de falar em público, no sarau, se rompe quando todos se veem entretidos na mesma situação, essencialmente aqueles que, em primeira instância, não demonstram interesse em participar, ou têm pavor de falar em público. No decorrer dos saraus, se veem provocados a falar, por verem o que os colegas são capazes de fazer.

O frio na barriga, ao se tornar o centro das atenções, aparece nas diversas atividades com pessoas comuns, em situações simples, mas também com artistas consagrados. Ao mesmo tempo em que traz um incômodo, provoca uma sensação única de vivenciar e se ver de outra forma naquele momento de fala. O sarau instiga ambas as sensações. Sobre sua primeira apresentação no sarau, “Diva” nos conta:

Nervoso. (risos) Eu fiquei muito nervosa, porque eu fiquei também muito ansiosa em mostrar. Porque eu falei: meu Deus! Como é que eles vão reagir? E, no início, eu comecei ... Eu começava com poemas mais para o lado que, na verdade, eu chamava de citação, do lado mais do amor e tudo mais em questão. Mas depois eu fui criando outra voz como eu, sabe? E fui fazendo outros tipos de poemas e, quando eu apresentei a primeira vez, eu fiquei assim... Ufa! Consegui! (risos). (entrevistada “Diva”, setembro de 2019)

O medo da reação só é rompido quando os aplausos encontram os olhos e os ouvidos de quem se apresenta. No sarau, o aplauso é motivação, pois todos são aplaudidos, independentemente de ter sido um texto fantástico ou não. É óbvio, que quando é um “textão”, produzido no mesmo grau da *performance*, os aplausos não querem cessar, e todos passam a se sentir mais libertos, com a diminuição do medo, ao saber que não serão vaiados – o que é uma das regras de qualquer sarau, fora e dentro da escola. E aqueles que não se sentiram tão bem com sua própria apresentação trazem o mesmo texto de volta, em uma outra edição do sarau, e buscam “performar” aquilo que queriam provocar no público.

O sarau na escola era pra... Eu não sei explicar. Era um lugar bom. Era o lugar que eu tinha para me expressar. Pra colocar quem eu era para fora, durante aquele dia, que ficava preso dentro de mim, os textos que eu fazia, tudo que ninguém via ninguém sabia, mas que, naquele do sarau, eu mostrava para todo mundo. (entrevistada “Amora”, agosto de 2019)

A Diva também nos conta: “Ao mesmo tempo que eu sinto um friozinho na barriga, eu sinto uma sensação de orgulho de mim mesma por ter feito aquele poema, por ter recitado o que tava guardado por muito tempo dentro de mim. Eu quis trazer em forma dos meus poemas.” (entrevistada “Diva”, setembro de 2019). Em um sarau na sala de aula, só oferecemos as chaves, e alunos e alunas vão destrancando as portas e construindo seu protagonismo.

Fazer a transgressão acontecer na sala de aula é dar espaço para que o aluno exista a partir de sua voz, pois falar é também existir, e ainda precisamos “descalar” as imposições de silenciamento de alunos e alunas que ocorrem nas práticas escolares. Assim, é preciso

compreender que “os saberes que sustentam o discurso do/a pesquisador/a e do/a professor/a não podem ser colocados como baliza suprema. É preciso trazer para o campo da análise e para o campo pedagógico o saber que sustenta o discurso do outro.” (DIAS; COROA; LIMA, 2018, p. 43).

Ribeiro (2017) nos diz que todo mundo tem lugar de fala, pois falamos a partir de nossa localização social. E a partir desse lugar que cada um ocupa que existe a possibilidade de reflexão crítica, onde todos os temas sociais podem ser debatidos. Entre os fundamentos desse espaço de voz está o reconhecimento de quem se é, a consciência de que não se ocupa um lugar neutro na sociedade. Por isso, faz-se necessário compreender a que grupo cada um pertence e as formas hierarquizadas que são produzidas ou sofridas a partir do lugar ocupado, e de que forma se é impactado ou se impacta os outros nesse lugar. Como afirma a Djamila:

A interrupção do regime de autoridade que as múltiplas vozes tentam promover faz com que essas vozes sejam combatidas de modo a manter esse regime. Existe a tentativa de dizer voltem para os seus lugares, posto que o grupo localizado no poder acredita não ter lugar. (RIBEIRO, 2017, p. 87)

Quais os múltiplos lugares que o professor e a professora, o aluno e a aluna podem ocupar na sala de aula e na escola a partir de suas identidades? Quantos desses espaços vêm sendo negados a partir do seu lócus social? Qual o impacto do apagamento dessas vozes na vida desses indivíduos e na sociedade? É compreendendo a necessidade de reflexão sobre essa importância identitária do ser, do poder e do saber que trilho o caminho decolonial nesta pesquisa.

[...] numa perspectiva crítico-transgressiva decolonial, os sujeitos envolvidos no estudo partilham seus lugares de discurso de forma não hierarquizada. O/a pesquisador/a vai ao lugar de discurso do/a pesquisado/a e o/a pesquisado/a vai ao lugar do/a pesquisador/a. Assim, a separação e a hierarquização epistemológica entre pesquisador/a e pesquisado/a é transgredida. Todos sujeitos envolvidos no processo de pesquisa trocam e relatam conhecimentos, com vistas à desconstrução dos instrumentos de marginalidade e injustiça social perpetrados na/pela linguagem (DIAS; COROA; LIMA, 2018, p. 43)

Em um sarau na sala de aula ou na escola os estudantes e as estudantes são tão construtores quanto o professor e a professora, pois as práticas construídas na atividade cultural podem surgir em suas ideias, mas também das vivências ou das práticas de saraus, onde o gesto, a atitude ou o desejo de alunos evocam a inserção de determinadas categorias, poemas, habilidades artísticas ou temáticas na roda de conversa, ou o convite a determinado artista ou escritor para a atividade. A atividade só existe se a voz dos alunos existir. É nessa

configuração que me proponho a pensar os saraus nas escolas e a analisar a formação leitora a partir da vivência e da voz dessas estudantes, pois

[...] quando pensamos na relação pesquisador/a–pesquisado/a e professor/a–aluno/a, a perspectiva crítico-transgressiva decolonial impõe como tarefa política a busca por desconstruir os elementos políticos e ideológicos que dão sustentação à marginalidade e subalternidade. (DIAS; COROA; LIMA, 2018, p. 43)

Mas o que é “descalar”? Esse termo passou a ser usado em alguns dos poemas e falas minhas, em eventos, a partir de meu processo reflexivo sobre como a poesia chegou à minha vida e de como ela age também na vida de outros, “dessilenciando” nossas vozes resguardadas pela estrutura e pelo poder que a fala sempre representou no nosso sistema social. As vozes, ecoadas em saraus e *slams* no mundo, talvez sejam uma das maiores representações contemporâneas do que eram as negações dos lugares de fala. Essas vozes não ecoaram discursivamente e politicamente do nada, pois esse medo de falar o que pensa, sente, vê e reflete não é neutro. Por séculos o direito de falar nos foi negado em diversas facetas vividas por nossos ancestrais. No lugar de ser mulher, negra e pobre, sinto esse fator triplamente marcado.

É desse mesmo lugar que também vejo ainda, no espaço institucional da escola, a voz do aluno e da aluna, pois, nos poucos momentos em que eles têm oportunidade de falar, tomamos conhecimento dessas vozes resguardadas, que trazem histórias interseccionadas por suas identidades e as configuram, inclusive, no seu silenciamento em determinadas atividades propostas e nos comportamentos em sala de aula.

Hall (2016) concebe a cultura como um conjunto de práticas em que há produção de significados de forma compartilhada entre os membros de um grupo ou uma sociedade. “A cultura depende de que seus participantes interpretem o que acontece ao seu redor e ‘deem sentido’ às coisas de forma semelhante.” (HALL, 2016, p. 20). Pensando nas práticas culturais de leitura: como a leitura e a literatura entram de forma significativa na vida desses sujeitos da pesquisa e de que forma ela é ressignificada ou não através dos saraus nas escolas? “Em toda cultura, há sempre uma grande diversidade de significados a respeito de qualquer tema e mais de uma maneira de representá-lo ou interpretá-lo.” (HALL, 2016, p. 20).

Marisa Lajolo (1999), no livro *Do mundo da Leitura para a Leitura do Mundo*, afirma o quanto ler é essencial, e a leitura literária é fundamental e importante no currículo escolar, pois é por meio dela, tomando posse da linguagem literária, que o cidadão pode exercer plenamente sua cidadania. Entretanto, cabe refletir sobre a dificuldade de acesso que



ainda existe, em nossa sociedade, aos bens culturais, o que passa, muitas vezes, pela mediação da leitura, a qual, mesmo dentro do ambiente escolar, é excluída diante do sistema precário da educação brasileira, sobretudo nas escolas públicas.

“A literatura constitui modalidade privilegiada de leitura, em que a liberdade e o prazer são virtualmente ilimitados. Mas, se a leitura literária é uma modalidade de leitura, cumpre não esquecer de que há outras, e que essas outras desfrutam inclusive de maior trânsito social.” (LAJOLO, 1999, p. 105). Essas outras leituras, em inúmeras ocasiões, não são consideradas na nossa sociedade, inclusive dentro da sala de aula, onde o aluno é visto, na maioria das vezes, fora de seu contexto social e da leitura de mundo, ignorando-se que, nesse espaço, ele pode também dialogar e provocar tantas outras leituras.

Quando essas vozes se multiplicam, o discurso autorizado e único, tão valorizado pelo currículo colonizado, é quebrado, mesmo se sabendo que “o lugar social não determina uma consciência discursiva sobre esse lugar. O lugar que ocupamos socialmente, porém, nos faz ter experiências distintas e outras perspectivas.” (RIBEIRO, 2017, p. 71). Ter a voz do aluno falando sobre sua realidade ou de temas que o aproximam, através da literatura, interessa-nos para que a educação atinja o lugar aonde precisa chegar mais fortemente: o de contato direto com a realidade do aluno.

Os saraus literários, fora da escola, nos ensinam a ouvir as pessoas, tal como nos diz Sérgio Vaz: “O silêncio é uma prece”.<sup>47</sup> Em um século em que estamos todos preocupados em dizer, quem são os que escutam? A sala de aula, atualmente, pede para que os alunos falem. Mas como nos importamos com o que ouvimos? “O não ouvir é uma tendência a permanecer no lugar cômodo e confortável daquele que se intitula poder falar sobre os Outros, enquanto esses Outros permanecem silenciados” (RIBEIRO, 2017, p. 80) A leitura entra como processo fundamental do descilenciamento de jovens negros e periféricos, oferecendo outras possibilidades de rescrever a história.

A liberdade da escrita, da declamação, entra como prática de (des)silenciamento no ambiente escolar, como o descalar dos jovens dentro da escola a partir do produzir e ler fora e dentro da sala de aula. Falo de vozes que passam a se autorizar na sociedade que as invisibiliza e também vêm promovendo esse descalar dentro da sala de aula, pois levam as práticas aprendidas em comunidades e nos movimentos sociais para dentro da escola, sempre que há oportunidade.

---

<sup>47</sup> Frase ecoada pelo autor a cada sarau da Cooperifa

Entre os discursos sobre leitura no Brasil e seus desafios, o argumento de Failla (2016) vai de encontro ao senso comum, ao nos dizer que:

O desafio é conseguir despertar para a leitura uma geração quase entorpecida pela comunicação em meio digital. Ler é uma prática que exige ficar só, que pede concentração, não oferece estímulo multimídia, mas, principalmente, pede o domínio da competência leitora e do letramento. Ler não é tarefa fácil para quem ainda não foi “conquistado”, e é impraticável para quem não compreende aquilo que lê. (FAILLA, 2016, p. 20)

Os saraus literários periféricos vêm demonstrando que existe outra maneira de ler, na qual a leitura pode ser feita de forma não tão silenciosa, não tão solitária, de forma concentrada, mesmo diante de várias pessoas ao redor, pois elas estão entretidas pelos discursos da fala. Trata-se de outro modo, no qual podemos vibrar conjuntamente diante da leitura e, ao mesmo tempo, viajar com a informação que nos provoca, nos transforma e nos transtorna no ato. É como se voltássemos à roda de história de nossas avós na infância, ao momento em que parávamos para aprender. A diferença é que agora não é só o mais velho que fala: todos estão autorizados a dizer.

#### 6.2.1 Entrelace: O repertório leitor e os saraus – as construções das performances

Os saraus promovem uma nova relação entre leitura e escrita na vida dos alunos, pois eles passam a vivenciar leituras mais diversificadas e são apresentados a uma diversidade de autores, em um espaço curto de tempo, e, ao mesmo tempo, proporcionam essas leituras a outros.

Em cada uma das edições do sarau, não iremos encontrar o texto performado da mesma forma, não só porque o envolvimento deles é de entrega para uma nova *performance*, como nas peças teatrais. Eles fazem a preparação em casa e tentam reproduzir, na hora da apresentação no sarau. Eles fazem o mesmo, mas, por cada sarau ser único, há uma nova forma de vivenciar o mesmo texto, a partir dos sentidos que são partilhados entre texto, corpo, alma e público, atualizando-se, sempre.

Zumthor (2007) define *performance* como um acontecimento imediato ao conhecimento oral e gestual, em que a própria oralidade tende a se diluir e a gestualidade a desaparecer, sendo o ato que ocorre sempre na presença de um corpo, que se renova em continuidades, escrevendo alguma coisa que, na diferença, emana poesia.

O conceito de performatividade desloca a ênfase na identidade como descrição, como aquilo que é – uma ênfase que é, de certa forma, mantida pelo conceito de representação – para a ideia de “torna-se”, para uma concepção de identidade como movimento e transformação. (SILVA, 2014, p. 92)

Nenhuma *performance* é igual a outra. A cada apresentação poética, ainda que seja o mesmo texto, um novo modo de ler e corporificar as palavras se instaura. Zumthor (2007) afirma que, na “corporização” do prazer poético, novas formas de leitura vão necessariamente se desprender. “Ler é uma espécie de projeção do leitor sobre o texto, o qual é pouco mais que um pretexto para exercício de elaboração de sentidos trazidos pelo leitor de sua experiência de vida.” (COSSON, 2014, p. 38)

A outra conceituação é a que “Amora” nos traz, em que o sarau é um espaço para conhecer pessoas. E como é... Eu sempre digo que a poesia reúne, e o sarau é a prova dessa reunião poética entre pessoas de variados lugares e gostos, que comungam da magia literária da poesia e suas extensões artísticas. Qualquer que seja a faceta da arte manifestada, a poesia está presente em todas: na música, na dança, nos gestos, nos desenhos, nos grafites e até no silêncio, essencialmente no silêncio de um sarau.

Conhecer pessoas é sempre renovador, mas conhecer pessoas diante do que elas estão demonstrando ser, ou de seu saber fazer, através de um sarau, gera uma magia. É um conhecer se encantando pelo outro, sendo surpreendido pelo encontro artístico, pela manifestação ecoada, pelo transtorno gerado pela arte que toca em nós. Ou, ainda que não nos toque, gera o reconhecimento do ser artístico do outro. Dentro da escola, esse conhecer pessoas aparece diante daquilo que não enxergávamos nem conhecíamos no outro, e pode ser um novo olhar tanto na sala de aula quanto no pátio de um colégio.

Ah, lembro que tinha uma amiga que... Assim, ela era essa pessoa muito exagerada, tudo dela falava alto, não sei o que... Só que, na hora de servir a gente, não ela não conseguia, assim, falar em público, digamos. E aí teve um dia que, no sarau na aula, lá teve a proposta de fazer dois grupos de sarau. Tanto que a gente pintou o rosto, colocou o nome *Sarau Cara Metade*, sarau não sei o que... E aí, na hora de apresentar, ela chegou lá gritando, arrasando, sei lá, pisando, sabe? Esbravejando. E foi algo assim que surpreendeu todo mundo da sala. (entrevistada “Borboleta”, setembro de 2019)

Sobre essas identidades que se revelam, “Diva” também nos conta sua percepção sobre os colegas:

Eu me surpreendo com as pessoas da minha sala, cada vez mais, porque não só eu, mas eles também crescem tendo uma opinião do jeito que eles demonstram. Claro, que cada pessoa vai ter o seu jeito de recitar, de escrever, mas eu acho muito interessante, muitas vezes, até o modo de pensar, ou até mesmo as palavras, sabe?

Que eles utilizam, e o jeito de recitar. Eu achei muito interessante. (entrevistada “Diva”, setembro de 2019)

E, além da percepção que elas e eles passam a ter de si e de outros, há a relação com os saraus e as atividades letradas que o envolvem. Cria-se uma relação de saber diante do outro, não só da leitura, da escrita e da fala, mas, sobretudo, de proximidade poética de quem sabe fazer, e isso vai além do sarau, pois é acionado em outras relações e atividades dentro e fora da escola.

Ah, eu lembro que foi uma agonia. Todo mundo bateu palmas e, até hoje, assim, se tiver alguma coisa no colégio... Ah, fala com A\*\*\*\* porque ela escreve poesia. Aí eu tenho que me virar, seja lá qual for o tema. Eu posso não ter nenhuma, mas eu tenho que me virar, porque as pessoas já veem em mim aquela que escreve. (entrevistada “Borboleta”, setembro de 2019)

Na escrita, o acesso é viabilizado pelas oficinas que antecedem os saraus ou pelo prazer que é despertado na aprendizagem de saber fazer um poema. Eles criam um lugar de autorização na escrita, de envolvimento, de afeto, de brincar com as palavras sem medo, até que elas não ficam só no papel: ganham voz, na própria voz ecoada deles. E o corpo as acompanha na manifestação em presença do outro, marcando o como dizer o texto.

O chamamento para a leitura, no sarau, acaba promovendo os rumos da escrita desses textos, que surgem em oficinas literárias, ou no prazer, em casa ou em outros lugares. Sobre se o sarau incentiva mais a ler ou a escrever, “Borboleta” nos diz:

Eu acho que os dois e escrever principalmente, porque assim, ler bastante... Porque eu buscava fazer poesias através de coisas que eu tava lendo, sabe? Buscar qualquer palavra assim que se encaixasse na minha poesia, era mais por isso que gosto de ler. E escrever porque me ajudou em tudo, até no colégio, redação e tudo mais. Eu tenho mais facilidade por conta disso. (entrevistada “Borboleta”, setembro de 2019)

Já “Diva” argumenta trazendo sua vivência dos saraus dentro e fora da escola:

Eu acho que ele me motiva um pouco dos dois, né? Porque, como a senhora faz em sala de aula e fora mesmo, sempre leva uns livrinhos que a gente pode estar tendo contato, a gente pode estar vendo diversos poemas e pode estar falando lá, recitando. Mas eu acho que também me incentiva muito a escrever porque, a partir dali eu vejo diversas pessoas e vai vindo várias inspirações. E eu vejo pensamentos diferentes, poemas diferentes e é muito legal. (entrevistada “K”, setembro de 2019)

E “Amora” reflete fazendo uma avaliação sobre o trajeto entre os saraus anuais na escola em que ela participou:

É... Sim. Porque assim como eu falei sobre o último sarau ter sido o melhor, foi porque com o tempo, eu comecei a melhorar minha escrita. Porque combinar as coisas que eu ia falar, como ficaria melhor eu recitando, e a ler mais também. Porque, para você escrever, você precisa ler. Então, quando eu lia é ... Sobre coisas diversas. Não que tivesse muito a ver com as coisas que eu escrevi, mas sobre coisas diversas, eu ampliava meus horizontes. Então, eu poderia escrever sobre outra coisa, pois eu tinha uma base de leitura, eu tinha uma base para escrever. (entrevistada “T”, agosto de 2019)

A leitura acaba se tornando mais presente e significativa através do sarau, por meio das provocações para a leitura e escrita que surgem a partir dele, o interesse por determinado assunto, tema, o estilo de poema ou do escritor e da escritora.

Ao mesmo tempo, o aluno passa a acompanhar alguns dos autores que são apresentados no sarau, ou pela sua presença física na performance, ou apenas pelo texto, no livro, ou através da leitura com *performance* de outro. Além disso, há os vídeos e a interação nas redes sociais com escritores do circuito de saraus pelo país, ou a literatura contemporânea, que vem se expandindo cada vez mais através das tecnologias, oferecendo outros capítulos para a democratização do conhecimento.

O sarau chega como um lugar de ressignificação dentro da escola para essas alunas. Os relatos, nas entrevistas, nos revelam o que o sarau trouxe para suas vidas.

Eu acredito que sim porque o sarau eu posso falar por experiência própria. Ele me deu vida. Ele me ensinou a viver de verdade porque a partir daquele momento que eu comecei a estar no sarau, a recitar as coisas que eu fazia, a ver as outras pessoas, eu comecei a enxergar as coisas de forma diferente e comecei a pensar sobre como eu poderia contribuir com as pessoas estavam falando nesse momento. O que que eu podia fazer para tomar o meu espaço, o seu espaço que sempre era batido e rebatido para gente o seu espaço, o seu espaço, então, daí eu comecei a pensar sobre fazer uma universidade, sobre tudo em relação ao universo acadêmico. (entrevistada “Amora” agosto de 2019)

O contato com o sarau possibilita outras perspectivas leitoras e de vida dentro e fora da escola, abrindo espaço para expressar os pensamentos ocultos em relação a si mesmo e à sociedade, pois, dentro das atividades discursivas escolares, na maioria das vezes, os alunos pouco têm a oportunidade e a espontaneidade de expor seu pensamento com tamanha liberdade. Além de enxergar outras formas de compreender o mundo a partir do pensamento partilhado do outro, por meio da voz, na poesia. “A escuta do próprio corpo, da própria voz e da voz e da voz e do corpo do outro, e ainda, a escuta da vocalização do texto podem acender tanto percepções sobre si quanto sobre o texto.” (KEFALÁS, 2015, p. 130)

Assim como “Amora”, “Diva” também nos revela, em duas falas, o que o sarau mudou em sua vida.

Tudo. O meu jeito de pensar. O meu eu escrevendo. O que tinha vergonha. Diva tímida. Então mudou bastante, eu pude... Como eu falei, eu pude me ver, esse meu lado escritora, ver esse meu lado que tem outros talentos, além de escrever, e também saiu muito dessa parte de ser tímida, de na hora de apresentar a pessoa ficar com aquele friozinho na barriga que tem, né? Mas me ajudou muito. (entrevistada “Diva”, setembro de 2019)

Na primeira fala, ela expõe essa importância envolvendo a forma de pensar, de colocar o seu eu no papel, a sua timidez, a descoberta da escrita literária e outras faces artísticas que também tiveram espaço e manifestação dentro da atividade cultural. Já na segunda fala, ela relata a nítida significação do que é o sarau.

O sarau, para mim, é um lugar onde eu pude mostrar quem realmente eu fui. O que eu sei fazer, e o que eu, nem eu mesma, sabia que eu poderia fazer. Não só essa questão de escrever, mas eu também comecei a me descobrir na música. Porque quando eu, na minha infância, também eu sempre gostei de cantar. Eu cantava em igreja, em alguns eventos grandes, assim. Mas quando precisava sempre estava lá. E eu tinha parado, tem um bom tempo que eu tinha parado de cantar, e algumas pessoas ficavam canta e tal... Mas eu sempre tive aquele meu eu fechado, me guardar para isso. Porque eu acho ... Eu sempre liguei... Hoje em dia eu tô mudando mais meu pensamento, mas eu sempre fui de pensar na opinião das pessoas. Eu ficava: como é que as pessoas vão reagir se eu postar assim do nada... Quem vai ser Diva e as pessoas do colégio? Mas eu fui me soltando cada vez mais e preciso melhorar assim cada vez mais. (entrevistada “Diva”, setembro de 2019)

A vivência no sarau auxilia, sobretudo, a lidar com a exposição de fala e de si em público, o que, para muitos, não é um espaço confortável. A partir da sua experimentação e a quebra do frio na barriga, começa a surgir uma segurança maior na fala, que vai se atualizando e se tornando mais natural com o tempo. O estar no centro da sala ou de uma roda poética traz uma energia que, mesmo com o frio na barriga, provoca uma sensação de querer viver aquilo de novo. Na maioria das vezes em que ecoamos nossas falas, e conseguimos nos comunicar com as expressões do público.

No sarau, é importante que se compreenda a leitura como ato que também “implica a recuperação das marcas originais da palavra, porque a palavra, originalmente, não é letra, mas voz e corpo.” (MATOS, 2015, p. 95) Então, o ato de ler no sarau precisa ser compreendido além dos signos grafados ou de sua tradução em sinais gráficos, porque tanto corpo quanto a voz marcam essas leituras. Isso porque

[...] na poesia, seja ela lida ou declamada, o corpo participa da ação de ler ou dizer desde o balúcio sussurrante, na leitura individual, a variada tonalidade da voz ou a estruturação rítmica, até a gesticulação corporal, que se manifesta nos movimentos das mãos, nos meneios da cabeça, na curvatura do tronco, na dança do corpo de um

lado para o outro, para frente, para trás, num vai e vem próprio da atuação performática. (MATOS, 2015, p. 101)

Essa voz que implica os modos de leitura e recepção do texto é o palco do sarau, onde corpo se inscreve junto com o texto, promovendo outras possíveis leituras ou identificações da plateia. “Na escuta de uma voz, na mirada de uma imagem o leitor/receptor reencontra uma sensibilidade “anestesiada” e “adormecida”. O leitor/receptor, agora despertado, passa a ser uma espécie de coautor (MATOS, 2015, p.100).

A performance atrai o público de maneira diferente, e isso não destoa do que acontece também em um sarau na sala de aula, pois “a voz é dotada de um poder que se deriva sobrenatural e divino, decorrente de sua própria eficácia, pois, uma vez articulada, converte-se em ação, fato, coisa viva, que nasce, cresce e se transforma.” (MATOS, 2015, p.101).

A significação que o sarau promove na vida dos sujeitos da pesquisa configura-se por meio do espaço de voz que passam a ter e, nele, se identificam e se reconhecem nos textos lidos e performados por eles mesmos e por outros, ao trazer proximidade com a linguagem e com os temas que lhes interessam. Pois, assim como o sarau provoca a possibilidade de que essas vozes ascendam nesses espaços, conjuntamente emergem também as marcações de suas identidades. Também é possível inferir que, no sarau, ao “ler o texto literário abrindo-se para essa escuta que se faz mais incerta do que assertiva, mais plural do que reguladora, mais experimental que tarefaira, pode ser um percurso interessante de reencontro da leitura com o espaço da sala de aula.” (KEFALÁS, 2015, p. 130)

Esse reencontro com a leitura, dentro do espaço da sala de aula, pode ser promovido e se torna atrativo com o sarau, pois

[...] o próprio corpo, o espaço, o outro ou ainda, o poema, o texto podem suscitar a presença no sujeito leitor, essa presença não é algo previsível, é controlável, mas pode ser um tanto quanto tocante, pode reverberar impressões sejam elas imagens sonoras, lembranças, sensações ou associação. (KEFALÁS, 2015, p. 128)

Isso ocorre porque “a escuta da voz, do que o som dela provoca no corpo, pode abrir um leque de possibilidades de contatos com o texto no ato da leitura em voz alta, permitindo diferentes modos de ver o poema” (KEFALÁS, 2015, p. 130) Esses diferentes modos de ver o poema cativam o leitor, dentro e fora da sala de aula, tanto por meio dos saraus quanto dos *slams*. Essencialmente quando são textos autorais. Essa abertura de fala e

dos modos de ler é que contagia a participação no sarau, com as alunas transcendendo sua vontade para o sarau fora da escola. Sobre o sarau fora da escola, “Diva” diz:

Eu acho o sarau fora da escola mais aberto, não em questão de ser aberto em si, mas em questão assim, que, no colégio, a gente tem regras, e é aquelas mesmas pessoas, meus amigos e quando a gente tem, os convidados. Mas fora do colégio, é uma coisa mais aberta, então a gente pode ver também outros talentos que a gente já não conhecia. Pode ver pessoas que se escondiam atrás daquele talento que tinha, mas que começam a não ter mais aquela vergonha e se soltar mais. (entrevistada “Diva”, setembro de 2019)

As regras do sarau dentro e dele fora da escola são diferentes. Mas elas comungam do silêncio, dos aplausos ao final de cada apresentação, do não pode vaiar, não pode atrapalhar a apresentação do outro. A poesia é livre, pode usar caderno, folha, celular, pode cantar, dançar, apresentar seus desenhos, contar piadas, causos populares, e se distingue em não poder falar palavrão ou palavras chulas, em ter um acompanhamento formacional, evolutivo e como proposta pedagógica em cada uma das edições. E a rotatividade de pessoas acaba sendo maior.

Acredito que, pelo fato de o espaço da rua ou de outro local ser diferente da sala de aula, e por acabar sempre trazendo um público diversificado, diferente do da sala de aula, é o que gera essa diferenciação mais acentuada na fala da entrevistada, por ver o sarau na sala de aula como um processo de atividade e fora da escola, não. Tanto que “Borboleta” afirma isso ao dizer que, na escola, é como se fosse uma obrigação, entre aspas, por valer ponto, e onde o aluno participa porque precisa, ou por que tem interesse na atividade. Fora da escola, não: é a pessoa que vai até o sarau.

Mas ambos têm processos formativos, o sarau na rua pode ou não ser inserido dentro de uma proposta pedagógica, a partir da intervenção de quem o organiza, mas de uma alguma forma ele possui um teor formativo na sua realização, pois os saraus inspirados pelos saraus periféricos possuem essa característica em suas identidades forjadas como proposta cultural.

Na minha prática, utilizo os saraus dentro da atividade complementar que o colégio oferece, como avaliação. Assim, realizo minhas oficinas e as propostas dentro do projeto *A poesia vive*, onde os alunos não são avaliados quantitativamente, pois priorizo a participação nas atividades, desde a leitura dos poemas, até a inserção nas oficinas de escrita criativa, ambas integradas com os saraus, assim concluindo todo o processo.

Quando pergunto a “Borboleta” se ela acredita que esse tipo de participação, essa forma como trabalho com os saraus, sem avaliação do aluno, pode funcionar, ela revela:



“Acho. Até porque têm pessoas que começaram a se desenvolver mais por causa do sarau. Pessoas mais caladas, que não falavam, não expressavam nada e, a partir de sarau, começou a se mostrar.” (entrevistada “Borboleta”, setembro de 2019). Nas abordagens iniciais, sempre existem alguns alunos mais resistentes, que perguntam: Vale ponto, professora? Como todo professor que se preze, respondo: Vale! É a atividade complementar e (ou) ponto extra. Alguns se interessam, como é comum em sala de aula a qualquer atividade proposta. Por esse motivo e na sequência, passam a interagir e a gostar da vivência dos saraus, tanto que, em algumas salas, se eles pudessem, todo dia seria dia de sarau.

Sobre sua vivência no sarau fora da escola, “Borboleta” argumenta:

É muito interessante. Às vezes, é com pessoas que você nem conhece. Você conhece pessoas no sarau. Como eu conheci um amigo e hoje a gente já escreveu junto. E é isso é a oportunidade de você ver novas coisas, né? Eu lembro que teve uma vez no sarau uma apresentação eu não sei exatamente quem foi que fez, um poema enorme, mas assim, um poema com trocadilhos. Aí todo mundo responde junto, e eu fiz uma poesia também com algo do tipo, com trocadilhos assim também. Só que eu não lembro agora, mas eu fiz assim, inspirada nessa pessoa, entendeu? Porque eu não conhecia esse tipo de poesia, e o sarau proporciona isso a você: conhecer outras poesias, outras coisas. (entrevistada “Borboleta”, setembro de 2019)

Estar no sarau fora da escola é também experimentar novas estéticas literárias que surgem na contemporaneidade e conhecer as atividades e oficinas vivenciadas pelos os alunos, que têm contato com os diversos autores clássicos e contemporâneos dentro da sala aula. Nele, se provoca a abertura para intertextualidade. A diferença é que esse contato é majoritariamente oral, pois nem todos os saraus têm livros disponíveis para a leitura.

Assim, a partir do conhecimento de novos poetas, podem fluir parcerias para a escrita conjunta e a divulgação dessas publicações nas redes sociais, como indica o depoimento de “Borboleta”. Seguir o escritor nas redes sociais, tornar-se leitor dos seus textos e, ao mesmo tempo, interagir com ele gera um retorno imediato dessa recepção do texto e uma abertura para novas práticas de leitura.

A cada sarau a que um poeta comparece, ele promove a possibilidade de conquistar leitores para suas obras, estejam elas no formato em que estiverem, físico ou não, a partir das leituras que podem ser provocadas nesse sujeito-leitor que está na plateia e que, por algum motivo, se sente atraído pela palavra do texto. O mesmo acontece na sala de aula, quando um escritor é convidado para recitar seus poemas e contar sua vida poética aos alunos.

Na realização dos saraus literários o leitor ou aluno pode realizar a leitura de diversas formas, desde com o uso de um livro literário, passando pelas anotações em papel ou

caderno, pela memorização e vocalização do texto oral, até o uso do celular<sup>48</sup>, pois pode ser que surja também a vontade de apresentar outro texto com base no desenvolvimento do sarau<sup>49</sup>.

As práticas de leitura se modificaram ao longo da humanidade. No século XXI, tanto as práticas não escolares como as escolares foram afetadas pelo *boom* tecnológico que vivemos, o qual diversificou não só os modos de ler, mas, sobretudo, de escrever. Esse fator impõe socialmente não apenas as novas práticas, mas os novos saberes e poderes.

A multiplicidade de discursos ganha, no século XXI, formas variadas de exploração, desde a diversidade de materiais *online* até a literatura eletrônica, que se expandiu com os *blogs* e *sites*, e atualmente se popularizou através das redes sociais: *Twitter*, *Facebook* e *Instagram*.

A sociedade, que vinha, até então, privilegiando o objeto livro e limitando a leitura a ele, passa a se deparar com novas ferramentas de leitura, inclusive a que comporta diversos livros em apenas um aparelho, como, por exemplo, o *kindle*, dinamizando as formas de leitura. Seja através da leitura verbal ou não verbal, não podemos negar a influência tecnológica nos modos atuais de ler.

A chegada do século XXI foi marcada por outra grande revolução nas tecnologias da linguagem, com a chamada invenção do hipertexto, atribuída por muitos a Ted Nelson. Tal tecnologia muda a prática de leitura em função do suporte físico e por causa das peculiaridades do hipertexto, tais como a não linearidade, a fragmentação. Por sua textualidade específica, ou seja, uma pluritextualidade (capacidade de amalgamar vários tipos de linguagem, que produzem efeitos de sentido paralelos), podemos dizer que há uma supertextualidade (mantém relações em cascata com outros textos e os vários discursos dialogam entre si), e uma megainteratividade (culmina na autonomia da construção e desconstrução do texto). Soma-se a isso um suporte que permite inundar, simultaneamente, o leitor de informações variadas e fragmentadas, devendo este saber organizá-las e compreendê-las para produzir conhecimento. (MOMESSO, 2007, p. 153 e 154)

É por essa multiplicidade e variedade de práticas que envolvem as metodologias utilizadas nos saraus que eles emergem como uma prática multiletrada.

[...] trabalhar com multiletramentos pode ou não envolver (normalmente envolverá) o uso de novas tecnologias da comunicação e de informação ('novos letramentos'), mas caracteriza-se como um trabalho que parte das culturas de referência do alunado (popular, local, de massa) e de gêneros, mídias e linguagens por eles conhecidos, para buscar um enfoque crítico, pluralista, ético e democrático – que envolva agência – de

---

<sup>48</sup> Podendo ter acesso por meio de *print*, copiado ou pesquisado naquele momento na *internet*, em páginas de autores que já conhece ou não, e a partir dos temas de preferência.

<sup>49</sup> Por mais que possua um formato, sua realização é sempre imprevisível, inclusive os discursos e as leituras dos participantes fazendo com que cada um desses eventos se torne único.

textos/discursos que ampliem o repertório cultural, na direção de outros letramentos. (ROJO; MOURA, 2012, p. 8)

O sarau aparece dentro de uma prática multiletrada, pois se inscreve socialmente em um lugar de comunicação na sociedade. Não podemos ignorar que os alunos e as alunas, em variadas regiões do país, estão tendo contato com esse lugar, e a escola pode criar possibilidades de eles trazerem essas linguagens para o ambiente escolar nas atividades educativas, e não apenas nos corredores da escola. Ao mesmo tempo, o sarau se apresenta dentro da falta de um lugar frequente e mais convidativo para a literatura na escola, e essa ausência interfere diretamente na de formação do leitor literário.

“A percepção de desaparecimento ou deslocamento da literatura talvez se deva ao modo como associamos à escrita e ao livro.” (COSSON, 2014, p. 15). O livro ainda é uma forma privilegiada de acesso à cultura, distante da condição popular do país e do acesso livre ou mais aberto a obras literárias clássicas e contemporâneas dentro das escolas, particularmente em cidades do interior, como no Recôncavo Baiano. “Se recuperarmos o sentido da literatura como palavra *qua* palavra, independentemente de seu registro ou veículo de transmissão, a situação pode ser diferente.” (COSSON, 2014, p. 15). E o sarau é uma das alternativas que possibilita essa aproximação, inicialmente por meio da oralidade.

“A literatura estaria, em nossos dias, experimentando uma nova forma de alargamento, ao ser difundida em diferentes formatos e veículos, usualmente em composição com outra manifestação artística.” (COSSON, 2014, p. 15). Eis uma delas: os saraus literários. Segundo Rojo e Moura (2012), o multiletramento evoca a multiplicidade cultural das populações e a multiplicidade semiótica de constituição de textos por meio dos quais ela se informa e se comunica.

Sair de uma estirpe culta para a transfiguração de acesso aos livros, ao texto, à palavra, em qualquer espaço, é o que precisa acontecer com a literatura no ambiente escolar. “É necessário que acostumemos o olhar de nossos alunos às diversas manifestações de linguagem, não nos restringindo ao texto escrito, mas também não ignorando sua vital importância na sociedade grafocêntrica em que vivemos”. (SILVA, 2018, p. 14 e 15)

“Eu acho que eu consigo me expressar melhor, em falar, em escrever... Como eu disse até em redação, eu me vejo melhor, tenho mais facilidade para conseguir escrever sobre os temas seja lá qual for, e eu acho que é isso, é no falar mesmo, no gesticular.” (entrevistada “Borboleta”, setembro de 2019). Quando “Borboleta” nos conta sobre a vivência do sarau na sua vida e a forma como ela modificou também sua vida escolar, abrindo vasta possibilidade de expressão na fala, no gesto e na escrita, assim como em outras entrevistadas, o sarau

denota uma importância de experimentação metodológica na escola como atividade expansiva das práticas letradas que já ocorrem.

A prática de saraus propicia, assim, não apenas contribuições para o comportamento dos alunos, mas também novos caminhos para os modos de ler e escrever dentro e fora do ambiente escolar, ao instaurar, por meio de sua prática, o espaço de voz para que todos, em sala de aula, possam falar, onde professor e aluno deixem aparecer suas identidades, seus pensamentos, construindo diálogos e debates sobre conhecimentos que podem ser plenamente acessados por meio de um poema, uma letra de música, um conto, um caso popular, um cordel, uma lenda, um *card* da *internet*, um meme, um micropoema, entre outros formatos, criando formas interativas de ler o mundo e os outros.

O sarau entra como ressignificação na vida desses sujeitos da pesquisa como também dentro do ambiente da escola, construindo outras possibilidades de ser e trabalhar a leitura, a fala e a escrita por meio da literatura, apontando, dessa forma, pelas discussões que até aqui foram feitas, uma prática que pode, sim, ter um caráter mais que pedagógico, pois, sobretudo, revela pontos de cidadania na construção social do ser diante do que pensa e pode vir a se tornar por meio da leitura e de um sarau literário.

## 7. UMA PROPOSTA DE SAURALIZAÇÃO NAS ESCOLAS

Eu escolhi os livros.  
E a sala de aula me acolheu.

(Jacquinha Nogueira)

Este capítulo pretende abordar as discussões que giram em torno das expressões “Pedagogização dos Saraus” e “Sauralização das escolas”, trazendo um diálogo teórico, a partir decolonialidade, entre a prática de Rodrigo Ciríaco, a minha prática e as características dessas manifestações pedagógicas nas atividades literárias, em escolas do Recôncavo Baiano, que não necessariamente se denominam “saraus”, mas que vêm fazendo uso de algumas práticas que são próprias desse formato na contemporaneidade.

Sodré (2012), ao discutir cultura e educação, reflete sobre a questão do trabalho intelectual *versus* o trabalho manual, sendo esse último desqualificado culturalmente pela ideologia cientificista. Tendo como base essa questão, pergunto: Como os saraus literários se articulam na produção de conhecimento, tornando-se uma perspectiva teórica, pedagógica e literária dentro da escola? Eles se organizam e se inserem na escola a partir de uma perspectiva que não passa apenas pelo olhar da observação, mas também da experimentação e da construção, pois vêm sendo reconstruídos, nesse espaço, como prática leitora, e seus organizadores têm contato direto com articulações literárias e produtivas de sua realização fora da escola.

Sodré (2012) argumenta que:

Conhecimento significa o processo pelo qual um sujeito, individual ou coletivo, entra em relação com um objeto ou uma informação, visando obter dele um saber novo. Distingue-se do mero reconhecimento, porque implica a busca, a partir de sua própria experiência, de um saber ainda não produzido. Não é, portanto, uma simples informação, porque implica uma qualificação existencial do pensamento frente à realidade. (SODRÉ, 2012, p. 30)

Como já havia mencionando anteriormente, foi Rodrigo Ciríaco quem inspirou meu projeto de inserção dos saraus em sala de aula, e, desde então, acompanho seu trabalho e as perspectivas que têm surgindo em relação à sua prática. A inspiração veio como base para acreditar que era possível fazer um sarau em sala de aula. E foi essa base que provocou a iniciativa de levar, para a sala de aula, o que eu estava vendo, nos saraus, como uma vivência pedagógica, sobretudo por destacar a literatura periférica.

É imperioso salientar que essa inspiração jamais se situou no universo da cópia de sua prática, pois, além de o contato ser mínimo, por meio das redes sociais e suas formas de desenvolvimento, aprendi na minha própria prática, com experimentações de criação de um formato para o sarau em sala de aula, perpassando pela oficina do *Sarau Bem Black*, em Sapeaçu, e como fundadora, organizadora e apresentadora do *Sarau Sapeaçu*, levando, posteriormente esses formatos de sarau para a sala de aula.

No período em que comecei a perceber mais fortemente as características pedagógicas do sarau e me submeti à seleção de Mestrado, também emergiu o curso “Pedagogia dos Saraus”, de Ciríaco. Entretanto, ainda não havia, e não há até o momento, um material de sua autoria escrito discutindo mais abertamente essa pedagogia, que está em construção, juntamente com as teorizações e práticas apresentadas em cursos e oficinas, como ele aponta em suas publicações nas redes sociais. Em breve, surgirá um livro para professores.

Uma brincadeira poética" é como Rodrigo Ciríaco define os saraus, encontros que realiza há 11 anos em escolas de diversas regiões periféricas de São Paulo. O escritor, educador e mediador de leitura também estuda e escreve sobre o assunto: desenvolve há dois anos o que chama de pedagogia do sarau, buscando entender os efeitos da prática no desenvolvimento das crianças. Promete que as reflexões virarão livro com dicas para professores que queiram adotar a prática.<sup>50</sup>

O que se sabe sobre essa “Pedagogia dos Saraus”, concebida pelo escritor, está em publicações na *internet*, essencialmente em redes sociais como *Facebook* e *Instagram*, em seus cursos e oficinas, que trazem o sarau como prática literária poética e educativa. Mais recentemente, em seu primeiro livro infantil, descreve características da realização de um sarau na escola, em que a história abre para discussões pedagógicas sobre essa prática no ambiente escolar, que vem proliferando como proposta em algumas escolas do país e, essencialmente, no Recôncavo Baiano, que é o foco central desta pesquisa.

Em Agosto de 2019, na 3ª edição da Festa Literária Internacional do Pelourinho – FLIPELO, pude vivenciar, através da oficina Pedagogia dos Saraus: teoria e prática literária educativa, ministrada pelo Rodrigo Ciríaco, suas conceituações em relação à Pedagogia do Sarau e, ao mesmo tempo, confrontar, durante a oficina, a minha prática com as suas vivências e dar o depoimento da minha experiência com saraus ao longo desses seis anos de atividade cultural, assim que foi aberto o espaço de fala para os participantes. É por meio dessa experiência que surgem as discussões que se entrelaçam neste capítulo.

---

<sup>50</sup> CÍRIACRO, Rodrigo. Pedagogia do Saraus. Direito a fabulação. In: *Blog da Letrinhas*. Disponível em: <http://www.blogdaletrinhas.com.br/conteudos/visualizar/Pedagogia-do-sarau-o-direito-a-fabulacao>



Figura 6 - Oficina Sarauzim: Práticas Poéticas Pedagógicas e Educativas – Flipelô 2019.

Foto: da autora

Com esse acesso à sua teorização e o contato com a prática pretendo, aqui, explanar os possíveis diálogos para discutir teoricamente, o que seria essa Pedagogia dos Saraus, como ela surge e de que forma vem tecendo suas configurações no ambiente escolar.

A imprescindível questão que move os construtores dessa pedagogia se configura através de dois perfis identitários: o do professor leitor e o do poeta leitor, pois a prática envolve o fascínio pela leitura, e não há como conquistar o aluno para o perfil de leitor assíduo, se, antes, não se é um leitor que o aluno possa tomar como espelho.



Figura 7- Oficina Sarauzim: Práticas Poéticas Pedagógicas e Educativas – Flipelô 2019.

Foto: da autora

Então, professores e poetas, que vêm criando espaços literários, através dos saraus nas escolas, são leitores assíduos? Deveriam. Eu e Ciríaco consideramos essencial que, antes de propor um sarau e para que ele ocorra de forma encantadora para os participantes, a pessoa precisa ser uma amante da leitura e da literatura. Entretanto, ao participarmos de alguns eventos literários em escolas diferentes das quais lecionamos ou ao sermos convidados para realizar um sarau na escola, notamos que esse hábito da leitura literária, muitas vezes, não está presente, assiduamente, no campo da escola, ou não caracteriza o próprio profissional que nos convida.

Essas questões são perceptíveis em alguns momentos de contato, em conversas, ou durante a interação nas nossas apresentações, pelo fato de os saraus terem se tornado o *boom* do momento, por resgatarem a oralidade poética. Sendo assim, somos convidados para discutir a leitura e literatura nas culminâncias ou aberturas de projetos de leitura nas escolas. Mas não fazemos milagres: o que oferecemos é a partilha do que aprendemos a comungar com os livros e os saraus. O Rodrigo Ciríaco afirma:

Antes de eu ser um educador, antes de eu ser um escritor, eu era um leitor. Um interessado e entusiasta da literatura, da poesia. Organizar um sarau foi consequência deste gostar, desta necessidade: compartilhar a paixão, o encantamento que a literatura e a poesia tinham em minha vida. Caro educador, você precisa estar inspirado para este projeto dar certo. Não precisa ser poeta, não precisa ser escritor, mas precisa ser um leitor apegado às palavras de uma tal forma que, não ficaria bem separado, desmembrado delas. Se você for essa pessoa, o sarau é um caminho. Se não for, o sarau vai ser apenas a pedra no meio do caminho. (slide da oficina)

Nosso fascínio está no falar de literatura de forma fácil, sem papel e com papel, sem roupas fantasiosas, mas brincando com a voz, com o sabor da palavra, com a importância da palavra e a provocação que ela é capaz de imprimir no outro, sem medir o gesto e o corpo. Isso chama a atenção dos estudantes e os prende por ser diferente do que estão acostumados a vivenciar no seu cotidiano da sala de aula.

O diferente que emerge nessas apresentações são as práticas vivenciais da leitura e do contato com a literatura que aprendemos com os saraus de forma viva, com a palavra se manifestando junto com o corpo. Para propor um sarau nos formatos periféricos, é imprescindível que se frequente saraus e, neles, se permita saborear e conhecer as práticas que são comungadas junto com a palavra. Em seus cursos e oficinas, Ciríaco traz isso como essencial para os que querem experimentar a proposta de sarau na escola.

Dessa forma, para a aplicação da proposta, é primordial sermos leitores, uma vez que somos referências para os alunos e devemos criar o hábito do que estamos querendo



propor. E, se optamos pela realização de um sarau na escola nos moldes periféricos, é porque reconhecemos essa atividade como aquela que promove uma aproximação e um contanto diversificado com a leitura, na construção, junto com os alunos, de uma prática de liberdade literária, pois a voz enunciadora dessa literatura não são nossas referências literárias, mas as que se inscrevem no campo de vida e leitura de mundo dos estudantes. Como enfatiza a teórica bell hooks:

Para educar para a liberdade, portanto, temos que desafiar e mudar o modo como todos pensam sobre os processos pedagógicos. Isso vale especialmente para os alunos. Antes de tentar envolvê-los numa discussão de dialética e recíproca, temos de ensinar-lhes o processo. (hooks, 2013, p.193)

O sarau na escola configura-se dentro da teorização do ensino como uma prática de liberdade, pelos rompimentos e transgressões que ele possibilita que o professor faça em sala de aula, por meio de uma pedagogia que se une a outras pedagogias para construir um aprendizado em que professor e estudante caminhem juntos. Pois as estratégias possíveis em suas metodologias não interessam só aos alunos, mas, sobretudo, ao professor, pois elas modificam as formas de construção de sua prática, fazendo-o crescer intelectualmente pela interação que se dá em conjunto, dentro da sala de aula ou no ambiente escolar, em que o poder não é dominação, mas equilíbrio de vozes que necessita perpassar pela escuta para a abertura dos novos passos.

Nesse campo de construção entre aluno e professor para a realização de um sarau literário com perspectivas pedagógicas, como Ciríaco conceitua essa pedagogia?

Pedagogia da mediação da leitura. Pedagogia do incentivo à escrita. Pedagogia da Performance Literária. Pedagogia da apresentação. Pedagogia do Aplauso. Pedagogia do Afeto. Pedagogia do estímulo, do incentivo e do respeito. Pedagogia da Fala. Pedagogia da Escuta. Pedagogia da Coragem. Pedagogia do silêncio. Pedagogia do aplauso, do grito e da explosão. Pedagogia do Impacto. Pedagogia do entusiasmo. Pedagogia da coletividade. Pedagogia da solidariedade. Pedagogia da liberdade. Do oprimido. Ouvido. Protagonista. Pedagogia da Cidadania. Todos e todas juntos. Caminhos. (slide da oficina)

A pedagogia dos saraus é imbricada em pedagogias que se dão na manifestação literária de sua eventualidade: mediador, leitura, escrita, *performance* literária, afeto, estímulo e incentivo ao respeito, fala, escuta, coragem, silêncio, aplauso, grito, explosão, impacto, entusiasmo, coletividade, solidariedade, liberdade, ouvido, protagonismo, cidadania, construção coletiva e abertura de caminhos. Assim, para cada fio de composição e

possibilidades de construção em um sarau, vê-se uma forma pedagógica e dialógica na atividade. A bell hooks nos relembra:

A prática do diálogo é um dos meios mais simples com que nós, professores, acadêmicos e pensadores críticos, podemos começar a cruzar fronteiras, as barreiras, que podem ou não ser erguidas pela raça, pelo gênero, pela classe social, pela reputação profissional e por um sem-número de outras diferenças. (hooks, 2013, p. 174)

A conceituação dessa pedagogia defendida por Ciríaco nos descreve as manifestações categorizadas que emergem na eventualidade de um sarau, no seu acontecimento. E o que é um sarau para Ciríaco? Na sua definição o sarau é:

Festa: alegria, confraternização, prazer; Atividade cultural na qual a POESIA e a LITERATURA, são parte principal do espetáculo. Atividade na qual o público é, NÃO apenas o espectador, mas o ARTISTA; palco e microfones abertos para a troca e interação artística e poética. (slide da oficina)

Essa definição nos possibilita pensar que as artes inter cruzadas no sarau ficam subalternas ao texto, pois a poesia e a literatura são as grandes anfitriãs da festa. Contudo, essa prioridade literária da poesia vai depender dos participantes dessa atividade envolvendo do organizador à formação do público participante. Isso serve tanto para o sarau fora como dentro da escola.

Em ambas as manifestações, na maioria dos saraus pelo país, a poesia tem sido protagonista, tanto que os desdobramentos para o *slam* e para acontecimento fortemente literário têm destacado a participação da atividade cultural em feiras e festas literárias no país e se tornado um importante acontecimento de expansão literária neste início de século. A pesquisadora nos conta:

Como o sarau que a tornou nacionalmente conhecida, a Cooperifa estabeleceu um modelo bem-sucedido de recitais literários que se propagou com força nos bairros periféricos da Grande São Paulo e de outras cidades do Brasil. A partir dessa popularização, os saraus de periferias tornaram-se importantes instâncias de produção e difusão literárias, especialmente da chamada literatura periférica/marginal, seja por meio da organização de novas antologias, ou ainda, pelo lançamento e comercialização de livros, muitas vezes produzidos com recursos dos próprios autores forjados nos recitais. Mais do que uma continuidade, avalio, portanto que os saraus trouxeram o frescor ao movimento da literatura na periferia, com a ampliação de produtos e práticas, como o consumo de performances literárias, formação de bibliotecas comunitárias nos espaços onde os recitais são realizados, aumento da escrita (não necessariamente intenção literária) e do número de publicações (não somente livros, mas também fanzines, jornais, revistas e CDs de literatura). (NASCIMENTO, 2012, p. 56)

Essa difusão literária que os saraus promovem, como argumenta a pesquisadora e antropóloga Érica Peçanha do Nascimento, se refere à proposta de sarau nascida com o Sarau da Cooperifa, que já foi apresentada e discutida no início desta pesquisa, e que inspirou o professor de história, Rodrigo Ciríaco, a levar essa proposta de sarau inicialmente para sala de aula e depois abrir para o corpo da escola. Uma das motivações pode ser entendida através desta análise feita pelo professor de história:

Entre os benefícios que se observam na pedagogia do sarau, destaca o desenvolvimento emocional das crianças e dos adolescentes. "[Eles] trabalham questões como medo, insegurança, timidez. E acabam aprendendo a falar em público." Além disso, todos aqueles que decidirem se apresentar são aplaudidos ao final, sem exceção. "É um incentivo que procuramos sempre dar. Acaba ajudando a autoestima e a identidade de todos que participam." Esses momentos também são preciosos para quem busca um contato direto com a literatura. Isso porque os encontros dão um frescor ao dia a dia do ambiente escolar. "Quebram uma rotina massacrante que existe dentro da escola." Os professores aproveitam, inclusive, para trabalhar questões como o letramento, a leitura e a produção escrita. (CIRÍACO, online)<sup>51</sup>

É essa pedagogização que tem atraído mais fortemente professores de Língua Portuguesa, como afirmei na discussão sobre o caráter educador que tem se apresentado nos saraus literários. Qual a razão de um sarau literário na escola? Ciríaco defende o porquê do sarau na escola a partir dos seguintes tópicos argumentativos:

Dividir uma paixão, um encantamento com os estudantes; apresentar textos da literatura periférica-marginal; incentivo à leitura e produção (escrita); mediação e formação de leitores (literários); espaço de voz e construção pedagógica, artística, cultural e política; atividade coletiva de promoção de identidade, autoestima, empoderamento e inclusão. (slide da oficina)

Por esse caminho, passei a refletir e a estudar sobre o que viria ser *Pedagogia dos Saraus ou Sauralização das Escolas*, tanto por caminhos práticos como teóricos, tendo como base minhas experiências com os saraus em sala de aula e como pesquisadora da literatura periférica, organizadora e frequentadora de saraus e poeta que emerge dentro desse espaço literário. E a considerar a expressão *Sauralização das Escolas* como um termo mais representativo do movimento que vem ocorrendo em diversas escolas do país por ser uma “prática da rua” que é incorporada ao ambiente escolar e não o contrário.

---

<sup>51</sup> CIRÍACO, Rodrigo. *Pedagogia do Sarau*. Direito a fabulação. In: *Blog da Letrinhas*. Disponível em: <http://www.blogdaletrinhas.com.br/conteudos/visualizar/Pedagogia-do-sarau-o-direito-a-fabulacao>

Com base em estudos e vivências que permeiam o campo da literatura periférica e refletindo sobre essas novas conceituações, mas também sobre os direcionamentos que podem acontecer, trago a tentativa de conceber os saraus também como uma pedagogia. “A educação como prática de liberdade não tem a ver somente como conhecimento libertador, mas com uma prática libertadora na sala de aula.” (hooks, 2013, p. 127)

Os saraus configuram-se, a partir da imbricação de várias linguagens, como uma prática multimodal, que traz outras possibilidades de comunicação em sala de aula, desde a relação comportamental de alunos e professores a questões temáticas, culturais, produtivas, afetivas e linguísticas. “A sala de aula engajada está sempre mudando. Mas essa noção de engajamento ameaça as práticas institucionalizadas de dominação. Quando a sala de aula é realmente engajada, ela é dinâmica. É fluída. Está sempre mudando.” (hooks, 2013, p. 212) O sarau é uma atividade que desroteiriza o planejado e o currículo, pois sempre estamos diante de um eventual acontecimento, a leitura, a *performance* ou a recepção.

Assim, percebo a *Saraulização ou a Pedagogia dos Saraus* como uma prática cultural de leitura na escola que, por meio de suas metodologias, torna a literatura mais próxima dos estudantes, ao dessacralizá-la<sup>52</sup> e propor formas diferenciadas de trabalho com ela, envolvendo texto (escrito e oral), autor, coautor e leitor (leitura, *performance* e recepção).

Suas aplicações em sala de aula se dão na quebra normativa de seu formato, com a disposição dos alunos em círculo, sendo o professor o partícipe de uma atividade cultural mediada, em que ele se torna o apresentador, o poeta que proporciona a si e aos alunos formas diferenciadas de leitura e escrita, quebrando os possíveis entraves existentes, para lhes dar poder de voz, desde a escolha do texto até o momento de sua vocalização, mediando a sua desinibição na execução das *performances*.

A versatilidade das posições permite que os estudantes assumam toda organização da atividade e estampem, ainda mais, suas inquietações, por meio da literatura, inserindo debates e discussões dentro da escola. Sobre as multifuncionalidades dos saraus, a pesquisadora Érica Peçanha do Nascimento afirma:

Há de se considerar, ainda, os possíveis desdobramentos desse tipo de ação cultural no contexto urbano. A primeira delas é o sarau se apresentando como um uma intervenção que vai além do recital poético: é também um encontro comunitário para trocar ideias, discussão da experiência de moradores da periferia, elaboração de novas perspectivas educacionais e profissionais para a fruição cultural. Nesse sentido se apresenta como um arranjo elaborado por artistas e ativistas periféricos

---

<sup>52</sup> Considerando-se literatura não apenas o cânone, mas as diversas formas de manifestação da escrita, como as das margens, até as letras de músicas

para estimular novas opções de lazer e produção e participação político-cultural. (NASCIMENTO, 2011, p. 56)

Ao serem incorporados como prática pedagógica dentro do ambiente escolar, os saraus têm suas características propagadas no espaço literário da rua, pois é justamente essa abertura e as novas formas de conceber a literatura na vida dos alunos que nos levam a acreditar na importância dessa atividade cultural dentro da escola. “No que se refere às práticas pedagógicas, temos de intervir para alterar a estrutura pedagógica existente e ensinar os alunos a escutar, a ouvir uns aos outros.” (hooks, 2013, p. 200).

O livro infantil, *Menino Moleque Poeta Serelepe*, de autoria de Rodrigo Ciríaco, nos traz o contexto de como os saraus podem ser inseridos no contexto escolar:

Lucas é o menino-moleque deste poema. Para ele, a escola pode ser um espaço que extrapola a imaginação. Mas será que seus professores estão dispostos a repensar convenções e regras? Com o apoio da família e cercado de tradições musicais, Lucas desperta o interesse da comunidade escolar pelas artes por meio de um sarau. Assim, a convivência e a tolerância desempenham papéis importantes na aproximação de vozes, a princípio tão distintas.

Lucas adora brincar com os colegas. Seu momento mais feliz é a hora de cantar. Sabe todas as músicas, gosta de falar alto, o que deixa as professoras bravas: – Lucas, desse jeito você vai atrapalhar! Lucas não liga, continua, dá risada e ainda pergunta: – Quando o show vai começar? Tá faltando pedestal, tá faltando microfone. Uma alfaia é bem legal. Se tocar, não tem quem dorme. Professora, faz um sarau? Vou ser o primeiro a dar meu nome! Sarau para criança? Onde é que já se viu? O Lucas é lelê. Só agora você descobre. Ele me inventa cada coisa que me deixa encucada. Me falaram que ele é hiperativo. Tem problema, esse menino. Tá na hora de resolver essa patuscada. Lucas ficou muito triste. No dia que voltou levando um bilhete para casa. – Eu não fiz nada, mamãe. Eu não fiz nada, Papai. Só quero voar fora da asa! É que eu canto e falo muito. Interrompo a toda hora. Faço lição, mas quero sarau. E ninguém entende a minha prosa. A professora disse: “Menino, tome jeito. Você tem que ter respeito.” Quer falar com a senhora! No outro dia apareceu a família toda reunida. O seu Carlos e a mamãe Clarice. Lucas e sua irmã Maria Luiza carregavam umas sacolas. Muitos livros, um rádio em formato de bola. E uma alfaia que chamava muito atenção. – Olá, tudo bem? A gente veio conversar. Mas, antes, quero mostrar uma coisa para as crianças no salão. A direção achou estranho. Melhor não contrariar. Todos os amiguinhos no chão sentadinhos, uma grande roda a formar. Microfone ao centro, livros espalhados a contento, e seu Carlos se pôs a falar: Hoje, a gente vai fazer festa, uma atividade cultural, uma bagunça organizada que a gente chama de sarau. Tem microfone, tem alfaia, tem colcha de retalhos e muita farra. Quem quiser, é só chegar. Aqui o legal é ser sem-vergonha. Não tem medo que se imponha, todos podem participar! Lucas ficou empolgado foi o primeiro a se inscrever. Queria mostrar aos colegas o que era pra fazer. Bateu forte na alfaia e convidou a molecada com um forte vozeirão: Quero ver cantar bem forte, sacudir do sul ao norte. Meu trovão é meu refrão. O que se viu a seguir foi bonito, a criançada num agito. Puseram-se todos a aplaudir e a cantar: O menino bagunceiro mostrou com ritmo, que era artista, não arteiro, e começou a entoar: – Pra onde eu vou? Vou pro sarau. Pra onde eu vou? Vou pro sarau. Pra onde eu vou? Vou pro sarau. Pra onde eu vou? Vou pro sarau, vai, vai... Vai, sarau, vai sarau. Vai sarau, vai sarau. Uma festa bem bonita passou a se realizar. Teve poema, teve cantiga, não tinha criança que não quisesse participar. Teve aplauso, teve grito, muitos sorrisos bonitos para todos encantar. O Dudinha leu um poema; o Henrique uma canção; Amandinha, a “Dona Aranha”; o Ygor, “Borboletão”.

Apresentações das mais variadas, uma mistura danada, parecia um caldeirão! Durou quase uma hora, não tinha quem quisesse parar. As crianças todas se apresentaram, foram ao microfone falar. Tanta alegria, tanta festa, que até a Dona Carmem soltou esta: – Quando é que vocês vão voltar? Seu Carlos respondeu: – A semente foi plantada, basta a vocês regar. Estas crianças são artistas e precisam se expressar. O sarau é bem bacana, uma vez toda semana, dá pra gente organizar. Lucas ficou muito feliz e foi escolhido para ajudar nas aulas, melhorou a atenção. Os professores diziam: “Que educação”! Com os colegas passou a ensaiar. O menino-problema agora com amiguinhos, entrava em cena apenas para cantar: – Pra onde eu vou? Vou pro sarau. Pra onde eu vou? Vou pro sarau. Pra onde eu vou? Vou pro sarau. Pra onde eu vou? Vou pro sarau, vai, vai... Vai, sarau, vai sarau. Vai sarau, vai sarau. (CIRÍACO, 2019, *Livro completo Menino Moleque Poeta Serelepe*)

A partir da história de Lucas, é possível compreender que pedagogia é essa que vem sendo estimulada por meio dos saraus literários, ao trazer traços de algo que se insere no contexto fora da escola na vida aluno, entrando na escola como agregadores de uma atividade cultural, que pode auxiliar alunos em suas adversas situações que ocorrem dentro da escola, inclusive diante da sua hiperatividade.

Além de ser uma alternativa cultural, os saraus trazem um sabor diferenciado para o ciclo da escola, ao criar um novo hábito de motivação dos alunos para as leituras e as artes envolvidas na atividade, bem como ao explorar o prazer de participar de atividades dentro da escola, que nem sempre são prazerosas em suas aplicações ou propostas para os estudantes. O próprio Rodrigo Ciríaco nos contou, durante a oficina, que seu prazer pela leitura não foi formado pela escola. Assim, nos permite também pensar como, em alguns contextos, na vida, se pode dar, primeiro, a “leitura” do mundo, do pequeno mundo em que me movia; depois, a leitura da palavra, que nem sempre, ao longo de minha escolarização, foi a leitura da “palavramundo”. (FREIRE, 1989, p. 9)

Por ser o sarau uma atividade coletiva, ele sempre demandará uma aceitação de outros para que a proposta ocorra e se torne frequente. Então, os professores que se interessarem devem buscar outras pessoas para construir e fortalecer a iniciativa, ao mesmo tempo em que os maiores contribuidores dessa proposta são os próprios alunos.

Essa frequência de realização do sarau é que irá diferenciá-lo de atividades esporádicas que acontecem em culminâncias ou aberturas de projetos de leitura. A tentativa habitualidade é que vai possibilitar a atratividade e a participação dos alunos. Eis porque, na história infantil, Ciríaco insere o sarau feito pela família de Lucas como uma semente, a qual só irá germinar literariamente se continuar sendo regada. A iniciativa retrata também uma forma de valorização da aproximação entre família e escola, a partir da contextualização dos

saraus e dos problemas a serem sanados. Nos projetos que Rodrigo Ciríaco realiza, é marcante essa proposta.

As colheitas podem ser variadas e ter diferentes ângulos no espaço escolar, mas necessitam ter uma mola propulsora que envolva e motive a participação para os que se interessem, de forma que a chama não se apague, e se fortifique prazerosamente a cada edição do sarau. É esse acolhimento das vozes e expressões que irá desencadear a participação de outros.

“A insistência na quantidade de leituras sem o devido adentramento nos textos a serem compreendidos, e não mecanicamente memorizados, revela uma visão mágica da palavra escrita. Visão que urge ser superada.” (FREIRE, 1989, p. 12). Nos saraus das ruas, surgem interesse pelos textos, temas e assuntos retratados pelos poemas recitados. Na sala de aula, esses textos podem ser mais aprofundados e discutidos com a turma, utilizando-se, a depender da disciplina, as mais versáteis interpretações e análises. Ao mesmo tempo em que podem surgir das experiências nas oficinas criativas literárias, com autoria própria ou de outros, ou do espaço fora da escola para dentro da escola.

Trata-se de brincar com o texto, saborear a palavra, ecoar a voz ao memorizá-lo, mas também senti-lo em um espaço único, que é criado no momento em que se apresenta. O fazer da sala de aula ou do pátio da escola um palco requer imaginação e transformação do que ocorre constantemente no dia a dia, dentro da escola, por falta de oportunidade de revelação dessas identidades. O festejo é onde alunos e professores podem se descobrir e ser para além do texto, para além do eco, do grito oculto na alma, quieto e com medo de se expressar no mais humano dos gestos, nos mais silenciosos espaços em que a palavra também se faz com os olhos. E as reações culminam, no final, em aplausos, com o transtorno de uma provocação a ser mais do que tenha se dado ali.

Tornamo-nos sedentos, curiosos, destemidos pelo que o momento proporciona. Vemo-nos de outra forma na comunicação e na sinergia que aquele espaço nos oferece, entre as pessoas e a escuta do que falamos. Esse espaço que se torna múltiplo e convoca as mais diversas linguagens a dançarem juntas, sem limites.

Com os saraus, surge uma interferência nas formas de o aluno se expressar, no contato com a leitura e a escrita, e essa relação passa a se exercer em outro patamar, de leitores e escritores. Não que seja uma meta ou obrigação de o sarau literário formar escritores, mas está intrínseca, dentro de sua prática, a provocação à escrita.

Na instância da leitura e da escrita, na vida das entrevistadas da pesquisa, têm-se as seguintes configurações. A leitura se torna mais frequente para elas, a partir do sarau. E é

por meio dela que os caminhos da escrita emergem para um perfil de escritora, seja a partir das oficinas em sala de aula, seja na oportunidade de vivência propiciada pela apresentação desses escritos nos saraus literários, dentro e fora da escola.

Os primeiros escritos da entrevistada “Amora” são anteriores ao sarau. Entretanto, é dentro da escola que ela passa ressignificar essa escrita e, por meio dele, passa a categorizar seus poemas dentro da literatura marginal. Como isso ocorre? Ela mesma nos conta:

Na verdade, eu não sabia o que eu escrevia. Eu sempre fui mais de escrever sobre realidades. Então, eu não sabia como chamava aquilo porque eu, normalmente... O que escreviam muito era texto de romance, essas coisas, e aí tinha é um texto romântico, é um texto de amor. E o que eu escrevia era o que? E aí eu acabei é que ... Um professor me falou sobre isso, sobre essa questão de literatura marginal, que o que eu fazia era uma literatura marginal. E aí eu acabei procurando saber o que era uma literatura marginal, que aí seria uma literatura que estava à margem do que as pessoas esperavam, à margem da sociedade. Aí eu despertei esse interesse e comecei a escrever mais e mais. (entrevistada “Amora”, agosto de 2019)

Ainda que “Amora” nos traga uma visão simplista ou pouco resumida de como ela enxerga essa literatura e se denomina como parte dela, ela nos traz a essência de quem sabe o que é essa margem, do que é produzir às margens e sobre o que esses textos falam mais categoricamente. Há um momento e um lugar de reescrita no nosso país e na nossa história, assim como de registro literário do que nos foi negado na história literária do Brasil e ainda nos é negado dentro do ambiente escolar.

“Escrever, para mim, é fugir da minha realidade, mas, ao mesmo tempo, estar com ela presente o tempo todo. É desabafar com alguém. Sou eu e o caderno. Então, eu desabafo tudo para ele e acabo colando a minha vida ali. Desabafando realmente.” (entrevistada “Amora”, agosto de 2019) Essa escrita, para ela, também surge como um descalar de sua voz, ao falar de suas realidades e dos problemas e sentimentos que a angustiam e se tornam pautas de suas poesias, assim como as histórias que ouve e inspiram seus personagens ou narrativas.

Mas, como esses textos têm sido vistos dentro dos saraus que são realizados? A literatura marginal também é vista dentro desse ciclo de literatura que a escola privilegia? A entrevistada “Amora” nos traz uma chave para o debate:

Olha, normalmente é nos saraus que a gente trabalhava com literatura. Não é literatura, não. Textos de *slam*. Então, normalmente, os meninos recitavam textos de suas autorias ou textos de *slam*. Então, é como, é... Que eu posso dizer... Não tinha, na verdade... A gente não tinha, na verdade, muito incentivo para ler os autores mais antigos. A base da literatura. A gente tinha, sim, com projeto de leitura, tinha que ler os textos e tal, mas não era uma leitura para recreação. (entrevistada “Amora”, agosto de 2019)



Esses textos de *slams* têm ecoado aos quatro cantos do país e circulado com essa denominação dentro das salas de aula e rodas literárias. Talvez a forma como os autores desses textos tenta discuti-los, a partir de temáticas diversas, duraria, oralmente, até no máximo 3 minutos. Mas, ao abrir um formato dentro da poesia livre, identificando-os de acordo seus traços constitutivos, suas pautas passam a ser ecoadas poeticamente.

Os *slams* ecoaram e se fortaleceram no país devido à existência dos saraus. Porém as batalhas de poesias têm despertado um alvoroço em palavras e *performances*, mais acentuado pelo teor da disputa, fazendo com que o interesse por essa inserção literária ocorra em todos os âmbitos, festas e feiras literárias, programas de TV, novelas, e, mais acentuadamente, dentro das salas de aula, como proposta de alunos ou professores, dentre as atividades realizadas.

#### 7.1 Características dos saraus literários em eventos escolares no Recôncavo Baiano

Em diferentes saraus realizados em escolas, no Recôncavo Baiano, em que estive como poeta convidada, pude presenciar a influência desses textos nas apresentações tanto por meio dos alunos quanto de professores, incluindo-se, na sala de aula, autores que figuram no cenário literário da poesia e da literatura periférica e negra no país.

No dia 20 de novembro de 2019, em um evento no Colégio Adventista, no município de Capoeiruçu (BA), fui convidada – junto com outros escritores negros do Recôncavo Baiano, a escritora Andrielle Antonia, o escritor Júnior Costa Pinto e o fotógrafo Matheus Reis – para compor as mesas do projeto *Tinta Preta*, realizado pela professora e escritora negra Daianna Quelle.

As mesas foram norteadas pelas seguintes questões: Mesa1 – *Marginal ou Periférica? Um diálogo com escritores do Recôncavo Baiano*. Mesa 2: *Fotografias e escritas negras: o que dizem do/no Recôncavo?* Essa foi a segunda edição do projeto Tinta Preta, em 2019, e procurou trazer temáticas atuais dentro do contexto local para dentro da escola, com vozes de Muritiba, Santo Antônio de Jesus e Sapeaçu. Foram dois momentos em que se discutiu literatura e as imagens criadas dentro desses circuitos, para alunos do 1º e 2º ano do Ensino Médio.

Apesar de ser um colégio particular, em que teríamos um quadro de alunos brancos mais acentuado, nos espantamos com a quantidade de adolescentes negros que ocupam aquele espaço “mais privilegiado”, no campo da educação. Sabe-se que essa inserção

ocorre por meio de bolsas estudantis. E como foi imprescindível viver esse momento com eles, em um dia especial como 20 de novembro, que abarca toda uma luta histórica do povo negro.

A proposta do evento se assemelhava às práticas de saraus, ao trazer autores vivos e da literatura local para dentro escola e direcionar o protagonismo dos alunos para a mediação com os autores, além da parte artística e cultural do evento. Após a apresentação, tivemos um retorno do quanto aquele espaço de protagonismo, que tanto se assemelhava a um evento acadêmico, estava sendo importante para as alunas que mediaram as mesas. Inclusive com o relato de outra aluna, que teve a oportunidade de, no evento anual do Seminário de Linguística, realizado no Colégio Adventista, estar numa mesa com o escritor Aleilton Fonseca. Esse contato com autores dentro da escola é importante e fortalece a literatura na vida dos alunos e, nesse formato, as suas experiências.

Em um dos momentos, um aluno negro trouxe em poema que foi inspirado em um ato de racismo presenciado por ele. Através da poesia, ele se propôs a discutir e a questionar essas ações. Em sala ele mostrou a professora e, no evento, emergiu da plateia para se apresentar. Tímido, com o celular na mão, desferiu seus versos fortemente e, ao final da apresentação, ele foi calorosamente aplaudido pelos colegas, seguido por uma fala da professora, que deu um depoimento falando de sua coragem de apresentar o poema. Mas ele mesmo, ao fim, fez questão de explicar o porquê, e foi muito emocionante sentir a necessidade desse descalo da voz.

Outro momento foi a pergunta de um aluno feita a mim, em relação aos saraus e *slams* e sua influência literária, o que me levou a constatar como eles estão atentos ao movimento poético que vem ocorrendo em nosso país. Nesse mesmo evento, tive a oportunidade de fazer uma fala trazendo a lacuna de conhecimento que há no Recôncavo, lacuna que exploro no decorrer desta pesquisa em relação aos artistas locais, sobretudo os literários. Ao indagá-los sobre o conhecimento de autores do Recôncavo, como reposta só obtive Castro Alves, nós, autores que estávamos participando do evento, e a professora deles Daianna Quelle.

E, nesse aspecto, direciono a atenção para como o conhecimento sobre esses autores tem se dado no Recôncavo Baiano, nas escolas especificamente, a partir de professoras que também são escritoras e circulam dentro dos espaços literários, ou de professoras negras que tentam criar novas rotas de contato para a literatura contemporânea e negra dentro da escola. As iniciativas figuram tanto em escolas públicas como em particulares. Entretanto, o acesso que escolas particulares têm para proporcionar essa inserção

de autores dentro da escola, seja em uma sala de aula ou em um espaço providenciado dentro ou fora colégio, não se compara.

Outro evento em escola que trouxe características de sarau, foi o *Café Literário*, que ocorreu, no dia 01 de novembro de 2019, no Colégio Contemporâneo, em Cruz das Almas (BA), e teve como convidados eu, Daianna Quelle e o *rapper* Uh Neto. Trago essa vivência, pois me chamou muito a atenção três autores negros do Recôncavo sendo convidados, e o núcleo encontrado para a vivência desse momento na escola. Era uma culminância das atividades de leitura realizadas na escola, em que pudemos assistir a leituras e interpretações criadas pelos alunos para retratar as obras lidas. Essas obras foram escolhidas por eles, em pequenos grupos de 3 a 5 pessoas.

Considero importante trazer algumas coisas. Na mesa com livros para ornamentar o evento, não havia um livro de autoria negra. Então, eu e outros dois autores éramos as vozes vivas literárias e negras naquele espaço. Contudo, devemos ressaltar a abertura que nos deram para fazer as nossas falas, e do núcleo negro da escola, que veio participar desse momento, de diretora e coordenadora a professores da escola.

No decorrer de nossas falas, fizemos um sarau. O próprio *rapper* rompeu o estar sentado, levantou-se e ecoou sua voz, trazendo a ancestralidade africana por meio do *rapper* “ô de casa, ô de fora, paz para quem tá aqui, paz para quem tá lá fora”. E assim foi mesclando música com fala. Pudemos ver sua representatividade nas vestimentas religiosas altamente brancas, com turbante na cabeça (nem todos os colégios dariam essa liberdade de entrada, pelas questões racistas que já conhecemos) e traços próprios de um *rapper* que os alunos conheciam, admiravam, o qual evocava, em suas letras, as raízes do Recôncavo.

Além do momento leve que proporcionamos, interagindo com eles e entre nós, autores, pedindo a leitura ou recitação de textos uns dos outros, pudemos ficar encantados com o afeto e o conhecimento que eles tinham sobre nossas obras, devido ao trabalho da professora na escola. Em um dos momentos a turma pediu: recita “Crespo”! Crespo é o título de um poema meu que fala sobre cabelo e o racismo destilado pela sociedade, poema que a diretora fez questão de ter contato depois, pois se identificou com minha fala.

Houve a solicitação veemente dos alunos para que déssemos autógrafos em seus cadernos. Achamos super estranho, em tempo de celular, mas, como eram muitos, e se estava encerrando a atividade, não havia tempo, devido ao horário. No decorrer do encerramento, eles foram se chegando, para não atrapalhar, e pedindo um a um – foi muito afetuoso... Em vez de autógrafos, deixamos dedicatórias, e temos o retorno de alguns deles, que nos acompanham nas redes sociais, como o *Instagram*.

Estar nessa escola nos proporcionou ter uma ótica diferente sobre os caminhos e atividades que vêm sendo inseridos dentro da educação, e percebemos o quanto essa ligação está na formação continuada do professor, ao colocar em prática aquilo que também tem aprendido a teorizar. O convite para estar no Colégio Contemporâneo nos foi feito através de Neide Nascimento, que recentemente estudou, no mestrado, a escrita de mulheres negras no Recôncavo Baiano, e Daianna Quelle e eu fomos objeto de sua pesquisa. Na primeira edição do Tinta Preta, Daianna Quelle também convidou Neide para participar do evento, como pesquisadora e professora, para discutir temáticas negras. E assim vão se tecendo outros rumos na educação.

Outro sarau de que tive a oportunidade de participar também foi em numa escola em Cruz das Almas (BA), no Colégio Monsenhor Neiva, intitulado *Sarau: a voz feminina na poesia contemporânea*. O evento aconteceu em 09 de novembro de 2017, e trouxe cinco escritoras da Confraria Poética Feminina – eu, Rita Queiroz, Daianna Quelle, Ana Carol Cruz e Adna Couto – para um bate-papo com os estudantes. Foi um evento que também trouxe as estéticas contemporâneas, ao conter só vozes femininas e trazer autoras para dentro da escola, onde majoritariamente se conhecem autores.

Antes desse encontro, os alunos tiveram contato com nossas obras e elaboraram formas de apresentação – peças teatrais, declamações coletivas e solo – que contemplavam as obras das autoras presentes. Pudemos também notar a recitação de outros textos que eram de interesse dos alunos, de autoria própria e de autoras de literatura marginal, como um poema da Mel Duarte: *Não desiste, negra*. O evento foi idealizado através da professora de redação do colégio, Adna Couto, que também é escritora.

Em, 01 de agosto de 2018, a poesia me levou para partilhar meus versos em uma escola pública na cidade de Varzedo, no *Sarau Cultural* realizado pela Escola Monsenhor Gilberto. E como foi gratificante vivenciar uma manhã mergulhada em poesia, música, dança, interpretações, com o envolvimento dos alunos, que participavam ativamente da atividade cultural. Saí de lá ainda mais convicta do que acredito: que os poetas vivos precisam adentrar cada vez mais nesses espaços, pois é um contato importante no incentivo à leitura e a escrita. E ações como essas, nas escolas públicas (essencialmente) e privadas, são necessárias, ainda que saibamos dos desafios para realizá-las. O convite para estar nesse evento foi feito através da professora de língua portuguesa e escritora, Marilene Oliveira, que faz parte da ALER.

Em 11 de Maio de 2019, tive a oportunidade de bater um papo com alunos do 2º e 3º ano do Colégio CEMAM, em Cruz das Almas, sobre “A literatura e suas múltiplas faces”, com a professora mestre Neide Nascimento e a escritora Patrícia Santana. Foi uma manhã

poeticamente literária de transgressão da literatura e de vozes femininas nesse espaço com essas mulheres escritoras e professoras maravilhosas. A vivência de uma literatura mais plural e acessível na sala de aula. O convite nos foi feito pela professora de literatura Laura Camila.

No dia, 18 de outubro de 2018, participei do projeto Arte da Palavra do Sesc, no Colégio Estadual Maria da Conceição Costa e Silva de Oliveira, em Santo Antônio de Jesus (BA), com a turma do EJA, juntamente com as escritoras Cláudia Lins (AL) e Stella Maris Rezende (RJ), batendo um papo sobre as autoras e seus livros, respectivamente, *O diário de Dandara pelo mundo* e *Justamente porque sonhávamos*, além de uma primorosa reflexão literária sobre a vida.

Em 18 de fevereiro de 2019, tive o prazer de falar para meus ex-professores (da graduação), na Jornada Pedagógica do curso de Letras, na Universidade do Estado da Bahia (UNEB), *Campus V*, sobre minha práxis e vivência com os saraus literários na sala de aula, provocando-os sobre os novos modos de formação leitora no percurso licenciatura, na formação do professor, e na inserção da literatura na sala de aula. O convite foi feito pelo poeta e professor Dr. Fábio Oliveira.

Esse convite veio não só por ser ex-aluna dele e ele acompanhar meu trabalho nas redes sociais e em alguns eventos, mas pela participação, em 12 de dezembro de 2017, na UNEB campus V, quando fiz o encerramento de seu curso de "Criação literária: poesia", explanando sobre *performance*, declamação, poesia e na realização de um lindo sarau, dando o tom frutuoso do curso, trazendo essa vivência a partir do que experimento em sala de aula com meus alunos. E foi um dos pontos-chave para eu tentar o mestrado em Educação naquele fim de ano.

Esses são alguns dos encontros que foram tecendo meus caminhos, que começaram junto com o lecionar, lá em 2014. Também com o sarau, dentro e fora da sala de aula, foi sendo construído o alinhavo da professora poeta, incluindo minha varanda, e ainda o convite para declamar nas escolas e registrar esses eventos nas redes sociais. Esses acontecimentos fizeram as minhas asas serem maiores para sempre romper limites para onde a poesia convoca.

Essa minha vivência se intercruza com a vida de outros. Ainda que os poetas questionem ou digam não ser seu papel a formação de leitores, são esses círculos vivos que estão aproximando os jovens da literatura, em suas diversas facetas, pela presença de espaços como saraus, ruas, ônibus, casas de *show*, escolas, ou por meio das redes sociais.

Foi por meio de uma publicação na internet, que tinha como registro minha apresentação em um evento da escola em que eu lecionava na época, no Colégio Novo

Espaço, em Sapeaçu, e das publicações dos saraus também nas redes sociais, que escolas e eventos que aconteciam na cidade passaram a me convidar para apresentar minha produção. O motivo era o jeito irreverente de dizer a literatura, através da *performance*.

Foi a partir desses espaços inter cruzados – sarau, escola e poeta – que eu passei a dizer: se um dia lhe perguntarem quem é ou quem foi Jacquinha Nogueira diga que é ou foi alguém que tem ou teve a vida modificada pelo outro sentido que a poesia, os livros, a literatura, os saraus e a sala de aula dão ou deram à vida dela. É ou foi um ser que tenta ou tentou abraçar as pessoas com as palavras.

## 7.2 A transgressão da leitura na vida dos sujeitos da pesquisa e a presença de escritores na escola

Essa forma viva de estar nos espaços ou de apresentar a literatura de forma prazerosa aos alunos é que faz a leitura na escola abrir essa porta expansiva para o universo literário, como é expresso no relato de “Amora”:

A leitura fez com que eu vivesse. A leitura me deu... No momento em que eu estava morrendo, a leitura me deu um ar de vida. Eu voltei a viver porque eu li. Eu voltei a viver porque eu escrevi. Então, eu acredito que muita gente precisa desse ar, dessa vida, mas não tem porque não tem. Porque não tem quem incentive, e eu gostaria de ser essa pessoa que incentiva as pessoas a viverem de novo pela leitura. (entrevistada “Amora”, agosto de 2019)

A leitura como regaste. A leitura como salvação, porque nela se vê, se enxergam outros mundos e se escapa de si mesmo ou se identifica. A leitura que pulsa e convoca a escrita, dando liberdade de a alma se expressar. Cada escritor que vai a uma escola instaura um modo diferente de contato com a leitura e a literatura, ao mesmo tempo em que é provocado a perceber sua necessidade de estar naquele espaço. Quando um aluno ou uma aluna se aproxima para lhe dar um abraço, um sorriso largo, dizer um simples “Obrigado!” ou “Obrigada!”, ou tecer comentários e fazer depoimentos diante de suas obras, essencialmente ocorre a identificação. Tal contato pode ser imediato, após a apresentação, ou na finalização da atividade, ou através das redes sociais nos dias seguintes, ou quando você menos espera.

Quem nos apresenta essa literatura de forma mágica senão outro apaixonado pela leitura? Sendo assim, indago: O que pode trazer o contato com escritores vivos para dentro da escola? O relato de “Borboleta” nos demonstra o sabor de um encontro vivido com ela e a escritora negra Hildália Fernandes:

Eu acho que foi a primeira vez que tivemos um escritor pra lá. E foi uma agonia assim... As pessoas de outras salas queriam vir para cá para poder assistir. Foi uma coisa assim inédita no colégio. E foi interessante, ela ouviu as poesias, e ela também declamou e falou que a gente ainda tinha muito futuro com uma poesia, e todo mundo tira foto com ela no final e foi muito bom... (entrevistada “Borboleta”, setembro de 2019)

Escritores e escritoras existem de verdade, não estão “mortos”, resguardados nos papéis, em séculos passados, e são fundamentais neste mundo presente, que tanto clama por arte, enquanto outros tentam censurá-la. Quando a maior autoridade do país pede redução de palavras, precisamos ampliá-las para todos os espaços, coisas que essencialmente artistas e professores podem fazer, convocando todos aos livros, às produções, sem cessar. As palavras não podem ficar sufocadas, não podem morrer entaladas e sem abraçar este país.

E quando se tem um poeta ou um escritor em sala de aula como professor? Que imagens criamos e o que podemos experimentar e proporcionar? Os caminhos desse perfil se tornam primorosos diante da leitura partilhada, das palavras, dos versos, de autores e autoras que aprendem a vivenciar esses passos com seus alunos, sem jamais esquecer que o mínimo ou o máximo que somos provoca espelho, onde algo, neles, se reflete.

Eu me espelhava muito no seu jeito de recitar. No jeito que a senhora recitava em sala de aula, eu tomava como base, porque eu não sabia como eu ia recitar. Porque um poema é muitas vezes quando você vai estar você não vai chegar lá, ler baixinho e sair. É bom você transmitir aquele seu sentimento que tá em você para as outras pessoas que estão escutando. Então, através dessas performances que tinha em sala de aula, eu fui aprendendo como eu, “Diva”, vou recitar perante outras pessoas. Então, essa questão da reconstrução e tudo mais foi muito importante para mim. Porque eu passei a não ser aquela a não ser mais aquela pessoa fechada em si, mas a ser aquela pessoa que recita mesmo, que quer mostrar o que sente e quer transmitir aquilo para outras pessoas. (entrevistada “Diva”, setembro de 2019)

Há a entrega, o tato com a palavra, o sabor que provoca a fome sem cessar de degustar esse universo literário em cada canto. Hoje, podemos beber em fontes múltiplas e que múltiplos nos tornemos... E o que fazer com essa fome, senão consumir cada vez mais palavras? Alimentar nossos alunos além do que oferecemos em sala de aula é base para uma formação leitora que precisa se unificar diariamente. Pode-se ler em variadas plataformas, mas não perceber o ato como leitura, e nós podemos orientar para melhorar essa disponibilização de tempo, para ir além do que é obrigatório e caçar tesouros.

É, eu assisti vídeos, até a senhora mesmo mandava alguns links, e a senhora mandava de um e eu já ia descendo os outros. E eu tenho como inspiração, não só eu, mas de algumas meninas da minha sala, Mel Duarte. Que ela traz... A questão

que ela traz nos poemas dela foi onde eu me vi também e, a partir daí, eu comecei a ver alguns vídeos dela, alguns poemas e gostei demais. E tem outras também. (entrevistada “Diva”, setembro de 2019)

Com as oficinas, podemos criar caminhos para que a leitura desperte a escrita de dentro, brincando do lado de fora da alma, cheia de palavras, para colocar no papel tudo que vemos, nos formatos que podem criar poesia e prosa e comungar com o mundo virtual, que se abre, cada vez mais expansivo, para palavras e caracteres, ao mesmo tempo que nos ensina a brincar com as micronarrativas, dando sequências e construções imaginárias que nos tornam coautores.

É um momento muito legal quando eu paro assim para escrever e falo, esse daqui eu vou postar. No início, eu não sabia como ajeitar direitinho, porque sempre tem aquela parte como você ajeitar a letra, ajeitar toda essa questão, sabe? do poema. E a senhora me ajudou bastante nessa questão de reconstrução, não só de poema, mas também nessa questão de postagem, o jeito certinho de postar. (entrevistada “Diva”, setembro de 2019)

Assim são os caminhos que levam os alunos e alunas dos saraus da sala de aula para a rua. É semente plantada para experimentar outros espaços literários, outras formas de falar e vivenciar a literatura, que se apresenta viva e não limitada de palavras escritas, ou apenas alcança-la nos livros, tornando-a mais livre e convidativa. Afinal, quantos crescem tendo o livro como algo chato? Como, então, a literatura tem sido vista por esses estudantes a partir de saraus e *slams*? Se uma pessoa perguntasse porque um sarau é interessante, o que elas teriam a dizer? “Eu ia dizer a ela que são assuntos e poesias abordadas de outra maneira. E que não seria algo do tipo ‘ah, é poesia!’ e que seria um marco assim, porque eu acho que os saraus e o slam ficam marcados em qualquer pessoa, porque chama a atenção.” (entrevistada “Borboleta”, setembro de 2019).

Essa atenção é que tem provocado o deslumbramento pelo que salta da boca das pessoas que fazem acontecer um sarau e um *slam*, em qualquer parte, trazendo uma forma mais diferenciada para semear a literatura. “Eu acho que é melhor de ser entendida. Eu acho que o tom da voz que a pessoa vai receitar diz muito porque pode ser a mesma frase só que em tom diferente que muda tudo. Eu acho que eu prefiro ouvir a poesia.” (entrevistada “Borboleta”, setembro de 2019).

Pois, além da palavra, pulsa junto o sentimento de dizê-la, a vontade de apresentá-la a outros, a forma de degustá-la na boca, enquanto põe corpo no que diz. E há risco de se restringir a essa oralidade? Para alguns, no início, pode ser que sim. Mas o que tenho visto em sala e nos saraus é a sede que essas palavras, ditas oralmente, provocam de



tocar nos livros, de tê-los em casa e ao alcance. Basta que eles estejam livres e disponibilizados. Afinal, o que ecoa na boca de poetas e leitores que amam a literatura também passa pela riqueza da obra literária física. O que chama a atenção, então, através da voz? É o sentir a literatura e conseguir provocar algo no outro. Assim nos conta “Diva”

Como eu havia dito, é tudo uma questão de quando a gente tá recitando a gente quer passar o que a gente tá sentindo o nosso... Aquilo que a gente tá expressando a gente quer que as outras pessoas assim também. Então, a partir do momento que a gente leu o livro, a gente tá lendo com o nosso jeito de ler. A gente tá lendo com os nossos pensamentos, e é muito diferente de ver outra pessoa recitando, outra pessoa querendo passar aquela vibração dela para nós. (entrevistada “Diva”, setembro de 2019)

E esse sentir é muito comum e mais explosivo quando as temáticas são sociais. Em conversa com a entrevistada “Borboleta”, ela chega a mencionar a diferença que sentiu nas temáticas de quando era minha aluna, para as temáticas trazidas pelos estudantes no colégio em que ela foi também declamar. No momento eu trouxe a seguinte colocação:

Essa mudança de desenvolvimento vai também da mudança que ocorreu. Quando eu lecionei para vocês, três anos antes de começar a lecionar para eles, a gente não tinha tanto esse contato tão forte com a *performance*. Os temas eram mais *lights*, eram mais coisas envolvendo mesmo o cotidiano, a natureza, essa parte romântica. Tinha também algumas temáticas sociais, mas não eram tão fortes. Acho que, com a mudança da questão de empoderamento feminino, houve essa mudança dos temas no país. E como eu peguei esses alunos mais a partir do sétimo ano, a gente passou a ter outro contato. Então, eu vinha com a experiência que eu tinha com vocês e passava inserir, com eles, todo processo que eu construí com vocês. Primeiro, o projeto foi de trazer letras de músicas, a gente tirar melodia das músicas e declamar. Passar pelo momento de destravar um pouquinho a timidez. Eu me lembro de que, uma vez, eu inseri cada um na sala, um de cada vez na sala, para a gente trabalhar um pouquinho dessa coisa de você falar em público. Mas a gente chegou a trabalhar um pouquinho dessa coisa de apresentação, mas não era uma apresentação como eles passaram a fazer. Então, quando eu começo a lecionar com eles, começam a surgir esses temas mais fortes e começa a surgir também o interesse deles por esses temas. Então, acho que é essa a modificação, e a gente começou a fazer do mesmo jeito das oficinas que fizemos com vocês, de dar palavras, as três palavras, uma temática, e eles preferiam assim para construir. Eu trazia as possibilidades metodológicas de construção e fluía assim. Eu lembro que tinha uma que foi da água, a outra do fogo, surgiam coisas assim, tinha da menina. “Eu vi um menino correndo”. Pegava início de letras de músicas e eles foram construindo a partir da visão deles, sabe? Assim como vocês. Mas também é a mudança de tempo, de faixa etária, de construção. Então, acho que era isso, né? Da performance à diferença, e que e que faz diferença.

Desde o nome de poesias mais expressivas, todas as entrevistadas trouxeram a mudança temática que essas poesias, no circuito entre saraus e *slams*, promoveram no debate

e na expressão de seus sentimentos, por meio do pensar no papel, e a importância da socialização através da atividade cultural como o sarau.

As metodologias aplicadas em uma sala nem sempre vão servir em outra, pois depende muito do perfil da turma. Então, o professor precisa, antes, conhecer, sondar possibilidades, experimentar e ir criando seu jeito de aplicar naquela sala, bem como verificar modificações temáticas que ocorrem com o tempo, e possibilidades múltiplas de construções e formatos poéticos. Pois, para essa *Pedagogização dos Saraus ou Saraulização das Escolas*, o que importa não é a aplicação do formato, mas a possibilidade de construir um modo de dessacralizar a literatura e descolonizar os formatos engessados do currículo escolar.

O interesse dos estudantes por temáticas atuais e polêmicas tornam-se um atrativo, devido aos diversos meios de comunicação que alargam essa possibilidade de discussão. Um debate que se volte, cada vez mais, para a realidade tem sido a meta até nas diferentes mídias. Temas como representatividade, racismo, homofobia, feminicídio, aborto, gordofobia, machismo, depressão, autismo, tráfico de drogas, democracia, censura e outros estão nos centros temáticos de séries, novelas, filmes, músicas, livros, romances, e a literatura contemporânea cada vez mais insere essas questões na construção de suas narrativas.

Eu gostaria de fazer com que os meus alunos aprendessem assim. Não só os meus assuntos, mas aprendessem a vida, compartilhando seus textos, seus escritos, suas falas, sua dança, sua pintura. Que eles acabassem compartilhando, vivendo um pouco do que eu vivi, para que, lá na frente, eles possam olhar e dizer: meu Deus é a professora ajudou a gente a fazer isso e é isso aqui que eu quero na minha vida. (entrevistada “Amora”, agosto de 2019)

Na entrevista, “Amora”, que atualmente cursa licenciatura em história na UNEB *campus V*, pretende inserir os saraus em sala de aula, devido às possibilidades múltiplas de trabalho nas diferentes habilidades dos alunos, o que ela percebeu como participante dessa prática na escola.

O sarau pode ser uma abertura maior para promover as discussões com temáticas polêmicas e que se tornam ambíguas na cabeça de alguns adolescentes, devido à pouca informação e à restrita possibilidade de debate social. E também para a ampliação dos conhecimentos necessários, que abarcam as diversas questões sociais inseridas em provas de ENEM e em vestibulares, assim como nos diversos noticiários, que nos convocam ao conhecimento sobre tudo.

A leitura é a chave de empoderamento para os diversos problemas que estamos enfrentando na sociedade. Se nos recusarmos a ampliar essa formação literária na escola e a

inserir todas as formas de comunicação dentro do espaço escolar, estaremos fadados a continuar aumentando a ignorância diante dos fatos graves que vêm ocorrendo em nosso país.

Possibilitar que os alunos descubram o fascínio pela leitura é aproxima-los da infinidade de conhecimentos que existem nesse mundo, que cada vez mais exige cidadãos letrados para transformar e agir numa construção menos desigual do Brasil. Importa ainda saber lidar com as diversas adversidades e questões governamentais que se tornaram instáveis e transitivas entre perspectivas de sociedade, em séculos.

Para vocês, que não tiveram tanta oportunidade, porque a gente convive com diversas pessoas hoje em dia, nem todo mundo teve aquela oportunidade em questão de leitura e tudo mais. Mas quem tem oportunidade, hoje em dia, tem um tesouro na mão, porque ela é muito importante. E, hoje em dia, como a nossa sociedade está muito interessada no nosso jeito de pensar, a leitura faz a gente viajar, a leitura faz a gente ter um pensamento mais amplo. Então eu acho muito interessante. E um recado para vocês: leiam demais, se soltem e, se vocês gostam de escrever, escrevam. Se é isso que te faz feliz, se vocês gostam de cantar, mostre seu potencial. E se tiver oportunidade para ver sarau, é muito bom também. (entrevistada “Diva”, setembro de 2019)

É esse caminhar que necessitamos proporcionar a nossos alunos, para que a leitura abra uma porta e daí eles construam voos entre escritas e falas neste mundo. Sabendo da importância da sua voz e do pensamento de pessoas de sua idade e de outras variadas idades também, busquem escutar a todos, dialogar e trazer suas pautas vivenciais.

Existem temas e assuntos discutidos na sociedade que nós, professores, ficamos cheios de dedos para debater em sala, ou até a coordenação do colégio faz essa retaliação. Entretanto, quantos alunos vivem essas questões dentro de suas casas? Ou são vítimas de algumas dessas questões? Quantos jovens se cortam atualmente? Ou são violentadas em suas casas? Ou veem as mães sendo agredidas? Ou veem o tráfico na esquina? Não podemos nos recusar ao debate, e precisamos criar formas de inseri-los na pedagogia, e a literatura é um caminho lúdico para isso.

O sarau é uma oportunidade de visibilizar, dentro da escola, autores locais, ao mesmo tempo provocar ou plantar sementes para o nascimento de outros amantes das palavras, os escritores e as escritoras. O que a professora “Felina” tem a revelar sobre isso?

[...] nós temos algumas pessoas que não são visibilizadas ainda e temos pessoas que escrevem, mas que não conseguem, pelas oportunidades que a sociedade ainda não oferece, mostrar essas escritas. Mas a gente sabe que existem pessoas que estão escrevendo, mas seus textos ainda estão engavetados. Nós temos dois alunos, na verdade, que vieram dessa escola do Aldemiro. Um está nesse processo de construção de escrita de livro de poesia, ele já tá em um processo mais avançado, já está com conseguindo essa visibilidade. Tem outro que está despontando, mas que, desde o processo dentro da escola, ele escreve, ele participa de todos os concursos

literários e a gente já conseguiu até fazer uma edição das escritas dele na escola e fazer um lançamento, no ano passado, convidando a comunidade, que participou. Na verdade, de juntar os dois em um momento foi muito legal, muito importante. tanto para eles como para a gente enquanto educador, escola e sociedade. E surgiu daí a ideia de fazer outros momentos como esse para tentar trazer essas pessoas que ainda não estão conhecidas, que ainda não conseguiram mostrar seu trabalho, para esses momentos, mesmo que seja no contexto só da cidade. Mas é daí que vão surgindo outras oportunidades de visibilidade. (entrevistada “Felina”, setembro de 2019)

Construir poesias, interpretá-las, debatê-las e apresentá-las cria um novo canal de voz para os alunos, pois o texto produzido e aperfeiçoado nas edições de saraus, pelo próprio aluno, não se restringe à sala de aula, uma vez que pode ganhar outro lócus de apresentação, em outros saraus, escolas, eventos, redes sociais, ou, futuramente quem sabe, ser inserido em um livro.

Fui convidada para a apresentação de um seminário na escola por uma das entrevistadas da pesquisa. A temática era o feminismo, por ela conhecer esse tema como um ponto forte nas minhas poesias e discussões em sala e saraus. Ela queria que eu declamasse alguns poemas e fizesse uma *performance*. Aceitei o convite e convidei outra entrevistada da pesquisa para criarmos uma *performance* juntas, algo que já estávamos ensaiando fazer há um tempo. E também para que ela apresentasse seus poemas, já que dialoga mais diretamente com as questões enfrentadas por adolescentes. Sobre essa vivência, “Diva” nos conta:

Foi um momento de muito frio na barriga, porque eu passei a sair daquele meu cantinho, que é no colégio, e passei a sair daquele meu pensamento em colégio para expandir mais em outros colégios. Então, foi muito legal esse momento para mim. Porque eu pude mostrar o meu modo de pensar para aquelas pessoas, eu pude entrar também no assunto que eles estavam estudando lá e foi muito mais do que um momento quando eu comecei a recitar... (entrevistada Diva, setembro de 2019)

“Diva” é uma aluna de Ensino Fundamental que vai participar de um seminário em sala de aula no Ensino Médio, trazendo questões que eles estavam inserindo no debate. Foi gratificante ver e interessante notar o olhar dos estudantes e da professora de sociologia para ela, tão expressiva, rompendo a timidez, modelando sua voz e soltando aos quatro cantos seus fortes versos feministas. Para a construção de empoderamento diante das diversas violências a que nós, mulheres, não estamos imunes nesta sociedade, a poesia também é um caminho.

Assim como “Diva”, várias outras alunas já fizeram apresentações em outros saraus, culminâncias de projetos e abertura de eventos de leitura e até seminário em faculdades fora da cidade, levadas pelos próprios familiares. O diferencial dessas apresentações é que elas são criadas naturalmente, a partir do que foi produzido em sala de

aula, podendo ser utilizadas a qualquer tempo. Isso tanto para mim, professora e poeta, como para a vivência dessas alunas a partir da poesia.

Sobre o despertar dos saraus, a professora “Felina” nos diz:

A mensagem é dizer que o sarau, ele desperta leitores e escritores. Um sarau, ele liberta almas aprisionadas. E que o sarau deveria ser uma prática que talvez todas as escolas devessem experimentar e observar o quanto alunos eles conseguem ser eles mesmos quando a gente dá essa liberdade de escolha. (entrevistada “Felina”, setembro de 2019)

É por acreditar no sarau como um caminho mais plural que traz esse espaço de voz dos estudantes e um contato mais próximo com a literatura e a escrita, que a professora “Felina” não só o vê como uma prática necessária nas escolas. Atualmente como gestora de uma escola, deixa clara a pretensão de fazer essa atividade cultural acontecer de forma que todas as séries a vivenciem.

Nós até já falamos sobre isso no início do ano, como uma proposta de uma tentativa da primeira experiência na escola de ensino fundamental, da educação infantil até o ensino fundamental II. Então, na verdade, a escola já trabalha outros projetos também de leitura, mas ainda não tiveram a experiência do sarau. E nós também estamos nos organizando para fazer uma tentativa da primeira experiência, na escola municipal, de uma vivência de sarau. A gente ainda tá no processo de construção, de organização. Os projetos de leitura já vêm sendo trabalhados desde o primeiro semestre. Mas aí a gente vai agora, no final do segundo semestre, fazer essa experiência. Eu acredito que tem tudo para dar certo, mesmo que seja algo novo talvez para eles. Mas a gente vai ter uma experiência e também o contato para poder analisar de que forma vem sendo trabalhado esse o sarau. Realmente, vai despertar neles o interesse maior pela leitura, poder dar essa liberdade. (entrevistada “Felina”, setembro de 2019)

Esse desejo e esse planejamento para que a experimentação aconteça e a atividade se fortaleça está implicado com as vivências que essas professoras tiveram com o sarau em diferentes espaços, para enxergar, nesses modos diferenciados de construção, a formação leitora como um espaço construtivo de voz dos alunos perante as obras literárias, autorais e não autorais.

Os espaços em que tenho circulado, as escolas que têm me convidado, trazem essa sede como questão. Recentemente, fui abordada através das redes sociais para trabalhar em uma escola na cidade de Cruz Almas, devido a meu trabalho com saraus, através do projeto *A poesia vive*. A postagem, nas redes sociais, trazia um registro do que eu estava produzindo em sala, com os alunos do 9º ano do Colégio Nova Visão: a montagem de um espetáculo poético construído a partir de micropoemas desses alunos, feitos em sala, em que, a partir de uma poesia visual de um dos alunos, fomos criando, aos poucos, a sequência de textos poéticos,

numa reflexão a partir da música *A carne*, de Elza Soares, e olhar para as questões sociais do nosso país.

“As performances nas quais o corpo e a língua se juntam para sustentar práticas de letramentos, são situadas e marcadas pela resistência e pela subversão. Isso se deve não apenas aos temas abordados, mas também ao estilo e à forma que as produções assumem.” (SOUZA, 2009, p. 142) Essa produção coletiva foi uma das coisas mais legais que construí junto com os alunos, dentro do projeto *A poesia vive*, pois foi uma costura de textos deles refletindo sobre a realidade. À medida em que íamos escutando uns as produções dos outros, fomos montando e ajudando a construir as linhagens textuais, todas em conjunto com a voz, para possibilitar formatos e imagens corporais.

A construção foi nova, tanto para mim quanto para eles, e o formato, ainda inacabado, estava tão atraente, que um dia, a diretora da escola, ao escutar nossas construções enquanto passava pela porta da sala, pediu licença e se propôs a assistir o que estava sendo ensaiado. Ao final, disse que amou e, dias depois, nos convidou para a abertura do projeto de leitura da escola, cuja temática era justamente o brincar com a poesia. E foi justamente brincando de construir micropoemas que fomos trazendo as facetas das realidades de nosso país através das palavras, abordando temas como genocídio negro, racismo, desigualdade social, governo, corrupção, depressão, sonho, entre outros.

Essas palavras, por muito tempo, foram vistas majoritariamente no *rap*. “A poesia, no rap, tem a função de ‘causar’ um efeito em quem está ouvindo.” (SOUZA, 2009, p. 144). Nos *saraus* e *slams*, o compromisso é o mesmo. A voz não é usada o acaso, mas como manifestação do que se pretende, sobretudo as suas repetições. Sobre essa questão, a pesquisadora afirma:

O rap é um dos gêneros no qual podemos observar a brincadeira com a linguagem que sustenta um dizer que é autônomo, contestador, contra hegemônico e promotor de um conhecimento mobilizador. Mesmo quando um rap é lido, a sonoridade está presente de forma tão fundamental, que é possível “ouvi-lo”. A subversão da escrita por meio da oralização confere ao rap uma originalidade e autonomia perante a escrita escolarizada que mostra a inventividade e a agência de sujeitos que querem expressar as peculiaridades da vida marginalizada por meio de uma escrita também “marginal”. (SOUZA, 2009, p. 142)

A poesia, nos *saraus* e *slams*, resgatou e, ao mesmo inaugurou uma nova forma de dizer e socializar os versos em diferentes espaços, trazendo a maestria da antiga oralidade e a inovação da *performance* que brota ao natural da alma. O teatral nem sempre é ensaio. É pulsar do momento, em que se permite viver cada palavra dita nos olhos de quem assiste. Uma poesia despida de fórmulas, sem padronizações e com imensa liberdade, emerge híbrida,

provocando outras possibilidades de escrita, em que o corpo, de alguma forma, será acionado.

A Ana Lúcia Silva Souza argumenta:

Mesmo que a escola não a reconheça, a cultura hip-hop está na escola e, por vezes, não são os conhecimentos disciplinares dos planejamentos das aulas que ganham valor para os alunos e alunas, mas – como aparece nas biografias dos rappers – são os espaços de sociabilidade que podem fazer da escola um espaço praticado em que se possa legitimar, principalmente, o que faz sentido para os envolvidos nessa instituição. Sem isso, como diz a letra do rap, a rua passa a ser valorizada como lócus de informações. (SOUZA, 2009, p. 146)

É essa mesma valorização do *rap* e a mudança de lócus que percebo com a inserção da poesia das margens dentro das salas de aula. Entretanto, quando esse saber chega através do sarau, ele não virá apenas como conteúdo, e sim como possibilidade de transgredir os modos como a educação colonizada foi fazendo a escolar desvalorizar o conhecimento externo que permeia a vida dos estudantes e que também é parte de sua formação leitora e cidadã. A bell hooks nos ensina:

Um assunto diferente e mais radical não cria uma prática libertadora que uma prática simples, como a de incluir a experiência pessoal, pode ser mais construtiva e desafiadora que o simples ato de mudar o currículo. E é por isso que se criticou tanto o lugar da experiência – da narrativa confessional na sala de aula. (hooks, 2013, p. 198)

Para que a educação aconteça como prática de liberdade, é necessário que se transgridam os conteúdos, e a práxis alcance essa liberdade por meio da ação e do que se modifica no espaço escolar para a vida dos alunos. Mas essa modificação só será efetiva se nos permitirmos aprender e construir junto com eles, pois nosso olhar também fica acostumado àquilo que só oferecemos. É preciso nos permitir enxergar também possibilidades de fazer a educação acontecer diante das pistas e sedes que os estudantes demonstram.

No vídeo, *Pedagogia dos saraus: a poesia como inclusão*, postado no Facebook, no perfil pessoal do Rodrigo Ciríaco, em 03 de novembro de 2019, ele nos traz a dimensão que sua proposta tomou e como os olhares da educação se aguçaram frente à possibilidade de voz que essa pedagogia possibilita para que a fala do aluno ecoe e ganhe outras proporções dentro da escola.

O vídeo é resultado do curso *Pedagogia dos saraus. Teoria e prática literária e educativa*, que vem sendo o seu maior instrumento de socialização das ferramentas e técnicas que podem ser abordadas pedagogicamente através dos saraus e *slams* literários em espaços educativos. Entre as falas do Rodrigo Ciríaco, no vídeo, ele destaca a importância do curso e

traz essa proposta como um despertar dos talentos que estão escondidos, sobretudo nas escolas públicas. Uma pedagogia que transforma e aciona as nossas identidades por meio do contato diferenciado com a literatura, onde ela, mais que palavra, vira festa.

Cada vez mais o sarau tem de estar presente. É incentivo à leitura, às interações dos alunos. Eu não consigo imaginar, daqui para frente, as minhas aulas sem o sarau. Eu percebo que alunos que eram tímidos já estão mais extrovertidos, aqueles alunos que não liam estão lendo, aqueles alunos que não escreviam estão escrevendo poesia. Então, eu só tenho a agradecer os benefícios que o sarau trouxe pra dentro da escola. (professora Letícia Camilo, CEU Parque São Paulo, *on-line*<sup>53</sup>)

A fala da professora se mistura com a de alunos que participaram e trazem a possibilidade de expressão de sentimentos, o conhecer pessoas novas e a interação com elas, assim como também se expressam as entrevistadas desta pesquisa.

A ideia vem sendo expandida e pode ser adotada por qualquer professor e qualquer escola que tenha o interesse de conhecer os saraus como uma ferramenta literária e educativa, criadora de espaços e protagonismos que podem ser oferecidos aos alunos dentro da escola.

Quando falamos em saraus e a forma como eles têm se disseminado socialmente no ambiente escolar, ficamos muito presos à ideia de talento. Tanto eu como Ciríaco e as entrevistadas acabamos trazendo essa palavra dentro dos nossos discursos e, em um dado momento da análise da transcrição das entrevistas, minha orientadora, Mary Arapiraca, me sinalizou essa abordagem. Por que talento, e não habilidade? Principalmente se estamos trazendo essa proposta como ferramenta pedagógica.

Propondo-me a refletir, percebo o quanto a impregnação existe. Mesmo sendo professores, chamar essa expressão de talento se deve à vivência em que fomos imersos por meio do sarau. E também pelo fato de a sociedade, ao ver essas vozes ecoarem, a expressividade poética escrita e oral, atribuir essa eclosão a um talento, mesmo que, ao apresentar as técnicas e as possibilidades de construção, para a escrita e a *performance*, busquemos a habilidade.

Magda Soares (2000), no livro *Linguagem e escola: uma perspectiva social*, ao trazer a perspectiva da ideologia do dom e a configuração de deficiência cultural, ilustra esse fato, pois se identificarmos os alunos a partir dos talentos, estamos situando esses jovens numa prática privilegiada, que não é de autodidata, mas das oportunidades que fizeram esse “talento” ecoar. Isso não significa que o outro seja desprovido de “talento”, e sim que, talvez,

---

<sup>53</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/rodrigo.ciriaco.escritor/videos/10215388092750666/>



não tenha tido a oportunidade de demonstrar suas habilidades ou construí-las de forma a também trazer o diferente, o encanto, o bonito ou outros possíveis sentimentos manifestados. E é justamente essa possibilidade de todos falarem, escreverem e performarem, com seu jeito próprio, que o sarau, na sala de aula e na rua, oferece.

Entretanto, diante da visão estereotipada construída socialmente no nosso país de não produção intelectual e a negação de voz de escritores dentro da periferia tornando a existência e a produção de muitos invisibilizada, afirma-los enquanto talento é um ato político e que precisa ser reafirmado no ambiente escolar. Afinal, dom também precisa ser aprimorado.

Já que o próprio sarau traz a ideia de não vocação, mas de convocação, o abrir-se para as possibilidades de leitura e a escrita vem com esse convocar daquilo que já pode existir no outro e estar guardado, mas que pode se libertar e se edificar nas construções do fazer poético, com voz e corpo.

Há uma voz diferente surgindo dentro da sala de aula. Há uma voz diferente ecoando no pátio da escola. Há uma voz convocando outras, na sala dos professores. Há colégios abraçando a ideia. Há professores construindo a proposta de sarau com os alunos. E, principalmente, existem palavras diferentes chegando em casa, rompendo o papel, abraçando a alma e soltando a voz para o mundo

Há uma pedagogia criando asas e professores de todas as disciplinas sendo convocados a voarem juntos.

## 8. CONSIDERAÇÕES FINAIS: O SARAU COMO UMA POSSIBILIDADE DE ENLAÇAR POESIA E PEDAGOGIA NO UNIVERSO ESCOLAR

Minha experiência e os depoimentos colhidos durante o estudo gerador desta dissertação são reveladores de perspectivas pedagógicas, do sarau escolar, contributivas para a formação leitora. Começo, minhas considerações finais, com um exercício poético que sintetize essa revelação.

Eu vi e vivi saraus em sala de aula, sem cadeiras em fila.  
Alunos em pé em forma de roda, ecoando palavras do submundo.  
Guardado do que raramente escutamos dos seus lábios.  
Eu vi e vivi junto, o descalo da voz entre a timidez e o pensar.  
Cessando aplausos que não julgam aquela voz,  
mas para e escuta, busca compreender ...  
O que em poesia tenta dizer, no grito emanado, no falo baixo ...  
Na modelagem que titubeia a voz, mas que o corpo ganha força e levanta ...  
nos olhos de coragem do outro.  
Eu vi e senti o abraço dando voltas quando as falas ganhavam coletividade.  
O não se vê só. O não dizer só.  
E fluir sonoramente as palavras nos ouvidos de todos.  
Eu vi pessoas saírem do seu lugar para saber o que estava acontecendo naquela sala.  
Era a balbúrdia ensaiada, construída, servida a literatura sem freio de voz.  
Era o corpo dançando sem se preocupar.  
Vão bater na porta, pois que batam, pois que batam e dancem junto conosco  
Essa convocação poética.  
A liberdade de ser e viver  
com a literatura na boca.

(Jacquinha Nogueira)

As palavras não cessam num sarau. Mesmo quando ele termina, carregamos dentro de nós palavras ditas e não ditas que continuam nos convocando para leituras, escritas, performances, autores. Escrever esta dissertação não foi diferente. Permaneço tecendo palavras dentro de mim, no permanente labor discursivo.

Muitos estudos surgem do movimento da literatura periférica e negra, contudo os saraus e *slams*, que não são dissociados desses movimentos, ainda estão sendo inseridos nos vieses de estudos acadêmicos, muitas vezes sendo balizados em aspectos que os descrevem como fenômeno social.

Durante o estudo pude notar o quanto essas atividades, que movem multiletramentos na sociedade atual, permitem um trânsito atemporal das manifestações poéticas e das diversas formas de expressividade que ganham ao longo do tempo, incluindo o desencadear de

construções com o movimento do hip-hop, que impulsionam a ação do verso livre e das batalhas poéticas, criando um aspecto estético que passa a ser intitulado como textos de *slams*.

Essas hibridizações se formam nos berços de construção da recitação no sarau, onde poetas, ligados ao movimento literário periférico, tornam-se espelhos para iniciantes da arte verbal. É nesse espaço que os modelos de textos passam a ser apresentados e medidos ao fervor da plateia, criando-se assim um lócus de experimentação, registro e incentivo à produção. Nesse espaço, também, surge um local de leituras, que nem sempre é notado social e academicamente, abrindo possibilidades de formação do cidadão para outras práticas de leituras no nosso país.

Assim os saraus iniciaram outro campo de revolução literária no Brasil e o seu movimento não passou despercebido, mas a sua verve para a formação leitora não tomou a mesma proporção, sendo percebido como espaço para autores independentes ou para a literatura da periferia, ocultando as nuances de leituras provocadas a partir desses autores, pela capacidade de entretenimento durante o espetáculo da recitação.

A dimensão de incentivo à leitura nesses espaços é vista de forma subalternizada, por ser expressa no modo oral, escondendo a grandeza do que é provocado a se conhecer oralmente, para além do exposto em voz, texto, corpo e *performance*.

Foi a partir da visão de espetáculo que a estética textual desses textos dos saraus foram se adequando ao tom dos *slams*, descalando sentimentos e questionamentos pautados nos enfrentamentos sociais diários, vividos por quem está no seu lugar de fala. Nessa direção, essas poesias surgem como grito, como extensão da voz, da raiva que se interioriza diante do vivido e não podia antes ser externado.

É notável nas variáveis dos primeiros textos de alguns poetas, como suas vozes surgem com a necessidade de falar sobre o que veem e vivem. Por isso, ainda que os saraus e *slams* se tornem modelos a serem reproduzidos, eles surgem mais como uma inspiração, porque são as identidades forjadas entre organizadores e participantes que constroem as suas faces, tornando cada sarau singular mesmo que ecoe uma coletividade de movimento.

Nos poucos estudos existentes, os *slams*, diante do seu fenômeno autoral, acabaram ultrapassando os saraus e se tornaram em ponte mais interessante com os participantes, pelo *boom* promovido na euforia de suas batalhas. Entretanto, os saraus literários são bases primordiais para compreender os *slams* e outras facetas que têm modificado esses encontros, inclusive as feiras e festas literárias no Brasil e até mesmo os eventos escolares.

A análise dos saraus periféricos, pela ótica decolonial, nos leva a perceber que uma movimentação articulada dos ativistas culturais da periferia, atuando nos campos informais de educação, está despertando o interesse da escolarização para transgredir seus espaços educacionais, através de professoras, essencialmente da área de Letras. Dessa forma, há um deslocamento dessas atividades da rua para a escola e da escola para a rua. E, nesse trânsito, surge a ideia da prática dos saraus literários nas escolas e os questionamentos sobre o caráter educador dessa prática, abrindo espaços para a sua pedagogização, no bom sentido.

Esse trânsito demonstra que há educadores abertos as formas de educação que ocorrem fora da escola e fazem parte da leitura de mundo do aluno, onde as suas vivências estão interpeladas por saberes e gostos que perpassam o aprendizado escolar, vendo esses como uma necessidade que pode ser aliada a educação por possuir traços constitutivos de multiletramentos os quais contribuem significativamente para a vida das estudantes e dos estudantes.

O espaço escolar precisa, cada vez mais, trazer para suas práticas o que fora dele congrega a juventude, considerando que educação e cultura precisam andar de mãos dadas, para que estudantes possam viver mais plenamente, abrir a sua voz e revelar suas inquietações e necessidades e desejos. “Professores que têm uma visão de educação democrática admitem que o aprendizado nunca está confinado a uma sala de aula institucionalizada” (hooks, 2019, p. 199). Nesse sentido, a inserção do sarau, no projeto pedagógico da escola é, a meu ver, uma possibilidade de desenvolver uma educação pautada na decolonialidade.

A pesquisa, textualizada nessa dissertação, demonstra que os saraus têm sido inseridos nas escolas de forma pedagógica, essencialmente entre os professores de Língua Portuguesa, Redação e Literatura. Tal inserção, além do valor cultural que apresenta, tem o outro de aproximar a juventude da leitura através da literatura contemporânea, sobretudo periférica e negra. Essa afetividade, contudo, varia a depender do gosto e do interesse dos estudantes, sendo preferencialmente atraídos, conforme os depoimentos, para performances orais com textos que dialoguem com suas realidades, vivenciados em sarau na escola ou em vídeos assistidos no circuito de saraus e *slams* postados nas redes sociais.

Esse interesse advindo da voz, da oralidade possibilitou que as entrevistadas expressassem sua sede de leitura e seus caminhos de escrita, forjados na inspiração das palavras rearranjadas no papel. Possibilitou, também, a lembrança da importância do sarau como espaço de liberdade e local de denúncia e cura.

Essa inserção se deu tanto pelo contato das entrevistadas com essa prática fora da escola como pelo seu protagonismo na construção, realização e participação de sarau na

escola, fruto da iniciativa de professores conhecedores dessa prática. As produções de textos também, advindos dessa prática, podem ganhar a notoriedade em provas e atividades em outras turmas, valorizando esse fazer dentro da própria escola.

Como exemplo trago um trecho do espetáculo *A Carne*, que se passou em uma oficina criativa de poesia que fiz com meus alunos do 9º no CNV, a partir de um poema de um dos alunos inspirado no verso da música “A carne mais barata do mercado é a negra”, que desencadeou a ideia de construção de vários micropoemas no decorrer das aulas seguintes, dando origem a um espetáculo que buscou apresentar as faces da realidade do nosso país e dos sonhos que moram nos brasileiros, mesmo diante do caos em que vivemos.

### **Espectáculo A Carne**

“A carne mais barata do mercado  
É a carne negra”

Rua, fome, tiro  
Pow!  
Rúbia usa maconha  
Filho de Rúbia morre sem merenda da escola  
Tio Rúbia morre indo comprar ovo para se alimentar  
Rua, fome, tiro  
Pow!  
Nas ruas de São Paulo têm pessoas jogadas  
Que até morrem de frio  
Será que não tem fome nesse Brasil?  
Moço na rua passando fome  
Pedi comida  
Levou tiro  
Pow!  
Na rua o tiro tirou a fome  
Na rua eu vi um menino  
que jogado na praça estava  
com fome, sem pais e sem casa  
De uma esmola um tiro  
de uma moradia água na cara  
E assim sangrando o corpo de mais um  
garoto sangrado nas ruas estava  
[...]  
(trecho do espetáculo A carne 9º ano CNV 2019)<sup>54</sup>

A prática dos saraus permite aos professores, enquanto agentes de letramento e socializadores de informações, auxiliarem os estudantes na sistematização e ampliação das suas competências comunicativas. A utilização de estratégias comumente desenvolvidas nos saraus se faz mediante uma infinidade de saberes, crenças, práticas, papéis sociais, intenções e

---

<sup>54</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/jacquinhanoqueira/posts/2593223084102795>

relações de poder, uma vez que perpassa a língua e os sentidos da linguagem na sua possibilidade de gerar leitura de mundo. A bell hooks afirma:

Educadores que se desafiam a ensinar para além do espaço da sala de aula, a se mover no mundo compartilhando conhecimento, aprendem uma diversidade de estilo de passar informações adiante. Essa é uma das habilidades mais valiosas que um professor pode adquirir. Por meio da prática vigilante, aprendemos a usar a linguagem que pode falar ao coração da matéria em qualquer espaço de ensino que encontremos. (hooks, 2019, p. 201)

Quem adota as práticas de sarau nas escolas se move a partir da teoria como prática de liberdade, que encara o outro como participe do processo, ou seja, como sujeito do conhecimento, como ensinou Paulo Freire e bell hooks.

Na construção de uma educação que seja humana e veja o indivíduo a partir de suas identidades, abrindo-lhe espaço de voz, o sarau é bem-vindo, considerando que sua prática abre caminho para a descoberta do universo literário e o descalo da voz de quem dele participa. O sarau é uma ação que provoca outras fora e dentro da escola e desperta o universo literário.

A exemplo de alunos do Sarau CEAVB, que publicaram livros ou de textos em antologias, e a entrevistada “Borboleta”, que no final do ano de 2019, teve a sua primeira publicação na antologia História D’Elas, que traz a voz de diversas meninas e mulheres do interior da Bahia evocando as questões feministas, a primeira publicação da Borboleta veio do laço que criamos por meio do sarau, um despertar para os caminhos que a literatura pode acionar diante das potencialidades de cada um.

Chega! Cansei.

Chega desse blábláblá quando passo  
dessas falsas investidas, de falas mal ditas e ouvidas,  
de todo esse clichê da vida

Cansei,  
Princesa não tem que mora em castelo  
Ou vestir vestido e salto  
Eu uso short, blusinha, tênis  
E tô melhor que muito príncipe encantado

Matando  
um  
dragão  
por dia

Tô cansada de toda felicidade ser pra sorrir  
Toda tristeza chorar  
E em toda saudade ter que abraçar

A ordem tava chata,  
Mudei os fatores e alterei todos os resultados  
e ainda tem gente achando que eu sou pelo errado

Cara,  
Mano,  
Mona,  
Mina,  
Eu só sou pela vida  
Seja ela como você quiser ser  
Empoderaviva!

(entrevistada Borboleta)

A pesquisa, ora textualizada, revelou a inserção de saraus em escolas no Recôncavo Baiano e mostrou que essa prática não está dissociada das outras identidades que formam as professoras envolvidas, sobretudo no universo literário como escritoras ou poetas, possibilitando a compreensão de que as vivências estão intrinsicamente ligadas à teorização, ao processo reflexivo que se perpetua dentro e fora da sala de aula.

As expansões dessa prática no Recôncavo ela tende a crescer, não só pelo espelho que se forma, a partir de prática de outras escolas, mesclando noite literária e culminância de projetos, mas também pelas discussões que passam a ser inseridas nos eventos acadêmicos, mesas ou apresentações culturais, aulas nas universidades e apresentações culturais locais.

A Universidade do Estado da Bahia – UNEB, campus V, denota interesse pela atividade desde 2015, quando passa a inserir saraus e lançamentos de livros nos eventos da universidade, realizando várias edições desde então e proporcionando assim esse contato aos seus graduandos. Desde o início de 2019 o colegiado de Letras buscou compreender mais sobre como as práticas de saraus e *slams* poderiam ser adotadas na universidade e consequentemente nas escolas e agora no início de 2020, a professora Ana Carolina Cruz de Souza, traz a proposta de seminário e construção de uma sequência didática a ser desenvolvida pelos alunos do Curso de Letras Vernáculas, criando assim mais caminhos para a sua pedagogização do sarau.

Essa sequência proporciona uma formação pautada em outras práticas pedagógicas que não apenas abarquem o campo da escolarização diante do que já temos como propostas letradas. Possibilita, também, que universitários se permitam a produção, a experimentação e a realização de saraus e *slams* dentro da universidade, tornando-a transgressora e formativa acerca do perfil do profissional professor e cidadão aberto à pluralidade da sociedade.

Sendo assim, os caminhos dessa proposta ganham outros capítulos mais expansivos no Recôncavo Baiano, é promissor e se fortalece pelas atuações de professores que buscam

trazer dentro do seu processo de formação uma literatura mais multicultural que abarque as faces contemporâneas que emergiram na reconstrução e construção de histórias.

O surgimento de diversas feiras literárias no Recôncavo Baiano denota esse estímulo e a FESLAM – Festa Literária de Amargosa deu um importante passo na sua primeira festa literária, em 2019, quando as atividades foram iniciadas na escola com a presença de autores locais convidados, com leitura e interpretação dos seus textos tanto por parte dos alunos como dos próprios autores, trazendo uma das faces ecoadas pelos saraus contemporâneos, o poeta vivo na escola e nos eventos. A proposta da segunda edição prevê a inclusão da festa no calendário escolar.

O seu impacto referente a FLICA foi maior, por trazer uma literatura mais local e possibilitar diálogos nas diversas esferas de autores e professores que também são escritores sobre leitura e formação leitora, em um universo que desencadeia as faces multiculturais da literatura sobretudo baiana.

Viver com a literatura na boca é uma tarefa de estímulo que é construída entre professores e alunos diante do ciclo que se propõe formar em sala de aula, uma visão resgatada de alguns antigos professores de literatura que esbanjavam recitações e amor pelos livros em sala de aula, provocando alunos para os caminhos literários, o que nos provoca, também:

Que caminhos temos construído dentro da sala de aula?

Onde está a nossa literatura na boca?

A nossa paixão e estímulo aos livros?

Temos sido espelho para os nossos alunos?

Somos encantadores do universo das palavras.

As revelações de nossas entrevistadas são animadoras, porque vão positivamente ao encontro dessas indagações. Mas, sabemos que, como toda e qualquer proposta pedagógica, a do sarau no universo escolar não pode fixar metodologias ou ditar modelos promissores, mas precisa adotar por princípios o desenvolvimento estético, linguístico e psicossocial dos estudantes participantes. Nesse sentido, esperamos que as práticas reveladas pelas nossas entrevistadas, sujeitos do presente estudo, possam inspirar outros professores a criar os seus métodos diante do que uma prática de sarau literário pode oferecer ao ser integrada as atividades escolares seja essa dentro de uma sala ou no pátio e em qualquer outro lugar da escola.



Dentre as possibilidades múltiplas de integrar essas práticas estão as orientações da BNCC que busca, na efetivação das aulas, o contato mais próximo com os textos literários, a serem trabalhados variadamente evocando a produção de gêneros e o trabalho de voz e produção corporal dos alunos.

A introdução das contemporâneas tecnologias da informação nos saraus escolares pode ser uma opção interessante para sua expansão e, entre as novidades midiáticas estão os *podcasts*, um novo caminho literário influente na comunicação, que, se inserido na sala de aula, possui estofa para sugerir outras faces ao sarau, sobretudo de metodologias, registros e compartilhamentos. Contudo, o presente estudo não teve tempo de cuidar disso.

O convite, a quem interessar possa, de se vestir com a *Pedagogia dos Saraus* ou com a *Saraulização da Escola* é o desejo de que o nosso estudo tenha eco, se reverbere e inspire experiências saraulescas dentro e fora do espaço escolar, que ofereçam ao estudante seu lugar de direito, o de sujeito do conhecimento, onde as diferenças são reconhecidas e estimuladas e onde os interesses coletivos são respeitados sem ferir os individuais.

Enfim, vestir-se da *Pedagogia do Sarau* é experimentar um movimento decolonial, que se impõe como reflexivo, crítico e contra hegemônico, avesso a todo tipo de opressão e dominação em qualquer espaço social, sobretudo no escolar – onde existe multipossibilidades de enlaçar pedagogia com poesia.

## REFERÊNCIAS

ABIB, Pedro Rodolpho Jungers. *Cultura Populares e a luta Decolonial*. XV Enecult – encontros de estudos multidisciplinares de cultura. UFBA, Salvador, 2019. Disponível em: <http://www.enecult.ufba.br/modulos/submissao/Upload-484/112032.pdf>. Acesso em: ago., 2019.

ABREU, Márcia. *Cultura letrada: literatura e leitura*. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

AGORA. Jornal do CEAVB. Facebook. Disponível em: <https://www.facebook.com/JornalAgoraCeavb/>. Acesso em: 20 nov., 2019.

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. *Etnografia da prática escolar*. [S.l.: s.n.], 2009.  
APA. André, M. E. D. A. de. (2009).

ARTE DA PALAVRA. SESC, 2019. Disponível em:  
<http://www.sesc.com.br/portal/site/ArtedaPalavra/home>  
Acesso: 30 ago., 2019.

BARROS, Zelinda. *Democratizar o Acesso à Educação em Territórios Privativos no Ciberespaço?* In: *Descolonização do conhecimento no contexto afro-brasileiro / organizado por Ana Rita Santiago. [et al.]. 2. ed. - Cruz das Almas/BA: UFRB, 2019, p. 273 -290.*

BAUMAM, Zygmunt. *A Cultura no Mundo Líquido Moderno*. Zygmunt Baumam; tradução Carlos Alberto Medeiros., Zahar em associação com o National Audiovisual Institute, Nina, Polônia. Rio de Janeiro. Ed. Zahar, 2013.

BHABHA, Homi K. *O Local da Cultura*. Trad. Myriam Ávila et alii. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *A educação como cultura*. Campinas: Mercado das Letras, 2007.

BOURDIEU, Pierre; CHARTIER, Roger. *A leitura: uma prática cultural. Debate entre Pierre Bourdieu e Roger Chartier*. In: CHARTIER, Roger (Org.). *Práticas da leitura*. 2 ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

CARNEIRO, Sueli. *A construção do outro como não ser como fundamento do ser*. Tese. Faculdade de Educação. Universidade de São Paulo, 2005.

CIRÍACO, Rodrigo. *Periferia em versos: literatura marginal como caminho para o processo de aprendizagem: Ao transformar a realidade das periferias em poesia, educador desperta nos estudantes o interesse pela leitura*. In: De olho na Educação, Estadão, 2017.

Disponível em: <https://educacao.estadao.com.br/blogs/de-olho-na-educacao/literatura-marginal-e-usada-no-processo-de-aprendizagem/> Acesso em: 15 Ago. 2019

\_\_\_\_\_ *Quem somos nós?* Disponível em:

[http://mesquiteiros.blogspot.com/2012/06/sarau-dos-mesquiteiros-cultura\\_23.html](http://mesquiteiros.blogspot.com/2012/06/sarau-dos-mesquiteiros-cultura_23.html). Acesso em: 14 ago. 2019

\_\_\_\_\_ *Menino Moleque Poeta Serelepe*. Editoras Nós. 1 ed. São Paulo. 2019

\_\_\_\_\_. *Pedagogia do Sarau*. Direito a fabulação. In: Blog da Letrinhas. Disponível em: <http://www.blogdaletrinhas.com.br/conteudos/visualizar/Pedagogia-do-sarau-o-direito-a-fabulacao>. Acesso em jul. 2019.

CORDEIRO, Verbena Maria Rocha. *O Elluneb: vias e circuitos de acesso à leitura literária*.

In: Modos de ler: oralidades, escritas e mídias/ org. Verbena Maria Rocha Cordeiro, Elizabeth Gonzaga Lima – Curitiba: Arte e Letra, 2015, p. 15-26.

COSSON, Rildo. *Círculos de leitura e letramento literário* – São Paulo: Contexto, 2014.

CULLER, Jonathan, *Teoria literária: uma introdução*. Trad. Sandra Vasconcelos. São Paulo: Beca Produções Culturais, 1999.

DALCASTAGNÈ, Regina. *Literatura Brasileira Contemporânea um território contestado*/ Regina Dalcastagnè – Vinhedo, Editora Horizonte, 2012.

DIAS, Juliane de Freitas; COROA, Maria Luiza M.S; LIMA, Sostene Cezar de. *Criar, Resistir e Transgredir: Pedagogia Crítica de Projetos e Práticas de insurgências na educação e nos estudos de linguagem*. Cadernos de Linguagem e Sociedade, 2018, p. 29 - 48.

EVARISTO, Conceição. *Escrevivências da afro-brasilidade: história e memória*. In: Revista releitura. Belo Horizonte: Fundação Cultura – Prefeitura, 2008.

FAILLA, Zoara. *Retratos: Leituras sobre o comportamento leitor do brasileiro*. In: Retratos da leitura no Brasil 4/ organização de Zoara Failla. Rio de Janeiro: Sextante, 2016, p. 19 - 42.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas; tradução de Renato da Silveira*. Salvador: EDUFBA, 2008.

- FERREIRO, Emília. *Entrevista com Emília Ferreiro*. Revista Escola. (Denise Pellegrini), 2001. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/940/entrevista-com-emilia-ferreiro>. Acesso: 04 ago., 2019
- FIGUEREDO, Ângela. Descolonização do Conhecimento no século XXI. In: *Descolonização do conhecimento no contexto afro-brasileiro* / organizado por Ana Rita Santiago [et al.]. 2. ed. - Cruz das Almas/BA: UFRB, 2019, p. 75 - 102.
- FERNANDES, Cláudio. *O que foi o movimento manguêbeat?* Disponível em: <https://www.historiadomundo.com.br/curiosidades/o-que-foi-movimento-manguêbeat.htm>. Acesso em: 30 jul. 2019.
- FERREZ. Terrorismo Literário. IN: Ferréz (org.) *Literatura Marginal: talentos da escrita periférica*. São Paulo: Agir. 2005
- FLICK, Uwe. *Introdução a pesquisa qualitativa*. Trad. Joice Elias Costa. 3ª ed. 2009.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- \_\_\_\_\_. *A importância do ato de ler em três artigos que se contemplam*. 23 ed. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.
- GOMES, Nilma Lino. *Movimento Negro e Educação: Ressignificando e politizando a raça*. Educ. Soc. vol.33 no.120 Campinas July/Sept. 2012 Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-73302012000300005> Acesso em: 28 ago. 2019
- GURGEL, Luiz Herinque. *Escrevendo o Futuro*. A revista *Na ponta do Lápis*, nº 22. Disponível em: <https://www.escrevendoofuturo.org.br/conteudo/biblioteca/nossaspublicacoes/revista/artigos/artigo/369/a-poesia-perdeu-a-pose>. Acesso em: 17 ago. 2019
- HALL, STUART. *Cultura e representação*. Organização e revisão técnica: Arthur Ituassu; Tradução: Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: PUC-Rio; Apicuri, 2016.
- \_\_\_\_\_. *Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais*. Belo Horizonte: Humanitas, 2009.
- HOOKS, Bell. *Ensinando a transgredir: a Educação como prática de liberdade*. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla- São Paulo. 2013. Editora Martins Fontes, 2013.
- \_\_\_\_\_. *Educação democrática*. In: *Educação contra a barbárie: por escolas democráticas e pela liberdade de ensinar/ Alessandro Mariano ... [et. al.]; organização Fernando Cassio: Prologo Fernando Haddad*. São Paulo: Boitempo, 2019, p. 199-207.

- HOLLANDA, Heloísa Buarque de. *Prefácio*. In: Cooperifa: antropofagia periférica. (Sérgio Vaz). Rio de Janeiro: Aeroplano, 2006. p.7.
- KEFALÁS, Eliana. *O texto literário no corpo do leitor*. RANGEL, Egon. *Literatura, Leitura e docência*. In: Modos de ler: oralidades, escritas e mídias/ org. Verbena Maria Rocha Cordeiro, Elizabeth Gonzaga Lima – Curitiba: Arte e Letra, 2015, p. 123-140.
- LAJOLO, Marisa. *Do mundo da Leitura para a Leitura do Mundo*, ática, 5ª edição, São Paulo, 1999.
- LETRAMENTO. Plataforma de. *Como realizar um sarau com a turma?* Disponível em: <http://www.plataformadoletramento.org.br/acervo-experimente/605/realizar-um-sarau-com-a-turma.html>. Acesso em: 03 de set. 2019.
- MALMACEDA, A. L. B. *A literatura nas canções dos racionais MC'S: uma análise comparatista à luz de Rubem Fonseca, Paulo Lins e Ferréz*. Dissertação (Mestrado em Estudos Brasileiros) - Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (FLUL), Lisboa, Portugal, 2017. Disponível em: <<http://repositorio.ul.pt/handle/10451/30353>>. Acesso em: 08 jul., 2019.
- MARINHO, J. J. C. Marinho. *O Caráter Educador dos Saraus Poéticos: literatura marginal em foco*. Revista Igarapé, Porto Velho (RO), v.5, n.2, p. 250-264.
- MATOS, Edilene. *Corpo e Voz: Teatralidade das poéticas orais*. In: Modos de ler: oralidades, escritas e mídias/ org. Verbena Maria Rocha Cordeiro, Elizabeth Gonzaga Lima – Curitiba: Arte e Letra, 2015, p. 91 - 106.
- MOMESSO, M. R. *A leitura no século XXI: discursos e representações*. In: Ana Cristina Carmelino; Juscelino Pernambuco; Luiz Antônio Ferreira. (Org.). *Nos caminhos do texto: atos de leitura*. 2ed.Franca, SP: Editora da Unifran, 2007, v. 1, p. - 147-168.
- NASCIMENTO, Érica Peçanha do. *É tudo nosso! Produção cultural na periferia paulistana*. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.
- PAVAN, Ruth e TEDEDESCHI Shiley Lizzott. *Práxis Educativa*, Ponta Grossa, Ahead of Print, v. 12, n. 3, set./dez. 2017 Disponível em: <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/praxiseducativa> Acesso em: 18 jul., 2019.
- NETO, ALFREDO VIEGA. *Educação e Pós - modernidade impasses e perspectivas*. Resumo da Aula Inaugural no Programa de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PPG-Educação/PUC-Rio), em março de 2005.
- NOGUEIRA. Jacquinha. Facebook. Disponível em:

<https://www.facebook.com/jacquinhogueira> Acesso em: 02 nov., 2019

PARAÍSO, Marlucy Alves. *Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação e currículo: trajetórias, pressupostos, procedimentos e estratégias analíticas*.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Edgardo Lander (org.). Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina: Colección Sur Sur-CLACSO, 2005

RANGEL, Egon. *Literatura, Leitura e docência*. In: Modos de ler: oralidades, escritas e mídias/ org. Verbena Maria Rocha Cordeiro, Elizabeth Gonzaga Lima – Curitiba: Arte e Letra, 2015, p. 35-52.

REYES, Alejandro. *Vozes dos Porões: A literatura periférica/marginal no Brasil*. Rio de Janeiro, Aeroplano, 2013.

RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte (MG): Letramento, 112 páginas, 2017. (Coleção: Feminismos Plurais)

ROXO, Roxane Helena. *Pedagogia dos Multiletramentos: diversidade cultural e linguagens na escola*. In: Multiletramentos na escola/Roxane Rojo. Eduardo Moura (orgs.) São Parábola: editorial, 2012.p. 11-33.

SÁ, Xico. *Slams e Saraus dessacralizam literatura em Feira do Livro de Ribeirão*.

Disponível em: <https://catracalivre.com.br/educacao/slams-e-saraus-dessacralizam-literatura-em-feira-do-livro-de-ribeirao/>

SANTIAGO, Ana Rita. *Intelectuais Negras entre a invisibilidade e a resistência*. In: Descolonização do conhecimento no contexto afro-brasileiro / organizado por Ana Rita Santiago. [et al.]. 2. ed. - Cruz das Almas/BA: UFRB, 2019, p. 51-62.

SANTOMÉ. Frujo Torres. *As culturas negradas e silenciadas do currículo*. In: Alienígenas na sala de aula/ Tomaz Tadeu da Silva (org.) 11. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013, p. 155-172.

SAPEAÇU. Sarau. Facebook. Disponível em: <https://www.facebook.com/sarausapeacu/>. Acesso em: 15 nov., 2019.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *A produção social da identidade e da diferença*. In: Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais/ Tomaz Tadeu da Silva (org.) Stuart Hall, Kathryn Woodward. 15.ed. Petrópolis, RJ:Vozes, 2014.

SIQUEIRA, Maria de Lurdes. *A mulher negra e educação*. In: Descolonização do conhecimento no contexto afro-brasileiro / organizado por Ana Rita Santiago [et al.]. 2. ed. - Cruz das Almas/BA: UFRB, 2019, p. 201 a 224.

SOARES, MEI HUA. *A literatura marginal-periférica na escola*. 2008. Universidade de São Paulo. Dissertação (mestrado em Educação). São Paulo, 2008.

SOARES, Magda. *Linguagem e escola – uma perspectiva social*. 17ª edição. São Paulo: Ed. Ática, 2000.

SODRÉ, Muniz. *Cultura e Educação*. In: Reinventando a educação: diversidade, descolonização e redes/Muniz Sodré. – 2. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018, p.15 à 72.

SOUZA, A.L.S. Letramentos de reexistências. Culturas e identidades no movimento hip hop. Tese de Doutorado, Unicamp, 2009.

TENNINA, L. *Saraus das periferias de São Paulo: poesia entre tragos, silêncios e aplausos*. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, n. 42. Brasília, jul./dez. 2013. Disponível em:[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S2316-40182013000200001&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S2316-40182013000200001&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt)>. Acesso em: 08 jul. 2019.

VAZ, Sérgio. *Literatura pão e poesia: histórias de um povo lindo e inteligente*. 1. ed. São Paulo: Global, 2011.

\_\_\_\_\_. *Colecionador de Pedras*. Disponível em:

<http://coleccionadordepedras1.blogspot.com/> Acesso em: set. 2019

\_\_\_\_\_. *Sergio Vaz: Sarau Cooperifa + escola = Noite Mágica*. *Spresso SP*, 2013.

Disponível em: <http://spressosp.com.br/2013/05/02/sergio-vaz-sarau-da-cooperifa-escola-noite-magica/>. Acesso em: 12 ago. 2019

\_\_\_\_\_. *Cooperifa: antropofagia periférica*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2006.

\_\_\_\_\_. Facebook: Poeta Sérgio Vaz. Disponível em:

<https://www.facebook.com/poetasergio.vaz2/> Acesso em: 23 jul. 2019

\_\_\_\_\_. *Da Corte Para o Povo*. [04 de abril de 2013] *Revista Brasil Atual: Caderno 2*. Entrevista concedida a Xandra Stefanel. Disponível em:

<https://www.redebrasilatual.com.br/revistas/02/da-corte-para-o-povo>. Acesso em: 18 ago. 2019

ZUMTHOR, PAUL. *Performance, Recepção, Leitura* de Paul Zumthor. Tradução de Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Cosac Naify 2007, 2ª edição.